Carlo Romani

Oreste Ristori: Uma aventura anarquista.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Prof. Dra. Margareth Rago.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 29/10/1998

Prof. Dr. Michael Hall

Prof. Dr. Edson Passetti

Profa. Dra. Margareth Rago

Campinas
Outubro/1998

990005

R661o

36125/BC

UNIDADE BC
N.º CHAMADA:
V. EX.
TOMBO BC/ 36125
PROC. 229/99
C D X
PREÇO R$ 11,00
DATA 05/01/99
Nº CPD

CM-00119681-0

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

R 661o **Romani, Carlo**
Oreste Ristori : uma aventura anarquista / Carlo Romani . - - Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador: Margareth Rago.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Ristori, Oreste, 1874-1943 - Biografia. 2. Anarquismo e anarquistas. 3. Movimentos sociais. I. Rago, Luzia Margareth. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

ÍNDICE

A História como narrativa biográfica pg. 1

(1874-1900)

1. Dos campos à cidade pg. 10
2. A cultura da praça 17
3. Pão e trabalho 23
4. A propriedade é um roubo 28
5. O domicilio coatto 31
6. Conflitos nas colônias 34
7. O anarquista incorrigível 38
8. Somos socialistas anárquicos 40
9. Os motins de maio 43
10. Parle vouz italien? 47
11. Ristori e Fabbri em Ponza 49
12. A internacionalização de Ristori 54

(1901-1905)

13. Um longo caminho até a América pg. 58
14. O debutar do conferencista 62
15. A greve geral de 1902 71
16. Ganhando fôlego em Montevidéu 80
17. Por dentro dos círculos libertários 87
18. A biblioteca popular 94
19. Hércules salta ao mar 99
20. Deixando de dançar o tango 103
21. Fim da discreta inteligência 107
22. O maior agitador já surgido em terras brasileiras 113
23. Entre a festa e a propaganda 121

(1906-1916)

24. O inferno das fazendas pg. 131
25. A campanha contra a imigração 140
26. Operários sim, sindicatos não 149
27. Escolas modernas 160
28. Onde está Idalina? 174
29. O processo 183
30. A retirada do campo de batalha 189
31. O encontro do amor 195
32. Anarquistas, boêmios e literatos 199

Enfim... 207

Anexos

Mapas pgs. i, ii e iii
Créditos das imagens
Fontes
Bibliografia
Poucas palavras

A História como narrativa biográfica.

Quando comecei a estudar o anarquismo e a cultura anarquista no Brasil, ainda em fins de 1992, dentro de uma perspectiva histórica, não poderia imaginar que este trabalho sobre um tema tão vasto e contagiante acabasse se dirigindo para a investigação da vida de um indivíduo em particular. Os primeiros contatos que travei com Oreste Ristori se deram através das obras de Foster Dulles e Edgard Rodrigues[1], em pequenas citações e relatos esparsos de sua vida, que lhe davam um tom, ao mesmo tempo, rocambolesco e de epopéia. Um sujeito que passou a vida inteira pulando de país em país, sendo preso, expulso, retornando ao local anterior, polemizando, lutando, enfim, propagandeando aquilo em que realmente acreditava e fazendo-o da forma italiana mais simbólica possível: *parlando, parlando*. Já seduzido pela sua trajetória, pensei comigo: esse é um desses homens comuns que poderia ser o vizinho sentado no bar junto com os companheiros, alguém palpável ali ao lado, que faz parte do cotidiano de um bairro popular, mas cuja vida foi tão intensamente vivida que a aventura se tornou parte inseparável de seu dia a dia. Um homem comum no sentido de que suas práticas e idéias emergem de um ambiente de classe socialmente desfavorecido e inserido dentro de um conceito mais amplo que se convencionou chamar de cultura popular. E me dei conta então de que, "se a documentação nos oferece a oportunidade de reconstruir não só as massas indistintas como também personalidades individuais, seria absurdo descartar estas últimas, não estendendo às classes mais baixas o conceito de 'indivíduo'"[2]. Portanto, parecia possível o paradigma indiciário restando ver a existência de uma documentação que oferecesse a oportunidade de contar sua história.

---

[1] John F. DULLES, Anarquistas e comunistas no Brasil. São Paulo. Nova Fronteira, 1973. Edgard RODRIGUES, Os anarquistas. Trabalhadores italianos no Brasil. São Paulo. Global, 1984.
[2] Carlo GINZBURG, O queijo e os vermes. São Paulo, Companhia das Letras, 1987. p.26.

Uma investigação preliminar das fontes existentes demonstrou haver um vasto material de trabalho, principalmente no que tange à esfera da vida pública do personagem tais como periódicos, opúsculos, dossiês e prontuários. Oreste dirigiu ao longo de sua vida dois periódicos: o La Battaglia e o El Burro, com muitos números disponíveis. Publicou os opúsculos Le Corbellerie del Colletivismo, Infamie Secolari del Cattolicismo, En la Hora Sangrienta, Contra a Imigração, Deísmo y Materialismo, Operai non Bevete, Polemiche sulla Anarchia e Con Moisés o con Darwin (este último não encontrado). Foi possível localizar também cartas, fotografias, memórias, diários e outros documentos que podem ser classificados como referentes à vida privada, em uma quantidade menor. Em um meio como o anarquista, porém, onde a organização social ainda estava intrinsecamente relacionada à vida em comunidade, o público confunde-se com o privado e as fontes existentes estabelecem em grande parte a junção entre as duas esferas. A confirmação da existência desse material de trabalho me animou a continuar a pesquisa sobre sua vida.

E aí se colocou a segunda questão. Rastrear a vida de um indivíduo e contar sua história significa fazer uma biografia, um gênero que era considerado menor dentro da historiografia. As primeiras impressões que senti, à medida em que fui afirmando o meu desejo de realizar uma biografia, levaram a supor que este é um gênero muito ligado ao jornalismo e que para legitimar-se enquanto História precisa estabelecer um sólido diálogo com a historiografia existente[3]. Além de uma investigação com rigorosa metodologia, o que qualquer jornalista também pode fazer, que articulação encontrar entre uma existência fascinante e um tema de pesquisa com conteúdo historiográfico? E, principalmente, como realizar isto sem perder de vista o objetivo principal do trabalho: o indivíduo, o sujeito da ação histórica.

Vasculhei alguns caminhos possíveis de serem percorridos que pudessem vir, cada qual a seu modo, a estabelecer as relações existentes entre indivíduo e história tentando identificar assim aquele que melhor se adequasse e refletisse os objetivos que proponho.

---

[3] Recentemente tivemos um relevante trabalho sobre biografias e modos de se realizar biografias históricas, realizado por Benito SCHMIDT, Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antonio Guedes Coutinho na perspectiva da vida cotidiana 1868-1945. Mestrado em História. Porto Alegre. UFRS, 1996.

Partir da análise de um indivíduo como sendo representativo de seu grupo ou classe social seria uma das possibilidades. Mas Oreste não é, pela sua singularidade, nenhum indivíduo comum, típico de seu grupo social. Oreste se constitui através de uma construção singular, uma figura carismática que se destaca da média e lhe imprime uma projeção simbólica - aquele ideal de luta pela revolução social que ele conseguiu cristalizar na memória de seus companheiros e que, ao mesmo tempo, o distanciou do cotidiano de alcance mais limitado das pessoas que viviam nos círculos sociais por ele transitados.

Um mito, um herói[4]. Também não é o caso. Oreste esteve repleto de contradições ao longo de toda sua trajetória de vida. Fugimos desta forma, tanto da figura do indivíduo medíocre, como da figura venerável do herói. Oreste não pode ser apreendido, enquadrado e classificado em uma determinada tipologia. Ele construiu sua singularidade a partir de uma multiplicidade de sujeições e relações em que se envolveu.

O estudo do indivíduo remete a uma problemática dentro da historiografia que remonta ao século passado e que diz respeito ao papel do indivíduo dentro da história, ou melhor, às ligações entre o indivíduo e o coletivo. Em debate realizado em 1981, Furio Diaz levantou uma questão que permeia o sentido do fazer biográfico. "Hoje podemos substituir o critério do elogio, ou o critério do representativo, pelo critério das forças impessoais, pela atrativa 'história dos vencidos', uma relação mais persuasiva entre biografia e o desenrolar da história. O indivíduo considerado primeiro como categoria histórica e qual o lugar que ele ocupa no fio condutor da História."[5]

Este o problema que se coloca para uma biografia "pura", com pretensão a ser historiografia. Por pura, entendo uma biografia que não se pretende micro-história ou estudo de caso, uma biografia que não busca estudar o todo através de uma parte, uma biografia que também não pretende apreender um tema através do sujeito que o vive. Por pura, entendo uma biografia em que o indivíduo é o eixo principal e destacado do conteúdo histórico. Como em uma montagem onde, em determinado momento, um personagem que compõe a peça individua-se e, através de um monologo,

---

[4] Muitas imagens se produziram sobre ele. Vale destacar a série de micro biografias realizadas pelo historiador do anarquismo Paul AVRICH, em Anarchists Portraits. Princeton University Press, 1988. Ver o capítulo "Brazilian anarchists".

[5] fala de Furio DIAZ no seminário de estudos da Fondazione Brondolini, realizado em Milão em 09/10/1981 e publicado no artigo de Bianca VALOTA, Storia e Biografia *in* Storia della Storiografia (1), 1982. p.91.

particulariza-se do conjunto. Monólogo este que só tem sentido dentro desta montagem e que, ao mesmo tempo, passa a ser indissociável daquele personagem.

Retomando Oreste, seu destacado papel que lhe garantiu um invejável respeito na história das lutas dos movimentos sociais - como bem diz Everardo Dias, "foi o maior agitador já surgido em terras brasileiras"[6] - não lhe garantiu, ainda bem, a sacralização do personagem. Ao contrário de seu companheiro de lutas, Luigi Fabbri, que em dado momento afirma "que permaneceria anarquista por toda a vida, que não poderia nunca mais mudar"[7], Ristori não teve uma trajetória retilínea, constante, baseada em uma coerência que se pretende quase além do humano. A contradição sempre esteve presente em sua vida, como no episódio em que rompe definitivamente com o anarquismo em 1933, chamando a todos os anarquistas presentes no salão das Classes Laboriosas de São Paulo, de "lunáticos". Ou mais tarde, já seguidor do marxismo, quando detido no presidio Maria Zélia, chama a alguns comunistas com quem se identificava de "carneirinhos a serviço de Moscou".[8]

Estes rompimentos não se dão somente em função do contexto existente. A incoerência na história deste personagem desmistifica uma utópica busca de coerência nas relações entre indivíduo e contexto e ela própria legitima o indivíduo como categoria histórica singular, onde nem sempre podemos buscar nesse mesmo contexto, as motivações para a origem de seus atos individuais. Esta pretensa incoerência do indivíduo, a interferência da subjetividade no processo histórico, é o que garante a um sujeito um papel único no desenrolar de sua história. Este rol e a História, o individual e o geral, somente ocorrem de uma dada forma, e não de outra, por conta da ação do sujeito que deixa o anonimato e chama para si as rédeas da condução de sua história pessoal.

Afastamos aqui a possibilidade da história de vida, de uma ou mais pessoas, poder ser representativa de uma história coletiva de um determinado grupo social. É certo que uma história pessoal, somente desenvolve-se dentro de um arco de possibilidades existentes que é delimitado por questões de

---

[6] Everardo DIAS, História das lutas sociais no Brasil. São Paulo. Edaglit, 1962. p.246.

[7] Luigi FABBRI relatando o seu primeiro encontro com Malatesta, na Itália em 1897, que o marcou para sempre e de onde afirmou-se como anarquista. Memórias publicadas em Malatesta. L'uomo e il pensiero. *in* Luce FABBRI, Luigi Fabbri. Storia d'un uomo libero. Pisa. BFS, 1996. p.36.

[8] Prontuário de Oreste Ristori existente no Fundo DOPS, acervo sob guarda do Arquivo do Estado/ SP. Pasta 364 - Oreste Ristori: anarquista.

cultura, classe, de ambiente, políticas, filosóficas e religiosas, enfim, as sujeições provindas do meio em que trafega o personagem.

Estas relações do indivíduo com o contexto social e como elas se refletem em uma história de vida foram analisadas por Ferrarroti no que eu chamaria de relação antropofágica com o meio[9]. O indivíduo bebe no contexto que está inserido, digere e reproduz de uma forma própria a compreensão daquilo que Furio Diaz chamou de "desenrolar da história"[10]. A idéia antropofágica, circular, do homem como sujeito ruminante das idéias externas permite situar a biografia realizada deste modo como um gênero que, pela sua estrutura de apresentação formal, a particulariza do restante da historiografia. Ao mesmo tempo, à medida em que a investigação se produz a partir de uma rigorosa investida metodológica, reclama para si o mesmo *status* científico. Assim chegamos ao outro ponto que separa, ou aproxima definitivamente, a biografia da história: o método.

O texto biográfico é carregado de uma narratividade que torna o estilo da escrita muito mais literário do que, por exemplo, um trabalho de história quantitativa. A biografia tem, antes de tudo, a preocupação em contar uma história. Esta história contada demanda a presença de um narrador. O estilo literário e a linguagem adotada nesta narrativa aguçam as interações existentes entre história e arte, entre história e literatura, e colocam o historiador na delicada situação da necessidade do domínio da arte de contar. O historiador torna-se também um escritor. A tensão criada entre a forma e o conteúdo permite situar a biografia como um gênero particular da historiografia, ou como diz Sérgio Romano, "quase um feito preferencialmente literário"[11]. A qualidade da forma narrativa legitima a biografia enquanto gênero e o rigor de seu conteúdo enquanto história. O historiador que se propõe a realizar uma biografia, deve, nesse sentido, superar esta tensão entre forma e conteúdo[12]. Considero o belíssimo trabalho de Georges Duby, em Guilherme o Marechal[13], como o exemplo melhor acabado de solução desta tensão. Neste texto, o historiador francês situa-se com maestria em uma zona de interseção entre a literatura e a história.

---

[9] Franco FERRARROTI, Storia e storie di vita. Roma. Laterza, 1981.
[10] Furio DIAZ, *in* Bianca VALOTA *op. cit.*
[11] Sergio ROMANO, Considerazioni sulla biografia stórica. *in* Storia della Storiografia (3), 1983. p.117.
[12] As questões relativas ao método, `a forma narrativa e ao diálogo com os discursos foram muito discutidos por uma parcela da nova historiografia estadunidense. Destacamos: Hayden WHITE, Tropics of Discourse. Baltimore, 1978; e o capítulo 10, de Hayden WHITE, Method and Ideology in Intellectual History. *In* "Modern European Intellectual History. Ithaca. Cornell University Press.
[13] Georges DUBY, Guilherme o marechal. Rio de Janeiro. Graal, 2a. ed., 1988.

Deixo aqui de lado incursões nas questões relativas à forma, estrutura narrativa e linguagem, terreno ainda muito pantanoso para este aprendiz da escrita. Vou deter-me, então, nas questões relativas ao método. Fica claro a necessidade de uma maior reflexão metodológica em torno das biografias realizadas, e não somente naquelas realizadas pelos historiadores. Do mesmo modo que não advogo ao jornalista a exclusividade em contar a notícia e fazer jornalismo, também não considero atributo exclusivo de quem tem uma titulação em História, realizá-la. Assim o que me norteia na avaliação de um trabalho não é a origem de seu produtor, nem se ele utiliza uma linguagem comum ao meio da historiografia.

O retorno ao indivíduo, ao homem, como forma de compreender a história passada, que provocou um *revival* das biografias nestas duas últimas décadas, exige também uma discussão mais aprofundada sobre algumas condutas relativas ao método, específicas do gênero biográfico. As relações existentes entre o homem, sua história pessoal e o contexto da época, vistas com essa complexidade podem, mostrar uma nova via a ser percorrida, consoante e coerente com as exigências da historiografia tradicional[14].

Historiadores e leitores, hoje, compreendem que elementos outros, além dos oferecidos pela realidade objetiva, são componentes e constituidores do conhecimento. Os estudos biográficos precisam considerar em sua metodologia e análise dos dados a parcela subjetiva do indivíduo que interferiu na construção de sua história. Devemos porém proceder com cautela frente à vasta e díspar gama de biografias que são realizadas atualmente.

Tendo-se tornado um gênero literário de larga comercialização – sempre encontramos uma biografia na lista dos livros mais vendidos, elas estimularam a ganância dos editores e fizeram surgir o escritor especializado no gênero, em geral procurando escancarar ao público a vida privada do personagem biografado. Com isto somente as biografias, cujo personagem tenha tido uma vida interessante para o público leitor de uma sociedade de consumo, que cada vez mais se delicia em consumir os aspectos mais picantes da vida de uma figura pública, tornam-se passíveis de serem realizadas e publicadas. Frente à esta indústria cultural, ávida em números e cifras, e consumidores que mais parecem dragas digeridoras de vidas

[14] Bianca VALOTA *op. cit.* p.99.

novelescas, fica difícil e marginal a posição do historiador. Isto sem contar as escolhas do que deve ou não ser biografado. Neste ponto é relevante o papel que a Universidade e as fundações de apoio à pesquisa cumprem, à exemplo da FAPESP, ao permitirem e financiarem pesquisas de temas de interesses variados, sem limitações ou interferências na produção acadêmica.

Por conta disto, muitas vezes nós, que fazemos parte da Universidade, negligenciamos e colocamos num caldo comum de subprodutos da indústria cultural, trabalhos de altíssima qualidade não realizados por historiadores. Separar o joio do trigo e não incorrer no erro de generalizações coletivas é uma forma sensata de valorizar os trabalhos biográficos sérios e embuídos de uma reflexão metodológica. A interdisciplinaridade que caracteriza o nosso tempo, aproxima, muitas vezes os trabalhos de sociólogos, antropólogos, psicólogos e lingüistas. No campo específico da biografia, não podemos deixar de incluir nesta lista os jornalistas. Quando leio o trabalho realizado por Christiane Barckhausen-Canale rasteando a vida de Tina Modotti[15], que nos dá, reconstruindo sua trajetória, os elementos que fizeram com que Tina, humilde tecelã na juventude, se transformasse através do cinema e da fotografia em referência política no México, constituindo-se em parte da história contemporânea da primeira metade deste século, espelho-me para a realização do meu próprio trabalho. Do mesmo modo, os historiadores ao narrarem uma história de vida, uma trajetória pessoal, também desdobram-se em escritores de grande refinamento, como fez Regina Horta Duarte ao realizar a biografia do libertário Avelino Fóscolo[16].

Como já foi dito, antes de tudo, a biografia se propõe a contar uma história a partir de algumas fontes selecionadas. No caso de memórias, as fontes podem ser diretas ou indiretas. Chamo de diretas as fontes que são relatos de caráter memorialístico, e que contam uma história. Dentro da mesma gama de fontes que lidam com a memória, existem aquelas que recontam a história, não vivida diretamente pelo autor, onde este exerce a função de narrar uma história que lhe foi transmitida. Lidamos neste caso com fatos que já estiveram sujeitos a uma mediação e que, juntamente com as outras fontes, passarão por uma nova mediação, a do próprio autor da obra. Ainda dentro do campo de domínio da memória, existem as histórias orais, repletas

---

[15] Christiane BARCKHAUSEN-CANALE, No rastro de Tina Modotti. São Paulo. Alfa-Ômega, 1989.
[16] Regina DUARTE, A imagem rebelde. Campinas. Pontes, 1991. Sobre a prosa narrativa e a arte de contar uma história é fundamental o ensaio de Walter BENJAMIN, O narrador. Sobre a obra de Leskov. *in* "Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política". São Paulo. Brasiliense, 1993.

de subjetividade e interferências, que passam uma projeção daquilo que efetivamente permaneceu impregnado na memória do sujeito.

Quando entrevistei Sara Mello, ex-militante do PCB, que recebeu do partido a incumbência de cuidar de Mercedes, esposa de Oreste, após a expulsão definitiva deste do país, em 1936, ela recorrentemente recordava-se que Mercedes lhe dizia *"pero jo me aperto"*[17]. O que mais se fixou em sua memória foi que Mercedes não compreendia as limitações que lhe eram impostas, de circulação e espaço, nas casas em que foi abrigada, pois para ela, a herança que Ristori lhe havia passado, era a de que os espaços eram públicos. Sua casa, quando convivia com Oreste, permanecia aberta acolhendo e dando abrigo aos companheiros. A casa anarquista era o espaço das reuniões, da troca, enfim, um símbolo da experiência coletiva. E isso Mercedes não encontrou, mesmo entre os comunistas amigos que lhe deram guarida. Foi nessa convivência que Sara Mello deu-se conta do valor do conceito de solidariedade para os anarquistas e é justamente essa passagem, esta lembrança que lhe vem à tona instantaneamente. Lidar com este material documental nos faz caminhar na tênue linha das sutilezas do emocional mais profundo. Boa parte da construção de uma biografia se dá através desses três tipos de fontes, que ao contrário de um texto de um periódico produzido no calor da hora, nos chegam com uma série de mediações pessoais, de caráter emocional ou mesmo falhas da memória pessoal, e também mediações de terceiros.

O manuseio deste material de trabalho remete diretamente às relações entre o objetivo e o subjetivo nas fontes fazendo com que o produto do trabalho venha carregado desta subjetividade. Por este caminho desenvolveu-se o mestrado de Paulo Borges, Jaime Cubero e o movimento anarquista em São Paulo[18], onde este é o interlocutor fundamental uma vez que sua história pessoal confunde-se com a própria história do movimento anarquista paulista e com o Centro de Cultura Social.

Lembro-me do primeiro dia em que mantive contato com o CCS e com Jaime Cubero em particular. Na reunião, uma palestra sobre o legado intelectual de José Oiticica, estava também presente Foot Hardman,

---

[17] "Mas eu me apertava", referindo-se ao fato de ceder o espaço de sua residência para a acolhida e permanência de companheiros necessitados. Entrevista realizada em 09/06/1996, e gravada em áudio, na residência de Sara Mello, em São Paulo.

[18] Paulo BORGES, Jaime Cubero e o movimento anarquista em São Paulo 1945-1954. Mestrado em Ciências Sociais. PUC/SP. São Paulo, 1996.

professor da UNICAMP. Este contato inicial faz parte de minha memória pessoal, que se perpetuará em um infinito recontar de vezes, cada hora com um detalhe diferente. Nas próprias entrevistas que eu realizei com Jaime Cubero, três ao todo, repete-se sempre um caso particular - a greve dos jornalistas de O Globo, em 1963 - cada vez com nuanças diferentes. São os mesmos elementos de subjetividade que se encontram na história de Buenaventura Durruti, contada por Hans Enzensberger, onde a aura em torno dele multiplica sua história pessoal em várias possíveis. Como diz Enzensberger, "para os povos, a história é e permanece sendo um feixe de histórias, que se observa, que se recorda e que pode ser narrado por várias vezes sem fim: um recontar a história"[19].

A pesquisa efetuada neste trabalho dirigiu-se ao passado como em uma hipotética entrevista, dialogando com o personagem biografado[20]. A investigação dialogística com as fontes, tratando-as como as trataria uma antropólogo em relação a uma história de vida buscou penetrar neste universo subjetivo do personagem, para extrair-lhe uma gama múltipla de possibilidades. Ristori, o protagonista da história e os outros atores dela, estabeleceram um diálogo entre si e com seus antagonistas. De minha parte, procurei dar oportunidade à fluência desses diálogos e estabelecer, eu também, um outro diálogo, tácito, com esses atores.

Os frutos desta pesquisa e a tentativa de por em prática as premissas aqui apontadas se materializaram na narrativa que segue. Ao leitor cabe analisar e tirar suas próprias conclusões sobre a trajetória do biografado e avaliar se o autor conseguiu manter-se razoavelmente fiel aos seus objetivos.

---

[19] Hans ENZENSBERGER, O curto verão da anarquia. Companhia das Letras. São Paulo, 1987. p.17.
[20] O diálogo com o passado estabelecido entre o historiador e as fontes consultados é tema do trabalho de Dominick LACAPRA, Rethinking Intellectual History and Reading Texts. *in* "Modern European..." *op. cit.*, capítulo 2.

1874-1900

1.

Naquela segunda-feira quente, Domenico Salvadori mudou sua rotina e não foi aos campos que sua família arrendava, próximos às colinas de Pino. Um dos poucos trabalhadores alfabetizados da redondeza, o carreteiro de 44 anos de idade[1], dirigiu-se ao município de San Miniato para registrar o nascimento ocorrido dois dias antes de uma criança do sexo masculino. Às dez horas da manhã de 12 de agosto de 1874, no povoado de Pino, na vila de Ponte a Elsa, em San Miniato, Massima Gracci dava a luz a um menino chamado de Oreste. A criança nasceu na casa de coabitação da propriedade onde trabalhava seu pai, o *bracciante* Egisto Ristori. Lê-se no livro de registros do município:

"Em 14 de agosto foi registrado o menino **Oreste Antonio Maria Ristori** filho de Egisto, *bracciante,* e Massima Gracci... Salvadori Domenico compareceu para dar conta do nascimento do dito **Oreste** e o recomenda como sendo homem de sua confiança ao prefeito Conde Carlo".[2]

A família Salvadori arrendatária daquela propriedade agrícola dispunha de boa reputação nas redondezas; sendo assim sua recomendação legitimou o nascimento do menino como pertencendo a uma família de bem. O bebê nasceu provavelmente com a ajuda dos avós maternos, já que outros Gracci habitavam no mesmo povoado[3]. Nasceu num ambiente muito pobre, em uma casa onde sua família coabitava com outras famílias de trabalhadores diaristas sem emprego fixo, os chamados *braccianti* ou *pigionali,* assim como seu pai, pastor de ovelhas na propriedade onde moravam. O relatório que G. Berti levou em 1901, ao congresso dos socialistas da cidade de Arezzo, apresenta um estudo detalhado das condições de vida e trabalho desta classe de trabalhadores.

"Os *pigionali* são famílias dispensadas nem sempre justamente pelos feitores e patrões; formam cerca de 35% da população rural e representam a parte mais pobre, mais sofredora e mais embrutecida. Eles são chamados pelos *mezzadri* e pelos camponeses proprietários para ajudar nos trabalhos mais pesados e mais urgentes (trabalhos com pá e enxada, poda, abertura de valas e escoamento de águas, colheita e peneira do trigo). Trabalham em média 150 dias ao ano e recebem um salário que varia segundo os lugares, a benevolência e a ganância de quem os chama...

---

[1] Ufficio Anagrafe do município de San Miniato (PI), certidão de Salvadori Domenico.
[2] Cfr. o registro de nascimento de Ristori Oreste, no Ufficio Anagrafe *id. ib.*
[3] Cfr. o *Stato d'Anime* (censo religioso) do ano de 1875, existente no arquivo da paróquia de Pino em San Miniato (PI). No controle da família Ristori consta também a ocupação de pastor do pai.

...O horário de trabalho vai do nascer ao por do sol com repousos intermediários, que variam segundo a estação - horário excessivo e, de qualquer modo, desproporcional ao mesquinho salário.
O mesquinho balanço destes pobres *parias* da terra explica muito bem qual possa ser sua qualidade de vida e o nível de moralidade e honestidade, que podem alcançar, especialmente se temos em conta que eles pagam 40 e até 50 liras ao ano pela cessão da casa quase sempre precária ou insuficiente para defendê-los dos rigores do inverno e que são obrigados a encontrar nos furtos campestres o complemento daquilo que é estritamente necessário à sua sobrevivência. As suas casas se limitam a um ou dois ambientes, onde promiscuamente dormem homens e mulheres com o perigo do incesto. Eles crescem e vivem acostumando-se a aceitar estes furtos e costumes como coisas lícitas e legais."[4]

A família de Egisto, que na época do nascimento de seu primeiro filho tinha 26 anos, era muito reduzida. Limitava-se ao menino Oreste, à sua esposa Massima, e à mãe desta que veio dividir o pequeno espaço do quarto do casal após ficar viúva[5]. Muito pequenas, geralmente mononucleares, as famílias destes trabalhadores diaristas não conseguiam estabelecer-se como colonas nas propriedades, ou *poderes*, sob o regime de *mezzadria*[6] toscano. Com poucos braços produtivos, às pequenas famílias restavam os trabalhos eventuais existentes na propriedade, permanecendo fora desse regime de parceria sem direito a ocupar a terra e ter uma residência fixa[7]. Os *braccianti*, que no censo de 1881 constituíam 27% dos trabalhadores agrícolas homens no município de San Miniato[8], formavam o extrato social mais baixo daquele universo agrário italiano do último quartel do século passado[9]. Restavam a eles portanto, as ocupações mais desqualificadas e o aluguel da força de trabalho por dia aos colonos em época de colheita. Desse

---

[4] PARTITO SOCIALISTA ITALIANO, Primo congresso socialista aretino (Sansepolcro, 14-15 de setembro de 1901). Relatório sobre as classes trabalhadoras rurais da província, Arezzo, 1901. O relatório foi integralmente republicado em La Martinella, de Colle del Val D'Elsa (SI), de 21 e 28 de setembro de 1901. *Cit. in* Ernesto RAGIONIERI, La questione delle leghe e i primi scioperi dei mezzadri in Toscana. Movimento Operaio, Milão, n °. 3-4, maio-agosto/1955, a. VII, p. 457-458.
[5] Ainda conforme o *Stato d'Anime op. cit.* entre os anos de 1874-1879.
[6] Sistema agrícola de parceria em que a terra é trabalhada por uma família, dividindo-se a produção obtida pela metade entre o produtor e o proprietário.
[7] Encontramos vários artigos sobre a divisão do trabalho na província de Pisa, onde hoje se subordina administrativamente o município de San Miniato, em Immagini di una Provincia V. I e V. II. sob curadoria de Giuseppe MANICHETTI. Província de Pisa. Edizioni del Cerro, 1993.
[8] Quadro da população agrícola do município de San Miniato nos censos de 31 de dezembro de 1881 e 10 de fevereiro de 1901. Fonte do Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio. Agência de Estatística, Censimento della popolazione del regno d'Italia 1881, vol III e 1901 vol. 3 °., *in* Cesare BACCETTI. Tese de *laurea*, L'agricoltura nel circondiario di San Miniato dal 1860 al 1900, Facoltà di Lettere e Filosofia della Università degli studi di Firenze, ano 1979/80. p. 369.
[9] Outros dados sócio-econômicos sobre as classes sociais agrícolas dessa região podem ser encontrados também em Cesare BACCETTI, *op. cit.*

modo sobrevivia Egisto Ristori; guardando as ovelhas da propriedade onde residia.

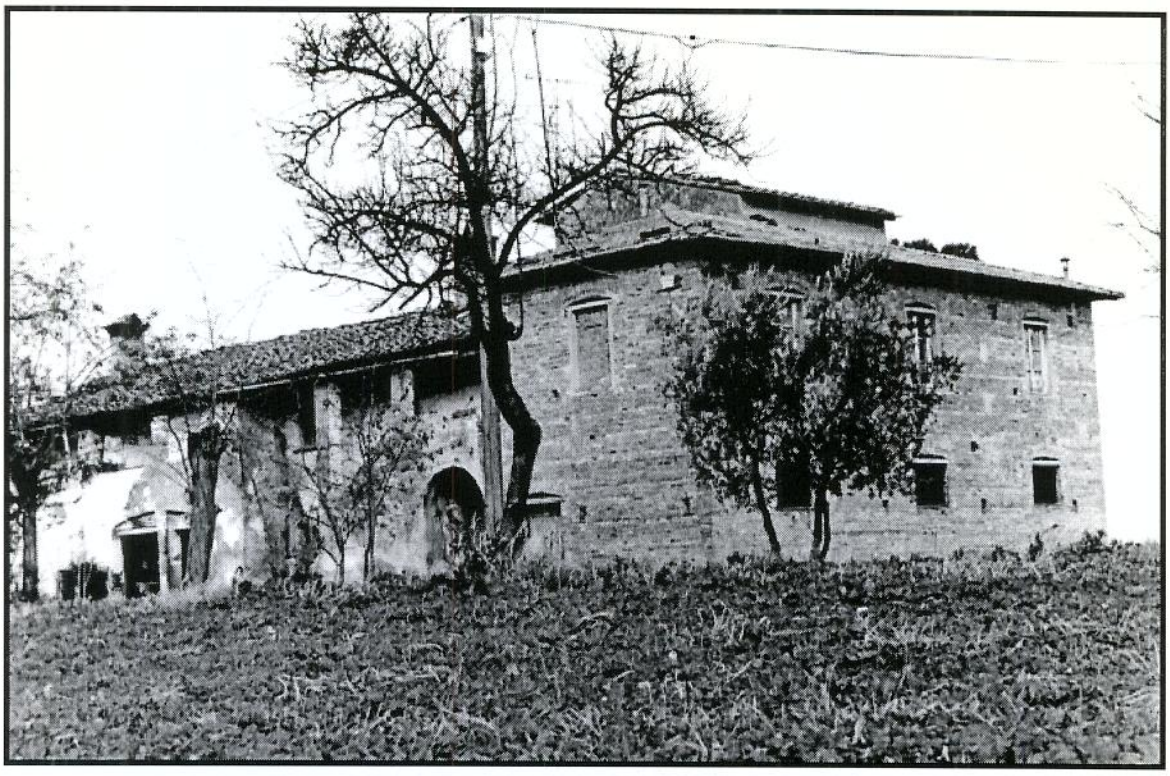
Foram justamente os *braccianti* a primeira classe a sofrer o impacto da grave crise econômica que assolou os vales dos rios Elsa e Arno entre 1877 e 1880[10]. A situação torna-se "dramática" em 1878 com inúmeros *braccianti* desocupados à procura de trabalho defrontando-se com o egoísmo e a indiferença dos grandes proprietários. Com o alastrar da crise, nem a ajuda no trabalho de colheita sobrou aos desocupados. Fato insólito, tal a tensão gerada com a situação, o prefeito Ciapeti da cidade de Castelfiorentino convoca uma reunião de proprietários rurais para tentar resolver o problema.

"Existe nesta cidade uma quantidade absurda de pessoas que jazem na mais tétrica miséria por falta de trabalho; acostumados a prestar nos últimos anos trabalho na terra junto a tantos colonos, ocorreu neste ano que os colonos mesmos... puderam cumprir as necessidades agrárias."[11]

Esta situação acelerou no campo um processo migratório, que se já ocorria normalmente na época da colheita - "o fenômeno interessa somente a uma parte dos trabalhadores agrícolas, os chamados obreiros do campo, trabalhadores *'ad opra'*, que se dirigem para as zonas mais carentes de braços nos períodos da colheita"[12] - expandiu-se sobremaneira durante a crise agrícola no Val d'Elsa, em direção às áreas urbanas. É nesse momento que perdemos as pistas da família Ristori, que desde 1878 não é mais recenseada pela paróquia de Pino, nem pelas paróquias vizinhas. É provável que, tendo sofrido na pele o impacto da crise, Egisto se viu obrigado a abandonar, junto com sua família, as colinas de Pino, onde residia, perambulando pelos povoados vizinhos e pela cidade de San Miniato até se estabelecer definitivamente, em meados da década seguinte, na cidade de Empoli, cujo "desenvolvimento industrial da área contribuiu e muito a este processo migratório"[13]. Nesse ínterim abandona o pastoreio e dedica-se eventualmente à colheita da uva, empregando-se também nas frentes de trabalho urbano, que periodicamente as prefeituras de ambas as cidades abriam para minimizar os efeitos da crise.

---

[10] Cfr. Giorgio MORI, L'economia della Valdelsa e la nascita del movimento operaio (1870-1880). *In* Movimento Operaio, Milão, n°. 3, maio-junho/1954 (a.VI).
[11] *Id. ib.*, p. 400. Archivio Comunale di Castelfiorentino, ACC, 1878, pos. 87, fasc. 5. Carta do prefeito enviada a 29 proprietários de terra convidando-os para uma reunião em 26 de fevereiro de 1878.
[12] Cesare BACCETTI, *op. cit.*, p. 358.
[13] *Id. ib.*, p. 357.



Imagens atuais (1997) das Colinas de Pino e uma das casas de trabalhadores agrícolas remanescentes.

Empoli na época contava com aproximadamente 10.000 habitantes em sua área urbana, assentada no vale ao longo do rio Arno e fazendo parte da província de Florença. O Val d'Arno domina geograficamente a região da Toscana, e o rio, nascendo a leste nos montes Apeninos, atravessa Florença indo desaguar no mar Tirreno, na região portuária entre Pisa e Livorno. A vizinha cidade de San Miniato, ainda menor que Empoli, separa-se desta pelo rio Elsa, afluente do Arno, cujo vale onde situam-se as colinas de Pino, é local privilegiado para a fabricação de vinho[14].

No início da década de 80, nasce Linda, a irmã de Oreste, que sendo outra boca a alimentar agrava ainda mais a situação familiar. Por falar em boca alimentar, em relação à alimentação sabemos que a dieta destas famílias quase nômades era bastante precária e o levantamento da prefeitura de Vinci, em 1885, chegou à seguinte conclusão.

"As classes agrícolas podem ser distinguidas em duas: aquela dos agricultores ou *mezzadri* e aquela dos agricultores diaristas. Os primeiros vivem em geral bastante comodamente alimentado-se de semente de trigo, legumes e hortaliças, que colhem nos terrenos trabalhados, de ensacados e somente raramente de outras carnes... os segundos formam uma classe menos numerosa que se encontra em péssimas condições, trazendo os meios de existência com a prestação de serviços aos colonos e proprietários tendo um ganho que varia de 1 a 1,30 liras ao dia. Se alimentam de legumes, milho e menos freqüentemente de semente de trigo e vivem em precárias condições."[15]

Para suprir tão desastrosa situação de baixos ganhos, difundiu-se no campo a extensão do trabalho a domicílio. A indústria caseira da região especializou-se na fabricação de artesanato em palha e chapéus e era principalmente exercida pelas famílias dos trabalhadores *braccianti*. Massima, se vê então forçada a completar a renda familiar realizando estes trabalhos artesanais, e passando também a criar pequenos animais domésticos em casa para serem vendidos nos mercados de San Miniato e Empoli. As famílias camponesas tinham "uma estreita relação com o mercado no que concernia aos animais de quintal, hortaliças e frutas."[16]

É neste transito entre o campo e a cidade, do trabalho em casa e da criação de animais até a feira semanal, que cresce Oreste. Era comum na Toscana agrária do século passado que os meninos fossem às feiras, levar os frangos

---

[14] Ver Anexo Mapas, p. i: 1.Região de Empoli e 2.Região Toscana.
[15] *id. ib.* P. 383-384. Archivio Comunale di Vinci, ACV, filza 184.
[16] Texto: *Terra, popolazione, lavoro in provincia di Pisa*, de Giuliana BIAGIOLI, *in* Il Tempo e la Storia. Immagini della provincia pisana. Alinari. Florença, 1993. p.17.

e coelhos "criados pelas mulheres nos poderes, que subtraídos quase que por inteiro ao consumo familiar, constituíam o único meio de ganho consentido autonomamente à massa e às mulheres, e até aos meninos"[17], ora acompanhando a família, ajudando a carregar as mercadorias, ora simplesmente indo verificar os preços praticados pela concorrência[18]. É neste meio social de profunda miséria, sem os benefícios alimentares de que dispunham as famílias camponesas nem a instrução que chegava àquelas urbanas, em que cresce Oreste.

Vasculhando os registros escolares daquela época em todas as escolas rurais e urbanas pertencentes ao município de San Miniato, não foi possível encontrar nenhuma referência ao nome de Oreste Ristori. Todavia, é provável que tenha sentado, talvez com algum atraso na idade escolar, no banco de alguma escola elementar do município de Empoli, cuja maioria dos registros escolares do período perderam-se, impedindo assim a comprovação desta hipótese. Desde o ano de 1882, durante o governo De Pretis, o estado italiano garantia por lei a educação de nível primário a todos seus cidadãos. Não que isso realmente ocorresse na prática em todo o país, mas em uma região razoavelmente desenvolvida e com a tradição das letras como a florentina, Ristori deve ter alcançado uma escolarização básica, pelo menos se alfabetizando.[19]

Com poucos recursos para sobreviver Oreste teve que abandonar os estudos e correr atrás de pequenos trabalhos, tanto no campo como na cidade. É assim que o menino dotado de um espírito inquieto e curioso, em suas idas à cidade para comercializar os produtos da família, começa a freqüentar grupos de jovens, alguns *braccianti* como seu pai, que se encontravam nas feiras da cidade procurando alguma oportunidade de trabalho e revoltados com sua situação social. A formação de grupos de jovens contestadores da ordem vigente constituídos quase que em sociedades secretas era uma prática não rara, conhecida inclusive pelos *carabinieri* toscanos.

---

[17] *Id. ib.*, p. 18. Um estudo detalhado encontra-se também em Giuliana BIAGIOLI, *Il podere e la piazza. Gli spazi del mercato agricolo nell'Italia centro setentrionale*, *in* AA.VV, Storia dell'agricoltura italiana in età contemporanea V. III, Veneza, 1991.

[18] *Id. ib.*, p. 18. "Para informar-se sobre a cotação do diversos gêneros nas praças que 'faziam o preço', pelo menos um membro da família colona procurava ir semanalmente ao mercado mais próximo, mesmo quando não tinha nada para vender naquela ocasião específica".

[19] *Cenno biografico al giorno*, de 12.08.1896, na Prefeitura de Firenze. Documento 13860, do Casellario Politico Centrale, CPC, Archivio Centrale dello Stato, ACS, Roma, dossiê: Ristori Oreste, busta 4342. O escrivão afirma que: "...tem pouca educação e discreta inteligência. A sua cultura é muito limitada pois sabe apenas ler e escrever..."

Imagens da feira do mercado na praça San Domenico em San Miniato. (circa 1890)

"De fonte pública vem a notícia que se formou em Castelfiorentino, uma sociedade denominada dos 'livres pensadores' composta de jovens menores de idade, cerca de 20, cujo princípio era aquele de fazer blasfêmia com o nome santo de Deus e santíssimo sacramento, e fazer cornas à nossa senhora, e destruir a religião atual pagando os sócios um tanto por semana, formavam uma quantia para construir um cemitério à parte para as suas vítimas. Feitas algumas investigações pude concluir que os suspeitos chefes da sociedade possam ser Violanti Vicenzo dito Cencio padre, Passaponti Ruggero de 20 anos, Berlincioni Rutilio de 14 anos, Ristori Raffaello de 15 anos, Manfredini Raffaello, dito Pagão, de 14 anos, Testi Ruggero de 13 anos..."[20]

Portanto é possível que Oreste Ristori também tenha conhecido, ou até participado de uma sociedade do gênero, ou pelo menos sabido através de terceiros de sua existência. De qualquer modo, é seguramente nesse ambiente urbano do mercado, junto a outros jovens de sua idade, que ouve pela primeira vez falar em anarquismo. Estamos em uma região onde a indústria ainda é muito incipiente (o desenvolvimento industrial na região de Empoli deslanchará somente após 1890), o proletariado urbano é pouco desenvolvido e as idéias anárquicas penetravam basicamente em dois grupos sociais distintos: o dos trabalhadores diários e o dos artesãos e pequenos comerciantes empobrecidos. É do encontro de interesses entre esses dois grupos que nasce uma proposta de ação revolucionária, antiorganizadora e socialista libertária.

Ao final da década de 1880 encontravam-se constituídas na Toscana dezenas de organizações e grupos anarquistas em suas principais cidades, numa retomada consistente do movimento que vinha ocorrendo desde 1883[21], com o surgimento de novos militantes, como o advogado Pietro Gori e Giovanni Rossi em Pisa, e o retorno de velhas lideranças locais que haviam sido exiladas durante a forte repressão contra os membros da **Internacional**, desencadeada desde a ascensão ao trono do rei Umberto I. Data de 1879, a

---

[20] Carta do marechal dos *carabinieri* ao prefeito de Castelfiorentino (14 de junho de 1879). ACC, 1879, n. 203, pos. 95, fasc. 11, P. S., *in* Giogio MORI, *op. cit.* p. 423-424.

[21] Franco BERTOLUCCI, estudando o caso específico da província de Pisa, entende que a retomada da iniciativa anárquica na Toscana - como no resto do país - coincide com o retorno clandestino de Malatesta em Florença entre o fim de 1882 e início de 1883. A partir daí traça um painel completo do movimento anarquista na região, em Anarchismo e lotte sociali a Pisa 1871- 1901. Pisa. Biblioteca Franco Serantini BFS, 1988, capítulos 7 e 8. Ainda sobre a história do movimento anarquista italiano nesse período, podemos consultar Pier Carlo MASINI, Storia degli anarchici italiani. Da Bakunin a Malatesta. Milão. BUR, 1974; Nunzio PERNICONE, Italian anarchism. 1864-1892. Princenton University Press, 1993; Errico MALATESTA, Epistolario 1873-1932. Lettere edite e inedite. Carrara. Centro Studi Sociali, 1984; Adriana DADÀ, L'anarchismo in Italia: fra movimento e partito. Milão. Teti Editori, 1984; Gino CERRITO, Il movimento anarchico dalle sue origini al 1914. *In* Rassegna Storica Toscana, XIV, n°. 1 (jan./jun. 1968); Carl LEVY, Italian anarchism, 1870-1926. *In* "For Anarchism. History, Theory, and Practice (ed. David GOODWAY). Londres. Routledge. History Workshop Series.

lei promulgada pelo congresso italiano em que as associações da **Internacional**, no país, passaram a ser consideradas *associazioni di malfattori*, vinculando a imagem de socialistas e anarquistas com a de meros delinqüentes, e portanto tratando-os como criminosos comuns. Este tratamento repressivo, por sinal congênito ao estado italiano, o acompanhou durante todo o período do reinado ocorrendo principalmente nos períodos de maior retração econômica quando explodiam revoltas localizadas. Serenados os ânimos, reduzidas as reivindicações, era relaxado, permitindo novamente um fortalecimento dos mecanismos de luta da classe operária.

A constituição em 1886 da **Federação Anarquista Fiorentina** veio no bojo destas calmarias, consolidando o movimento. A partir desse ano, sucessivos grupos foram sendo constituídos. Em 1888, passou a ser publicado regularmente em Florença, o jornal La Questione Sociale. A sede deste periódico foi transferida, no ano seguinte, para Pisa, cidade que passou a ser hegemônica no movimento anarquista toscano. Este jornal uniria em torno a si, como veículo de expressão, as idéias dos diversos grupos anarquistas regionais, que embora não fossem uniformes em suas práticas e idéias, mantinham certa coesão.

O movimento anarquista era muito atuante nas cidades de Livorno, Prato, Pontassiave, Pistoia, Siena, Massa e Carrara. Nesta última província, o retorno do exílio do anarquista Galileo Palla, principal liderança local, levou também à criação de uma **Federação Anarquista-Socialista**. Todas estas cidades situam-se próximas entre si, distantes não mais de um raio de cinqüenta quilômetros de Empoli, onde residia Ristori, praticamente no epicentro desta região. Com dezenas de grupos existentes nas principais cidades, a atuação constante de correspondentes destes junto às cidades menores e uma intensa circulação de jornais, panfletos e outros impressos, estabeleceu-se uma rede de informantes permitindo que o transito de anarquistas e a circulação de idéias se tornasse bastante difusa e facilitada. Isto ocorria justamente na época da adolescência de Ristori, que assim veio a ter seus primeiros contatos com o anarquismo num momento de forte retomada do movimento na Toscana.

2.

Neste ponto vale lembrar a importância daquilo que se chama "cultura da praça"[22] na vida quotidiana dos italianos daquela época e que manteve larga influência como prática de convívio social até bem pouco tempo atrás. Era na praça, nos locais públicos, que as manifestações culturais e religiosas ocorriam numa tradição tão distante quanto a própria formação dos antigos burgos. Esta forma de expressão cultural e política data do século XVI nascendo com o desenvolvimento nas cidades modernas de um modo de vida em torno ao mercado e ampliando, assim, a prática já tradicional de acolhida dos viajantes junto às *osterias*. A atividade do *oste* remonta ao período romano e desde então, "em qualquer época e lugar, nas cidades como nos pequenos vilarejos do campo, os viajantes podiam encontrar acolhida durante as suas longas viagens em locais de hospitalidade e restauração como *betolle*, *osterie* e locandas"[23]. Entre um gole e outro de vinho circulavam as notícias sobre os últimos acontecimentos e propagavam-se novas idéias, mesmo porque os "freqüentadores de *osterie* e *bettole* não eram apenas, porém, limitados aos viajantes e mercadores de passagem, mas compreendiam também a população local, sobretudo camponeses e *braccianti* que ali passavam o tempo livre encontrando freqüentemente a única ocasião de lazer, vagabundos e meretrizes"[24].

Se em tempos de maior liberdade de expressão no passado, foi possível discutir-se abertamente nas praças, fazer política, pelo menos aquela não revolucionária, as idéias socialistas e anarquistas contrárias à monarquia e à ordem burguesa, nunca puderam ter um espaço público de veiculação junto aos trabalhadores. Nesse ambiente repressivo os desempregados, trabalhadores braçais sem emprego fixo, passaram a se reunir nos bares como extensão da praça, lá ocupando seu tempo ocioso e vislumbrando possibilidades de trabalho e sobrevivência.

Monteleone considera a *osteria* como "o refúgio confidencial da solidão, uma reserva confortável e quase inesgotável de falantes e ouvintes entre os

---

[22] Tiziano MERLIN, Gli anarchici, la piazza e la campagna. Vicenza. Odeon Libri, 1980. Neste trabalho, o autor reconstrui toda a forma de organização social das comunidades vênetas, a partir da visão dos anarquistas e dos socialistas. Também sobre a formação de uma economia de mercado em torno das praças modernas, ver Giuliana BIAGIOLI, *Terra, popolazione...*, *op. cit.*

[23] Antonietta QUARTA, texto *Osti e bettolieri*, *in* Possidenti Contadini Artigiani la popolazione tra '700 e '800 nei documenti degli archivi storici comunali. Província de Florença, Sovrintendenza Archivistica per la Toscana, 1996, p. 72. Para o aprofundamento em uma história das *osterias* ver M. TULIANI, Osti, avventori e malandrini, Siena, 1994.

[24] *Id. ib.*, p.73.

quais circulavam sentimentos e idéias, em um fecundo intercâmbio"[25]. Nos últimos decênios do século passado transformaram-se, com a conivência de seus proprietários, no único lugar seguro para as reuniões proletárias de cunho político. A Segurança Pública de Pisa, por exemplo, informa periodicamente o prefeito sobre estas atividades.

"...os subversivos não tem locais próprios para reunião e a *osteria*, o bar é o refúgio para seus encontros..."[26]

É certo que os empregados formais, os assalariados, não freqüentavam esses espaços. Com medo de represálias patronais e a conseqüente perda de seu ganha-pão, esses trabalhadores, apesar das condições de penúria em que viviam, preferiam manter o pouco certo ao muito duvidoso. Essa massa remediada formava um anteparo aos movimentos contrários aos interesses do patronato local. Assim, todo tipo de bares e seus freqüentadores eram vistos, tanto pela igreja como pelos proprietários rurais, os donos do poder local, como os locais mais permeáveis ao transito de idéias e articulação de ações subversivas à ordem constituída. Logo, o trabalhador diarista foi elevado à categoria de elemento prioritário para a recepção da propaganda socialista, como definiu em 1884, o relatório final do Congresso socialista Vêneto.

"O *bracciante* é o elemento que por razões morais e econômicas está mais pronto e mais inteligente, melhor disponível às novas idéias. Ser nômade, o *bracciante* aprende em suas peregrinações dolorosas muito mais que em uma escola; em luta contínua com aquele intermediário inútil e guloso que se intitula o empreiteiro, ele deve ser socialista."[27]

O aumento do desemprego ocorrido no decorrer da década de 80 acabou trazendo outros elementos aos bares, engrossando assim o caldo humano integrante deste ambiente da "cultura da praça". São o estudante, o jornalista e o artesão empobrecido, que fechou seu negócio e perdeu seus clientes, também empobrecidos, que desceram, por necessidade, à categoria de trabalhadores diaristas, eventuais, à cata de um esporádico trabalho que viesse a surgir. Freqüentadores dos cafés, um bar um pouco mais sofisticado, um espaço mais recente de convivência, onde liam os jornais e travavam discussões sobre a política italiana, esta pequena burguesia decadente passa

---

[25] R. MONTELEONE, Socialisti o "ciucialister? Il PSI e il destino delle osterie tra socialità e alcoolismo, *in* Movimento Operaio e Socialista, 1985, n°. 1, p. 13.
[26] Documento da Pubblica Sicurezza, PS, de Pisa, endereçado ao prefeito da província. Reproduzido em R. MONTALEONE, *op. cit.*
[27] V. GOTTARDI, Il movimento socialista nel Veneto. Relazione detta al II Congresso socialista Veneto. Legnago. 1884, *in* Tiziano MERLIN *op. cit.*

a ser um outro pilar de propaganda do anarquismo, fazendo circular os periódicos do movimento e trocando informações com os ativistas proletários. É o que fez Pietro Gori em Pisa, entre 1885 e 1889, durante sua passagem pela Faculdade de Direito, como conta seu amigo Mazzoni.

"a sua evolução em direção às doutrinas libertárias começou depois da freqüência às conferências de Livorno e às vigílias no café do Ussero em Pisa onde os estudantes ruidosos se misturavam voluntariamente aos operários estudiosos e a não poucos velhos militantes da Internacional..."[28]

Estabelece-se desse modo uma ponte entre os cafés e os bares, incrementando, entre o pensamento e a ação, uma nova forma de organização política. O extrato mais baixo do proletariado, os *braccianti*, em contato com um discurso teórico do socialismo, apropria-se gradativamente da ideologia anarquista, rejeitando as práticas de luta da pequena burguesia. A reação desse novo contingente anarquista reunido no bar contra a exploração do sistema que os dominava passou a ser sistemática: a realização de furtos campestres e o incremento dos bandos armados. Explicam-se dessa maneira as cartas ameaçadoras aos patrões, os incêndios e os atos de sabotagem como fazendo parte de uma ação coletiva coordenada e não mais somente de práticas individuais movidas pela fome e desespero. É dessa união entre as práticas isoladas adotadas pelos *braccianti*, com a teoria que sustenta o discurso libertário de ação direta, que surge um embrião socialista não legalitário entre estas camadas despossuídas da população. Difunde-se então uma outra categoria de propaganda, aquela protagonizada pelo orador de bar.

"Antes do meio-dia, e ao por do sol, o filho de Monticelli, Duner, Bertano, Galeno freqüentam o café grande, à tarde o bar da Estrela d'Itália conhecido aqui popularmente como 'Da Bastian' e ali discutem socialismo."[29]

A repressão oficial, mantinha delatores infiltrados nos bares para tentar identificar os novos propagandistas que surgiam e acompanhar a atuação dos já existentes. Parece claro que, sem a conivência dos proprietários, esses jovens, hábeis em articular falas improvisadas e vender seu peixe conforme a situação, não teriam conseguido propagandear suas idéias nos bares.

---

[28] Virgilio MAZZONI, Pensieri e ricordi ed opere di P. Gori, Tip. Cursi, Pisa, 1922, pp. 12-13, *cit. in* Franco BERTOLUCCI, *op. cit.* p. 120.

[29] Carta contendo a observação da vida dos anarquistas na praça feita pelo comissário de polícia de Monselice em 28/07/1877, *in* Tiziano MERLIN, *op. cit.*

"Pasini, utilizando sua inata vocação oratória, improvisava discursos patrióticos e monárquicos. Quando percebia haver em torno a si um número suficiente de pessoas e que não houvesse perigo, mudava o registro e concluía demonstrando a suprema bondade dos princípios socialistas".[30]

É bastante viável que, guardadas as devidas diferenças regionais, esta conformação da "cultura da praça" estudada por Tiziano Merlin, no Veneto do último quartel do século passado, possa ser transplantada e tenha-se reproduzido também na Toscana. Passando pelo comércio dos produtos da família, Oreste adquire o hábito do mercado e passa a se ocupar como *mediatore*[31] - intermediário na compra e venda de animais nas feiras de gado que se realizavam em Empoli e em San Miniato. Reunia assim as características tanto dos trabalhadores diaristas, a sua origem, como a dos jovens pequenos comerciantes e entra em contato direto com os grupos anarquistas. Inserindo-se no ambiente da praça observa os mais velhos e aprende com eles, vindo a desenvolver uma notória arte retórica, transformando-se ele também em propagandista. Como o vêneto Pasini, orador nato, Ristori também era muito falante tanto que ficou conhecido em Empoli pelo apelido de "Bicudo"[32], ganhando fama de inveterado orador.

A estes ingredientes podemos somar outro, um componente artístico muito comum na cultura oral destas classes marginalizadas que engrossa ainda mais o arco de possibilidades para a propaganda no ambiente da praça. Em Empoli, o socialista "Targioni, saído do cárcere, retoma a vida de poeta... nas praças dos vários vilarejos, nas feiras e mercados onde canta em poesia e vende as suas composições... Ao Targioni e aos dirigentes socialistas locais ocorre logo uma constatação: o único contato possível e contínuo com a massa camponesa é a praça do mercado e da feira..."[33] A forma oral, a tradição do repente e os diálogos teatralizados representavam uma linguagem de fácil compreensão para uma massa analfabeta. Numa crítica ao processo eleitoral e ao voto de cabresto difundiu-se em 1892 este sugestivo diálogo hipotético envolvendo camponês e proprietário:

---

[30] Carta do comissário de Monselice ao prefeito. Nota de 27/03 a 12/11/1878, *in* Tiziano Merlin, *op. cit.*

[31] *Mediatore* é a profissão que encontramos no ofício 1754, de 01/05/1911, procedente de Roma e enviado para a Legação Italiana no Brasil em Petrópolis, constante do prontuário de Oreste Ristori, n° 364 – anarquista - na Delegacia de Ordem Política e Social, Fundo DOPS, sob guarda do Arquivo do Estado de São Paulo, AESP. Esse termo designava especialmente os intermediários na compra e venda de animais de pequeno porte.

[32] *Beccuto*, é o apelido que consta no prontuário *op. cit.*

[33] Libertario GUERRINI, Un poeta estemporaneo, Targioni, nella storia del movimento contadino dell'empolese, *in* Movimento Operaio, Milão, 3-4, maio-agosto/1955, ano VII, p.515.

"Capoccia - Che miracolo è questo sor padrone	"Que milagre é este seu patrão
Con un tal caldo venirmi a trovare?	Com tanto calor vir me encontrar?
Padrone - Caro capoccia c'è la sua ragione,	Caro camponês tem a sua razão,
T'ho portato la scheda da votare.	Te trouxe a cédula para votar.
Capoccia - Perdiana!... e si dà tanta occupazione	Por Deus!... e se dá tanto ocupação.
A rischio anco pe' strada di crepare?	Com risco até na estrada de ficar?
Padrone - In guerra non si bada alla stagione...	Na guerra não se espera a estação...
Chi vuol raccolta deve seminare!	Quem quer colheita tem que semear!
Capoccia - Già... ma se muore!?...	É... mas se morre!?...
Padrone - È lotta caro mio;	É a luta caro meu;
Abbiam i radicali da ogni lato	Temos radicais por todos os lados
Che tentan sopraffarci giuraddio!	Que nos eliminar juraram ao céu!
Capoccia - Non capisco...	Não entendo...
Padrone - Tu vota, Dio beato!	Você vota, Deus beato!
Non t'importi capir; capisco io!	Não te preocupes entender; entendo eu!
Capoccia - Ma per chi, sor padrone?	Mas para quem, seu patrão?
Padrone - C''e segnato."[34]	Está marcado."

É sabido que Oreste com sua voz de barítono costumava declamar poesias e cantar canções acompanhado de seu violão[35]. Ora não é improvável que ele também fosse um destes artistas informais que, aproveitando-se da multidão que convergia para as praças de mercado nos fins de semana, utilizasse seus dotes com a palavra para fazer propaganda política.

O ano de 1892 marca definitivamente o início da atuação de um jovem rebelde, contestador das autoridades e do sistema constituído. Ristori encontra-se justamente nesta zona de interseção, entre a ação isolada e violenta, o furto, o atentado, o desacato à autoridade e a propagação de palavras de ordem e o emergir de uma consciência de ação coletiva vinda do contato com os mais experientes. Em 21 de março desse ano, durante uma manifestação anarquista ocorrida em San Miniato, Oreste Ristori é preso junto com Enrico Petri acusados de ultraje contra o Reino e as autoridades. Petri, então com 25 anos de idade era a figura mais notória do pequeno grupo anárquico empolês, tendo já escrito artigos para o jornal Sempre Avanti de Livorno[36]. A Prefeitura de Florença nos diz com quem ele anda.

---

[34] *Id. ib.*, p. 515. Autor anônimo, publicado em Il Moscone, de Empoli, n °. 6, 26/06/1892, intitulado *Dialogo fra capoccia e Padrone.*

[35] Cfr. Eduardo MAFFEI, Gigi Damiani e outros, *in* revista Temas de Ciências Humanas n °. 5, 1979; e também em Zélia GATTAI, Anarquistas graças a Deus, Rio de Janeiro, Record, 1996, no texto sobre Oreste Ristori.

[36] Dossiê Enrico Petri, busta 3901, ACS, CPC.

"Freqüenta a companhia dos anarquistas mais perigosos, entre os quais **Ristori Oreste**, Scardigli Antonio, Inti Giulio de Empoli; Pucci Cesare e Pucci Ignazio de Montelupo, Bracaloni Silvio de Pontedera; Baccelli Manlio de Viareggio; Gasparri Alfredo de Florença. É alem de tudo amigo e apologista dos conhecidos anárquicos Cipriani Amilcare e Gori Pietro."[37]

Aos 17 anos, Ristori assume a ideologia anárquica participando junto com os companheiros de Petri das reuniões anarquistas realizadas na região. A perseguição policial se tornaria uma rotina em sua vida marcada pelas passagens nas delegacias e cárceres do aparelho repressivo do Estado. Nesse mesmo ano, em 17 de maio, é novamente preso, desta vez em Empoli, sob a mesma acusação de ultraje[38]. Poucos dias depois em 23 de maio, morreria seu pai[39], revoltando-o ainda mais, e obrigando-o a uma responsabilidade que não queria assumir: a de ser o chefe da família.

O período que segue à morte de seu pai foi de relativa calmaria na vida de Oreste, provavelmente levando-o a permanecer mais em casa e auxiliar sua mãe no sustento da família. No ano seguinte, porém, já retoma sua atividade política entrando em contato com anarquistas de outras regiões italianas realizando suas primeiras viagens mais distantes. Já fichado nos registros da Segurança Pública italiana, permanece sob a vigilância da polícia que relata sua detenção em outras localidades.

"Foi detido em 12 de março de 1893 em Bolonha por atitude suspeita e falta de meios de sustento e de moradia. Pelo mesmo motivo, foi detido em Orvieto (na região da Umbria) proveniente de Roma em 31 de agosto do mesmo ano e enviado de volta a Florença[40].

Sua fama de intransigente e rebelde junto às autoridades e aos "homens de bem" cresce à medida em que adentra no movimento anarquista. Pelo menos, é assim que o descreve a Prefeitura de Florença.

"Detêm junto à opinião pública péssima fama. Dedicado ao ócio - vivia às custas da mãe e de uma irmã que freqüentemente maltratava para obter dela dinheiro. Freqüentava maus elementos e anarquistas. Não lhe foram nunca consignados cargos de responsabilidade.
Faz parte da seita anárquica e anteriormente foi sempre de princípios dos mais avançados. Não tem nenhuma influência no partido nem esteve nunca em correspondência epistolar com os anarquistas. Não fez parte nunca de nenhuma associação. Nunca colaborou na redação de jornais subversivos. Não consta que tenha recebido ou expedido jornais ou

---

[37] *Id. ib.* Cfr. o *Cenno biografico* al giorno de 20/02/1901, da Prefeitura de Florença, no. 12630.
[38] *Cenno biografico...*, dossiê Oreste Ristori, ACS, CPC, *op. cit.*
[39] Egisto Ristori, nascido em Vinci, falece em 23/05/1892 aos 44 anos de idade, em Empoli onde residia. Certidão de Óbito, Ufficio Stato Civile del Comune di Empoli.
[40] *Cenno biografico...*, dossiê Oreste Ristori, ACS, CPC, *op. cit.*

impressos subversivos. Interveio em conferências em sentido anarquista e socialista ocorridas no passado em Empoli.
Tem pouca educação e discreta inteligência. A sua cultura é muito limitada pois apenas sabe ler e escrever.
Das práticas de investigação resulta que **Ristori** é um anarquista exaltado, de alma má, avesso ao trabalho, capaz de qualquer ação delituosa. Possuía uma brochura anarquista com métodos de fabricação de explosivos, porém não encontrada na perseguição que lhe foi feita."[41]

Alma má, vagabundo, exaltado, violento. Realmente não é o tipo de homem que a polícia, a burguesia e os padres querem para sua paróquia. E justo em Empoli foi aparecer um sujeito assim. Com certeza os indivíduos que não se submetiam às regras do jogo, a um regime de exploração no trabalho e, além de buscarem outras formas de sobrevivência, procuravam desestabilizar a ordem instituída, não podiam ser aceitos pela "opinião pública". Daí associar a imagem do anarquista à do "mau elemento" e faze-lo temido ante os olhos da população, ante até sua própria família. Assim se os familiares de Ristori não tinham ligações com o anarquismo, o que é bastante provável, é fácil imaginar a vergonha que sentissem, até como uma forma de defesa contra eventuais discriminações que lhes fossem causadas por este motivo.

3.

O Partido Socialista havia estabelecido forte base junto aos trabalhadores locais, particularmente na região do vale do rio Elsa, através de uma propaganda alavancada pela distribuição do diário socialista da província de Siena, La Martinella. Em Empoli, o Partido Socialista procurava manter sua posição hegemônica ocupando como local privilegiado de propaganda política, a única a casa em que era permitida a reunião dos trabalhadores e que posteriormente se transformaria na Câmara do Trabalho. Para Libertario Guerrini, o principal historiador empolês, "os socialistas empoleses, antes de combater à direita os radicais e suas teorias mazzinianas-republicanas, desenvolviam uma luta contra a esquerda anárquica a qual iludia-se ao tentar limpar a influência socialista, organizando numerosas conferências na mesma sala do 'Fascio dei Lavoratori'; o tema versava sempre sobre 'necessidade ou não da organização'"[42], o que se tornará uma constante ao longo de todo o percurso que seguiremos.

---

[41] *Id. ib.*
[42] Libertario GUERRINI, Il Movimento operaio nell'empolese. 1861-1946. Roma. Riuniti, 1970. p. 60. Informações extraídas do periódico socialista La Martinella, em 04/06/1893.

Feira de animais em San Miniato. (circa 1890)

È TEMPO DI FINIRLA!...

Lavoratori è ormai tempo di finirla una buona volta.

La disoccupazione aumenta di giorno in giorno, e con essa aumenta il numero dei lavoratori affamati.

Le carceri, sono piene zeppe d'uomini che scontano una pena per essersi ribellati alle leggi anti—naturali, anti—sociali.

Siccome disoccupazione vuol dire senza lavoro, senza lavoro vuol dire senza pane e senza pane vuol dire cessazione dell'esistenza.

È ciò possibile ed umano?

No perdio.

Gli uomini tutti sono venuti all'esistenza col 1° DIRITTO e col 1° DOVERE sancito dalla natura.

1° DIRITTO vivere—1° DOVERE lavorare.

La causa della disoccupazione dipende dall'infame speculazione, opera dell' impudente' infame e tracotante classe borghese.

Tutta la ricchezza sociale che esiste, è opera dei lavoratori.

Perchè dunque sono solo i lavoratori che mancano di pane, di vestiario, di scarpe e di casa?

Questo avviene perchè l'oziosa e prostituta classe borghese tutto gode senza nulla produrre. Ella (l'infame borghesia) tiene a sua disposizione il capitale, col quale mantiene deputati, (PER A QUALUNQUE COLORE APPARTENGANO) fanno le leggi che sono sempre a danno dei lavoratori; paga le spie e poliziotti per arrestarci quando ci ribelliamo a quella legge immorale, stipendia giudici per farci condannare.

Chi ruba un pane o poche lire in carcere, mentre chi ruba milioni li fa cavalieri e commendatori.

Mentre la classe operaia domanda pane e lavoro ed in sfamarsi la vil stirpe borghese risponde col vetterli delle baionette e col carcere.

E prova ne siano i recenti assassinii commessi a Carrara, Formies e Caltavuturo, dai vigliacchi agenti del governo.

Lavoratori: pensate che noi siamo la forza, ed il rimanere in questo stato di cose è vigliaccheria.

Prima di soffrire la fame noi e i nostri figli prendiamolo dove lo troviamo, poichè così facendo, non facciamo che appropriarsi di una piccolissima parte di ciò che realmente è nostro, cioè che la prepotente borghesia ci ha rubato.

Viva il Comunismo Anarchico.
Viva la Rivoluzione Sociale.
Morte ai Ladri.

IL GRUPPO ANARCHICO
SENZA PIETA'

Panfleto anárquico de Limite (FI) - 1893.

Oreste Ristori participa das conferências anarquistas promovidas principalmente por Enrico Petri e manifesta-se nelas, sem contudo constituir-se em uma liderança ou referência para o movimento. Nesta época Ristori começava a se familiarizar com a teoria anárquica, preferindo, ainda, portar o manual de fabricação de explosivos e agir instintivamente seguindo as práticas delituosas dos *braccianti* locais. Como diz Guerrini, os anarquistas em Empoli iludiam-se pensando conseguir romper o domínio socialista e Ristori tratou de mover-se em direção a outras localidades onde o anarquismo encontrava maior recepção, como por exemplo a vizinha cidade de Limite, onde mantinha várias amizades. O prefeito dessa cidade impôs, inclusive, severa vigilância aos forasteiros, tentando impedir a vinda de pessoas de fora para fazer agitação[43].

Em Limite, uma pequena vila com pouco mais de 2.000 habitantes, encontrava-se constituído o grupo **Senza Pietà** que periodicamente organizava manifestações públicas. Petri e Ristori mantinham constante contato com a família Pucci, enviando-lhes o jornal Sempre Avanti, impressos e correspondência anarquista. Quando em janeiro de 1894 começaram os motins na Lunigiana logo eles propagaram-se por toda a Toscana e, na região de Empoli, foi em Limite e vizinhanças onde eles repercutiram mais intensamente. Em 14 de janeiro, aos gritos de "viva a revolução social!", um grupo de manifestantes tendo à frente Vincenzo Pucci percorreu as ruas de Montelupo desafiando as autoridades. Quatro dias após foi a vez da prefeitura de Limite, onde residia Vincenzo, ser assediada pelo povo, o que gerou a seguinte nota de Emilio Viti, o guarda local.

"...às 9 e ½ mais ou menos, se apresentaram duas dezenas de indivíduos pedindo fora o prefeito - queremos pão e trabalho...
...Um certo Cecchi Giovanni de princípios anárquicos, que foi o primeiro a gritar - fora o prefeito - respondeu - Voltaremos - não pensem que brincamos, se fala sério - depois disto seguiram em direção à Limite.
Entre os manifestantes se encontravam Bartolini Alfredo, dito Rocca, com cerca de 20 anos, que levava um estandarte com os escritos Pão e Trabalho.
Entre os manifestantes pude reconhecer que se encontravam certos, Cecchi Giovanni de Limite - masseiro; Cecchi Renato de Limite - masseiro; Bartolini Alfredo de Limite - servente; Pucci Vincenzo, 43 anos de Limite - *bracciante*; Fusi Nicodemo, 26 anos de Limite - sapateiro; Bassini Giovanni, 34 anos de Limite - *bracciante*; Cisseti Oreste, 34 anos de Limite - pedreiro; Larini Giuseppe, 18 anos de Limite - *bracciante*; Antonini

[43] Documento do prefeito de Limite-Capraia, de 18/01/1894. Fundo Libertario Guerrini, Carte Leo Negro, busta 6 - fascículo 3. Istituto Storico della Resistenza, ISR - Toscana, Florença.

contemporâneo modelo alemão, Bismarck, está para Hitler. Generalizando, podemos dizer que nossa época agigantou e fez cancerígenas as anomalias patológicas de épocas anteriores."[46]

Luce Fabbri, hoje com 89 anos, viveu toda a experiência do anarquismo ao longo de sua vida, impregnada pela relação próxima que manteve com seu pai Luigi Fabbri, o principal difusor do pensamento de Malatesta. Vivendo desde 1929 no Uruguai, país que possibilitou o florescer dessa experiência, Luce, como diz Margareth Rago, é impensável sem o anarquismo que origina sua força pessoal na luta contra todas as formas de manifestação do autoritarismo.[47] Com contínua participação no movimento, atualizou o pensamento anarquista para o mundo contemporâneo, propondo um socialismo libertário, federalista e autogestionário, de baixo para cima, através da associação dos indivíduos em cooperativas. Entrevistada, disse:

"O centro cria certa ordem, aparentemente muito sólida e em realidade muito débil: basta atacar o centro para que a ordem se converta em caos.
Existe outra ordem muito mais vital que se cria de baixo, por associação e que subsiste nas outras partes se uma parte é danificada. Pelas mesmas razões é só aparente a identificação da ordem com o centro e com o poder central."[48]

Esta mesma ordem central tão frágil, a que se refere Luce, foi desequilibrada, no fim de 1893, por grupos de camponeses miseráveis que promoveram insurreições na Sicília, contra a fome e a carestia de gêneros alimentícios de primeira necessidade. O movimento dos *fasci* sicilianos teve um caráter espontâneo, com pouca influência de radicais socialistas e anarquistas. Inclusive católicos e monárquicos participaram da insurreição, retirando-lhe qualquer caráter revolucionário. Já na região marmoreira da Lunigiana em Carrara, norte da Toscana, logo nos primeiros dias de 1894, bandos armados de operários de orientação nitidamente anárquica, organizaram-se em solidariedade ao movimento meridional, provocando violentos distúrbios contra o desemprego e a fome que assolava o país. Primeiro agindo contra estes e depois por extensão aos demais amotinados em todo o país, a repressão do governo Crispi deu-se feroz e violenta.

---

[46] Luce FABBRI, Luigi Fabbri. Storia d'un uomo libero. Pisa. BFS, 1996, p.22
[47] Margareth RAGO, A experiência anarquista no Uruguai: a trajetória de Luce Fabbri. Comunicação apresentada no 19 °. Congresso Internacional da Latin American Studies Association, LASA, em Washington, 28-30 de setembro de 1995.
[48] *Id. ib.*, Luce Fabbri em depoimento à autora e depois transcrito.

Francesco Crispi apresentou à Câmara três projetos de lei com o objetivo de manter a ordem pública, mas com a real e evidente intenção de perseguir os anarquistas, em primeiro lugar, e também os socialistas e republicanos que batiam de frente em seu governo. As leis foram promulgadas em 19 de junho após calorosos debates e tentativas em vão de rechaçá-las. A primeira lei, de n °. 314, previa penas para os crimes cometidos com materiais explosivos ou incendiários, e para quem, "com o escopo de impor temor público", carregava tais materiais. A segunda lei, de n °. 315, punia o incitamento à desordem e à apologia do crime cometidos através da imprensa. E por último, a lei mais danosa aos anarquistas, a de n °. 316, intitulada "procedimentos excepcionais de segurança pública" que, como dizia seu próprio nome, se referia aos mecanismos de repressão de que o estado poderia dispor contra os crimes políticos, tais como: o degredo para os condenados, chamado de *domicilio coatto*, as prisões preventivas e a proibição de reuniões; limitando desta forma complemente a liberdade de opinião e manifestação.[49]

Logo após o controle dos motins, ainda em janeiro, o governo investiu violentamente na repressão aos anarquistas. Figuras carismáticas e lideranças intelectuais do movimento como o advogado Francesco Saverio Merlino foram feitas prisioneiras. O líder carrarese Galileo Palla e Luigi Molinari, que se encontravam em Carrara promovendo conferências, também foram detidos. Em julho, "após o prefeito de Florença ter promulgado um decreto de dissolução das organizações socialistas da província, em Empoli 15 dirigentes foram presos... imputados de '*associazione a delinquere*', enquanto os dois mais influentes elementos do grupo anárquico-socialista, Enrico Petri e Ramiro Fabiani, vinham enviados diretamente ao *domicilio coatto*"[50]. Com Ristori a ação da P. S., não foi diferente.

"...Desde 1894 era considerado das autoridades de P.S. como anarquista, exaltado, prepotente e temível."[51]

---

[49] Cfr. o apêndice Cronologia essencial do movimento anárquico na Itália, 1894 (19/07), *in* Pier Carlo MASINI, *op. cit.*
[50] Libertario GUERRINI, Il Movimento operaio..., *op. cit.* p. 36.
[51] Fundo DOPS, oficio 1754, prontuário Oreste Ristori, AESP, *op. cit.*

4.

Se antes encontramos um Oreste Ristori de caráter insubordinado que contestava as forças da ordem, notamos agora, durante os motins de janeiro, sua passagem para uma ação direta contra a propriedade individual e as instituições do Estado. Uma mudança em suas práticas que faz com que a polícia o passe a considerar "temível" exercendo-lhe ferrenha repressão e vigilância constante. Estavam contados os dias de liberdade do jovem anarquista.

Oreste pelas definições que lhe foram atribuídas, não encaixa-se na figura de um intelectual do movimento, pois com a pouca idade que tem, a sua condição cultural ainda relativamente restrita, não lhe permite maiores vôos de cunho intelectual, porém é um agitador muito ativo e orador emérito. Os contatos estabelecidos junto aos grupos anarquistas nas reuniões públicas, fazem de Oreste um anárquico com práticas de ação típicas dos individualistas. Em 20 de janeiro a Coletoria de impostos de Empoli sofre uma tentativa de incêndio logo controlada. Oreste foi detido como sendo o principal suspeito do atentado mas não foi possível se provar nada contra ele[52]. Pouco depois envolve-se em distúrbios na cidade de San Miniato como conseqüência do estado de assédio em que vivia a região Toscana. Preso, foi condenado pelo tribunal de São Miniato a 6 meses de prisão por furto e trapaça continuada[53].

Há toda uma polêmica sobre o que é furto e o que é crime, dentro do movimento anarquista. O furto era, dentro de uma vasta parcela do pensamento anarquista, como no humanismo libertário de Malatesta, uma distorção. Por demais éticos para aceitar o roubo, Malatesta e seguidores o viam como uma contradição inerente ao próprio sistema capitalista. Para eles, há roubos porque há distorções no capitalismo e estes atos são uma das evidências da necessidade de superação do sistema. Já para boa parte dos anarquistas comuns, dos militantes das vilas, das cidades, daqueles que "praticavam" quotidianamente o anarquismo, o furto era uma forma legítima de expropriação do capital burguês obtido através da mais valia. Para estes, que mesmo sem o serem aproximavam-se das idéias dos anárquicos individualistas, a expropriação era praticada num sentido coletivo de auxílio e fortalecimento da causa operária, visando a organização de reuniões, de

---

[52] *Cenno biografico...*, dossiê Oreste Ristori, ACS, CPC, *op. cit.*
[53] *Id. ib.*

viagens de propaganda e intercâmbio e, principalmente, financiando uma vasta parcela de opúsculos e impressos anarquistas clandestinos.

No fim dos anos 80, as tendências anarquistas dividiam-se entre individualistas e associacionistas. Os primeiros, genericamente, rejeitavam toda e qualquer forma de organização política como instrumento de ação. Já os segundos entendiam como necessária a existência de uma estrutura organizativa mínima dentro da sociedade, sem que esta implicasse em relações de autoridade e hierarquia. Na história italiana a corrente individualista de maior penetração foi a antiorganizadora. O vácuo existente nos movimentos sociais italianos no início dos anos oitenta, que somente veio a ser superado no final da década, "favoreceu a difusão de um anarquismo que primeiro instintivamente e depois em modo mais programático racionalizava esta desorganização de fato e rejeitava qualquer forma de associação geral e permanente"[54].

Com a retomada do movimento fortaleceu-se uma corrente anarquista com maior presença política, objetivos melhor definidos e com uma proposta transformadora da sociedade, sem descartar de seus métodos e mecanismos de luta as ações e os atos individuais. Esta concepção associacionista do anarquismo desembocaria, no início da década de 1890, no comunismo libertário do qual Malatesta foi seu principal agente. A ação individual deixa de ser o elemento fundamental da revolução, tornando-se coadjuvante de ações coletivas orquestradas. A principal diferença entre ambas as correntes, é que "os primeiros querem a ação pela ação, dispersiva e destruidora, os segundos querem a revolução que, mesmo sem autoridade e sem objetivos de poder, se apresenta como um organizado e responsável ato político de transformação social".[55] A segunda corrente lentamente tornou-se maioria entre os anárquicos peninsulares procurando estabelecer uma organização mínima, suficiente para a expansão do movimento, como transparece no documento redigido ao povo italiano ao fim do Congresso de Capolago, em 1891.

"Tu acreditastes nos padres e esperastes Deus; mas Deus foi surdo às tuas preces e os padres se aliaram aos teus patrões e montaram nas tuas costas. Tu acreditastes nos patriotas; combatestes para conquistar uma pátria, e a pátria te sugou, esfomeou e humilhou. Tu acreditastes na liberdade; pela liberdade conspirastes e combatestes e a liberdade se revelou amarga ironia, que somente te deixa livre para morrer de fome. Tu

[54] Pier Carlo MASINI *op. cit.*, p.226.
[55] *Id. ib.* p. 237.

acreditastes e acreditas ainda nos charlatões que, sob o pretexto de te fazerem bem, te pedem o apoio do teu voto e do teu braço; e os charlatões zombam de ti e ao alcançarem o poder te oprimem e te exploram...
Ainda uma vez, revolta-te por tu mesmo e por tua própria conta. **Derrube o governo**; tome posse da terra, das casas, das máquinas, dos alimentos, de tudo que existe, **e organize por tu mesmo, a produção e o consumo** para uma maior vantagem para todos. Sobretudo , não deixes nas mãos de alguém a liberdade que tu já conquistastes".[56]

Em seu trabalho sobre as concepções de direito, crime e justiça dos anarquistas italianos, Pio Marconi entende haver uma aproximação, ainda que inconsciente, com o individualismo de Stirner. A expropriação (furto justificado na perspectiva de uma sociedade na qual será abolido o privilégio da propriedade privada) parece representar na prática a aplicação das hipóteses stirnerianas sobre a transgressão.[57] Max Stirner considerava a transgressão como um instrumento de afirmação do Eu nos confrontos contra o Estado e a cultura dominante[58]. Provavelmente sem ter lido Stirner, cujos textos somente vieram a circular com maior intensidade na Itália a partir da tradução de sua obra em 1902, Oreste já agia transgressivamente, praticando um anarquismo, que nesta fase de sua vida, aproximava-se muito de algumas práticas teorizadas pelo individualismo stirneriano. Anos mais tarde, quando sua forma de agir já não será mais regida pelos atos individuais de reação à ordem existente, Ristori opinou sobre as causas da delinqüência.

"A delinqüência, então, encontra a sua razão de ser, o seu determinante em certas dadas condições sociais dentro das quais é circunscrita a vida do indivíduo. A dificuldade econômica das populações, o analfabetismo e o embrutecimento moral que são a conseqüência lógica, a educação ao escravismo e a violência ensinada nos quartéis, nas escolas, nas igrejas, por meio de jornais, de livros, de orações ou de romances que exaltam a glória dos tiranos e dos assassinos, a tirania política, a exploração econômica, o embrutecimento religioso, exemplo constante de todas as velhacarias e de todas as baixarias que governantes e padres oferecem sistematicamente ao povo: heis os fatores mais importantes, se não os únicos, da delinqüência, considerada debaixo de seus diversos e múltiplos aspectos."[59]

---

[56] Documento final do Congresso anarquista e socialista de 1891, publicado no opúsculo Il Congresso di Capolago. Ai socialisti e al popolo d'Italia. Castrocaro, 1891, *in* Pier Carlo MASINI *op. cit.* Grifo nosso.
[57] Pio MARCONI, Libertá Selvaggia. Veneza. Marsilio Editori, 1979. p.37.
[58] Sobre Max STIRNER, ver a obra completa L'unique et as propriété et autres écrits. Lausanne. Bibliothèque L'Age D'Homme, 1972.
[59] La Battaglia de São Paulo, n °. 67, de 04/02/1906.

5.

Ristori foi denunciado com base nas leis de exceção, à Comissão Provincial de Florença onde encontrava-se detido, que lhe recomendou três anos de prisão. Em outubro, a Comissão de Apelo deu parecer favorável ao pedido para o cumprimento da pena em regime de *domicilio coatto*[60]. Oreste foi enquadrado na lei 316 de segurança pública, sob a acusação de ação com propósito deliberado de ferir a ordem social[61]. Os famigerados tribunais das comissões provinciais eram rápidos e não permitiam defesa ao acusado, constituindo-se em verdadeiras cortes marciais contra civis. A instalação destas comissões provinciais, ressuscitadas anos depois durante a ditadura fascista de Mussolini, mostram muito bem a proximidade entre o governo Crispi e o fascismo.

O mês de outubro foi farto em condenações e envios ao *domicilio coatto* dos participantes nos motins do início do ano. As prisões italianas estavam lotadas de anarquistas que, como elementos perigosos que eram às vistas da ordem pública, causavam temor ao Estado quanto às possíveis revoltas que viessem a ocorrer. Os anarquistas, além de serem extremamente ativos e engajados na luta social, eram dotados de uma instrução mais elevada do que a média do proletariado e da população carcerária em geral. A incapacidade do governo Crispi de dialogar com as forças de oposição ao seu governo acelerou o correr dos processos contra os anarquistas presos. Entre o fim do ano de 1894 e o início de 1895, mais de 300 anarquistas foram transferidos para as colônias do *domicilio coatto*. Com sua prisão preventiva decretada, Ristori aguardava em cárcere o envio ao local onde iria cumprir o degredo.

Outro problema se colocou para as autoridades penais. A forma ditatorial como fora exercida a instituição do degredo para os presos políticos, fez com que, em questão de poucos meses, o sistema penal e carcerário perdesse a capacidade de guarda desses presos. Que solução tomar? Indagou-se sobre a possibilidade de mandar os presos para a Etiópia, na África, uma espécie de ilha do Diabo italiana. A falta de estrutura física nos locais aventados fez as autoridades italianas saírem desse delírio. Como solução provisória recorreram inicialmente a dois locais: a fortaleza de Port'Ercole na Toscana, uma antiga prisão da República de Siena, e a ilha de San Nicola do

---

[60] *Cenno biografico*, dossiê Oreste Ristori, ACS, CPC, *op., cit.*
[61] Fundo DOPS, ofício 1754, prontuário Oreste Ristori, AESP, *op. cit.*

arquipélago Tremiti, na costa adriática da Puglia[62]. Ristori foi destinado à colônia de Port'Ercole, cuja chegada ao local foi assim descrita por Zagaglia.

"A Roca surge como um pico no mar e observa de um lado o porto, do outro a nua ilha Ercole e do terceiro o monte Argentario, com os seus altos cumes já coroados de 25 fortes dos quais 13 ainda estão inexpugnados pela ação do tempo.
Se sobe na Roca por um caminho ríspido e áspero, que, na sumidade das colinas termina em um descampado plano de vegetação, ondulada e rala, como um depósito de lava."[63]

Encarcerados como detentos comuns, para se evitar qualquer possibilidade de fuga, não tinham a liberdade de circulação que havia nas ilhas. Os reclusos relataram as péssimas condições em que se encontravam.

"Os pisos das celas, grandes dormitórios, eram em terra batida, e aos presos eram fornecidos somente um saco de palha, um travesseiro de palha e um cobertor. Nada de colchões, lençóis, ou toalhas. Faltavam inclusive casacos e sapatos. A refeição consistia de 600 gramas de pão e 160 gramas de sopa por dia."[64]

Faltava também água potável e assim, muitos presos adoeciam não suportando as condições a que eram submetidos, o que tornava ainda mais grave sua situação, uma vez que o presídio não contava com um médico sequer[65]. Oreste Ristori chegou à colônia penal em 2 de fevereiro de 1895[66], já em péssimas condições de higiene após uma viagem de três dias, transferido da prisão onde estava. Em Port'Ercole encontrou-se com o primeiro grupo de *coattos* transferidos para a colônia desde o fim de novembro. Entre estes estavam o velho conhecido Enrico Petri, e o jovem Luigi Fabbri, de apenas dezessete anos.

Os presos lá recolhidos juntavam-se em um caldo comum de anarquistas em sua maioria, mas também socialistas, republicanos e outros sem motivações políticas, os de pior espécie e graus de loucura. As comissões provinciais, abusando de sua autoridade, aproveitaram a ocasião para realizar uma limpeza geral, confinando loucos, mendigos, deficientes físicos e toda sorte de pessoas que poderiam ser consideradas como um problema para os bons

---

[62] Ver Anexo Mapas, p. ii: 3. Itália e colônias de *domicilio coatto*.
[63] ZAGAGLIA (L. DE FAZIO), I coatti politici in Italia. Salerno, Galzerano Editore, 1987. p. 41.
[64] Pier Carlo MASINI, Storia degli anarchici italiani nell'epoca degli attentati. Milão. BUR, 1982. p. 60. As informações sobre a colônia penal de Port'Ercole foram retiradas dos documentos *Vendetta Isaziabile (I coatti a Port'Ercole)* no jornal Lotta di Classe, de Milão, 2/3 de março/1895; também em *Ricordi del domicilio coatto (Da Port'Ercole a Perugia)* em Il Pensiero, de Roma, 01.04.1904.
[65] Informa Giorgio SACCHETTI no artigo: *Controllo sociale e domicilio coatto nell'Italia Crispina, in* Rivista Storica dell'Anarchismo. Pisa. BFS, ano 3, n°. 1, jan-jun/1996, p. 103.
[66] *Cenno biografico*, dossiê Oreste Ristori, ACS, CPC, *op. cit.*

olhos da sociedade burguesa. Adamo Mancini, que chegou em Port'Ercole em janeiro relata a calorosa recepção que teve em sua chegada.

"O malfeitor de Nazareth subiu o Golgota carregando a cruz; Os malfeitores modernos alcançavam o Monte Filippo, com suas muralhas enegrecidas, com os bastiões..., um verdadeiro teatro das barbáries passadas! Esta era a boa ilha que me tinha preparado Francesco Crispi e lá dentro, me esperava o seu digno comparsa, o delegado Raffaele Santoro, ladrão e falsário. Entrei tremendo no fatal castelo e enquanto os *carabinieri* tiravam-me os ferros, os companheiros já prevenidos de minha chegada cantavam:

Noi l'insulto abbiam raccolto/ N'abbiam fatto una bandiera,/ il vessilo per la schiera/ dei novelli malfattor.

Nós o insulto o recolhemos/ E dele fizemos um pavilhão/ o estandarte para a legião/ dos novos malfeitores."[67]

O ser libertário não é facilmente subjugado e pouco se importa com as condições adversas. Em comemoração ao 24 °. aniversário da Comuna de Paris, em 18 de março uma bandeira vermelha e preta, o símbolo da anarquia, tremulou no alto do Monte Filippo. Entre gritos de "Viva a Anarquia!", dois balões de papel vermelho e preto foram levantados pelos presos[68]. Simbólico, o ato serviu para demarcar o espaço penal da prisão burguesa como um espaço de ocupação anarquista, onde, apesar de todas as condições físicas adversas, não se calava a mente nem a liberdade de pensamento. Este o recado dos presos que elegeram uma canção anarquista como hino da resistência. De noite, com sua voz de baixo, Oreste puxava o coro desafiando as autoridades:

"I potenti della terra	"Os poderosos da terra
I signori del mondo intero	Os senhores do mundo inteiro
dalla logica e dal vero	pela lógica e pelo verdadeiro
si son visti minacciar!	se sentiram ameaçar!
Siamo anarchici e siam molti	Somos anarquistas e somos muitos
E la vostra inane legge	E a vossa lei que nos aflige
Non ci doma nè corregge,	Não nos doma nem corrige,
Nè ci desta alcun terror!	Nem nos mete nenhum terror!
Guerra, guerra! E guerra sia!	Guerra, guerra! E guerra seja!

[67] O preso Adamo MANCINI contando sua chegada em Port'Ercole, em Memorie di un anarchico. Imola. Paolo Galeatti. 1914. pp. 27-28, *in* Pier Carlo MASINI, Storia degli anarchici italiani nell'epoca... *op. cit.*
[68] ZAGAGLIA, *op. cit.* p. 41. Também a carta de Galileo Palla, *La tentata fuga dei coatti da Porto Ercole,* publicada no Corriere della Sera, de Milão, de 26 e 27/03/1895.

L'ideal per cui pugnamo	O ideal a que nos propomos
No, non teme i vostri orror,	Não, não teme o vosso horror,
Siam ribelli, e forti siamo,	Somos rebeldes, e fortes somos,
Il terror degli oppressor!"[69]	Dos opressores o terror!"

6.

Menos simbólica e mais representativa de sua força foi a fuga de sete anarquistas de Port'Ercole em 24 de março, uma semana após o primeiro ato. Esta fuga teve desdobramentos que obrigaram o Estado italiano a rever sua política de degredo. Andrea Barabino, Galileo Palla, Guerrando Barsanti, Cesare Lage, Gaetano Ruocco, Angelo Colonnesi e Oreste Ristori foram os protagonistas do episódio[70].

Galileo Palla, um dos expoentes do movimento, companheiro próximo de Malatesta, com o qual havia estado na Argentina em 1886, na aventureira ida à Patagônia em busca de ouro, e com quem lá publicou e dirigiu o jornal Questione Sociale[71], apresentava também um lado anárquico mais ativo e combatente: fora um dos insufladores da reação popular contra a repressão policial nos confrontos ocorridos em Roma, em 1891. Oreste, ainda muito jovem, com apenas 20 anos de idade já estabelecia estreito contato com uma figura que aliava uma sofisticada teoria a um fazer, a uma prática repleta de ações, característica de um tipo de anarquismo individualista. Esta mescla entre propaganda teórica e prática combatente será o modelo que marcará a experiência anarquista de Oreste no decorrer de sua vida.

As péssimas condições da colônia haviam feito levantar entre os *coattos* a possibilidade de se realizar uma fuga em massa. Descartada esta hipótese, decidiu-se que seis evadiriam (a esses juntou-se mais um na última hora) para pedir a ajuda da imprensa e procurar esclarecer o público. A evasão começou utilizando-se uma galeria subterrânea, alcançada após uma descida

---

[69] Hinos e canções anarquistas cantados pelos presos *coattos*. Foi realizada uma coletânea de antigas canções populares de origem anarquista na Itália denominada Canti Anarchici, organizada por Leonardo SETTIMELLI e Laura FALAVOLTI. A letra foi originalmente publicada no artigo *Ricordi del domicilio coatto*, de Tito LUBRANO, em Il Pensiero, de Roma, n°. 10, 01/06/1904, p.149.

[70] São os sete nomes que assinam a carta "Quais foram as causas da nossa evasão", enviada ao L'Asino, de Milão e reproduzida em ZAGAGLIA, *op. cit.* pp. 75-81.

[71] Malatesta chegou à Argentina em 1885, juntamente com Francesco Natta, Francesco Pezzi, Luisa Minguzzi, Cesare Agostinelli e Galileo Palla, com objetivo de permanecer pouco tempo e angariar fundos para o movimento. Acabaram por permanecer 4 anos organizando um grupo local de estudos sociais anarquistas. Em 1886, durante 6 meses, Malatesta e Palla incorreram em uma infrutífera busca de ouro na Patagonia. Ver Nunzio PERNICONE, *op. cit.* p. 246.

de 5 metros a partir de um passagem aberta sob as grades de um pequena janela. Seguindo a galeria faltava escalar o muro externo com cerca de dez metros de altura. Continuemos com o relato dos fugitivos.

"...**Ristori** que era o mais apto para tal ação, tomou o encargo para si, mas a coisa oferecia mais dificuldade do que imaginávamos, sendo o muro muito liso. De fato depois de repetidas provas arriscadas e infrutíferas renunciamos a tal meio.
Nasceu um certo desgaste; restava um só expediente: ou seja o ponte suspenso.
Mas a pouca distância tem o corpo de guarda, e não estávamos seguros de não haver uma sentinela na porta de acesso; porém não tínhamos faculdade de escolha, aquele era o único meio, então decidimos arriscar tudo para não perder tudo.
A escalada foi fácil, **Ristori** foi o primeiro, e assim por meio da corda em um minuto subimos todos.
Apenas fora nos trocamos o beijo da liberdade...
...Chegando em Alberese decidimos prosseguir pela ferrovia. Tal resolução parecerá absurda, a quem considere que a nossa evasão tinha o escopo de nos dar a liberdade.
Invés nós nos propusemos a utilidade de todos e por mais que se desejasse permanecer livres para pedir ajuda à imprensa... era indiferente nos fazer prender obtendo o mesmo resultado com um processo."[72]

A liberdade foi breve sendo capturados novamente um dia após a fuga, cento e cinqüenta quilômetros ao norte, na cidade de Cecina. Este fato catalisou em toda a Itália uma série de manifestações de protesto contra o regime de prisão em *domicílio coatto*, tornando-se públicas as bárbaras condições a que estavam submetidos os prisioneiros. Dias depois suicida-se em Port'Ercole, o preso Constantino Quaglieri, de apenas 20 anos.

Como pena pela fuga realizada Ristori foi condenado a quatro meses de detenção em 2 de agosto de 1895, pelo tribunal de Grosseto[73]. Apenas descontou a pena, em dezembro Oreste foi enviado às ilhas Tremiti para cumprir o resto do degredo. A ilha de San Nicola tinha uma natureza rochosa oferecendo poucas opções de trabalho aos confinados, o que gerava distúrbios com freqüência. Apesar dessas condições adversas, os anarquistas lá radicados, entre eles Pasquale Binazzi, futuro redator do Umanità Nova, e Giovanni Gavili, um individualista, haviam humanizado o ambiente montando um escola de línguas e publicando um impresso intitulado La Bohème[74]. Uma forma de aliviar a tensão que tomava conta não somente dos anarquistas, mas também dos policiais lá isolados para garantir a ordem.

[72] Carta em ZAGAGLIA, *op. cit.*
[73] Fundo DOPS, ofício 1754, *op. cit.* Prontuário de Oreste Ristori, AESP.
[74] Pier Carlo MASINI, Storia degli anarchici italiani nell'epoca... *op. cit.*, traz um relato detalhado das condições dos presos no *domicilio coatto* e também sobre os acontecimentos em S. Nicola de Tremiti., p.55-68.

Porém, a chegada de outro contingente de presos demonstrou que tão cedo a liberdade não chegaria.

A pólvora desse barril começou a explodir em janeiro de 1896, com a prorrogação da permanência de vários *coattos* na ilha que aguardavam ansiosamente a liberdade condicional. Um grupo de anarquistas florentinos, incluindo-se aí Ristori, começa a movimentar-se no sentido de lutar pela libertação. Em 16 de janeiro redigem Civiltà italiana, um opúsculo de protesto que foi impresso pela Tipografia Sociale de Macerata e distribuído em várias cidades italianas. Na noite de 1°. de março, após uma bebedeira de vinho, o mesmo grupo de anarquistas toscanos se pôs a cantar em altos brados na entrada dos dormitórios.

"Addio compagni addio	"Adeus companheiros adeus
sorelle spose madri	irmãs esposas mães
la società dei ladri	a sociedade dos ladrões
ci ha fatto relegar	nos fez relegar
sepolti in riva al mar"	sepultados à beira mar"[75]

Os guardas, por seu turno também bêbados, reagiram com insultos ordenando silêncio, no que não foram atendidos pelos anarquistas mais exaltados. O tumulto logo se generalizou. De um lado gritos de - *Viva l'anarchia!...* Do outro a resposta - *Viva il re!* Amedeo Borghi estava presente e lembra o que ocorreu.

"Respondemos com protestos e logo se acendeu uma furibunda confusão. Queimaram descargas de metralhadoras e tiros de revólver. Os companheiros que já estavam dormindo, se vestiram rapidamente, correndo para fora. Numerosos feridos jaziam no chão e nos apressamos em carrega-los para a enfermaria. A porta desta estava fechada e o esbirro de plantão havia fugido. Tivemos que derrubar a porta para poder distender os companheiros feridos nas macas.
O nosso companheiro Argante Salucci, de Santa Croce sull'Arno, ao ouvir os clamores saiu para fora do café onde toda noite ia jogar cartas e foi alvejado por uma rajada de metralhadora, caindo ali mesmo na soleira do pequeno café...
... Vi ainda Pasquale Binazzi, de Spezia, ferido na coxa, Papini de Turim, ferido gravemente, e muitos mais."[76]

Desta vez a revolta não foi em vão; uma semana depois, em de 9 março, em meio a uma profunda crise provocada pela derrota italiana na guerra africana

---

[75] A letra encontra-se na coletânea Il Canto dei coatti. Letra Pietro Gori, música: anônimo. Disco Addio Lugano Bella. Milão. Edizioni Bella Ciao.
[76] Amedeo BORGHI, Ricordi del domicilio coatto. Turim, Seme Anarchico, 1954, pp. 33-34.

após a frustada tentativa colonial na Abissínia, Crispi abandona o governo. Seu sucessor, o também reacionário Di Rudini, viu-se obrigado pela pressão pública, a refluir a onda de repressão e rever a pena da maioria dos condenados políticos. Os líderes da manifestação em Tremiti, porém, foram perseguidos. Ristori foi processado pelo crime de violência contra a autoridade, danos materiais e ultraje e permaneceu lá detido até 24 de abril, quando é enviado a uma nova colônia instalada na distante ilha de Pantelleria[77]. Esta ilha localiza-se no extremo sul da Itália, no canal que separa a Sicília da Tunísia. Borghi trilhou o mesmo caminho que Ristori e através de seu relato podemos acompanhar a longa viagem que se seguiu desde Tremiti até o novo destino.

"Fomos desembarcados em Manfredonia.
Retomamos a triste via das prisões: Foggia, Benevento, Nápoles. Daqui, depois de uma longa travessia por mar, fomos levados para Palermo, nas '*Grandes Prisões*'. Na porta de minha cela foi colocado um cartaz com a inscrição: '*anárquico*'...
...Depois de dez dias fui transferido aos pequenos e horrendos cárceres de Trapani, e soube enfim para qual ilha havia sido destinado: a ilha de Pantelleria.
Para atingir a ilha fizemos uma travessia marinha de mais de duzentos quilômetros e em Pantelleria percebi aquilo que era, a nua e terrível realidade, o verdadeiro *domicilio coatto*.
Na ilha pululavam entre seiscentos e setecentos *coattos* comuns, enquanto que os políticos alcançavam três dezenas. Tive, destes, a mais cordial acolhida, como sempre ocorre com os novos companheiros chegados.
Seria muito longo descrever a vida dos *coattos* em Pantelleria, mas bem se compreende como triunfasse a corrupção, a prepotência, a usura, os litígios, os duelos sanguinários."[78]

Diminuída num primeiro momento a política repressiva do Estado italiano, Ristori foi absolvido em primeira instância para vir a ser novamente condenado em setembro, na corte de apelo, a 5 meses de detenção. Nesta altura os tribunais já o consideravam um incorrigível. Ristori, que encontrava-se preso no cárcere de Trani, na tentativa de rever sua sentença faz uma última cartada solicitando auxílio ao prefeito de Empoli.

"Illmo. Sr. Prefeito,
O subscrito, tendo feito um apelo a esta corte de Trani, e tendo recorrido em cassação, lhe prega enviar-me, no mais breve espaço de tempo, a certidão de nada consta junto ao meu cadastro, pois sem os quais o advogado não poderá pedir os justos motivos. Se estes dois certificados não chegarem em Trani antes do dia 14 deste mês, tudo será inútil."[79]

---

[77] Fundo DOPS, ofício 1754, *op. cit.* Prontuário de Oreste Ristori, AESP.
[78] Amedeo BORGHI, *op. cit.* pp. 35-36.
[79] Carta do preso Oreste Ristori ao prefeito de Empoli. Fundo L. Guerrini, Carte G. Ragioneri, b. 2, fasc. 2, ISR-Toscana.

Não sabemos se o pedido foi decisivo para livrá-lo da condenação mas Ristori conseguiu ter sua liberdade condicional decretada em 28 de outubro. Finalmente, em 12 de novembro, retorna a Empoli onde passa a ser submetido a uma vigilância especial pelas autoridades da Pública Segurança[80].

7.

O certo é que Ristori não fazia parte dos anarquistas humanistas e de bons modos. A pecha de exaltado, conferida a ele pelas autoridades, revelava uma personalidade que dificilmente se submetia a qualquer sorte de repressão ou obrigações forçadas. O jovem nascido sob o signo de leão de 1,60 m. de altura, atarracado e musculoso, mostrava suas garras. Boa parte dos processos a que respondeu na Itália, devem-se a atos de ultraje e violência contra as autoridades. A polícia italiana não conseguiu aplacar seu caráter com as privações impostas nas duras condições de vida dos confinamentos. Pelo contrário, as dificuldades vividas lhe estimularam ainda mais a permanente resistência às opressões e o amor à liberdade, expressada na espetacular fuga que realizou. As privações lhe temperaram o caráter, não deixando-o curvar-se ante o bastão das autoridades.

Desde o retorno de Oreste à sua terra natal iniciam-se uma saga de perseguições, fugas e prisões que o levarão no futuro a mudar completamente o rumo de sua vida. A Pública Segurança italiana fechava o cerco contra todos aqueles taxados de subversivos e perigosos à ordem pública vigiando-os constantemente. A vigilância da polícia política é minuciosa e não poupa nem mesmo a correspondência que vem seqüestrada quando julgada de teor subversivo. Somente anos mais tarde Oreste deu-se conta dessa vigilância postal e passou a utilizar alguns expedientes para fugir a ela. Em contrapartida esta rica documentação da repressão política italiana tornou-se, para os que vasculham os vestígios deixados na História, uma das grandes fontes de reconstrução dos movimentos sociais. Acompanhemos os passos de Ristori através desses informes.

"Retornando do *domicilio coatto* continuou tendo péssima conduta, e se notaram particularmente os seguintes fatos: Na noite de 04.02.97 acolhe em sua casa o anarquista Silvestrini Pilade de Florença e outros perigosos sujeitos do lugar. Acredita-se que

[80] *Cenno biografico... op. cit.* Protocolos 1192, 4496 e 4772. ACS, CPC.

tratavam de formar um grupo de pessoas prontas a cometer atentados contra as pessoas e a propriedade. Aos 14 do mesmo mês interveio na conferência clerical proferida pelo padre Antonio Luddi na igreja de Santo Agostinho em Empoli, e lá, ao término da conferência tentou provocar desordem. Aos 21 do mesmo mês publicou uma carta aberta ao dito padre Luddi que foi seqüestrada pela Autoridade Judiciária porque continha os crimes dos quais constam os art. 247 e 251 do C. P. e 13 e 18 da Lei de Imprensa. Na noite do dia 21 tentou fazer nascerem graves desordens no teatro de Empoli nas circunstâncias da demonstração que lá teve lugar por Candia."[81]

A última coisa que um anarquista com suas características aceitaria passivamente, seria o controle sobre sua pessoa. A liberdade sob vigilância tem o mesmo sabor que uma jaula para a fera. Este instinto selvagem o levaria com o tempo a tornar-se um mestre nas fugas e nos disfarces. No contraditório com o padre Luddi defende a superioridade dos princípios socialistas atacando o clero, o que com o passar dos anos se transformaria em um ataque sistemático contra a Igreja. A polícia perde sua pista no início de março de 1897. Ristori teria deixado Empoli em companhia de um tal Mazzantini, com o objetivo de embarcar em direção a Candia, a ilha grega que se insurgia contra o domínio turco.

Logo após o início do conflito entre gregos e turcos, um grupo de italianos dirigiu-se como voluntários para Candia, para lutar ao lado dos gregos. Nada menos que Amilcare Cipriani, um dos maiores dirigentes socialistas italianos, interpretou o confronto entre os dois países como um evento revolucionário e liderou uma legião de voluntários muito bem vista pelo governo grego. Esta não era propriamente uma ação digna do movimento anarquista e Malatesta, já de volta à Itália, expressou sua opinião sobre o fato, conclamando os anarquistas a permanecerem na Itália e lutarem contra as injustiças em seu país.

"Aos nossos companheiros nos devemos dizer aquilo que nos dita nossa razão. Os gregos não querem ser dominados pelos turcos e tem mil razões. Eles querem passar sob o domínio do rei da Grécia... Nós deveríamos não somente fazer os negócios do rei da Grécia, mas também assistir impotentes ao massacre dos camponeses turcos que não faltará; porque, não podemos esquecer, lá, além do ódio contra o agressor que sentimos nós também, existe o ódio de raça e de religião, com o qual nós não temos nada com o que fazer... Temos tanto para fazer, se quisermos, contra os turcos da Itália."[82]

Por razões óbvias, Oreste seguiu a orientação de Malatesta e a ida a Candia não passou de mera suposição, tanto que veio a ser detido novamente em

---

[81] *Id. ib.* Protocolo 890.

[82] Artigo *Pro Candia*, L'Agitazione, de Ancona, 14/03/1897. Em outros números segue o debate.

Roma, em 12 de março, por vadiagem e falta de meios de subsistência, sendo transferido de volta a Empoli.[83] Esta nova detenção acabou com a paciência das autoridades judiciárias italianas e também com a liberdade condicional que adquirira. Cansados por sua "péssima conduta", resolvem devolvê-lo ao *domicilio coatto* através de uma disposição ministerial. Oreste foi preso em 2 de maio e rapidamente transferido para outra colônia penal, agora na ilha de Ventotene, onde acabou cumprindo os três meses que lhe restavam da sua pena anterior. Oreste foi um dos últimos *coattos* a chegarem à ilha permanecendo nela até 8 de dezembro[84]. Numa edição especial, datando de 1948, o jornal anárquico Umanità Nova relembra esse encontro.

"E enfim, um breve elenco dos últimos a chegarem... **Ristori, Oreste** de Empoli a Ventotene...
...Na ilha de Ventotene, Andrea Orsini de Carrara, Giovanni Mariotti de San Giovanni Valdarno, Oreste Cozzi, Giovanni Pierucci de Pisa, Luigi Lasi de Milão. Giuseppe Parmeggiani de Modena, e enfim nosso Virgilio Salvatore Mazzoni, na ilha desde os fatos da Sicília de três anos atrás...
...Cinqüenta anos atrás as ilhas de Lipari, Ustica, Favignana, Tremiti, Ventotene, Ponza, Lampedusa, Pantelleria, estavam repletas de anarquistas que resistiam contra a crescente pressão da violência governante. Naquelas ilhas estes homens sofriam materialmente e moralmente. Freqüentemente rebelavam-se e eram então presos e segregados na casa penal de Gavi. A maior parte deles permanecia muitos anos nas ilhas, continuando a participar da vida do movimento com cartas aos nossos jornais sobre violências perpetradas pela polícia, com subscrições a favor dos familiares das vítimas políticas, veementes protestos contra os oportunistas que tentavam conduzir para a via do parlamentarismo o movimento operário."[85]

Virgilio Mazzoni, amigo de Pietro Gori, viria a fazer parte do principal time de redatores do jornal Umanità Nova, a partir de 1920. As condições de permanência na ilha eram bem melhores do que as existentes em Port'Ercole e Pantelleria. Em Ventotene os presos dispunham de maior liberdade de transito, como se participassem de um congresso anárquico permanente. O outono passado na ilha serviu para Oreste como um momento de energização junto ao sol do Mediterrâneo em companhia de seus colegas de idéias, permitindo-lhe um aprofundamento no pensamento anárquico

---

[83] *Cenno biografico... op. cit.* Protocolos 927 e 1112. ACS, CPC.
[84] *Id. ib.*. Protocolos 1497, 1829 e 4711.
[85] *Alla ricerca dei coatti anarchici nelle isole maledette (sfogliando un vecchio giornale)*, L'Umanità Nova, de Roma, de 30.05.1948, no Arquivo Edgard Leuenroth, AEL - UNICAMP.

8.

Em março de 1897, Malatesta reingressou clandestinamente na Itália estabelecendo-se em Ancona, onde passou a editar L'Agitazione, que logo tornou-se o periódico anarquista mais influente da Itália. À frente deste jornal surgiu Luigi Fabbri, um jovem militante do anarquismo que exerceria notável influência no movimento italiano do século seguinte, vindo a ser o braço direito, interprete e continuador das idéias de Malatesta.

L'Agitazione, desde o primeiro número em 14 de março, passa a ser o tradutor de uma linha do anarquismo italiano que se torna a mais seguida. O comunismo anárquico, derivado do pensamento libertário de Kropotkin, propõe uma ação do indivíduo social no sentido da libertação das opressões a que está confinado, passando a estabelecer uma convivência igualitária e pacífica entre os homens. Em 4 de junho de 1897, um artigo de Malatesta publicado em L'Agitazione, em resposta crítica aos anarquistas de tendência individualista, defende um sentido mínimo de organização na sociedade onde, a existência de algumas lideranças não implicaria na hierarquização da sociedade através da autoridade:

"Anarquia significa sociedade organizada sem autoridade e, por autoridade, entendo a faculdade de impor sua própria vontade...Ora parece-nos evidente que a organização, isto é, a associação com uma finalidade determinada, sob a forma e com os meios para atingir esta finalidade, é necessária à vida social. Para nós, a autoridade não é necessária à organização social, ao contrário, acreditamos que ela é sua parasita, que impede sua evolução e utiliza seu poder em proveito próprio de uma certa classe que explora e oprime as outras..." [86]

O embasamento filosófico deste anarquismo distancia-se do determinismo científico de Kropotkin[87], para quem a anarquia seria a ordem para a qual inevitavelmente fluiria a humanidade. Nesse mesma linha foi cunhada a célebre frase do pensador político Giovanni Bovio, para quem "anárquico é o pensamento e em direção à anarquia caminha a História"[88]. Para Malatesta e para os comunistas libertários, ao contrário, o destino não está traçado, mas é uma construção que depende exclusivamente dos homens e de sua vontade. "É anarquista, por definição, aquele que não quer ser nem oprimido

[86] L'Agitazione, de 4 de junho de 1897, *in* Errico MALATESTA. Textos escolhidos. Porto Alegre. LP&M, 1982.
[87] Pedro KROPOKTINE, Palabras de un rebelde. Barcelona. Olañeta Editores, 1977.
[88] Giovanni BOVIO, *Origine dei partiti presenti*, *in* Dottrina dei partiti in Europa. Nápoles. Ernesto Anfosi, 1886.

nem opressor"[89]. Luigi Fabbri foi, dentre os anarquistas italianos, aquele que mais se aproximou do pensamento de Malatesta, a quem tinha como mentor e fala sobre seu primeiro encontro com ele.

"Lembro do dia em que conheci Errico Malatesta, como aquele em que tive o maior impacto da minha já distante juventude...Foi em abril de 1897. A Itália estava saindo, há cerca de um ano, de uma daquelas tormentas de reação nas quais a cada tanto, mesmo antes do fascismo, a monarquia dos Savoia, conservadora e burguesa, caçava o povo italiano, apenas este acenava com um despertar que incomodasse por demais a digestão das classes e castas dirigentes... Um homem para mim desconhecido de pequena estatura, com os cabelos negros e volumosos, movia-se em direção a mim com as mãos estendidas e os profundos olhos sorridentes. - 'Te apresento Errico Malatesta'...Muito tempo passou desde aquela longínqua primavera de 1897, mas a anarquia, que era a fé radiosa da minha primeira juventude, depois de então não foi mais fé somente, mas tornou-se convicção profunda. Senti então que, se antes era possível que um dia eu tivesse podido mudar de idéia, a partir daquele momento eu permaneceria anarquista por toda a vida"[90]

L'Agitazione expandiu rapidamente sua circulação sendo distribuído também na Emilia-Romagna e na Toscana, tradicionais redutos "vermelhos" italianos. Oreste, participante dos círculos anarquistas de Empoli, toma conhecimento da chegada de Malatesta na Itália e da expansão deste anarquismo menos científico, menos individualista, objetivo em sua propaganda, e baseado em uma filosofia humanista pregadora da ação libertadora do indivíduo através de sua consciência. Esta concepção libertária agregada a algumas pitadas individualistas acerca da soberania da necessidade do indivíduo, guiará durante muitos anos o caminho seguido por Ristori, como o explicita no texto que segue.

"É anarquista de pensamento - dizemos nós - aquele que propaga ao seu semelhante a necessidade de uma coalizão de classes para debelar o poder tirânico dos privilegiados, dos conservadores, a necessidade de empregar a violência contra a violência, de vencer a qualquer custo, para se aproximar daquela forma ideal de sociedade, na qual o homem dará em razão das próprias forças, consumirá para a satisfação de suas necessidades e fará ao seu semelhante, o mesmo que deseja que seu semelhante lhe faça...
...Onde não existem leis coercitivas, os homens querem ser iguais no direito de consumir; onde existem as leis, a anarquia é absolutamente impossível. Não são anarquistas - para nós - todos aqueles individualistas em seu sentido estrito, ou mais claramente os amorfos. A Anarquia, é para nós, um organismo, uma forma, da qual a única forma coesiva será a solidariedade" [91]

---

[89] Pensiero e Volontà, de Roma, de 15.06.1913, *in* Errico MALATESTA, *op. cit.*
[90] Luigi FABBRI, Malatesta. L'uomo e il pensiero, *cit. in* Luce FABBRI *op. cit.* pp. 32-35.
[91] Publicados no artigo *Distinguiamo*, em La Battaglia, de 26/06/1904.

9.

A carestia no preço do pão, alimento básico do proletariado italiano, desencadeia a partir de janeiro de 1898 e ao longo de todo o primeiro semestre do ano, uma série de manifestações de protesto reprimidas violentamente pelas forças da ordem pública que causaram motins entre a massa operária com a ocupação de importantes cidades do país[92]. Anarquistas, socialistas e republicanos uniram-se aos protestos populares, que se iniciaram em Ancona e daí se espalharam por toda a península. A presença de Malatesta em Ancona fez as autoridades ocuparem militarmente a cidade e prendê-lo junto a seus companheiros de jornal. O processo contra os anarquistas culminou com uma pena de 7 meses de prisão contra Malatesta. Os ânimos, já exaltados com a carestia e a repressão, acirraram-se ainda mais, provocando tumultos e conflitos entre policiais e manifestantes nas principais cidades italianas. O clima que se observava era pré-insurrecional, criando-se uma agitação sem lideranças visíveis. A centelha da revolução havia tomado conta das massas, especialmente em Milão, onde os revoltosos ocuparam a cidade defendendo-se atrás de barricadas num movimento de combustão expontânea, tal qual teorizaram os principais pensadores anarquistas. Entre 7 e 9 de maio as tropas do Exercito monárquico chegam em Milão carregadas de canhões. De um lado as barricadas operárias, do outro o Exército, que não pensou duas vezes em disparar contra os manifestantes. Centenas de mortos entre os civis, inclusive muitas mulheres e crianças. A reação oficial provocou uma carnificina. O deputado Napoleone Colajanni relata o início do massacre.

"Em 6 de maio de 1898 no curso das primeiras escaramuças não houve nada além de algumas contusões por pedras lançadas; mas não tardou a intervenção das tropas invocada insistentemente pela chefatura de Polícia e que se tornaria mortífera.
Às 18 horas começa em grupos a saída dos operários da fábrica Pirelli e a multidão na via Galilei aos berros de 'Viva Turati! Viva Rondani! Abaixo o governo provocador!'. Falam dois deputados socialistas tão aclamados e parece que qualquer perigo de confronto tenha sido eliminado.
Mas um grupo de pessoas entre 200 e 300 - em grande parte mulheres e crianças - chegou cantando em direção de via Monte Seveso e Andrea Doria e apupando os agentes da polícia. Voam pedras contra o prédio da chefatura de Polícia em via Napo Torriani. Por volta das 19 horas sai do Hipódromo Totter uma companhia da infantaria, que é recebida com vaias e pedradas. Uma pedra, escreve o Corriere della Sera, golpeou de frente um

[92] Sobre os motins do pão em 1898, temos o texto de Luigi FABBRI, I moti del 1898. Ver também o trabalho sobre as relações de trabalho e de família das mulheres trabalhadoras francesas e italianas na segunda metade do século passado, realizado por Louise TILLY e Joan SCOTT, Women, work, and family. Nova Iorque. Routledge, 1989.

soldado. 'Este fato - continua o mesmo jornal - fez a ordem reagir com a força à força: e da tropa partiram oito ou dez tiros de mosquete, parece, disparados para o ar. Aquele foi um momento de pânico e confusão. Muitos dos manifestantes pareciam dispostos a resistir mesmo enfrentando o tiroteio e continuavam atirando pedras; mas os mais assustados fugiram em desembestada correria, empurrando e derrubando os que se encontravam como obstáculos à debandada. Os guardas da brigada saíram no entanto com os revolveres em punho, atirando eles também, enquanto outros tiros partiam da tropa. O choque durou pouco minutos, mas teve êxito mortal'. O sangue derramado nas ruas de Milão na tarde de 6 de maio faria infelizmente derramar ainda mais nos dias seguintes."[93]

Nesse clima de intransigência, o general Bava Beccaris, comandante supremo da repressão, foi chamado pelo rei Umberto I para ser condecorado pelo notável serviço prestado à nação.

"Examinei a proposta de recompensas apresentada-me pelo Ministro da Guerra a favor das tropas dele dependentes e ao dar minha aprovação fui justo e orgulhoso em honrar a virtude da disciplina, abnegação e valor de quem ofereceu esse admirável exemplo. A V. S. ª. pessoalmente quero conferir *moto proprio* a Cruz de Grande Oficial da Ordem militar de Savoia, por merecer o serviço que V. S. ª. prestou às instituições e à civilidade e porque lhe ateste com meu afeto o reconhecimento meu e da pátria"[94]

Na seqüência foram desmanteladas todas as associações operárias e de oposição ao governo, com a conseqüente prisão de milhares de anarquistas, socialistas, republicanos e até católicos. O triste episódio repressivo de 94 foi reconstituído 4 anos depois com a reativação em 18 de julho da lei de procedimentos excepcionais de segurança pública. Novamente os implicados foram julgados sem direito à defesa e enviados às colônias do *domicilio coatto*. Os anarquistas, mas não somente eles, foram os principais perseguidos. O início dos protestos na cidade de Ancona, então o principal foco do movimento com a presença de Malatesta, foi o pretexto para as acusações aos anarquistas de incitamento à desordem. Malatesta já era uma liderança carismática em toda a Itália e sua prisão pelo governo, em janeiro, somente fez acentuar ainda mais as tensões já existentes. Daí para a explosão dos motins foi um salto bastante curto. A intensidade e a rapidez com que eles se proliferaram assustou a monarquia e a burguesia italiana fazendo-as temer pelo surgimento de outra comuna de Paris, desta vez em Milão.

Mas por onde andava Oreste Ristori neste tumultuado 1898? De volta à Empoli desde dezembro do ano passado, reencontrou os velhos

---

[93] Depoimento de Napoleone Colajanni, deputado republicano, que viveu entre 1847 e 1921.
[94] Trecho da carta do rei Umberto I enviada ao general Bava Beccaris, general chefe das forças da "ordem".

companheiros do grupo anárquico empolês. Enrico Petri estava empenhado na campanha pelo fim do *domicilio coatto* e já havia sido orador em um comício em Pisa junto a republicanos e socialistas com a presença de mais de 700 pessoas[95].

Os anarquistas empoleses encontravam-se eufóricos. Após muitos anos de difícil penetração junto ao operariado local dominado pelo Partido Socialista, o anarquismo difundia-se novamente incitando a massa à luta e trazendo dois nomes de peso para promover propaganda. Em 8 de fevereiro temos em Empoli, o comício de Amilcare Cipriani e três semanas após foi a vez de Pietro Gori falar na cidade. Ristori teve então a oportunidade de conhecer e conversar pessoalmente com ambos, o que deve tê-lo ajudado ainda mais na compreensão que construía da anarquia, já bastante aprimorada após todos os contatos estabelecidos durante anos de confinamento.

A notícia do início dos motins em janeiro ecoou em Empoli e os anarquistas locais decidiram a publicação de um número único incitando o povo a lutar e acusando os republicanos locais de estarem a serviço da burguesia[96]. O libertário I tempi nuovi continha textos de Pietro Gori e outros anárquicos e foi curado por Petri com a ajuda para sua redação de outros empoleses.[97] Uma parte dos exemplares impressos conseguiu ser distribuída e a outra foi seqüestrada pelas autoridades regionais. Ristori encarregou-se da distribuição e a continuou fazendo mesmo após o seqüestro do impresso em março, quando deixa Empoli e segue para um destino incerto em busca de trabalho: Piombino ou La Spezia.[98] As duas cidades são portos importantes do litoral tirrênico localizados em uma região de grande movimentação operária e propaganda anarquista.

Nos meses que seguem foram em vão todas as tentativas de localizá-lo levadas a cabo pela polícia italiana: os avisos às autoridades locais e as circulares telegráficas dando conta da chegada de perigoso elemento anárquico renderam-se inúteis. Oreste consegue se esconder de seus perseguidores antes de retornar a Empoli no início de maio, circulando por

---

[95] L'Avvenire sociale, de Messina, a. II, n°. 35, 19-20/11/1897, *cit. in* Franco BERTOLUCCI, *op. cit.* p. 130.

[96] Libertario GUERRINI, Il movimento operaio..., *op. cit.* p. 54.

[97] Cfr. *Cenno biografico...* Dossiê Enrico Petri, *op. cit.*, ACS, CPC. Também em Franco ANDREUCCI e Tommaso DETTI, Il movimento operaio italiano: Dizionario biografico 1853-1943.V III. Roma. Edizioni Riuniti, 1979 - Enrico Petri, pp. 101-104.

[98] *Cenno biografico...* Protocolo 1289, dossiê Oreste Ristori, *op. cit.* ACS, CPC.

uma Toscana que vivia o burburinho dos momentos que antecedem a tormenta. E ela chegou e varreu toda a Itália deixando também sua marca em Empoli segundo um cronista da época.

"No dia 3 de maio começaram a agrupar-se no centro de Empoli grossas camadas populares, que comentavam as notícias provenientes de toda a Itália e da região sobre os tumultos e rebeliões em curso; e não eram poucos a declararem-se favoráveis a demonstrações locais de descontentamento".[99]

Demonstrações que ocorreram não somente em Empoli, mas também nos arredores, nas vizinhas Limite e Montelupo, principalmente no campo onde turbas de camponeses famintos saquearam as propriedades da região somente vindo a serem controlados pelas autoridades policiais muitos dias após o início dos tumultos. Foram centenas de detidos somente nas proximidades de Empoli como relatou, em 10 de julho, a polícia local.

"Para a identificação de mais de trezentos indivíduos pertencentes aos vários distritos deste município, aos quais foi necessário em parte prender e em parte denunciar ao Tribunal Militar de Guerra de Florença porque tomaram parte nos bandos que nos dias 7, 8 e 9 de maio último passado se endereçaram em diversas fazendas a saquear sacos de farinha..."[100]

O grupo anárquico foi um o primeiro a sofrer a repressão local e seus componentes mais visíveis foram logo presos. Como diz Guerrini, "as autoridades, para prevenir eventuais motins, efetuaram uma série de prisões de anarquistas da zona: em Empoli vieram novamente presos o Petri e o Fabiani". Numa situação tensa como a que havia se criado tudo o que os "donos do poder" não desejavam ter eram "elementos perigosos" insuflando a massa a rebelar-se. Porém Ristori não foi capturado, e é muito provável que fosse ele um dos que constituíram os bandos de saqueadores de fazendas. Esperto, antecipou sua eventual prisão e não permaneceu na cidade, fugindo para o campo, onde a revolta dispersa era também mais difícil de ser contida. Com o fim dos motins e certo de que seria implicado nos fatos ocorridos, Ristori desaparece de vista. A acusação de *associazione a delinquere* foi-lhe imputada à revelia, mas a sentença não pode ser consumada pois consegue fugir em meados de maio, seguindo clandestinamente para a França[101]. Antes de completar 24 anos Ristori já

---

[99] Relato anônimo, *in* Libertario Guerrini, Il movimento operaio..., *op. cit.*
[100] Fundo L. Guerrini, Carte G. Ragioneri, busta 5, fascículo 8, ISR-Toscana.
[101] *Cenno biografico...* Protocolo 1971, dossiê Oreste Ristori, *op. cit.* ACS, CPC.

exibia uma seqüência relevante de ações dentro do movimento anarquista e pela primeira vez viaja para fora de seu país natal.

10.

Os meses que passou na França, na região da Provença, auxiliaram-no a ampliar uma de suas qualidades, o domínio de vários idiomas. O melhoramento de seus conhecimentos do francês lhe permitirá tornar-se, anos mais tarde, colaborador do periódico Le Libertaire de Paris. O periódico semanal foi, segundo o historiador do anarquismo francês Jean Maitron, durante os anos de 1895 a 1899, o refúgio daqueles anarquistas - Ernest Girault, Henry Dhon, S. Faure, F. Prost, entre outros - que foram violentamente hostis ao movimento sindical[102]. Sob a direção de Sebastian Faure, o periódico mantinha uma linha anarquista de tendência individualista moderada. Suas principais críticas dentro do movimento anarquista era contra as greves que defendiam os sindicalistas por melhores salários.

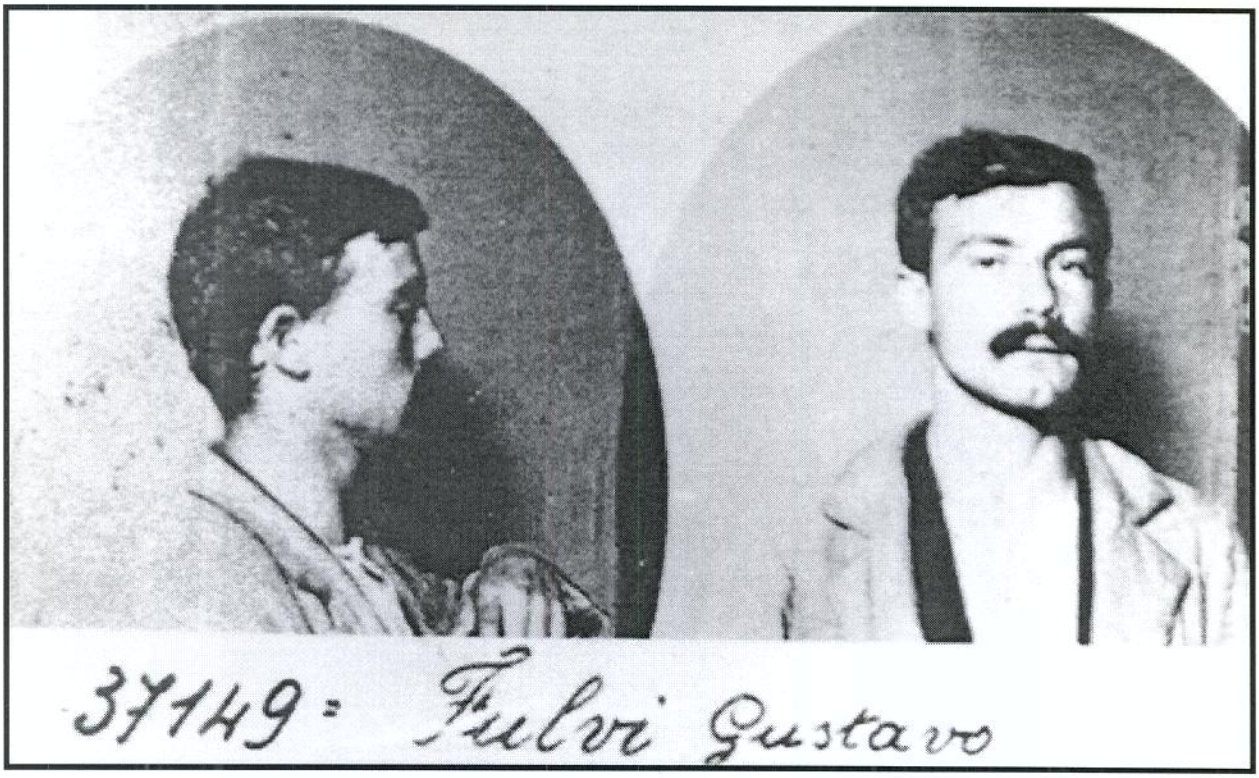
"O ganho de um trabalhador não poderá normalmente descer abaixo da soma necessária para a existência da tropa de escravos de que necessita a burguesia, mas ele não conseguirá ir muito além dessa soma.[103]

Ristori defendeu um anarquismo antiorganizador, próximo da concepção que Faure tinha do individualismo e da tendência antisidicalista do periódico francês, encontrando lá um espaço privilegiado para a publicação de alguns textos.

É muito provável que Ristori tenha se dirigido para Marselha, onde segundo um relatório policial de 1887, o grupo anarquista local era composto em sua maioria de franceses e italianos[104]. Lá deve ter chegado por volta do dia 12 de maio, um ou dois dias após o fim dos motins na Itália, com outra identidade. Vamos tentar reconstruir os fatos a partir das cartas enviadas pelo cônsul geral da Itália em Nice. Primeiro a polícia se meteu a perseguir um tal de Gustavo Fulvi.

---

[102] Jean MAITRON, Le mouvement anarchiste en France. I - Des origines à 1914. Paris. FM/ Fondations, 1983.
[103] *La loi des salaires*. Le Libertaire, Paris, n °. 77, 29/04 e 4/05 de 1897, *in* Jean MAITRON, *op. cit.*
[104] Cfr. Renée LOPEZ e Emile TEMIME, Migrance. Histoire des Migrations a Marseille (1830-1918). Tomo 2. Aix-en-Provence, Edisud, 1990. Ver a 3°. parte, capítulo1, p. 111.



Fotografia de Gustavo Fulvi tirada pelo consulado italiano de Nice em 02/10/1898.

Fotografia de Oreste Ristori na polícia de fronteira em Ventimiglia em 06/04/1902.

"Desapareceu de La Ciotat, próxima a Marselha o indivíduo citado, anárquico perigosíssimo e resoluto, autor de um violento manifesto contra o governo italiano, seqüestrado em La Ciotat em 17 de maio.
Acreditamos que Fulvi tenta reentrar na Itália. O assinalamos à Prefeitura de Porto Maurizio."

"O anárquico Gustavo Fulvi, objeto do último despacho... retornou a La Ciotat depois de ter vagado pelas cidades do litoral como assinalei no relatório de primeiro de junho a polícia francesa o tem como indivíduo perigosíssimo."[105]

O grupo socialista mais importante nos arredores de Marselha se situava em La Ciotat, e era ligado aos trabalhadores italianos[106]. O perigosíssimo suspeito Fulvi, que retornou a La Ciotat em julho, era ninguém menos que Oreste Ristori fazendo-se passar pelo outro para fugir à perseguição policial e instalar-se em Marselha, "uma cidade considerada como um centro de desordem, que uma presença estrangeira excessiva reforça ainda mais este estigma"[107]. De fato, a polícia francesa prendeu o verdadeiro Fulvi e desfez o engano avisando o consulado italiano.

"Em relação à precedente correspondência tenha a honra de referir a V. E. que no que resguarda o denominado Fulvi Gustavo foi chamado à polícia local para ser fotografado como anárquico, afirmou de não professar princípios subversivos e de não ter nunca morado antes na França.
Em dúvida se algum outro tivesse assumido o nome do Fulvi, tanto mais que este declarou ter sido furtado no ano passado em San Remo, do certificado militar e de outros documentos pessoais, foi expedida para Marselha a sua fotografia para saber se o anarquista desaparecido em maio passado em La Ciotat fosse outro.
Da investigação lá realizada, veio a se descobrir que o anárquico então procurado é um certo **Ristori Oreste**... o qual havia se apropriado de documentos pessoais do Fulvi e havia assumido o nome deste último."[108]

Se Ristori roubou Fulvi, ou se este em comum acordo cedeu os documentos para ele, afinal ambos eram anarquistas e podiam muito bem se ajudar mutuamente, nunca saberemos. O que é seguro é que a falsa identidade deu muita dor de cabeça às autoridades francesas da Provença, que acabaram lhe decretando a expulsão do território. Após ter sido descoberta a troca de nomes, Ristori foi enquadrado no Estado 18 dos anarquistas expulsos e mereceu especial atenção do gabinete do prefeito de Marselha que pôs seus

---

[105] Cartas datadas de 01/06/1898 e 26/07/1898, procedentes do Consulado da Itália em Nice, no dossiê Gustavo Fulvi, busta 2196, ACS, CPC.
[106] Renée LOPEZ *op. cit.*, pp. 114-115.
[107] *Id. ib.*, p.110.
[108] Carta de 06/11/1898, Dossiê Gustavo Fulvi, *op. cit.* ACS, CPC.

homens em seu encalço, atendendo a um comunicado de Paris informando sobre a convocação de uma reunião anarquista para as 4 da tarde do dia 18 de agosto, em um bairro próximo à estação ferroviária da cidade.

"Uma vigilância muito ativa foi exercida no bairro da Belle-de-Mai para descobrir o senhor Fulvy Gustave chamado de Carlo Ancilloti, **Ristori** ou Dani, expulso por decreto ministerial de 20 de junho passado, junto com seu companheiro Orlando dito o capitão. As buscas efetuadas nos diversos estabelecimentos da principal rua do referido bairro, a fim de descobrir seus rastros porém elas se mostraram infrutíferas."[109]

As relações entre subversivos e policiais eram cheias de artimanhas de ambas as partes. Controle de correspondência, vigilância constante, infiltração de policiais na seita, compra de delatores, eram as armas não oficiais, mas eficazes, para a manutenção da ordem. A estas armas, os anarquistas respondiam com fugas espetaculares, antecipação das ações policiais, disfarces, falsas identidades. Este era o jogo de gato e rato no qual encontrava-se envolvido Oreste Ristori, que o desempenhava muito bem. Antecipando a possível delação do encontro, Ristori e o tal Orlando, um correspondente do jornal socialista Avanti em Marselha, tomaram o trem e seguiram viajem para Nimes, onde continuaram a propaganda. Após a repressão desencadeada pelo governo francês contra o anarquismo, a partir de 1893, os grupos socialistas ocuparam o espaço deixado em branco.

A polícia italiana seguia controlando a correspondência envolvendo o nome de Ristori e toma ciência de seu paradeiro ao seqüestrar uma carta enviada à sua mãe. Oreste encontrava-se em Marselha desde junho de 1898 e foi preso em Nimes em 19 de setembro, quando avisou a família de sua detenção e passou a aguardar a extradição.

Ristori foi colocado à disposição da polícia de imigração e expulso pela fronteira de Ventimiglia em 9 de outubro. Entregue à polícia italiana, foi transferido para Florença, onde foi confinado em um presídio enquanto aguardava o parecer da Comissão Provincial para seu reenvio ao *domicilio coatto*. Desta vez, rapidamente teve sua pena de degredo confirmada e, em 23 de outubro, foi transferido para o seu novo destino, a ilha de Favignana[110], na costa oeste da Sicília, próxima à cidade de Trapani. Na ilha do arquipélago Egadi, razoavelmente povoada, permaneceu durante um longo ano com outros poucos anarquistas juvenis e lá não ocorreram ações

[109] Dossiê Gustave Fulvi, fascículo 132 F101, série 1M, 1367 - Cabinet du Prefet, CP. Archives Départementeles des Bouches-du-Rhone, ADBR, Marselha.
[110] Fundo DOPS, oficio 1754, *op. cit.* Prontuário de Oreste Ristori, AESP.

significativas da parte dos presos. Após um ano, em outubro de 1899, Ristori foi novamente transferido para outra ilha, desta vez Ponza, no golfo de Nápoles.

11.

A chegada em Ponza, o vilarejo que dava nome à ilha no mar Tirreno, em 7 de outubro de 1899[111], foi satisfatória para Ristori e os outros anarquistas enviados para lá. Apesar de serem tidos como diabos extra-terrestres, tanto pelas autoridades como pelos habitantes locais, desta vez as condições de prisão eram bem melhores que as anteriores. Sob o imenso azul do céu Mediterrâneo, os companheiros anarquistas viviam com relativa liberdade, podiam discutir suas idéias, corresponder-se com o mundo escrevendo cartas e artigos para os jornais. Os presos políticos em Ponza, pelo seu grau de instrução, tinham um certo privilégio, apesar de serem temidos pelos nativos da ilha. Um medo provocado em parte pela propaganda contrária que fazia o governo e também pela inegável condição de serem todos prisioneiros. Em sua maior parte pescadores, humildes e analfabetos, os moradores locais estabeleceram raro contato com os anarquistas, portadores de idéias muito pouco usuais por aquelas paragens. Ristori em um artigo que publicou, deteve-se em algumas linhas para falar destes habitantes.

"...Feitas as devidas exceções os ilhotas são em geral ignorantes e avaros, e consideram o *coatto* como a mais maldita criatura do mundo, como alguma coisa de abominável. Sob o domínio deste tosco conceito, o trata pior, assaz pior de um cão, e chegam até, às vezes freqüentemente a brutalizá-lo a perseguí-lo sem motivo, sem sombra de razão. O que faz então o diretor? Prende o *coatto*, o qual - como por dizer - é preso a pauladas. Não uma, não dez, mas cem vezes tivemos de constatar tais infâmias..."[112]

Relegados ao isolamento na ilha, os presos viravam-se como podiam. Plantavam uva e realizavam pescarias que, pouco a pouco, tornaram-se bastante produtivas. Com a pouca verba de que dispunham para a sobrevivência, organizavam refeições coletivas, que em certas ocasiões transformavam-se em verdadeiros banquetes, onde os dotes culinários de cada um eram revelados. Luce Fabbri, recorda-se que seu pai falava do bom humor e da arruaça entre os mais jovens com calorosas discussões entre partidários de tendências diferentes e a música que acalmava as tensões[113].

---

[111] *Cenno biografico...* Dossiê Oreste Ristori, *op. cit.* ACS, CPC..
[112] *Che cosa è il domicilio coatto.* Avanti!, de Roma, de 15/01/1899.
[113] Luce FABBRI, *op. cit.* p. 48.

Os cantos populares e anarquistas, adentravam a madrugada nas reuniões embaladas com o pouco vinho que os próprios presos fabricavam. Nestas ocasiões, Oreste revelava seu talento musical levando seus companheiros com o violão em animados corais.

Desde junho desse ano encontrava-se em Ponza outro anarquista, ainda jovem, mas já bastante proeminente no movimento. Luigi Fabbri, editor do L'Agitazione de Ancona, na época com a circulação suspensa. Um dos pilares intelectuais do socialismo anarquista, Fabbri estava em vias de concluir o curso de Direito, quando foi preso. Um jovem conhecedor das leis da sociedade burguesa garantia uma certa dose de legalidade aos demais presos contra possíveis arbitrariedades consumadas pelas autoridades locais. Logo, Fabbri começou a passar seus ensinamentos através de uma escola livre, racionalista, para os outros presos da ilha, vindo a exercer influência sobre Oreste quando este chegou à colônia. Com sucessivos aprendizados, Ristori modificou seu pensamento e sua forma de compreender a anarquia, afastando-se do ímpeto individualista e aproximando-se ainda mais das idéias humanistas libertárias difundidas por Malatesta.

O ano de 1899 marcou a entrada definitiva de Ristori no rol dos articulistas e assíduos colaboradores de textos para a imprensa anárquica. Por ironia do destino, seu debutar na imprensa não ocorreu nos jornais libertários, que naquele momento se encontravam quase todos fechados, e sim num diário socialista de peso, larga tiragem, e grande penetração popular: o Avanti!. Em 15 de janeiro, quando ainda encontrava-se em Favignana, publicou seu primeiro artigo: *Che cosa è il domicilio coatto*.

"O domicilio *coatto* consiste em ser confinado, por um tempo determinado, em uma ilha do reino, submetidos a um regulamento especial, a uma contínua, rigorosíssima vigilância por parte da *segurança pública*. O *coatto*, que é obrigado pela conformação do ambiente a ter vida em comum com os outros, não pode ultrapassar os limites que na ilha são circunscritos e indicados de propósito no regulamento. Dez soldos por dia: heis o que o governo passa a cada um para viver. Para maior tormento dos *coattos*, o diretor da colônia tem a faculdade, quando melhor preferir, de proibir a leitura de livros, de jornais políticos, e de interceptar inclusive as cartas familiares. Os abusos, as ameaças, os arbítrios de cada espécie, estão na ordem do dia. As punições abundam e são severas.
E como a fome é má conselheira, os mais espertos praticam a *camorra*, a impõe debaixo dos olhos dos agentes, do diretor e os mais tontos sucumbem, cedem à prepotência e se deixam tomar uma parte dos dez soldos que recebem pela manhã.
É a luta terrível pela existência entre desventurados - imposta, entenda-se, pelas miseráveis condições - que se manifesta em toda sua brutalidade nos empréstimos a juros, no jogo, gerando desavenças tenebrosas, desavenças que depois se convertem em

horríveis batalhas, à noite, na penumbra dos dormitórios, nos quais estão adensadas cinqüenta pessoas... E a faca, a navalha, desnudada, brilha, sangrenta, na fraca claridade da lâmpada![114]

Em 24 de janeiro, volta à carga com outro artigo: *Tortura e morte e domicilio coatto*; onde reproduz a história contada a ele por dois *coattos*, Pietro Alloati e Leonardo Gramo, presos na colônia de Assab na África italiana, e depois transferidos a Favignana, que relatam a morte de vinte e cinco detidos nas celas subterrâneas de punição para quem reclamasse das condições a quem eram submetidos naquela colônia[115].

Na ilha de Ponza, logo após sua chegada em outubro, foi escrito o número único I Morti, com o financiamento de anarquistas deportados nas várias ilhas. Os 18 confinados políticos locais contribuem na sua redação e Ristori participa também da edição mas não assina o texto final enviado para a impressão, uma vez que havia sido detido e enviado ao reclusório dos rochedos de Gavi, juntamento com Bertozzi e outro colega, por terem feito circular entre os companheiros um manuscrito sobre a Comuna de Paris[116]. I Morti foi impresso em Ancona e circulou por toda a Itália. O grupo I.S.A., responsável pela impressão, fala sobre quem o redigiu.

"Os mortos são alegoricamente os nossos amigos *coattos*, os quais, mais vivos do que nunca, da Caiena italiana dão coletivamente notícias deles e exprimem os seus imutáveis sentimentos em meio a um Número único do qual nós corremos para curar a publicação. Esperamos agradavelmente os chiados e perdoem os autores, evocações perpetradas nos artigos enviados, e nos consintam de enviar uma palavra de afeto e de admiração a todos que, vítimas da reação, seguem combatendo em prol da causa e em sua tática se reafirmam, sinal eloqüente de que as perseguições não destruem nem esfriam os entusiasmos; mas ajudam ao invés a cimentar a idéia sublime do amor e da igualdade entre os povos, pela qual tantos obscuros mártires lutam e se sacrificam. "[117]

A campanha pelo fim do *domicilio coatto*, havia sido reiniciada no continente, juntamente com a campanha pela não participação dos anarquistas nas eleições parlamentares. Com a dispersão das principais lideranças pelas ilhas, ou em exílio no exterior, a oposição de esquerda sugeriu a apresentação de candidatos anarquistas nas listas do Partido Socialista, ou a votação nestas listas pelos simpatizantes do movimento.

---

[114] *Che cosa è il domicilio coatto, op. cit.*
[115] *Tortura e morte e domicilio coatto.* Avanti!, 24/01/1899.
[116] Ugo FEDELI, Momenti ed uomini del socialismo-anarchico in Italia: 1896-1924. Nápoles, G. Genovese, 1960, extraído de Volontà, n°. 10 e 11 (1960).
[117] I Morti, Ancona, n°. único 02/11/1899.

Apesar do confinamento a que os anarquistas estavam submetidos, a mente continuava agitada e a vontade de contribuir maior do que nunca. Luigi Galleani sentiu-se ofendido com a proposta socialista e a rebateu veementemente.

"Precisa ter vivido, como muitos de nós, uma dezena de anos longe do mundo que combate e ama, longe dos vivos que nos adoram e nos recordam, das lutas que são a nossa aspiração, o nosso orgulho e a vida nossa, longe de todos os prazeres, de todas as satisfações intelectuais, de todas as festas íntimas do coração para saber quanto aquela aspiração de liberdade seja aguda e tormentosa às nossa almas...
Mesmo assim! Mesmo que se para sairmos daqui, tenhamos que levar uma bandeira que não seja a nossa, se a libertação terá que ser subordinada a uma negociata, se teremos para deixar estes rochedos, que carregar uma jornada da qual nos envergonharemos, se teremos que retornar diminuídos, cabisbaixos, com as mãos entre as pernas, depois de termos acendido a ídolos que repudiamos os incensos de uma veneração mentirosa... melhor permanecer!"[118]

A anistia chegou para boa parte dos anarquistas confinados, juntamente com o novo século quando o governo liberou da pena aqueles considerados menos perigosos. Ristori não foi incluído entre estes, nem Fabbri. Beneficiado com a liberdade condicional da outra vez em que esteve preso, naquela ocasião retornou ao cárcere sob a acusação de ultraje às forças da ordem. Desta feita, não lhe foi dada clemência. Confinado, organizou novamente em março, repetindo o que já havia realizado cinco anos atrás em Port'Ercole, uma manifestação em comemoração ao aniversário dos trinta anos da Comuna de Paris, depositando, juntamente com Luigi Fabbri e outros companheiros, uma coroa de flores na lápide que na praça principal de Ponza, recorda os patriotas mortos e relegados naquela ilha.

"Sobre a coroa de flores, pousava uma fita com a inscrição '*Ai rilegati di ieri, i rilegati di oggi*'. Rapidamente, se aproximou do local, uma pequena multidão de curiosos, sobretudo de *coattos* e os anarquistas improvisaram um comício. Mas a imprevista 'desordem' foi bruscamente interrompida pela intervenção dos *carabinieri*. Na sentença de condenação o juiz da ilha, Mangioni, escreveu: 'A propaganda anarquista nesta ilha é ativa e torna-se perigosíssima porque é destinada a malfeitores; ou seja aos *coattos* comuns."[119]

---

[118] Artigo de Luigi Galleani para o n °. único I Morti, *in* Pier Carlo MASINI, Storia degli anarchici italiani nell'epoca..., *op. cit.*
[119] Silverio CORVISIERI. All'isola di Ponza. Regno borbonico e Italia nella storia d'un isola (1734-1984). Il Mare Libreria Internazionale, 1985, pp. 217-218.

Devido a esta ação Ristori foi processado por associação com o fim de delinqüência e acabou sendo sentenciado a 35 dias de prisão pelo crime de desordem, em 17 de abril de 1900.

Como conseqüência deste episódio, os *coattos* começaram a serem transferidos para outras ilhas. Fabbri foi enviado a Favignana e Ristori para Ustica. Em seis meses de convívio cotidiano, duas importantes ações realizadas e a certeza de uma amizade que permaneceria. Futuramente ambos viveriam no Uruguai, porém em épocas diferentes, não se encontrando pessoalmente nunca mais, somente através de cartas e artigos de um para o outro onde perpetuaram a relação existente entre ambos. Oreste amadurecia e ganhava uma clara sofisticação intelectual, que aliada à sua infatigável ação prática pela causa da anarquia, o levaria à condição de um dos principais militantes do movimento anarquista internacional.

12.

Desde o início deste século Ristori começou a colaborar com jornais anarquistas esparsos pelo mundo mantendo um relacionamento sólido com os redatores do jornal argentino L'Avvenire e enviando-lhes, periodicamente, artigos pelo correio. O movimento anarquista estava bastante internacionalizado, enraizado junto a círculos de trabalhadores em vários países fora da Europa, em boa parte devido à grande imigração de italianos, espanhóis e eslavos, que difundiam e propagandeavam as idéias libertárias. Em muitos países, caso da Argentina e do Uruguai, estas idéias encontraram terreno fértil para crescerem junto à população nativa. A Argentina detinha na virada do século o mais forte e organizado movimento anarquista fora da Europa, com larga penetração em todas as camadas populares. Mas não foi somente com os argentinos, com quem Ristori estabeleceu relações dentro do movimento, como acompanhavam os agentes encarregados de sua vigilância.

"Desde 1901 era já notório como correspondente dos jornais anarquistas 'L'Agitazione' de Ancona - Il Risveglio de Genebra - Le Libertaire de Paris - L'Avvenire de Buenos Aires."[120]

Assim quando chegou em Ustica em maio de 1900, Ristori já era uma figura de destaque no movimento operário, respeitado pelos anarquistas e temido

[120] Fundo DOPS, ofício 1754, prontuário de Oreste Ristori, *op. cit.* AESP.

pelos autoridades. A ilha de Ustica, deserta e ainda mais isolada que a de Ponza, situa-se ao norte da Sicília, no mar Tirreno, com acesso de barco a partir do porto de Palermo. Lá, à exceção do sol mais inclemente e do calor árido, o cotidiano não era diferente das outras ilhas. Talvez mais solitário, já que separou-se de um grupo bastante coeso de anarquistas que conviviam em Ponza, Ristori continuava sempre de difícil trato e pouco afeito a submeter-se às autoridades. Na noite de 29 de julho de 1900, chegou de forma clandestina aos presos, a notícia: "Um anarquista chamado Gaetano Bresci, matou com um tiro de revolver o rei Umberto I". Logo após o atentado, Bresci assina uma carta explicando seus motivos, que pareciam bastante óbvios aos anarquistas.

"Matei o chefe de Estado porque segundo me parece, ele era o responsável de todas as vítimas, pálidas ou sangrentas, do sistema que ele representa e faz defender.
E, como já disse outras vezes, concebi tal propósito depois das sangrentas repressões ocorridas na Sicilia há oito anos atrás, através do estado de sítio proclamado por decreto real, quebrada a lei do Estado. E depois de ocorridas as repressões em 1898, ainda mais bárbaras e em maior número sempre através do estado de sítio proclamado por decreto real, meu propósito tomou maior empenho."[121]

Sentiam-se assim vingados boa parte dos anarquistas, em seus exílios forçados pelas ilhas, do massacre ocorrido dois anos atrás. Os atentados cometidos pelos anárquicos individualistas foram duramente criticados por Malatesta e companheiros próximos, para quem esses atos, mesmo que passíveis de serem compreendidos, somente atrapalhavam o crescimento do movimento, confundindo junto à população o real objetivo da anarquia. Retomando a discussão anterior sobre a criminalidade dos anarquistas, para Pio Marconi "a maior parte dos escritores anarquistas, ainda que justificasse e defendesse tais atos criminosos, mantinha-se bem longe de uma legitimação indiscriminada da criminalidade. Para explicar a criminalidade vem sublinhado o estado de necessidade do culpado, ou mesmo vem denunciada a injustiça das leis vigentes e do sistema penal. Mas o delinqüente, mesmo aquele que se autoproclama apóstolo do libertarismo, não vem quase nunca considerado absolutamente inimputável."[122] Já, nos escritos de Ristori, nunca encontramos palavras que recriminassem os atos terroristas. Pelo contrário, Oreste faz a defesa pública de Bresci quando da morte deste na prisão, três anos depois.

---

[121] publicada no 17°. aniversário do atentado, pelo jornal La Batalla, de Montevidéu, 2ª. quinzena julho/1917, sob o título "A tragédia de Monza 29 de julho"
[122] Pio MARCONI *op. cit.* pp. 37-38.

"E morreu, o infame monarca, o digno rebento da estirpe dos Savoia - estirpe infernal de carniceiros e de ladrões.
Morreu debaixo dos golpes secos e medidos do galhardo tecelão de Prato, do obscuro soldado do exército revolucionário, do heróico vingador das plebes miseráveis e oprimidas. Morreu, como um tirano morre, sob o ferro da justiça popular. A sua memória jaz sob o peso da execração pública. A sua história é história de sangue, de terror, de luto. As suas vítimas, que se contam aos milhares, surgem, com os braços sangrando, dos abismos da morte - testemunhas eternas de suas horripilantes atrocidades...
...Sobre a sua memória não choram que a máfia e a *camorra* do mundo oficial: monarcas, príncipes, ministros, barões, etc. - toda a fina flor da burguesia dominante. O povo da terra, neste dia que assinala a queda do mais imbecil dos reis, do mais odioso entre os tiranos, não pode que entoar um canto elogioso ao jovem herói, ao anarquista ousado que os esbirros de Vittorio Emanuele III estrangularam na prisão perpétua de S. Stefano.
Quando as multidões oprimidas não tem a coragem civil de quebrar as correntes da escravidão sobre o focinho sujo dos déspotas, devem pelo menos tomar-se de admiração e de reverência pelo anônimo revolucionário que se eleva acima da covardia coletiva...
...Gaetano Bresci não matou um seu semelhante; matou um velhaco, um felino com sede de sangue; não matou covardemente, porque tirando-a, ofereceu a própria vida à causa dos oprimidos; não suprimiu o tirano para substituí-lo, mas para liberar o povo de sua tirania, para suscitar neles sentimentos de ódio e rebelião contra qualquer forma de exploração e escravidão...
...Umberto viveu de sangue e de rapina; Bresci, de trabalho e de amor; Umberto não conheceu que orgias e tripúdios; Bresci, não conheceu que miséria e desespero: Um foi fera de fato de ferocidade; o outro se distinguiu na piedade. Este merece a apoteose, aquele a injúria perene dos posteriores."[123]

No bojo da conturbada situação que se estabeleceu na Itália com a morte do rei, Ristori conseguiu enviar desde Ustica, junto com outros anarquistas presos na ilha, um postal injurioso ao comissário de polícia em Roma, difamando o governo e políticos em geral. Por causa disso, o conselho de disciplina da ilha o puniu em 5 de outubro de 1900 a passar trinta dias a pão e água. Emagreceu alguns quilos, regime bom para manter a forma e deixá-lo ainda mais duro e intransigente. Em 7 de dezembro foi preso novamente por transgredir as obrigações do *domicilio coatto*. Vendo que seria impossível sua permanência tranqüila na ilha, o juiz de Ustica o manda cumprir pena de 2 meses de reclusão no continente. Porém, durante a transferência para Palermo, junto a outros anárquicos, estes rebelam-se e ameaçam os guardas locais insuflando os presos a lutarem. O diretor da colônia de Ustica não agüenta mais Oreste e envia um ofício à Direção Geral de Segurança Pública em Roma onde desabafa.

---

[123] Artigo de Oreste Ristori, "*Chi di ferro uscide... di ferro muore!*" em L'Avvenire, de Buenos Aires, n°. 17, de 08.08.1903.

"...o defino como anarquista perigosíssimo, ativo propagandista e de notória influência junto aos companheiros de seita".[124]

Como esperado, o tribunal de Palermo responsabilizou-o, em janeiro de 1901, pela rebelião ocorrida e pelas violências e ameaças contra a Força Pública. Desta vez, mais dez meses de pena a ser cumprida na cadeia de Palermo[125]. Nesse período de solidão forçada na cela da prisão siciliana, Oreste vislumbrou a possibilidade de recomeçar a vida, retomar sua ação em outro lugar, outro país. Era a época da grande imigração italiana, quando muitos anarquistas saíam para o exílio e deixavam a pátria cantando:

"Noi siamo i derelitti per	"Nós somos os marginalizados
un sapere sano	por ter um sadio saber
cacciati dalla patria	expulsos da pátria
lontano lontano	longe longe fomos ter
Ma sempre teniamo in petto	Mas sempre mantemos no peito
l'instinto dei ribelli	o instinto dos rebeldes
non siamo no gli agneli	não somos carneiros inertes
sotto il tallone	sob o manto
della schiavitù..."[126]	da escravidão..."

Recomeçar em uma terra cujas notícias chegadas à Itália eram muito favoráveis tornando-a bastante interessante. Grandes espaços vazios, poucas pessoas, uma significativa presença de italianos, enfim, um país rico. Os ecos da Argentina seduziram Oreste Ristori. Nesse início do ano de 1901, numa cela quente e suja da Sicília, longe de todos, ele toma a decisão que modificaria completamente sua vida.

- L'America. Ecco fatto, me ne vado in Argentina!

---

[124] Cfr. protocolo 1486, *Cenno biografico...* Dossiê Oreste Ristori, *op. cit.* ACS, CPC.
[125] *Id. ib.*
[126] Canção colhida por Tiziano Merlin em Pozzonovo, da voz de um velho trabalhador braçal, *in* Tiziano MERLIN *op. cit.* p.277.

1901-1905

13.

A pena em *domicilio coatto* que Ristori cumpria, expirou em 23 de março de 1901 e ele, que se encontrava preso em Palermo, foi finalmente posto em liberdade para alívio dos comissários, juizes e guardas carcerários locais. Ristori foi reconduzido à sua cidade natal, onde chegou em 28 do mesmo mês, aventando sobre a possibilidade de emigrar para a Argentina. A novidade pegou de surpresa seus antigos companheiros, logo agora que encontrava-se constituído em Empoli, o grupo anarquista antiorganizador **La Speranza.** Os anárquicos buscavam um espaço de inserção no novo panorama político italiano.

"Os socialistas anárquicos do grupo La Speranza de Empoli, enquanto reafirmam a sua fé nos ideais comuns. Declaram a sua solidariedade com os companheiros processados em Ancona. Seguem a assinatura de Petri e de outros 15 companheiros."[1]

O novo grupo, constituído num processo de retomada do movimento, empenhava-se em uma mudança nas formas de luta adotadas pelos anarquistas que vinham sendo consumadas sobretudo após a greve geral ocorrida em Gênova no início daquele ano. Seguindo a nova orientação vencedora no último congresso internacional anarquista em Paris, os anarquistas de **La Speranza** trabalhavam no sentido de ingressar nas organizações de resistência operárias entendidas como essenciais para a revolução social, prenunciando aquela que seria a fase de crescimento do anarco-sindicalismo entre o operariado empolês. O maior exemplo disso foi o empenho conjunto de socialistas e anarquistas para a constituição conjunta de uma Câmara do Trabalho em Empoli. O anarquismo local procurava retirar definitivamente de suas costas a imagem de marginalidade que a sociedade lhe imputava. Esta busca por uma aceitação institucional não foi bem vista por Ristori, que cada vez mais seguia uma posição antiorganizadora no movimento. Viu assim em seu retorno a Empoli praticamente todas as portas fechadas para a sua atividade política, o que o deve ter estimulado a seguir de encontro aos seus companheiros argentinos.

Um fato inusitado precipitou ainda mais seu desejo de deixar o país. Em julho de 1901, surge um boato entre os anarquistas de Empoli sobre um possível homossexualismo de Oreste. Se esta era uma prática sua ou se foi apenas uma acusação forjada com o objetivo de dividir o movimento e

---

[1] Cfr. o *Cenno biografico al giorno* de Enrico Petri, na Prefeitura de Florença, n °. 12630, no dossiê Petri Enrico, busta 3901, Casellario Politico Centrale, CPC, Archivio Centrale dello Stato, ACS, Roma.

separá-lo definitivamente do grupo anarquista local, nunca saberemos ao certo. É uma fonte policial que relata este fato.

"**Ristori** teria se retirado do grupo de anarquistas de Empoli em seguida ao desgosto que seus companheiros lhe manifestaram quando em julho de 1901 souberam em modo indubitável que ele se abandonava a atos de pederastia passiva."[2]

Esta é, ao longo da vida de Ristori, a única passagem envolvendo suas práticas sexuais que se tornou pública. De qualquer modo, sendo ou não o fato verdade, o que se poderia esperar nos meios libertários seria pelo menos uma maior tolerância em relação à condução da vida sexual de seus integrantes, o que não ocorreu neste caso, mostrando uma moral sexual ainda conservadora no meio social em que circulava Oreste. O "desgosto que seus companheiros lhe manifestaram" não deve ter sido maior que aquele que ele sentiu em relação a seus amigos depois de três longos anos afastado de Empoli sofrendo com as agruras das prisões italianas. Um regime carcerário que induzia os prisioneiros a diversas formas de subjugação através da violência, inclusive as de cunho sexual. Para a polícia, esta denúncia serviu para abaixar o fogo do anárquico prepotente. Seja como for, ele arrumou os poucos pertences pessoais, despediu-se de quem encontrou, nas praças, nos bares, nos cafés onde se constituiu como homem público e abandonou a cidade de Empoli no início de agosto. Oreste, que havia apenas completado 27 anos, embarcou clandestino em um navio que, de Gênova, seguia em direção à América do Sul.

Na escala que fez no porto de Marselha, Ristori foi desembarcado porque não portava passagem e, detido em terra, não pode seguir viagem. Já em território francês, burlou a vigilância da polícia de fronteira marítima e permaneceu no país onde tinha contatos com antigos companheiros lá estabelecidos quando de sua passagem anterior pelo sul da França. Ristori deve ter recorrido a Luigi Campolonghi, que ocupava "um lugar importante entre os milhares de políticos da emigração"[3], pedindo algum auxílio para sair da França, o que acabou não conseguindo. Cientes de sua presença, as autoridades marselhesas se põe em setembro, a vasculhar os possíveis locais onde ele pudesse ser encontrado.

---

[2] Cfr. o *Cenno biografico al giorno* de Oreste Ristori, junto à Prefeitura de Firenze, protocolo 27435, no dossiê Oreste Ristori, busta 4342. CPC, ACS.

[3] Cfr. Renée LOPEZ e Emile TEMINE, Migrance. Histoire des Migrations a Marseille (1830-1918). V. 2. Aix-en-Provence, Edisud, 1990. p. 114.

"As buscas efetuadas no estado civil, hospício, polícia, escolas, asilos, locais de trabalho, entre os meios anarquistas na via pública e no movimento do porto, para descobrir o paradeiro do anarquista **Ristori Oreste**, também conhecido por Carlo Ancilloti ou Fulvi se mostraram infrutíferas."[4]

Mestre dos disfarces, Ristori percorreu as cidades próximas a Marselha em busca de meios para prosseguir sua viagem, mas não demorou muito a ser detido pela polícia como um desocupado, na cidade de Berre. Para não ser imediatamente deportado, já que carregava em suas costas ainda o processo de expulsão anterior, fez-se passar por Carlo Moroni, natural de Carrara. Preso com este nome, foi enviado a Aix-en-Provence[5], onde fechando o quebra-cabeça, foi identificado pela polícia local como sendo Oreste Ristori, o velho conhecido das autoridades francesas. Desta feita, por violar o decreto de expulsão da França que lhe havia sido anteriormente imputado[6], foi condenado a um mês de prisão enquanto aguardava sua deportação do país.

Em 23 de novembro, Ristori volta à Itália consignado às autoridades italianas na fronteira de Ventimiglia, e em 7 de dezembro é transferido novamente para Empoli onde, com certeza, era o último lugar em que queria permanecer[7]. Oreste pouco estava se importando com Empoli, ou mesmo com a Itália. Na verdade já estava cansado de toda a Europa, que naquele momento não o aceitava. Seu destino era outro. A idéia fixa da América não lhe saía da cabeça.

E foi assim, partindo em busca da construção de seu próprio destino, que logo no início de 1902 afasta-se de Empoli em direção ignorada, fugindo da liberdade vigiada que lhe era imposta. A P.S. italiana expediu pelas redondezas de Empoli várias circulares junto às autoridades locais, solicitando sua prisão assim que o interceptassem. Nesta sua trajetória perene de fugas foi novamente capturado em 17 de janeiro, na cidade de Carrara, onde já estivera anteriormente e mantinha contatos com companheiros e amigos. Em Carrara estava estabelecido Enrico Petri que havia assumido o cargo de secretário provisório da Câmara de Trabalho

---

[4] Ofício de 13/09/1901, Marselha, fundo Cabinet du Prefet, CP, série 1M 1381, fascículo 215, Oreste Ristori. Archives Départementales des Bouches-du-Rhone, ADBR, Marselha.
[5] *Id. ib.*, protocolos 2688, 3090, 27248.
[6] Ofício 1754 de 01/05/1911, proveniente de Roma, no Fundo DOPS, sob guarda do Arquivo do Estado/SP, AESP. Pasta 364: prontuário de Oreste Ristori - anarquista.
[7] *Cenno biografico...* Protocolo 27435 e 28025, Dossiê Oreste Ristori, *op. cit.* ACS, CPC.

local dirigida por uma maioria de anarquistas e republicanos[8]. Com a ajuda de Petri, Oreste consegue uma ocupação fixa nessa cidade, fato que o impediu de ser novamente transferido para sua terra natal. Nos dois meses que permaneceu em Carrara, juntou dinheiro e auxiliou o trabalho que Petri desenvolvia promovendo a ação direta nos sindicatos para solapar o sindicalismo socialista promovido na região.

Uma vez diminuída a vigilância montada sobre ele, afasta-se em direção à França onde, mesmo sem passaporte, consegue atravessar a fronteira. É brilhante a capacidade da polícia italiana em rastear as pegadas de seus suspeitos políticos. E é justamente através dos informes da repressão que acompanhamos a trajetória de Oreste.

"O anárquico **Ristori Oreste**, partindo de Carrara em direção a Manton, portanto nesta última cidade na noite de 4 de abril de 1902, e, depois de ter pernoitado, repartiu de manhã cedo para dentro da França. De Mônaco, onde parece que tenha parado, alcançou Marselha nos últimos dias do mesmo mês, permanecendo até os primeiros dias do sucessivo junho, época na qual partiu em direção a Barcelona."[9]

Considerando-se os padrões da época, até que para alguém nascido num meio pobre e de baixa condição social, Ristori nos mostra um invejável currículo de viagens, o que dificilmente conseguiria mantendo a vida de um simples trabalhador braçal da época, talvez o destino mais provável se fosse um indivíduo mais conformista em relação à realidade social. Nota-se nele a característica do inconformismo, típica dos libertários que aspiram a uma superação das opressões existentes nos espaços constituídos pela sociedade burguesa. Este caráter rebelde, motor propulsor de sua conduta foi, pouco a pouco, abrindo-o para uma série de subjetivações que formaram o indivíduo Oreste. E assim passou também pela Espanha.

"Em um bar no porto de Barcelona, certa tarde chegou um musculoso e sangüíneo tipo atarracado. Um grupo de embarcadiços, bebericando anisete, cantarolava:

'Bem unidos, façamos,
Nesta luta afinal...'

O ádvena, em estupenda voz de baixo, como se estivesse num palco, de pernas abertas, firmemente apoiadas no solo, completou o estribilho:

'De uma terra sem amos,
A Internacional!'

---

[8] Cfr. encontramos no resumo biográfico de Enrico Petri, em Franco ANDREUCCI e Tommaso DETTI, Il movimento operaio italiano: Dizionario biografico 1853-1943. V III. Roma. Edizioni Riuniti, 1979, p. 103.
[9] Prefeitura de Firenze, abril de 1904, n°. 13860, dossiê Oreste Ristori, *op. cit.* ACS, CPC.

- Chamo-me **Oreste**. Passei por Marselha e estou a caminho da América do Sul. *Tutto il mondo è un solo paese...*"[10]

Em pouco tempo consegue embarcar em um navio com destino a Buenos Aires. Porém ainda não seria desta feita sua chegada à Argentina.

"Embarcando clandestinamente naquele porto, no dia 26 do mesmo junho, no navio 'Sírio' da N.G.S. em direção à Buenos Aires, veio logo notada a bordo sua presença, e, mantido de olho, foi surpreendido fazendo propaganda anarquista entre os passageiros de 3ª. classe. Depois de ser interrogado, foi desembarcado em Las Palmas (Canárias) e enviado ao agente consular local."[11]

Definitivamente Oreste não se emenda. Qualquer espaço é um espaço possível para a propaganda da causa anarquista, mesmo que com isto tenha que pôr em risco seus próprios objetivos imediatos. O ímpeto sobrepunha-se à razão não lhe deixando ver o perigo eminente.

O mais óbvio, ao ser posto sob a custódia do consulado italiano de Las Palmas, seria o seu envio de volta à Itália, fato que não ocorreu. É bem provável que tenham sido as próprias autoridades italianas que fizessem com que o "encrenqueiro Ristori" desaparecesse de uma vez por todas de suas vistas. Assim, sob as vistas grossas das autoridades diplomáticas, e, quem sabe, até orientado por elas através de um "pelo amor de Deus mantenha-se comportado durante a viagem", Oreste se afasta definitivamente da Europa.[12]

"Em Las Palmas o **Ristori** embarcou, com muita probabilidade clandestinamente, em um dos muitos navios que, vindos da Europa para a Argentina, fazem escala naquele porto para reabastecimento de carvão, alcançando Buenos Aires nos primeiros dias do agosto sucessivo..."[13]

14.

Data de 9 de agosto o primeiro registro de sua presença na Argentina, quando fala sobre a emancipação humana no **Centro de Estudios Sociales**

---

[10] Memórias pessoais de Eduardo MAFFEI, amigo de Ristori, em seu romance A Greve. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1977. p.17

[11] Prefeitura de Firenze n °. 13860, dossiê Oreste Ristori, *op. cit.* ACS, CPC.

[12] Ver Anexo Mapas, p. ii: 4. O caminho de fuga da Europa.

[13] *Id. ib.*

de la Boca[14]. A escolha da Argentina como local de difusão da propaganda libertária não foi arbitrária. Os militantes anarquistas dispersos pelo mundo mantêm constante contato com a terra natal enquanto agem organizando o movimento em nível internacional. A espinha dorsal do anarquismo, sendo este um movimento internacionalista, reside justamente nesta dispersão de ativistas com a tarefa de promover a revolução social em todo o mundo. A percepção de que a transformação da sociedade poderia até ser iniciada dentro das fronteiras de um só país, mas que, o êxito final somente ocorreria quando ela se espraiasse ao redor de todo o planeta era bastante clara para as várias lideranças do movimento. Oreste, que despontava como uma delas, sabia da importância de Buenos Aires como um *relais* essencial dentro desta estratégia de luta.

Os imigrantes italianos e espanhóis mantinham contato com seus países de origem fortalecendo a militância com a troca de idéias e informações. Desde 1895 o jornal L'Avvenire era publicado em Buenos Aires. Fruto de um grupo de militantes expulsos do Brasil e lá radicados, reuniu em suas fileiras, anarquistas anti-organizadores e também alguns individualistas[15]. Até o fim da década, este periódico segue a tendência do L'Agitazione, de Ancona. Foi justamente colaborando nele que Oreste é apresentado ao movimento anarquista argentino, já na condição de envolvente orador.

O terreno para a propaganda anarquista na Argentina já havia sido desbastado anteriormente. Primeiro com a passagem de Malatesta na década de 80, e depois com a ajuda "extraordinariamente valiosa ao movimento"[16], que o companheiro Pietro Gori, advogado criminalista, exercera durante sua passagem por Buenos Aires, de junho de 1898 até janeiro de 1902. Gori, refinado intelectual e exímio orador seduziu com seu charme e erudição, além dos círculos operários, também amplas camadas da burguesia, que mesmo não compartilhando de suas idéias acorriam em peso às suas palestras. O anarquismo saía assim, das páginas criminais para o ambiente dos salões e teatros. Nesta esteira de massificação do movimento, proliferam os núcleos anarquistas e seus respectivos centros de estudos das linhas organizadoras e anti-organizadoras buscam uma maior aproximação.

---

[14] La Protesta Humana, de Buenos Aires, de 09/08/1902.

[15] Gonzalo ZARAGOZA RIVERA, Anarchisme et mouvement ouvrier argentin, *in* "Le mouvement social", abril/junho 1978 n °. 103, Paris, p. 7. Para um aprofundamento no tema do anarquismo na Argentina, ver do mesmo Gonzalo ZARAGOZA RIVERA, Anarquismo argentino (1876-1902). Madri. Ediciones de La Torre, 1996.

[16] Segundo Diego Abad de SANTILLÁN, El movimiento anarquista em Argentina. Argonauta. Buenos Aires, 1930, p. 70.

"Através da iniciativa do Centro Caballeros del Ideal e do Circulo de Estudos de la Boca teve lugar no domingo passado uma reunião dos grupos acima, com o objetivo de por fim às divergências surgidas entre o companheiro Spartaco Zeo (dos círculos de El Rebelde) e o grupo L'Avvenire, com o motivo da questão tática (organização e anti-organização), polêmica que transcendeu mais além do necessário.
Com satisfação pomos ao conhecimento dos companheiros que a encardida questão foi resolvida do modo mais satisfatório para ambas as partes".[17]

A policia italiana mantinha rigoroso acompanhamento das atividades políticas exercidas por todos os italianos considerados subversivos, inclusive os residentes no exterior e continuou vigiando Oreste, mesmo além mar, através de seus olheiros existentes dentro da comunidade italiana na Argentina.

"...o **Ristori**, que, durante o breve tempo em que está aqui, se colocou em evidência através de uma infatigável propaganda com a palavra por meio de quase quotidianas conferências; com a pena mercê a colaboração assídua ao jornal L'Avvenire..."[18]

Desde sua primeira aparição Ristori rapidamente estreitou ligações com diferentes grupos anarquistas locais percorrendo toda Buenos Aires e arredores da capital conversando sobre os mais variados temas a partir de uma perspectiva libertária de transformação da sociedade. Nos bairros operários da Boca e de Barracas, em toda a região portuária, Oreste encontra-se envolvido nas reuniões e conferências anunciadas periodicamente nas páginas de La Protesta.

"No Centro de Estudios Sociales de la Boca, em novo local, La Madrid 553, conferência de **Ristori** sobre o tema A Emancipação Humana e também a participação do médico naturalista Juan Jorge Bobre."[19]

"No local do Grupo Libertário Corrales se celebrará uma conferência às 8 da noite na calle Gal. Urquiza 1855. O companheiro **Ristori** dará uma conferência sobre o tema 'Deus na mente dos ignorantes"[20]

"No local do grupo Defensores de Nuevas Ideas, Tucumán 2921, falarão amanhã domingo ás 8 da noite os companheiros Spartaco Zeo, **Oreste Ristori** e Julio Camba,

---

[17] La Protesta Humana de 19/04/1902.
[18] Carta de 27/01/1903, de Buenos Aires, endereçada ao Ministro do Interior - Direção Geral de *Pubblica Sicurezza*, PS, em Roma. Dossiê Oreste Ristori *op. cit.* CPC, ACS.
[19] La Protesta Humana de 09/08/1902.
[20] La Protesta Humana de 06/09/1902

desenvolvendo os seguintes temas: Porque somos anarquistas?, A religião e a questão social, e Ciência Social respectivamente."[21]

Cada grupo libertário tinha sua própria especificidade ou atingia determinado bairro, compreendendo afinal, toda a região portenha. O grupo **Defensores de Nuevas Ideas** organizava conferências, atos artísticos e representações teatrais com afluência de grande público. Já o **Los Libertários de Corrales** mantinham escola libertária para jovens e adultos. O grupo **La Antorcha** fora criado para difundir o anarco-comunismo na virada do século, e tinha um papel unificador entre os vários núcleos. E L'Avvenire constituía-se no principal periódico de propaganda.[22]

Grande parte do público presente às conferências era estranho às idéias anárquicas, e um dos principais objetivos dos encontros era justamente o de estabelecer a controvérsia com a parcela do operariado que estava sujeita à atuação dos socialistas parlamentários. A disputa entre socialistas e anarquistas pela hegemonia dentro do movimento operário dava-se em duas áreas de atuação: uma cultural, através da educação e outra econômica, no interior dos sindicatos. Porém, os socialistas atuavam também através de um braço parlamentar, dentro das instituições da República, e esta via era o alvo das críticas anarquistas.

"Domingo, 21 de setembro, às 3 da tarde, no Teatro Dória, com mais de duas mil pessoas entre as quais se notam o elemento socialista que acode para escutar a controvérsia legalitária anárquica...
...Toma a palavra **Ristori** depois de evidenciar a luta de classes entra na polêmica: o que quer o socialismo não é o 'dorme meu neném' sonolento das efêmeras reformas; o socialismo de verdade é uma tendência social de hoje em busca de um amanhã igualitário e livre; os socialistas presentes, de nosso tempo, se aliam aos governos; daí que às vezes, se consegue, por exemplo, a abolição de algum imposto, como a patente taxa injusta que pesa sobre os cachorros (risos). Entretanto não podem impedir que os encargos fiscais sobre as farinhas e outros artigos de primeira necessidade; a coisa é difícil. A impotência

[21] La Protesta Humana de 25/10/1902.
[22] Iaácov OVED, El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina. Siglo Veinteuno América Nuestra. México, 1978, p. 229.
"O Centro de Estudios Sociales El Sol celebra hoje sábado às 8 da noite uma conferência no local Paseo Colón 1195. Os companheiros B. Orsini e Oreste Ristori desenvolverão os temas 'O espírito revolucionário' e 'O triunfo da anarquia' respectivamente."
"No local do Grupo Libertário de Corrales se celebrará uma conferência às 8 da noite na Rua Gal. Urquiza 1855. O companheiro Ristori dará uma conferência sobre o tema 'Deus na mente dos ignorantes."
"Hoje sábado às 8 da noite, dará uma conferência o companheiro Ristori no grupo La Antorcha, 24 de Noviembre 152.
O mesmo grupo tem em ensaio o drama Aurora de Dicenta."
"No grupo Defensores de Nuevas Ideas, Tucumán 2921, dissertarão amanhã às 8 da noite os companheiros Ristori e Orsini sobre os temas O fim do mundo e O proletariado militante.

dos deputados socialistas se vê a cada momento: na Itália empreenderam uma campanha anti-africanista, e aquilo foi um agitar-se no vazio; enquanto que a enérgica resolução das mulheres de Pavia, opondo-se à exportação de soldados à África, evitou a morte de muitos condenados à guerra. Para abolir o imposto aos grãos o que não fizeram os socialistas na Câmara? E, sem embargo, a agitação popular, coroada pelas pedradas dos jovens das Marcas contra as oficinas de tributação, obrigou ao governo italiano a suprimir o pesado confisco em toda a nação.
Concluiu entre um nutrido aplauso."[23]

Estamos num momento em que o anarquismo conseguia, pela primeira vez na Argentina, superar as divisões internas e caminhar junto, penetrando definitivamente no meio operário portenho. O choque direto, pela hegemonia no controle dos grêmios e sindicatos operários, dava-se contra os *adormideiras*, termo pejorativo que designava os socialistas legalitários[24]. O Partido Socialista argentino e sua expressão na imprensa, o jornal La Vanguardia, detinham larga penetração junto aos trabalhadores locais que muitas vezes dividiam-se, participando das reuniões nos círculos libertários mas obedecendo ao comando socialista na hora do voto. Os socialistas argentinos praticavam uma política de barganha, com um caráter nitidamente reformista, buscando, antes de mais nada, a sustentação eleitoral. Os anarquistas, radicalmente contra qualquer participação política institucional, desprezavam a via eleitoral e pregavam abertamente o abstencionismo.

"O votante é um homem que vem, o dia que se obriga e não o outro dia, quando a autoridade o manda e diz: Chegou o momento de sancionar uma vez mais um sistema estabelecido por outros e para outros que não são vocês; de escolher aos que formarão parte deste sistema com ou sem a intenção de modificá-lo; de eleger aos que, para contribuir ao funcionamento da máquina hostil serão pagos em dinheiro, em influência, em privilégios e em honras; de rechaçar de novo a idéia de rebeldia contra a organização capitalista e de submeter-se uma vez mais à obediência à autoridade. Chegou, pois, o momento de VOTAR; é dizer, de fazer um ato cujo significado é: EU RECONHEÇO AS LEIS."[25]

Adotando esse mesmo princípio de defesa do socialismo anarquista contra a via parlamentar, inútil às causas do proletariado, da revolução social e permeada pela corrupção inerente ao próprio poder central, Ristori seguiu para a cidade de La Plata para outro embate entre anarquistas e socialistas.

---

[23] La Protesta Humana de 27/09/1902.
[24] Hugo del CAMPO, Los anarquistas. Centro Editor de América Latina, Buenos Aires, 1971, p. 74.
[25] La Protesta Humana de 03/03/1902.

"...**Ristori** abre a sessão recomendando ao público presente a maior atenção e que não o interrompam. Toma a palavra Torelli que segue encastelado no parlamentarismo, ao qual quisesse converter a todos os operários de La Plata para que o elejam deputado, porém ninguém parece convencer-se. **Ristori**, como na tarde, segue demonstrando que se de alguma reforma gozam os operários em algum país que valha a pena mostrá-la, ela se deve à ação econômica dos trabalhadores.
A burguesia cede sempre quando percebe que o povo é capaz de tomar o que não lhe dão. O temor à atitude revolucionária dos trabalhadores induz somente a transigir. Sobram, pois, os deputados populares quando os capitalistas transigem somente frente à capacidade revolucionária das massas. Há que fomentar esta capacidade e robustecer a consciência dos trabalhadores. Esta tese sustentou o companheiro **Ristori**. A reunião terminou às 11, em meio a um vozerio infernal contra Torelli, que declarou terminada a reunião."[26]

Nem sempre as reuniões envolvendo socialistas e anarquistas terminavam apenas com um vozerio entre a as partes litigantes. Em outras circunstâncias, principalmente nos primórdios da organização do proletariado argentino, em fins do século passado, muitas vezes os confrontos acabaram nas vias de fato. Eduardo Gilimón, que presenciou um destes choques, nos leva ao interior deste mundo operário.

"...Se comemorava o aniversário da Comuna de Paris...
...Extraordinário por seu mesmo valor e extraordinário porque tal comemoração em Buenos Aires indicava que também a Argentina começava a ferver o proletariado, com uma orientação internacional bem marcada. Às sete já o local estava quase cheio. O consorte, um alemão silencioso e taciturno balbuciava com dificuldade o castelhano e a quem o pequeno núcleo socialista respeitava,...
- Que êxito - dizia quando algum socialista entrava.
- São anarquistas - sussurrou receoso um.
- Tem que retirá-los - rugiu mas bem que disse o alemão...
...Os anarquistas tinham se apercebido do chiado dos socialistas e um aos outros se passavam a voz de não sair dali de nenhuma maneira.
Nisto, uma voz clara e forte começou a entonar a primeira estrofe do *Filho do Povo*, hino anarquista de vibrantes notas e de versos violentos, demolidores. Todo um hino de batalha."

Hijo del pueblo te oprimen cadenas
y esa injusticia no puede seguir;
si tu existencia es un mundo de penas,
antes que esclavo prefiere morir.

[26] La Protesta Humana de 18/10/1902.

Esos burgueses, asaz egoistas,
que asi desprecian la Humanidad,
serán banidos por los anarquistas
al santo grido de la libertad.[27]

"Contagiados os demais, acompanharam ao iniciador e um coro de duzentos homens ensandecidos, fez retumbar a casa atraindo aos transeuntes e vizinhos não acostumados certamente a serenatas daquela espécie.
Quando a última nota vibrou na estância, uma formidável salva de palmas aprovou o canto. Eram os mesmo cantantes, que transbordando de entusiasmo aplaudiam. E como se o programa tivesse sido traçado de antemão com escrupulosidade, milhares de folhas soltas voaram pelos ares, caindo sobre os concorrentes que se apressaram a lê-las. Eram pequenos manifestos em que se reivindicava para os anarquistas o direito a comemorar o aniversário da Comuna, feito violento e portanto anti-socialista, anarquista...
...Os grupos se desfizeram e uma avalancha de homens se precipitou sobre a mesa.
Todos queriam falar primeiro.
Os socialistas pretendiam que os anarquistas não falassem.
O local era deles, para isso o pagavam.
Os anarquistas não reconheciam direito algum de propriedade.
O escândalo foi aumentando cada vez mais.
No mais agudo, soou um tiro e a concorrência se precipitou até a rua, deixando o salão quase vazio.
Quando os agentes da polícia chegaram, apenas se puderam deter a uma dúzia de pessoas..."[28]

A violência, como este relato a coloca, fazia parte do cotidiano operário. Não a violência banalizada gratuita e ausente de qualquer referencial ideológico em que o capitalismo fez por desembocar a sociedade nos dias de hoje, mas um confronto no plano racional, das idéias, que por conta da emoção envolvida, às vezes, transformava-se em litígio corporal. Porém, não eram somente desta estirpe as reuniões operárias que se realizavam abundantemente. Como vimos na relação de algumas das palestras proferidas por Ristori junto aos círculos anarquistas, muitas conferências tinham um conteúdo não diretamente político, tratando também de temas

---

[27] Filho do Povo, publicado no original espanhol por La Battaglia, n°. 108.
Filho do povo te oprimem correntes
e essa injustiça não pode seguir;
se tua existência é um mundo de pena,
antes que escravo preferes morrer.
Esses burgueses, assaz egoistas,
que assim desprezam a Humanidade,
serão banidos pelos anarquistas
ao santo grito da liberdade.

[28] Eduardo GILIMÓN, Um anarquista en Buenos Aires (1890-1910). Centro Editor de Latino América. Buenos Aires, 1971.

culturais ou artísticos, sempre com o objetivo de ampliar a consciência da classe operária.

"Organizado pelo Centro de E. Sociales de La Plata, se levou a cabo no domingo anterior em honra a Zola naquela cidade. A coluna se organizou na Plaza Itália à 1 da tarde, aderindo-se a ela a sociedade de padeiros que celebrava esse dia seu aniversário e foi até o Teatro Olimpo, onde esperava uma numerosa concorrência...
...Segue no uso da palavra o companheiro **Ristori** estudando em fogosos períodos o pensamento e a obra de Zola, que lhe valeram nutridos aplausos do auditório."[29]

Evidente que os assuntos abordados o eram sempre de forma a fazer propaganda do socialismo e a apologia da luta de classes. Os libertários nunca se expressaram literariamente através de um gênero próprio, mas os romances mais lidos, os naturalistas ao estilo de Zola e Anatole France, detinham sempre uma forte carga social em seu enredo. Principalmente Zola, por quem os anarquistas tinham especial admiração e cujos romances eram lidos em grupo em voz alta, capítulo a capítulo, como uma novela diária, enfatizando as passagens que referiam-se diretamente ao movimento libertário.

"Depois de almoçar, nos dias de folga, sobretudo no verão, nós íamos com Magliano a um lugar com pedras, com pequena enseada de areia, que dava nos fundos de uma usina, ao terminar a rua Salto. Ali nos entregávamos à leitura de romances, entre eles, 'La Hija de Cardenal', de Cezzano...Porém a obra que mais líamos nos últimos tempos, era 'Germinal' de Émile Zola, chamando-me a atenção que a passagem onde se descrevem os efeitos da bomba colocada na mina por um revolucionário, o lia repetidamente, e além do mais, estava marcado com tinta vermelha." [30]

A educação livre, a cultura e a arte, paralelamente à luta econômica travada nos sindicatos, representam para os libertários os campos de atuação estratégicos para a tomada de consciência das sujeições impostas pelos dispositivos disciplinares e normativos do poder. São as áreas de atuação do indivíduo onde ele pode determinar-se no sentido de realizar uma vida, digamos esteticamente bela. Se percebermos a partir desse prisma - a construção do ser libertário como sendo a realização de uma vida de resistência às imposições e à dominação - então é possível observar em suas práticas um prenúncio das concepções foucaultianas sobre a analítica do poder. Para Foucault, o poder em si não é negativo, visto que a sociedade está, em todos os níveis, permeada pelo jogo do poder. O que é negativo é a

---

[29] La Protesta Humana de 11/10/1902.
[30] Manuel de CASTRO, Oficio de vivir. Ediciones Banda Oriental. Montevidéu, 1959, p. 249.

transformação do poder em estruturas de dominação. Estas somente são rompidas quando a conduta do indivíduo caminha para uma ética que o torne capaz de, autogovernar-se em termos anarquistas, ou fazer de sua vida uma obra de arte, a estética de existência em Foucault[31]. Poderíamos ir além e identificar no ideal libertário da antisoberania, a construção de um sujeito nômade fugindo às imposições clássicas do estado burguês, praticando caminhos alternativos, aquilo que Deleuze chama de linhas de fuga[32], rompendo com os mecanismos de controle social e projetando-se em direção a outro platô constitutivo.

Estabelecidas estas aproximações entre os antigos anarquistas e os atuais pós-estruturalistas, temos também que reconhecer a principal diferença histórica entre ambos. O anarquismo clássico não conseguiu todavia, romper com uma síndrome que dominou o pensamento ocidental do século passado, tornando-se ele também refém de uma discutível razão humana, que limitou, e muito, a possibilidade de romper-se alguns padrões morais da época que não serviam à libertação do indivíduo. Marcando a ruptura pós-moderna com a herança humanista nos saberes, "a crítica que Deleuze faz ao humanismo caminha em paralelo àquela de Foucault, negando ao sujeito a dignidade de sua autonomia mediante uma análise dos mecanismos pelos quais este vem a ser constituído como sujeito"[33] Esta crítica já vinha se realizando anteriormente entre os libertários, com relação aos pressupostos clássicos do anarquismo, desde 1922, quando Malatesta dispensou a prior julgamentos e moralismos científicos.

No início deste século os anarquistas já haviam percebido a determinante relação da esfera cultural sobre a econômica. Sem o despertar de uma consciência social, sem uma profunda modificação nas relações sociais entre os homens com o estabelecimento de estreitos laços de solidariedade entre as pessoas, a conquista da liberdade individual sem prejuízo da liberdade ao

---

[31] Sobre a analítica do poder, os mecanismos de controle e as possibilidades de libertação do indivíduo, podemos ver Michel FOUCAULT, La Arqueologia del saber. Siglo XXI Editores. México D.F., 1970. (Ver a introdução pp. 26-27, ...sino en esse campo en el que se manifiestam, se cruzam, se entrelazan y se especifican las cuestiones sobre el ser humano, la conciencia, el origen y el sujeto...); Microfísica do Poder. Rio de Janeiro. Graal, 1996; A vontade de saber. Rio de Janeiro. Graal, 1977. Sobre uma conduta ética do indivíduo e uma estética da existência, algumas posições em História da Sexualidade V. II. O uso dos prazeres. 1994 e V. III. O cuidado de si. Rio de Janeiro. Graal, 1985.

[32] Em Giles DELEUZE. Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro. Editora 34.

[33] Todd MAY. Pós-estruturalismo e Anarquismo, *in* Revista Margem, EDUC, PUC/SP, n°. 5, 1996, p. 180. Sobre as ligações de Foucault e dos pós-estruturalistas com o anarquismo, ver na mesma revista, Edson PASSETTI, Foucault Libertário; Wilhelm SCHIMID, Da ética como estética da existência; Salvo VACCARO, Foucault e o anarquismo.

semelhante, o fim último da anarquia, não se realizaria. Ora, sem esta utopia realizada a que serviria, afinal, a Revolução? Qual o objetivo da luta pelo poder? E depois da tomada do poder, em que bases se formaria a nova sociedade se, o universo cultural de que dispunha o proletariado revolucionário continuasse baseado na mesma concepção autoritária existente antes desta hipotética revolução?

Estas as questões anarquistas. Suas respostas a história nos mostrou através das bases em que se sustentou o socialismo real da Revolução Russa e das demais revoluções socialistas autoritárias. A tomada do poder por si só não garante revolução alguma. Garantiu alguma melhora econômica ao conjunto da população, inseriu os países no rumo da modernidade, mas não lhe deu a liberdade de escolha, e sem esta espontaneidade não se afirmou. A revolução possível processa-se no dia a dia, na construção da consciência libertária da classe trabalhadora em suas práticas políticas, econômicas, afetivas e culturais. Sem isto, não há revolução possível! Por isto, Oreste é impensável sem o anarquismo. Sua fuga às sujeições impostas dá-se com a construção de sua consciência libertária. Ristori somente se individualiza a partir do mergulho decisivo naquilo que podemos chamar de modo genérico, de cultura libertária.

15.

"Uma greve de padeiros que teve lugar em julho e agosto de 1902, o subsequente boicote da Sociedade de Resistência da padaria "La Princesa"; a morte de dois fura greves; a incursão - por ordem do juiz - de numerosas forças policiais que causaram sérios destroços em móveis e utensílios do local sindical; e, o processo aberto contra o secretário do grêmio e vários companheiros mais, produziram entre todos os trabalhadores grande indignação. Para condenar os atropelos cometidos pela polícia se realizou um grande comício com participação de 20.000 concorrentes, no que fizeram uso da palavra oradores socialistas e anarquistas."[34]

De julho a novembro de 1902 uma série de eventos localizados, resumidos acima por Sebastián Marotta, dava sinais de uma crescente tensão que se formava entre trabalhadores, patrões e as forças policiais. A mobilização das classes trabalhadoras que vinha sendo construída nos últimos anos, levou as lideranças operárias à organização do grandioso comício que precipitou a deflagração de uma greve por toda a cidade de Buenos Aires, espalhando-se

[34] Sebastián MAROTTA, El movimiento sindical argentino, tomo I. Buenos Aires, Ediciones "Lacio", 1960, pp. 143-144.

também para outras cidades da província. É Félix Basterra que nos dá a versão anarquista sobre os acontecimentos.

"Principiou com os peões do Mercado Central de Frutos. Pediam estes trabalhadores mais jornal, menos horas de trabalho e reconhecimento da sociedade gremial.
Os estivadores, não podiam continuar trabalhando sem prejudicar a causa dos peões Barraqueros. Por solidariedade de classe, pois, se declararam em greve.
Os carreteiros, carregando mercadoria, tinha sido algo assim como um insulto aos estivadores, dado que ambos os trabalhos se completam. Compreendendo-o assim e respeitando o pacto de união que carreteiros e estivadores tinham preestabelecido, se resolveram pela greve.
Como a Federación de Rodados notasse que as carruagens começassem a utilizar-se para transportar mercadorias, se decidiu também pela greve, e o tráfego, à exceção dos bondes, cujos empregados não estavam associados, resultou que parassem.
Houve o que às vezes se vê: covardes que não quiseram aderir ao movimento, preferindo ir contra seus próprios interesses antes que danar os dos amos. E, portanto, houve incidentes a granel."

A análise anarquista nos mostra um movimento de solidariedade espontânea que, como numa queda de peças de um jogo de dominó, foi aumentando em forma de avalanche assumindo contornos de greve geral. Não que tivesse sido orquestrado com tal propósito em seu início, mas foi se constituindo durante o processo da greve, a despeito das tentativas de acomodação do movimento que os socialistas legalitários defendiam.

"Entretanto, o soldado e o policial faziam das suas. Ademais, o presidente Roca nos ameaçava com um decreto de sua imperial entranha, mercê ao qual nos podia enviar desterrados, ao país de origem. Ademais, os socialistas começavam, destemperadamente, como sempre, a protestar contra o caráter de greve geral que o movimento assumia. Ademais, os diários já fazia dias que nos arrebentavam com essa imbecil espécie dos "empresários de greve", os "agitadores de oficio", os propagandistas de "profissão" e outras baboseiras bastante carregadas.
Por cuja razão, coisa de combater tudo em massa por meio de um sério protesto, a Federación Obrera Argentina se determinou pela greve geral.
Então, quase todos os grêmios, os padeiros em primeiro lugar, pararam o trabalho.
Como se vê, não se tratou de incendiar o albergue *criollo*.
Era um ato que não podia, de maneira alguma, levar a feitos maiores. E toda aquela gritaria burguês-socialista, não passava de barulho de galinheiro; foi absurdo e disparate de péssimas intenções entrar a dizer ao público que a greve geral, era feita por anarquistas, supunha uma tentativa de revolução contra as instituições (*La Nación*) para a qual não estávamos preparados (diziam, com medo como ratos, os socialistas)...
...Às oito entrou o projeto na câmara dos grandes, e às dez e pouco saiu da segunda assembléia a lei solicitada por V.E., lei que fazia do presidente um juiz, parte ao mesmo tempo e executor inquisitorial...
...Aí vai o engenho:

Art. 1°. O P. E. poderá ordenar a saída do território nacional de todo estrangeiro que tenha sido condenado ou seja perseguido pelos tribunais estrangeiros por crimes ou delitos de direito comum.
Art. 2°. O P.E. poderá ordenar a saída de todo estrangeiro cuja conduta comprometa a segurança nacional ou perturbe a ordem pública."

Era o golpe de mestre contra os lideres grevistas, particularmente os anarquistas estrangeiros em seu trabalho de propaganda libertária, entre eles Oreste Ristori. Não obstante a ferocidade exercida pelo poder executivo, a greve continuou mesmo com o desmantelamento da liderança da organização sindical demonstrando o caráter genuinamente espontâneo, de baixo para cima, em que havia se deflagrado o movimento.

"Em 25 de novembro a paralisação foi total, completa. Só um ou outro veículo, escoltado por dois ou mais soldados da cavalaria munidos de pistolas *mauser*, passavam a terrível galope pela silenciosas ruas da metrópole.
Nas sociedades operárias, Boca, Barracas, Villa Crespo e Retiro. os grevistas deliberavam em assembléia perpétua. As comissões, redobrando a vigilância para que o trabalho não recomeçasse, iam de cá para lá revisando tudo.
Já havia presos e se fizeram novas detenções. Como não bastasse isto, se principiou a dissolver os grupos. E aqui os incidentes, individuais e coletivos. Houve novas prisões. Porém nas sociedades continuavam reunindo-se as pessoas.
Veio a declaração do estado de sítio. E se fecharam os locais de todos os grêmios e grupos libertários. Então começou com fúria a perseguição ao anarquista. Porém os companheiros, que desde a lei de residência sentiram o hálito funesto da hiena policial, com tempo tomaram suas medidas. Foi só assim como a autoridade ficou fula de ira ao não encontrar aos que ela tinha o antojo de considerar "principais cabeças" do movimento operário. Não obstante se decepou muito, e Camba, Troitiño, Montesano, Locascio e outros amigos que abominavelmente cometiam o crime de serem anarquistas, total um número de 64 companheiros, foram desterrados ao país de origem.
Os cachorros Javert, não conformes ainda, esperavam dar com os que haviam emigrado e cujas casas eram revistadas quase diariamente, saqueando-se nestes assaltos, a Libreria Sociológica, direção de *Protesta Humana*, e gráfica de *L'Avvenire*.
Enfim, um pau de cego repartido à direita e esquerda com uma ira verdadeiramente louca. A censura cortou tudo: os diários, a correspondência, o telefone."[35]

A imprensa conservadora argentina representada pelos grandes diários, em especial La Nación, percebeu que o desenrolar dos acontecimentos fugira ao controle do governo e o levaria a tomar medidas excepcionais, além daquelas que a situação realmente necessitava. Uma greve que se iniciou isolada, de repente, se transforma em greve geral adquirindo já contornos de greve revolucionária e vindo a fortalecer o trabalho de base que estava sendo

[35] Editorial de Felix Basterra em Protesta Humana de Buenos Aires, 11/01/1903, ano I, n°. 1.

realizado pelos núcleos anarquistas. A oligarquia argentina sairia perdendo de todas as formas. Se a greve fosse vitoriosa, colocaria a Argentina em estado pré-revolucionário; se a greve fosse desmantelada com o uso da força bruta, reforçaria o coro anarquista da intransigência do patronato e da impossibilidade de diálogo com o Estado. E, por conseguinte, legitimaria o discurso anarquista junto ao operariado como aquele que realmente correspondia à realidade dos fatos. Não era este tipo de solução, militarizada, que queriam os conservadores bonaerenses.

"A greve passa por um período agudo de excitação, tendendo seus promotores a difundir o alarme e impressionar a população. Nestes momentos a autoridade necessita conservar toda a sua serenidade e firmeza, traçando-se a linha de conduta que lhe impõe seus deveres de velar pela ordem e os direitos, reprimindo com energia tudo o que importe um avanço.
Se a autoridade ou o governo perde esse repouso e se deixa impressionar pelos incidentes, corre o perigo de dar pábulo à excitação e ter que forçar as medidas.
Fazemos este chamado à serenidade e à firmeza porque notamos a tendência a extraviar-se em recursos extraordinários, falando-se já de apelar ao estado de sítio, medida extrema que esta bem caracterizada em seus motivos constitucionais e que as circunstâncias não justificam...
...Se a autoridade se mantêm neste terreno firme e discreto, e se os patrões e empresários tem um pouco de paciência, esta greve se resolverá como outras tantas em outras partes: pela convicção dos grevistas de que com violência pioram sua causa e fazem impossível toda solução eqüitativa e passível de ser atendida."[36]

Os "ses" clamados por La Nación não se confirmaram e em 24 de novembro o estado de sítio acabou sendo decretado. Uma de suas resoluções proibia terminantemente qualquer notícia sobre a greve geral o que descontentava, inutilmente, a imprensa burguesa agora, ela também, refém do governo. O liberal La Nación mostrou sua resignação ante o regime de exceção que se desenhava.

"Ontem à noite às 12, recebemos a nota que vai mais abaixo do chefe de polícia da capital, dando instruções aos diários sobre a conduta que devem observar nas informações relativas à greve.
Não necessitamos dizer que acatamos a ordem, interpretando-a, porém, no sentido de limitar a informação ao estritamente indispensável e de não dar notícias 'que possam alarmar à população', como diz a mesma nota, cujo texto é o seguinte:
...O senhor ministro do interior me encarregou também, fazer saber à V. que deve suprimir-se em seguida a publicação de toda notícia ou comentário relativo à greve atual,

[36] La Nación, de Buenos Aires, 22/11/1902.

como assim mesmo anunciar a existência de notícias por meios que possam alarmar a população..."[37]

Na revista de variedades Caras y Caretas, a cara da pequena burguesia, vemos que a narração dos fatos relacionados à greve, seu início, o seu desenrolar e as ações empreendidas para por fim ao movimento, não diferem muito do relato do anarquista Basterra quanto à abrangência da greve geral e à repressão ao movimento.

"Inesperadas proporções alcançou no transcurso da semana anterior o movimento grevista iniciado pelos peões barraqueiros e estivadores. Firmes em seus propósitos, por uma e outra parte, patrões e trabalhadores, não cederam um ponto, mantendo uma situação anormal à que se quis dar uma solução apelando a diversas medidas: os trabalhadores incitando à greve a todos os grêmios, e os patrões requerendo o auxílio das autoridades, que em efeito, se prestou e de forma eficaz.
Os grêmios de motoristas, condutores de veículos, padeiros, trabalhadores em estabelecimentos industriais, cigarreiras, sapateiros e outros, aderiram ao movimento, se não em sua totalidade, com uma boa maioria dos membros que os formam...
...Em numerosas assembléias, como na de motoristas, por exemplo, os trabalhadores decidiram dobrar-se à greve.
A polícia interveio nestas reuniões com o fim de assegurar a manutenção da ordem."[38]

A atuação enérgica das autoridades que a imprensa burguesa tanto reclamava desde o início do movimento a fim de evitar que ele atingisse as proporções que efetivamente atingiu, deu-se de outra forma. O governo argentino não quis solucionar o problema da greve e tampouco quis combatê-la. Seu objetivo básico era arrumar um pretexto para retirar de circulação do país aqueles elementos que julgava prejudiciais, ou seja, a parcela mais politizada e combativa do proletariado, organizadora dos círculos gremiais, e as lideranças da FOA, a **Federación Obrera Argentina**, que naquele momento eram formadas, em grande parte, por estrangeiros. E isto ele conseguiu ao promulgar a Ley de Residencia[39] antes que a greve se generalizasse definitivamente. Com isto isolou os grevistas e fez recrudescer o movimento, outorgando-se desta forma o direito de empreender o ataque final contra a militância estrangeira dentro do país. Assim, os ativistas de nacionalidade argentina foram exilados na penitenciária de Ushuaia, no sul gelado da Terra do Fogo, e os estrangeiros mandados de volta aos seus

---

[37] La Nación ,de 25/11/1902.
[38] Caras y Caretas, de Buenos Aires, 29/11/1902.
[39] Para compreender melhor o impacto da Ley de Residencia na vida política argentina, em particular em seus movimentos sociais, ver o trabalho de Juan SURIANO, Trabajadores, anarquismo y Estado represor: de la Ley de Residencia a la Ley de Defensa Social (1902-1910). Conflitos y Procesos n °. 9. Buenos Aires. Centro Editor de América Latina, 1988.

países de origem, como descreveu Caras y Caretas em matéria realizada após o fim do estado de sítio.

"Declarado o estado de sítio, uma das primeiras medidas adotadas pela polícia foi a detenção dos principais instigadores da greve, propagandistas e operários exaltados. Os pavilhões do departamento resultaram insuficientes para tão crescido número de presos, em vista do qual se dispôs o translado de uma parte deles à prisão militar da Boca e ao depósito de detidos da Prefeitura. Mais de 150 grevistas se alojaram em ambos os depósitos. Muitos dos detidos foram colocados em liberdade, pois somente se lhes acusava de haver promovido desordens. Outros acusados de faltas mais graves, permanecem ainda na prisão e alguns formaram, por último, nos grupos de 79 cabeças deportados, saídos no 'Reina Maria Cristina' que partiu para a Espanha no dia 30 de novembro e no 'Duca de Galliera', para a Itália no dia 2 do corrente."[40]

O proletariado argentino, pelo menos o da província de Buenos Aires, encontrava-se no ano de 1902 bastante organizado e fortalecido por conta de toda a difusão de propaganda feita pelos anarquistas, somada à penetração operária da incipiente base parlamentar do Partido Socialista. Em 25 de maio de 1901 havia sido realizado o Congresso fundador da FOA por um grupo de Sociedades de Resistência. Estas recebiam a influência das tendências que desde os primórdios da AIT, a **Associação Internacional dos Trabalhadores**, disputavam a supremacia no movimento operário, ou seja, os autoritários, socialistas marxistas e os antiautoritários, anarquistas[41].

A FOA, que a partir de 1904 passou a se denominar FORA, **Federación Obrera Regional Argentina**, sempre teve um controle predominantemente anarquista em suas bases que, superando as oposições existentes entre os pontos de vista de seus próprios partidários - os refratários à organização e os organizacionistas - puderam dar especial ênfase à articulação de um grande frente de atuação no decorrer das sucessivas décadas, vindo a se constituir no principal centro de propagação das idéias revolucionárias. Nesse sentido a FORA pode ser considerada uma herdeira direta da **Primeira Internacional**[42].

O companheiro Oreste, mesmo não sendo membro de nenhuma associação gremial específica, sempre esteve ligado à FOA, em seus giros de propaganda pelo interior estimulando a criação e organização de novos

---

[40] Caras y Caretas, 06/12/1902.

[41] Uma discussão bastante abrangente sobre o movimento operário na Argentina e sobre a greve geral de 1902, foi realizada por Iaácov OVED, *op. cit.*

[42] Antonio LÓPEZ, La FORA en el movimiento obrero. Buenos Aires. Centro Editor de América Latina, 1987, p. 12.

grêmios operários. Segundo Iaácov Oved[43], "a atividade no interior se estimulou intensamente por meio de giros de propaganda, cumpridos por homens talentosos e destacados, como: P. Guaglianone, F. Basterra, D. Garfagnini, Virginia Bolten, G. Inglán, Montesano, Ristori. Saíam a percorrer distintas localidades em nome do comitê federal da FOA e fundavam sindicatos operários, enquanto realizavam pesquisas sobre a situação dos operários e encaravam as possibilidades de organização". Com a deflagração do movimento de greve geral, Oreste logo constituiu-se em uma das lideranças grevistas, encabeçando a comissão de propaganda da FOA.

"Respondendo ao manifesto distribuído profusamente anteontem à noite pelos membros da FOA, um crescente número de motoristas de particulares e de taxis se reuniram ontem às 2 da tarde em assembléia.
O membro da comissão de propaganda Sr. **Oreste Ristori**, pronunciou uma fala para por a par a situação atual dos grevistas, o incremento que adquiriu o movimento de resistência e indicar a norma de conduta a seguir pelos motoristas."[44]

A atuação de Oreste conseguiu unir os grêmios de condutores de veículos, tradicionalmente refratários às greves. Sua articulação de idéias e veementes discursos incitaram os trabalhadores a continuar seguindo na greve geral mesmo quando ela já estava sofrendo o desgaste da violenta repressão. Heis a opinião de Ristori sobre o caráter e a condução de um movimento grevista.

"Uma greve, mesmo se vencida, pode ser um desastre, como pode ser uma vitória, mesmo se soe derrotada.
Se pode considerar como desastrosas do ponto de vista social:
1°. as greves feitas ou a serem feitas unicamente para obter uma diminuição nas horas de trabalho;
2°. aquelas para obter um aumento de salário;
3°. aquelas para obter leis protecionistas, caixas de pensão, condições higiênicas, etc.
Pelas seguintes razões:
1°. Porque os patrões mesmo se cedem as *oito horas*, se refazem igualmente, aumentando o preço dos produtos no mercado;
3°. Porque os patrões, mesmo se observam as condições higiênicas estabelecidas ou não pela lei e admitem a caixa de pensão e tudo aquilo que de qualquer maneira pode ser útil para os trabalhadores, mas que constitua um agravo pecuniário para os patrões, estes se refazem sempre, no fim das contas sobre aqueles, seja diminuindo o salário deles, seja vendendo mais caro os produtos, seja por meio de multas, seja, enfim, com todos aqueles meios paulatinos ou com outros que a esperteza sugere ao capitalista.

---

[43] Iaácov OVED, *op.cit.* p. 231.
[44] La Prensa, de Buenos Aires, 23/11/1902.

Feitas com tais escopos, as greves não podem parir nenhum bom efeito; seu resultado é *zero*...
...Para que uma greve soe triunfante (do ponto de vista moral) para os operários, são indispensáveis estas condições:
1°. que seja bem organizada e em *tempo oportuno* seja declarada;
2°. que o lugar seja favorável e os pelemos locais não constituam, pela escassez de trabalho, um sério perigo;
3°. que haja bastante carestia ou grande demanda de gêneros alimentícios, ou de outra natureza, produzidos pela corporação grevista;
4°. que a moral desta última esteja, na generalidade de seus componentes, muito elevada e forte para poder resistir às privações, perseguições, miséria, corrupções, etc.
5°. que a influência perniciosa dos politiqueiros e dos mediadores, seja carta fora do baralho."

Em seus inflamados discursos Ristori sempre alertou para os riscos do movimento ocorrer sem consistência, de forma frouxa. Para ele, a greve somente adquire sentido se realizada com objetivo revolucionário, como prenúncio de um processo de transformação do estatuto do poder.

"Uma greve que signifique somente abstenção do trabalho por um tempo indeterminado, cruzamento de braços, que se mantenha nos limites da legalidade, nas formas de agitação pacífica ou de resistência passiva, é uma luta estúpida, estéril, improdutiva: uma luta que faz rir os patrões, e nada mais. Porque, com o ventre cheio lutam bem, resistem eficazmente aos operários que, debaixo do apelo da fome, deverão *inexoravelmente* ceder, e antes ou depois retornarão ao trabalho nas mesmas - se não piores - condições anteriores.
Os patrões, no resto, sentem eles também o espírito de classe, e freqüentemente lutam por miudezas, para mostrar que não cedem. E é natural que seja assim, pois que - se assim não fosse - *não existiria luta de classe*...
...Se considerarmos que na sociedade presente, enquanto existir a propriedade privada, a solução de qualquer problema é impossível como cada real melhoramento econômico, e que a supressão da propriedade privada deve ser portanto o único objetivo do proletariado consciente, todos os esforços dos revolucionários e dos trabalhadores em geral devem ser dirigidos a este objetivo.
A transformação da propriedade privada em comum, deve ser em conseqüência o fim a que deve tender a greve geral.
Isto, se quer ser eficaz, se não quer ser simplesmente a expressão muda e inconcludente de um protesto, deve manifestar-se nas formas mais violentas, com o caráter mais revolucionário, deve ser o prelúdio da revolução mesma.
A suspensão do trabalho não deve significar cruzamento, mas convulsão de braços, quebra de máquinas, de instrumentos de produção, incêndios de fábrica, demolições, pauladas na cabeça dos pelegos, dos contramestres, dos patrões, e conflito armado com a polícia. Portanto expropriação, assalto aos quartéis aos arsenais, aos arquivos, aos edifícios do Estado, aos bancos, às prisões, e onde não basta o ferro, o fogo."[45]

---

[45] L'Avvenire, de Buenos Aires, 11/01/1903, ano I, n°. 1.

Oreste, em seu discurso tomado pela emoção feito após a derrota da greve, faz ao mesmo tempo, uma crítica à condução do movimento e mostra objetivamente, sem meias palavras, qual o significado de uma greve. O instrumento de greve é na concepção anarquista, a arma maior de que dispõe o proletariado em sua luta revolucionária. À greve, somente se recorre com uma avaliação muito precisa das forças em disputa, que lhe permita se estender enquanto durar o processo revolucionário. Portanto a greve não têm um fim em si mesma, ela é apenas o início de um processo, violento, de ruptura com as formas de poder estabelecidas na sociedade burguesa.

Em Buenos Aires, faltou à greve geral uma organização prévia que sustentasse um movimento de longa duração. Na verdade nunca houve um objetivo revolucionário na greve geral. Ela foi deflagrada circunstancialmente e por isso mesmo, na avaliação de Ristori, não poderia ter sido vitoriosa, pois ainda lhe faltavam as tais "condições objetivas necessárias para seu sucesso". Entre elas um apoio mais amplo de toda a população, fato que não ocorreu, pois o Partido Socialista não aderiu à greve geral e com ele uma parcela dos trabalhadores permaneceu dividida, sem forças para resistir por um tempo muito prolongado.

A derrota da greve[46] deve-se à queda de resistência do operariado grevista, minado que foi pelo início das deportações em massa das principais lideranças do movimento. O tiro do governo foi certeiro e provocou uma profunda reorganização interna no movimento operário.

Com o declínio do movimento grevista Oreste não tardou a ser capturado e enquadrado na Ley de Residencia. Segundo o periódico La Rebelión, "dos 79 cabeças da greve, Oreste seria o deportado no. 57".[47] Esta deportação não chegou a se consumar. Em circunstâncias não esclarecidas tanto ele, como Felix Basterra, redatores dos dois principais periódicos portenhos, o L'Avvenire e La Protesta Humana, conseguiram fugir antes de serem removidos para o navio "Maria Cristina" que os levaria de volta à Europa, refugiando-se na vizinha Montevidéu.

---

[46] Diego Abad SANTILLÁN, La FORA. Ideología y Trayectoria del Movimiento Obrero Revolucionario en la Argentina. Buenos Aires. Ediciones Nervio, 1933, pp. 106-108.
[47] La Rebelión, de Buenos Aires, de 14/12/1902.

16.

Do outro lado do Rio da Prata, o Uruguai se apresentava como um território em que a perseguição política contra os anarquistas não era prática comum entre os governantes. Ao contrário, o Uruguai sempre manteve a fama de ser o país mais liberal da América do Sul no que se refere ao exercício da liberdade de pensamento. Nessa época Montevidéu tornou-se o refúgio de vários anarquistas vindos da Argentina que, escapando da deportação a seus países de origem, lá se estabeleceram. Os passos de Ristori continuaram sendo seguidos pela P.S. italiana.

"...procurou e conseguiu colocar-se a salvo. Refugiando-se junto a muitos outros cabeças da seita na vizinha Montevidéu.
Com o Scopessani e com Serrantoni que o haviam precedido lá, ele fez de tudo para poder retomar naquela cidade a publicação do "Avvenire", mas aqueles primeiros dias de rigoroso improviso e inesperado, haviam colocado tão profundo abatimento entre as fileiras destes anarquistas que não conseguiram juntar o dinheiro necessário."[48]

Fortunato Serrantoni era dono de uma livraria e editora em Buenos Aires que "produzia um grande número de livros, periódicos, revistas, folhetos e almanaques anarquistas, boa parte deles destinados à Itália. Em certa ocasião conseguiu viajar com uma bagagem clandestina de 25.000 exemplares."[49] Para aumentar a moral dos trabalhadores derrotados na greve, era imperativo, para estes anarquistas, uma ação que demonstrasse coragem e ousadia e ao mesmo tempo pudesse manter informados os companheiros separados pela Ley de Residencia. Muitos deles ainda encontravam-se incomunicáveis nos cárceres do governo argentino e havia um total desencontro de informações junto ao operariado. A imprensa burguesa não passava notícias sobre as deportações. Os jornais operários permaneciam enclausurados. Os ativistas mais combativos sugeriram a publicação de um número avulso dando informes. Ristori saiu por Montevidéu firme neste objetivo, procurando o apoio dos círculos anarquistas locais, e se dispôs a realizar o que melhor dominava: conferências de propaganda.

"No domingo 27/12/1902; no Salão Silva del Cerro, se verificou a conferência inaugural do 'Centro de Estudios Sociais del Cerro'.
O salão estava abarrotado. Falaram os companheiros Virginia Bolten; **Oreste Ristori** e Barbarena."

---

[48] Dossiê Oreste Ristori. Carta reservada endereçada de Buenos Aires ao Ministério do Interior, P.S. de Roma, 27/01/1903. ACS, CPC.
[49] Cfr. Gonzalo ZARAGOZA RIVERA, Anarquismo argentino... *op. cit.*, p. 357.

Enquanto tentava obter apoio junto aos colegas, Ristori ia constituindo-se em uma referência também no Uruguai. O movimento anarquista em Montevidéu, que parecia um tanto quanto adormecido, recebeu um choque com a passagem dos exilados argentinos, dando-lhe nova vida.

"Pouco temos que falar da cidade em que vivemos.
Os companheiros parece que fecharam raízes em seus respectivos domicílios, pois, parece que lhes dará trabalho reunir-se de vez em quando.
Conferências, quase nada. A semana passada, no Circulo Internacional, falou **Ristori** diante de um público bastante numeroso. Ele desenvolveu um tema inteligentemente e com uma oratória vibrante, bonita e cheia de entusiasmos. Foi muito aplaudido e a reunião ficou agradavelmente impressionada.
É de desejar que o companheiro Ristori, dê algumas outras conferências."[50]

Os deportados, a fina flor do anarquismo argentino, impedidos de retornarem a Buenos Aires, transferiram para Montevidéu seu centro estratégico e local de discussão e avaliação dos acontecimentos passados. A apatia socialista durante a greve foi duramente criticada e combatida por Ristori, que os responsabilizou diretamente pelo fracasso do movimento.

"Contra os manejos infames e policialescos dos chefes do partido socialista legalitário, trabalhadores, ponham-se em guarda.
Estes venenosos répteis que serpenteiam no seio das organizações trabalhadoras unicamente para arrancar-lhes votos, para mistificar a causa do proletariado, para embrutecer as consciências com promessas que eles sabem que não podem manter; estes homens que perderam sua dignidade, seu pudor, que antepõe seu próprio interesse ao interesse coletivo, que vão em busca de emprego, de soldos, de medalhinhas parlamentárias e de conselhos comunais; estes desgraçados que se escondem embaixo da capa do socialismo, para melhor enganar ao povo; que se aliam aos curas, que imitam e superam em hipocrisia aos jesuítas, que estreitam as mãos aos assassinos, que convertem o socialismo na mais mesquinha expressão de um radicalismo porco, que obstruem com os meios mais torpes as organizações operárias, o movimento revolucionário do proletariado, que se põe a serviço da polícia e denunciam seus adversários, que traem a causa dos oprimidos pregando a calma e a resignação; estes homens ambiciosos que escondem embaixo de um véu de humanismo os mais recônditos fins que tem por ideal seu próprio bolso, seu próprio interesse, são nossos piores inimigos!...
Karl Marx enunciou um socialismo que pedia a reivindicação de todos os direitos conculcados; igualdade econômica, liberdade política - inconciliável com qualquer forma de regime burguês - E bem, em que se converteu este socialismo?...
As revoluções devem ser antes de tudo razoáveis e combater com a palavra. Porém quando esta não serve porque não é atendida, quando o persuasão não produz nenhum efeito, se fazem necessários argumentos mais sólidos... as mãos por exemplo..."[51]

---

[50] La Rebelión, de Montevidéu, n°. 13, de 04/01/1903.
[51] *Id. ib.*

Pouco dias depois, durante a conferência de Ristori sobre a sociedade moribunda e a anarquia, depois de uma hora e meia de palestra, Ristori é interpelado pelos socialistas e instaura-se uma polêmica sobre a deflagração e a condução da greve geral de Buenos Aires. Os socialistas, que não aderiram à greve decretada pela FOA, criticaram a sustentação de um movimento sob bases falsas que não tinha força suficiente para ser vencedor, e com esta avaliação, o Partido Socialista se colocou contrário à greve geral. A resposta a esta crítica, dada por Ristori foi noticiada no jornal La Rebelión.

"...Subiu **Ristori** em seguida. Falou sobre a greve geral de Buenos Aires. Disse que esta não havia sido preparada pelos anarquistas, pois que estes jamais haviam acreditado que os operários estivessem tão bem preparados para o movimento; disse que este surgiu improvisadamente, e o provou fazendo sua história; disse que, sim os anarquistas acreditavam na facilidade de realizar a greve, tinham tratado de preparar as massas, de modo que o governo, com o estado de sítio, com mausers e com leis de residência, jamais havia podido impedir que a classe operária, tivesse feito valer seus direitos.[52]

Durante esta breve estada em Montevidéu, Ristori tentou obter os recursos suficientes para a publicação de um número avulso de L'Avvenire. Mostrar-se atuante após toda a repressão desencadeada pelo governo era um ponto de honra para os anarquistas mais ferrenhos. Neste momento de extrema confusão, em que as lideranças mais antigas encontravam-se debilitadas e clandestinas, Oreste, auxiliado por Serrantoni, voltou a Buenos Aires e tomou para si a condução da principal publicação anarquista em língua italiana na região do Prata, o que deixou de sobreaviso o consulado italiano local.

"...Cessado o estado de sítio, ele foi entre os primeiros a retornar para a Argentina, e malgrado as circulares de captura derramadas por esta Polícia, foi a Banfield, Lujan, Quilmes, Campana, em todos os lugares fazendo conferências em bares e cafés fora de mão, exortando os companheiros a não se amedrontar e a se reorganizar solicitamente."[53]

Logo seu companheiro de ação, Felix Basterra, também o alcançou. Em pouco menos de uma semana em Buenos Aires percorrem todos os arredores da cidade, retomando as velhas táticas anarquistas já utilizadas pelo movimento na Itália em períodos de forte repressão e clausura de jornais e grêmios, realizando a propaganda boca a boca nos bares e cafés menos

---

[52] La Rebelión, n°. 14, de 18/01/1903.
[53] Dossiê Oreste Ristori. Carta reservada de 27/01/1903, *op. cit.* ACS, CPC.

Anno I — Buenos Aires 11 [illegible] 1903 — Num. 1

L'AVVENIRE

Direttore: O. RISTORI — Per tutto ciò che riguarda il presente periodico indirizzare a: *CASILLA CORREO 11*, Buenos Aires

AI COMPAGNI

Vinti per un momento e non dom, ritorniamo alle consuete battaglie. I governi borghesi, che ci commettono alla proscrizione, alle polizie irrequiete, che ci perseguitano, alla forcaioleria borghese che ci annientanza, ai sacrestani del socialismo [illegible] che ci calunniano e ci vendono, a tutto questo ramaglione di marrasi e di colli torti, di beatitori e di banditi, che vorrebbe sottrarre nell'ignominia e nel sangue le nostre più grandi aspirazioni, dimostreremo l'inanità e la stoltezza dei loro disegni draconiani e turpi, proseguendo imperterriti nel nostro cammino. Dimostreremo che né leggi infami, né persecuzioni sovvaggie, né stoccatati calunnie, né imprigionamenti, varranno ad intimorire, ad arrestare il nostro movimento, a paralizzare la nostra azione invariabilmente rivoluzionaria. A dispetto marcio di tutte le misure repressive, di tutte le intimidazioni, di tutti gli imbavagliamenti, il nostro organo di propaganda italiana muoverà l'inno dei forti, mentre i nostro stomaco, nella digestione delle sappreaglie insensate, rutta la fiacca i potenti il memorabile motto di Cabrera: *Merda!*

All'opera, compagni, e che il vostro appoggio pecuniario venga, colla massima urgenza, a completare e coronare di successo l'opera nostra.

Al Presidente della Repubblica Argentina

ed a tutto il codazzo dei lazzaroni che lo circondano, dirigiamo la nostra parola:

tutti gli stragi fatti alle libertà civili, per tutte le guerre fomentate, per tutti i massacri vigliaccamente compiuti, per tutte le forme di sfruttamento e di schiavitù, colla ragione della menzogna e della forza brutale imposte ai popoli gementi sotto la cappa di piombo delle tradizioni stupide e sotto la dominazione spirituale del clero.

Così e con altrettanto possiamo, per [illegible] vendetta.

Elevati alla scuola del **brigantaggio politico** [illegible], nella sua opera [illegible] d'imbarbarimento sociale, dal brigantaggio militaresco [illegible], abituati a vedere i popoli curvarsi dinanzi alla vostra volontà, assoggettarsi—quasi fosse un dovere—alle vostre leggi, ai vostri capricci ed a lasciarsi vilmente mentre abituati, infine, a spadroneggiare su tutto e su tutti, a vivere parassitariamente ed arricchire alle spalle dei [illegible], a flagellare, immiserire, affamare le nazioni coll'ignominioso pretesto di governarle—voi avete pensato che questa ributtante commedia dovesse durare all'eterno, prolungarsi all'infinito, e, come il ladro che sorpreso in fragrante delitto si difende col coltello alla mano, avete trasalito dinanzi alla prima protesta ed avete invocata la logica della forza non appena il popolo, conosciuta la frode, vi ha gridato: *Basta, canaglie!*

Ed avete fatto una legge *d'eccezione* (leggi di residenza) contro gli anarchici... come se gli anarchici rispettassero le vostre leggi!..... Ed avete inaugurato l'impero che vuol parer *pressioso* della baionetta e del mauser, stabilito lo stato d'assedio, espulsati non cinquantina di [illegible], arrestati un 2000 scioperanti, violati domicilii, presi d'assalto i locali delle federazioni, delle società operaie, dei circoli libertarii, sequestrati giornali, saccheggiate biblioteche e librerie, manomessa la libertà di pensiero, di parola, di [illegible]

tanto un malcontento prolungato? L'a[illegible] è sbagliata, e sbagliata all'ingrosso. Terrore di cui foste invasi in questi [illegible] giorni per la innocente proclamazione dello sciopero generale, non fu che una semplice avvisaglia, non fu che una mentitosa visione, un incubo, un po' paura e null'altro. Il peggio, la realtà [illegible] poi.

Allora discenteremo, vedremo da che [illegible] abbia la ragione e a che cosa ap[illegible] derranno i vostri *eccessi fortis* e le vo[illegible] *vaccerate!*...

Compagni

[illegible]CI MANCA IL DANARO PER PUBLICARE IL SECONDO NUMERO.

I nemici del popolo

Nemici del popolo son tutti coloro che [illegible] un modo o in un altro contribuiscono ad ostacolare e ritardare la sua integrale emancipazione dal giogo dell'oppressione e dello sfruttamento.

Nemici del popolo sono i governanti che conculcano la sua libertà, che lo impestano di leggi, che lo macellano in guerre, che lo costringono, col pretesto di governarlo, al uno stato vergognoso di abbrutimento e di schiavitù.

Nemici del popolo sono i capitalisti che hanno accaparrato la terra, gli strumenti di produzione e tutto ciò che avrebbe dovuto costituire il patrimonio comune di tutte le creature umane, per vivere ed arricchire, senza nulla produrre, alle spalle dei lavoratori.

Nemici del popolo sono i preti di tutte le scuole che predicano l'umiltà e la [illegible] sere amici con tutti ed evitare tutte le possibili noie; questi esseri infami, fra i quali

Generale non è che di nome si tempo

fra i quali, il più buono ed il più onesto supera in gesuiteria e in farabuttismo il più tristo, il più spregevole dei sognaci di Lojola, sono i più acerrimi nemici delle classi lavoratrici, i più vili traditori dell'operaio.

Contro tutta questa marmaglia di vampiri e di rettili di sacrestani e birri, di Giuda e tiranelli, bisogna armarsi di energia. Bisogna smascherarli, bisogna sputar loro la faccia il nostro giusto disprezzo, bisogna prenderli a pedate nel sedere, bisogna schiacciar loro la testa, bisogna rompergli le costole, strappar loro l'anima di corpo, e porli così nell'assoluta impossibilità di nuocere.

Contro i suoi tiranni e i suoi traditori, il popolo non deve avere pietà né rispetto; deve essere implacabile.

INTORNO ALLO SCIOPERO

(*CONSIDERAZIONI PER L'OPERAIO*)

Lo sciopero (lo abbiamo detto altre volte) è un'arma a doppio taglio: può essere utile o dannoso per l'operaio, secondo le circostanze in cui si svolge, lo scopo che si prefigge e i caratteri sotto cui si presenta.

Uno sciopero, anche se vinto, può essere un disastro, come può essere una vittoria, anche se venga sconfitta.

Si possono considerare come disastrosi dal punto di vista sociale:

1° gli scioperi fatti o da farsi unicamente per ottenere una diminuzione di ore di lavoro;

Reprodução da 1ª página de L'Avvenire, Buenos Aires, 11/01/1903.

Imagem de reunião no Centro Internacional de Estudio Sociales (1901) - Montevidéu.

visados pelas autoridades. Em 11 de janeiro de 1903, L'Avvenire é relançado em Buenos Aires. No editorial, Oreste exorta os companheiros:

"Vencidos por um momento e não dominados, retornamos às habituais batalhas. Aos governos borgianos, que nos condenam à proscrição, às polícias mercenárias que nos perseguem, à força burguesa que nos anatemiza, aos sacristães do socialismo clérigo que nos caluniam e nos vendem, a toda esta canalha de marrudos e de pescoçudos, de barrados e bandidos, que gostariam de sufocar na ignomínia e no sangue as nossas maiores aspirações, demonstraremos a insanidade e a idiotice de seus desenhos draconianos e torpes, prosseguindo impertérritos em nosso caminho. Demonstraremos que nem leis infames, nem perseguições selvagens, nem entorpecedoras calúnias, nem prisões, irão nos amedrontar, sufocar nosso movimento, paralisar nossa ação invariavelmente revolucionária. A despeito da marcha de todas as medidas repressivas, de todas as intimidações, de todos os arrolamentos, o nosso órgão de propaganda entona novamente o hino dos forte, enquanto o nosso estômago, na digestão das represálias insensatas, arrota na cara dos poderosos o memorável mote de Cabronne: *Merda!*
À obra, companheiros, e que vosso apoio pecuniário venha, com a máxima urgência, completar e coroar de sucesso a obra nossa."[54]

O mesmo discurso contundente declamado nas conferências e nas assembléias dos grêmios em greve, será a marca de todos os seus editoriais futuros. Porém, o tom agressivo dado ao texto não se mostrou eficaz na prática. Seu caráter intempestivo, não lhe permitia colocar a razão acima da emoção no calor da hora. A fala inflamada eletrizava o público que acorria a suas palestras. Ristori queria de cada operário, de cada militante, um obstinado, um lutador sem tréguas, um revolucionário, mirando-se em si mesmo. Para ele a resignação, a cabeça baixa sem contestação, eram inadmissíveis. Oreste confiava a tal ponto em sua capacidade para sair das mais complicadas situações em que se metia, que aparentemente nada o amedrontava e assim não podia compreender a falta de atitude, a apatia, de parte de seus companheiros anarquistas em Buenos Aires.

"Quando um indivíduo diz 'Eu sou anarquista, não creio nas bondades das reformas, na eficácia da luta política, creio somente na necessidade da revolução' e atende que a revolução caia dos céus, que alguém a faça, que as barricadas pelas ruas surjam por encanto, que os fuzis sejam disparados pelos santos do paraíso - este é um anarquista relativo, um inconseqüente, um indivíduo que não compreendeu nada, que não tem fé, um idiota, um imbecil, um anarquista de palavras, um charlatão, um baderneiro, um enchedor de saco...
...Certo, não entendo com isto negar aquela parte do anarquismo que eu chamarei puramente *espiritual*; mas de que vale, por exemplo, crer e predicar a bondade, a indispensabilidade desta ou daquela coisa, se não procuramos o meio ou os meios para

[54] L'Avvenire, ano I, n °.1 de 11/01/1903.

conquistá-la? De que valeria gritar que para passar um rio é necessário uma ponte ou um barco, se não se constrói nem um nem o outro. Mas precisa ser providencialista, mas precisa ter falta de convicções, para acreditar que a revolução, entendida no conceito catastrófico, possas ser feita por *acaso*!
Não digo que a revolução possa ser organizada para um dado dia, que precisa *prepará-la*; sei bem que uma infinidade de fatores, de circunstâncias somente podem determiná-la. Mas digo que precisamos *nos preparar*, nos aprontar, procurar preventivamente o necessário para poder agir no momento propício, quando ele se apresentar, e não deixar fugir, a ocasião...
Em Buenos Aires, por exemplo, e em outras partes da República Argentina, se declarou greve geral que tem todo o caráter de um movimento revolucionário. Cem mil trabalhadores abandonaram o trabalho, se declararam dispostos a tudo; o governo está aterrorizado, concentra em torno da capital todas as suas tropas que não perfazem 12.000 mercenários, prontos a fugir ante os primeiros tiros. O momento da ação chegou: basta a vontade de cem cidadãos, armados de fuzis a pedras, para por em movimento toda a cidade e sobrepor imediatamente o governo, que não tem forças suficientes para resistir ao primeiro surto revolucionário.
O povo não espera que um aceno, um impulso, um exemplo. Este não pode partir a não ser dos anarquistas. Vão esperança! Os anarquistas, neste momento decisivo, nesta ocasião propicia em que tudo aconselha e favorece a ação, permanecem perplexos, como tantos pontos interrogativos, a contemplar o céu, as nuvens negras, a eletricidade, etc. etcetera, pela boa e magnífica razão que não tem nem ao menos um *canivete*!...
E a Revolução?...
Será feita em outra ocasião!
Ora, é como diz a canção:

Le chiacchiere non fan... non fan... farina,	O falatório não faz... não faz... farinha,
Per i co... ni non c'é medicina!	Para os cu... chi, não tem remédio!"[55]

Ristori combate uma visão kropotkiniana do anarquismo, como sendo este um fim inalienável da humanidade. Compreende sim que as transformações sociais, a possível via revolucionária, são fruto de um contínuo trabalho no presente, nas ações quotidianas, onde ninguém melhor que o libertário consciente, já livre das sujeições impostas pelas disciplinas e pelo controle do estado burguês, é o agente privilegiado a ser seguido nos momentos em que a tensão social irrompe de forma mais abrupta e violenta. Hobsbawm diria que os anarquistas, românticos heróis, nunca poderiam ter realizado a revolução pela sua incapacidade de organizar as forças em luta de modo que se constituíssem em efetiva resistência aos aparatos repressores existentes[56]. Esta revolução de que fala o historiador inglês, não é a mesma que idealizavam os anárquicos. Românticos heróis, utópicos, ou, se querem, rebeldes primitivos, os anarquistas durante o processo autogestionário da

---

[55] *Id. ib.*
[56] Eric HOBSBAWM, Revolucionários. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1973. Ver o item 2, Anarquistas e em particular o capítulo 9, Reflexões sobre o anarquismo.

Revolução espanhola, demonstraram ser possível, com muita determinação, quase uma fé cega, a partir de um trabalho constante, voltado para o micro, para o local, organizar administrativamente comunidades sem a necessidade de uma força autoritária centralizada e opressora[57].

Revoluções surgem de forma espontânea, sem data marcada para ocorrer, dependem de condições favoráveis que se vão recriando no calor da luta e necessitam de uma grande dose de coragem pessoal em todos os indivíduos participante do processo. Porém cabe à parcela mais consciente do proletariado a coragem de conduzir esse processo revolucionário. Em Buenos Aires os anarquistas não se mostraram dignos da confiança que tinham por obrigação transmitir ao conjunto dos trabalhadores, e isto desgostou Ristori. Após uma breve calmaria retornou a recrudescer a repressão política. A visibilidade com que Oreste se projetou, no afã de dinamizar novamente o movimento rendeu-lhe de imediato um revés.

"Na tarde sucessiva à publicação do jornal, o **Ristori** e o Basterra foram presos, e na manhã do dia 14 foram conduzidos a bordo do vapor alemão Schleswig de partida para Bremen."[58]

Mas o capitão do vapor alemão recusou-se a receber em seu navio dois passageiros obrigados a viajar contra a sua vontade quase causando um problema diplomático ao governo argentino que, para contornar a situação, após dois dias de retenção do vapor no porto de Buenos Aires cedeu, aguardando outra oportunidade. Como agradecimento pela postura adotada no caso, Ristori e Basterra colheram uma doação voluntária entre os companheiros trabalhadores do porto para consignar uma medalha ao capitão do navio alemão, enquanto ameaçavam o governo argentino de retaliação através do boicote dos estivadores ao carregamento de navios envolvidos na deportação de prisioneiros. O boicote era o primeiro instrumento de pressão utilizado pelos grêmios anarquistas. Nas atuais circunstâncias, com o movimento sindical em refluxo, os trabalhadores regozijavam-se quando alguma ação ou golpe eram realizados tornando a resgatar a sua auto estima. E foi o que fizeram Basterra e Ristori durante a deportação.

---

[57] Ver Diego Abad SANTILLÁN, Organismo econômico da Revolução. São Paulo. Brasiliense, s/d. Também Jacinto CIMAZO (Jacobo MAGUID), La revolución libertaria española. Buenos Aires. Editorial Reconstruir, 1994.

[58] Dossiê Oreste Ristori. Carta reservada de 27/01/1903, *op. cit.* ACS, CPC.

"No dia 16, **Ristori**, o qual se fazia passar por belga - e o Basterra, vinham conduzidos por ferrovia para La Plata, e embarcados no Magdalena, postal inglês de partida para o Brasil e Southampton.
Chegando o barco em Montevidéu onde fazia sua primeira escala, o **Ristori** e o Basterra que haviam sido alcançados a bordo por vários anarquistas prófugos naquela cidade pediam ao capitão a permissão de descer em terra, coisa que este concordou sem dúvida, dizendo que todos os passageiros eram livres para desembarcar onde quisessem, não fazendo ele o papel de carcereiro. Naturalmente eles não retornaram a bordo. Mas não contentes disto depois de ter feito provar que haviam perdido o barco por mero contratempo, conseguiram recuperar do representante da companhia N Navegações em Montevidéu, - como se usa no restante para os viajantes que por acaso perdem o navio em Montevidéu - a restituição de metade do importe da viagem, no valor de $20.000 para cada um, e que serviram a manter alegres por vários dias, os malandros anarquistas da Argentina prófugos em Montevidéu."[59]

A forma patética com que foram ridicularizadas as autoridades, por mais irrisório que tenha sido, levantou a moral dos exilados em Montevidéu que conseguiram fugir à deportação eminente. Muitos não tiveram a mesma sorte.

"Outros dois companheiros, Garfagnini e Ripoll, caíram. Nesta data estão em viagem para a Europa, pois serão embarcados no 'Maria Cristina', vapor católico e único talvez que se atreveu a levá-los.
Os capitães ingleses, franceses e italianos não quiseram ser menos íntegros que o do 'Schleswig'; porém a polícia argentina encontrou um fidalgo espanhol que executou seus planos...
...Temos que fazer notar que os operários que comprovam estarem filiados aos círculos do Partido Socialista Argentino, ainda que sejam *meneurs*, ainda que tenham incitado à greve ou aconselhado como nós as organizações gremiais, são postos em liberdade e até lhes pedem desculpas."[60]

Os ácratas expulsos da Argentina encontraram em Montevidéu um refúgio seguro para a expansão de suas idéias. O principal núcleo reuniu-se em torno do círculo libertário do **Centro Internacional de Estudios Sociales** e instalaram-se provisoriamente na casa de Maria Colazzo que, "sendo uruguaia foi deportada por 'periculosidade social' da Argentina, ao tempo que a outros muitos lhes alcançou a lei de residência, e instalada na rua Arismendi, foi sua casa uma espécie de quartel general dos perseguidos ácratas. Ali viveram Carlos Balzán, Adrian Troitiño, Jose Tato e muitos outros expulsos da Argentina."[61] Entre eles Oreste Ristori e Félix Basterra

---

[59] *Id. ib.*
[60] La Protesta Humana, de 31/01/1903.
[61] Carlos RAMA, História social del pueblo uruguayo. Montevidéu. Comunidad del Sur, 1971, p. 112.

que fizeram a festa da turma, com o golpe da restituição do bilhete de passagem pago pelo governo argentino.

A debandada de militantes para a banda oriental veio articular um movimento forte e organizado, através de círculos anarquistas, que desenvolveu uma longa tradição. "Cosmopolitas, abertos a todos os horizontes, estes círculos fazem de Montevidéu a cidade refúgio dos perseguidos do mundo, argentinos, espanhóis, italianos, se unem com os uruguaios na criação de um ambiente social particular, afeito às novas idéias, favorável às aspirações operárias, oposto aos valores da burguesia e da tradição"[62]. A propaganda ideológica difundia-se diretamente nas sociedades de bairro, através dos círculos sociais, gerando um trabalhador participativo com uma melhor compreensão do que é e a que se propõe o anarquismo.

17.

"...às 21 e 30 estávamos em um local da rua Rio Negro, a três quadras do mar e em frente a um grande cortiço, cujos vizinhos dado o calor reinante, estavam todos sentados na vereda em roupas leves. Sobre a fachada pude ler: 'Centro Internacional de Estudios Sociales', titulo que me pareceu um tanto pomposo para que nós o freqüentássemos. Porém, como se tratava de uma simples velada, não me arredei de faze-lo. O local era amplo e as cadeiras muito velhas, substituídas por compridos bancos de madeira em alguns setores. Como se permitia fumar, o local estava cheio de fumaça e fedia a suor proletário...
Os músicos começaram a afinar seus instrumentos e, em um dado momento, se levantaram as cortinas e um coro de homens e mulheres, reluzindo blusas vermelhas, apareceu no cenário, no meio de cálidos aplausos. A um sinal do diretor, o coro começou a cantar 'Filhos do Povo', a três vozes, que o público escutou de pé emocionado."...
...Fechando a velada, voltou a se apresentar Ida Signorini, desta vez na qualidade de recital, oferecendo uma versão em italiano do Canto dei Lavoratori, de Ada Negri. Era esbelta, bem conformada, de cabeleira compacta caindo em ondas soltas sobre os ombros desnudos e olhos negros, de penetrante olhar. Sobre o peito luzia uma grande rosa vermelha.
Sua voz, de registro grave, com alguns trêmulos, bem administrados nas partes mais dramáticas, cativaram o auditório, sobretudo quando, no meio do maior silêncio, expressou:

[62] Carlos RAMA, Obreros y anarquistas. Enciclopédia uruguaia 32. Montevidéu. Editores Reunidos y Editorial Arca, 1969, p. 30.

La razza degli indomiti, dei puri	A raça dos indômitos, dos puros
a luminosi di predestinata:	a luminosos predestinada:
la schietta razza dei redenti schiavi!	a singela raça dos risonhos escravos!"[63]

Através desta passagem da vida de Gabriel, nome fictício do próprio autor, Manuel de Castro, em seu romance histórico contando o cotidiano de Montevidéu no início deste século, ingressamos no universo dos círculos libertários uruguaios. O **Centro Internacional de Estudios Sociales** foi fundado em 1898, por um grupo de alfaiates e acabou transformando-se no principal espaço de propagação das idéias libertárias, fórum de conferências polêmicas, doutrinação ideológica e centro irradiador de uma fina expressão intelectual anarquista que ultrapassou as fronteiras operárias, constituindo-se em uma das principais referências culturais da cidade.

Estes pólos culturais dos trabalhadores, muitas vezes privados do acesso ao ensino formal e da cultura burguesa da cidade, exerciam a função pedagógica e cultural, paralela à atividade sindicalista. Espalhados por toda a cidade, "em muitos bairros havia Centros de Estudos Sociales, destacando-se os do Cerro, La Teja, Villa Muñoz, e às vezes as reuniões celebravam-se em locais de católicos ou evangélicos para participar das mui prazeirosas 'polêmicas sobre a religião".[64] As atividades desenvolvidas pelos centros não se limitavam àquelas circunscritas à propagação ideológica, política ou cultural do anarquismo. Eram nestes centros que se organizavam festas e dramas teatrais com intuito de arrecadar fundos para o movimento e promover um maior envolvimento entre os militantes e simpatizantes do movimento. Nestas festas em cujos bailes até o amanhecer concorriam homens e mulheres em igual proporção, iniciavam-se amizades, namoros e concretizavam-se uniões de casais não formais.

Transitava neste círculo uma jovem de 21 anos, de origem guarani, que acompanhava com atenção as conferências lá realizadas e participava das festas. Mercedes Gomes, seu nome, nascera em Montevidéu, em 1881 ou 1882,[65] filha de Clemente Gomes e Innocencia Mentastes. É bastante provável que Mercedes e Oreste tenham se encontrado pela primeira vez em uma dessas conferências. O nascente casal continuou seu namoro durante os

---

[63] Manuel de CASTRO, *op. cit.* pp. 144-146 e 148.
[64] Carlos RAMA, Obreros y anarquistas, *op. cit.* p. 30.
[65] Estas são as duas possíveis datas para o registro de nascimento em nome de Mercedes Gomes encontradas na Direccion General del Registro de Estado Civil, do Ministerio de Educación y Cultura do Uruguai, seção 7, tomo 2, folha 101, acta 201. O local de nascimento como sendo a cidade de Montevidéu consta do depoimento de Mercedes Gomes encontrado em seu prontuário, de número 3855, junto ao Fundo DOPS, AESP.

bailes, nos momentos de confraternização que os anarquistas periodicamente realizavam. Muitas vezes os centros libertários constituíam-se também, na única alternativa para a expressão cultural de minorias étnicas como relata ainda, o jovem Gabriel.

"Enquanto isto, para assegurar-me o teto, iniciei algumas tratativas para alojar-me no próprio Centro Internacional de Estudios Sociales,... Finalmente para vencer toda a resistência, me ofereci como cuidador do espaçoso salão, comprometendo-me com o asseio do mesmo, lavando o piso duas vezes ao mês e preparando-o devidamente para os bailes de negros que ali se efetuavam e deixavam boas utilidades, já que em nenhuma outra parte se alugava à gente de cor para seus divertimentos. Nós éramos sem preconceito e lhes cedíamos nossa sede social mediante um módico aluguel."[66]

O **Centro Internacional de Estudios Sociales** constituiu-se no "ateneu dos revolucionários libertários, a palestra de suas polêmicas, o cenário de suas contribuições à arte, e o dínamo que mobiliza a opinião pública e respalda o Sindicalismo"[67]. As organizações sindicais uruguaias isoladas cada qual no grêmio de suas respectivas categorias, ainda não estavam representadas em uma central sindical como já ocorria na Argentina. A FORU, **Federación Obrera Regional Uruguaya**, similar à FORA, somente se concretizaria em 1905[68]. Até esta data a luta de cada grêmio, isolada, tinha no Centro Internacional o mais importante espaço para a troca de idéias e estratégias coletivas de organização dos trabalhadores uruguaios. A FORU nasce dentro do próprio Centro Internacional e durante muitos anos sua sede ocupa o mesmo local. As sessões do Congresso Operário para sua constituição, tiveram lugar nas instalações do Centro, entre 25 e 27 de agosto de 1905, orientadas pelo internacionalismo. "Uma saudação fraterna a todos os proletários do universo em luta pela emancipação econômica e social, fazendo votos para que a solidariedade internacional ultrapasse as fronteiras, estabelecendo a harmonia sobre a terra"[69], marca os termos de inauguração da federação operária uruguaia. Esta peculiaridade contribuiu na construção de um movimento sindical em que a luta de cada categoria, submete-se a interesses mais amplos que os puramente econômicos e classistas. Os sindicalistas no Uruguai não lograram constituir-se em uma força paralela destacada dos anarquistas. Juana Rouco Buela fala dos espaços em que se

---

[66] Manuel de CASTRO, *op. cit.*, p. 247.
[67] *Id. ib.* p.29,
[68] Cfr. Carlos ZUBILLAGA, Pan y Trabajo. Montevidéu. Librería de la Facultad de Humanidades, 1996.
[69] Carlos RAMA, Montevideo entre dos siglos (1890-1914). Cuadernos de Marcha n °. 22, Montevidéu, 1969, p. 65.

davam as trocas existentes entre os anarquistas, a intelectualidade local e os operários sindicalizados.

"Nos reuníamos à saída das reuniões e conferências, em um café da Plaza Independencia que foi célebre: se chamava *El Polo Bamba*. Nos sentávamos em suas mesas, um grande número de companheiros, e a seu redor se viam figuras de um grande valor intelectual e ideológico com Leoncio Lazo de la Veja, Florencio Sánchez, Herrerita, Acha e muitos outros. Dali saíam muitas vezes manifestos e artigos para periódicos que se escreviam e publicavam nesses momentos, enquanto se discutiam todos os problemas sociais entre cafés e cafés, se aclaravam conceitos e se passavam momentos de franca camaradagem e afeto. No Centro Internacional se realizavam atos quase diariamente. Este era um grande salão com um palco adequado aos atos, e algumas habitações que eram dedicadas às secretárias. Se encontrava este salão, no que se chamava Casa de los Anarquistas, em pleno centro da cidade, isto é, na rua Rio Negro com Maldonado. Por ali desfilaram com suas conferências, controvérsias e atividades, todos os anarquistas do Uruguai e da Argentina, intelectuais ou não, A *Federación Obrera Regional Uruguaya*, que no ano de 1909 tinha um movimento operário bem organizado, realizava suas funções e grandes atos no Centro Internacional, e ali diariamente nos encontrávamos os operários, os anarquistas e os intelectuais."[70]

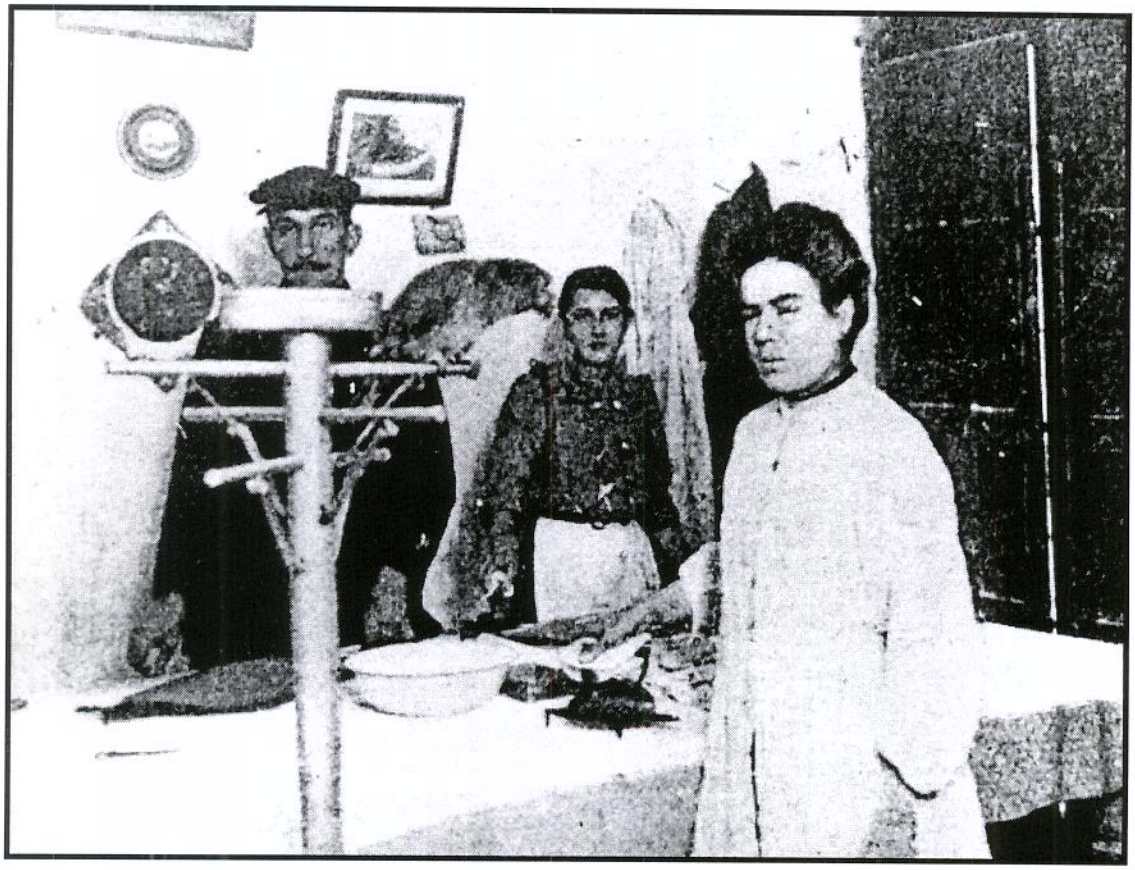
O café Polo Bamba foi o centro irradiador da cultura libertária para outras camadas sociais da população, além do proletariado, através de um núcleo de intelectuais que não seguiam os padrões determinados pelo *establishment*. Em suas mesas forjou-se um movimento anarquista vertical, penetrando em classes sociais distintas, que se consolidou ao longo dos anos como o mais forte e duradouro da América. Foi também o ponto de encontro dos expatriados da vizinha Argentina. O narrador das memórias locais, lembra-se de quem circulava pelo café.

"Eu me sentia feliz respirando, na condição de curioso e simpatizante anárquico, essa rara atmosfera intelectual, onde os cachimbos e os chapéus, formavam a adequada decoração daquele âmbito, onde se individualizavam, pelos seus signos exteriores, a cada um dos freqüentadores. Pude ver ali distribuídos em distintas mesas, porém de fácil comunicação entre as mesmas, toda uma geração de poetas, sociólogos e literatos, em plena atividade e cujos livros publicava Orsini Bertani, ácrata que havia convivido com Pietro Gori na Itália e com o venerado Kropotkin em Londres e cuja livraria, instalada em plena calle Sarandi, era às vezes, outro centro de reunião dos intelectuais e propagandistas. O rodeavam outros ácratas expatriados como Guaglianoni, Félix Basterra, Ovidi, Gino Fabbri e **Ristori**."[71]

---

[70] Juana ROUCO BUELA, Historia de un ideal vivido por una mujer. Buenos Aires. Editorial Reconstruir, 1964, pp. 27-28.
[71] Manuel de CASTRO, *op. cit.* p. 271.

A anarquista Maria Collazo em Montevidéu (s/d).



A anarquista Juana Rouco Buela em Montevidéu (s/d).

Vista interna do café El Polo Bamba - Montevidéu (s/d).

Grupos de anarquistas reunidos no café Carlitos - Montevidéu (s/d).

Quando chegou o 1 ° de Maio, a data máxima dos trabalhadores foi comemorada com uma grande manifestação envolvendo toda esta rede de operários, ativistas e intelectuais, organizada a partir do núcleo existente no Centro Internacional, principal elo de ligação entre o operariado. A repercussão que atingiu o movimento foi muito grande para ser ignorada pela imprensa burguesa e tanto o jornal populista Tribuna Popular, como o conservador El Dia, noticiaram o acontecimento acompanhando a passeata.

"Os membros do partido revolucionário operário desta capital, comemoraram ontem a data de 1°. de Maio, conhecida no calendário socialista com o nome de Festa do Trabalho...
...Às três da tarde a coluna se pôs em marcha. À frente iam uns vinte e cinco homens do esquadrão de segurança e outros vinte e cinco iam nos costados.
Cada sociedade gremial levava sua correspondente insígnia, o que não permitia conhecer seus nomes. Formavam entre outras mais, a sociedade Estivadores del Puerto, a sociedade de Obreros Panaderos, de Carboneros, Padeiros del Cerro, Paso Molino y Peñarol, dos Zapateros, dos Sastres, grêmio de Fideleros y Molineros, grêmio Peones de Barraca, sociedade Resistencia del Peñarol.
Depois vinham os grupos anarquistas: 'Centro Internacional', 'Libertad', 'El Sol' 'El hambre será terrible', 'Pan y Ciencia', 'Germinal', 'Pensamiento y Acción', 'Libres pensadores', 'Aurora' e alguns outros. A coluna composta de umas três mil pessoas, tomou por Goes para sair a Agraciada, por esta rua seguiu até encontrar Rondeau, dobrando em Cerro Largo; por esta até 25 de Agosto, Perez Castellanos e Sarandi..."[72]

A grande presença de deportados da Argentina entre os manifestantes e principais oradores, acabou por transformar o 1°. de Maio em um grande protesto contra a Ley de Residencia e o governo argentino, conclamando a classe trabalhadora internacional para repudiar o autoritarismo e a repressão política ocorrida na Argentina.

"...a banda do Orfeon Libertario, que encabeçava a coluna, fazia ouvir os acordes do Hino dos Trabalhadores e com uma freqüência entusiasta, e os vivas à causa da liberdade, à solidariedade, etc., se repetiram desde a saída dos manifestantes até a dissolução do *meeting*...
...Ao chegar à Plaza Independencia, a concorrência convergiu ao monumento de Joaquin Suarez para ouvir a palavra de seus oradores oficiais que transformariam em tribuna o mesmo monumento.
O primeiro que falou foi o senhor **Oreste Ristori**, deportado recentemente da Argentina. - Falou bem e foi muito aplaudido...
...Pronunciaram logo discursos entusiastas os senhores Rómulo Ovide (deportado), Félix B. Basterra (deportado), Arturo Montesano, N. Fortino (deportado), Fernando Balmelli, B. Orsini (deportado) e Pascual Guaglianone.

---

[72] La Tribuna Popular, de Montevidéu, 02/05/1903.

Todos os oradores - que foram muito aplaudidos - recalcaram sobre a lei de residência ditada na Argentina, acentuando a nota radical o senhor Fortino que qualificou com epítetos sangrento aos governos e à República vizinha...
...Pronunciou também um discurso a senhora Virginia Bolten, e recitou uma poesia ao 1°. de Maio a criança Maria Luisa Palau."[73]

A parcela anarquista mais intelectualizada encontrava-se presente junto ao movimento operário - intelectuais operários e ao mesmo tempo anarquistas revolucionários - dava extrema ênfase à propaganda impressa através de uma intensa circulação de jornais vindos de Barcelona, Bolonha, Ancona e Buenos Aires. Apoiados em um núcleo sólido de leitores, freqüentadores dos centros de estudos libertários, Montevidéu viu a circulação, nos primeiros anos deste século, de um sem número de periódicos operários e anarquistas[74], dirigidos por esta "intelectualidade operária".

Esta comunhão entre operariado e intelectualidade militante garantiu ao anarquismo local uma feição interclassista, que extrapolava a luta do operariado para todo o conjunto da classe trabalhadora oprimida. Operários e profissionais liberais, escritores, jornalistas e artistas, davam-se as mãos na construção de uma cultura libertária. Oreste sempre defendeu a idéia da constituição de um grande diário anarquista que penetrasse além dos segmentos operários mais restritos, entendendo que a propaganda era fundamental para a expansão do movimento. Assim a existência de um jornal diário constituía-se em um de seus principais objetivos. Para ele, os círculos sociais e as bibliotecas populares com uma rede já bastante difundida seriam, neste primeiro momento, suficientes para o acesso à cultura e a educação dos filhos do proletariado. Já, um diário de propaganda das idéias anarquistas seria o instrumento que faltava para deslanchar definitivamente o movimento. Daí sua polêmica com relação a uma ação de peso que parecia movimentar os círculos libertários na Argentina. Heis o fato.

"Chegou a nossos ouvidos que o estimado companheiro, Dr. Juan Creaghe, manifestou a boa idéia de ter desembolsado 5.000 pesos para a instituição de uma 'Escola Libertária' e que está disposto a fazer muito mais nesse sentido.
Longe de tentar uma pressão moral qualquer sobre a vontade do mencionado companheiro, profundamente comovidos por seu espírito de abnegação e de sacrificio para dar à propaganda de nossas idéias o maior empuxo possível, nós nos limitamos a invocar a atenção do doutor Creaghe sobre os grandes frutos que tal soma poderia

[73] El Dia, de Montevidéu, 02/05/1903.
[74] Carlos RAMA. História social .... *op. cit.*

produzir, se empregada para outro objetivo - como, por exemplo, - o de um Diário puramente anarquista.
Em meio a ambiente tão adverso, que nos ataca por onde quer, com todos os meios, com toda classe de calúnias, de mentiras religiosas, politiqueiras, jornalísticas, etc.; nossos jornais semanais, sem importância, sem transcendência, sem força de nenhuma natureza, são absolutamente insuficientes para defender-nos e muito pequenos para refrescar, com o movimento operário nossas idéias. Enquanto que com um diário bem redigido e melhor administrado, se abriria amplo campo de ação na opinião pública e se imporia por sua autoridade, no mundo jornalístico, e faria brecha na consciência operária, adiantando extraordinariamente a propaganda de nossas doutrinas.
O companheiro Creaghe poderia fazer muito; poderia traduzir em feito esse desejo reprimido durante tanto tempo entre os anarquistas mais ativos e mais inteligentes, assegurando, com seu mesmo sacrifício, um novo e grande triunfo, para a causa do proletariado."[75]

O doutor Creaghe, a quem se refere Ristori, era um velho imigrante irlandês, anarquista de grande prestígio em Buenos Aires, que assumiu em meados de 1903 o controle do periódico La Protesta Humana. Este periódico quinzenal, a partir da suspensão do estado de sítio no início do mesmo ano, transformou-se no principal centro de debate teórico do anarquismo. Creaghe defendia um anarquismo exclusivamente de operários, rechaçando a participação dos intelectuais no movimento[76]. Para ele a origem de classe é a garantia que tem o proletariado, com o compromisso da revolução social. Assim, a educação do proletariado desde a infância seria fundamental para sua conscientização, para ele próprio vir a teorizar sobre o seu devir. Ao contrário, Oreste compreendia que a propaganda, a difusão das idéias é que ampliaria os horizontes e a quantidade de pessoas envolvidas no movimento. A conscientização se efetuaria a partir da propaganda impressa diária. Parece que Creaghe cede aos desejos de Oreste de criar um grande diário anarquista, pois "com este fim é que com seu próprio dinheiro, compra uma gráfica, que servirá para que desde o 1°. de abril de 1904 saia às ruas o novo diário matutino *La Protesta* (reduzindo o título), com novo formato e nova redação".[77] Na verdade, como veremos, esta polêmica seria apenas o início de um grande debate que se estenderia por muitos anos sobre o espaço privilegiado de atuação da militância anarquista, dentro ou fora dos sindicatos: anarquismo ou sindicalismo.

---

[75] Tiempos Nuevos, de Montevidéu, 04/10/1903.
[76] Hernán DÍAZ, Alberto Ghiraldo: anarquismo y cultura. Buenos Aires. Centro Editor de América Latina, 1991, pp.43-44.
[77] *Id., ib.* p. 49.

18.

A formação da consciência anarquista e a educação proletária já vinham sendo realizadas através das bibliotecas populares existentes em praticamente todos os centros sociais de cada grêmio e nos grupos libertários já mencionados. Eram as chamadas **bibliotecas modernas**, que se constituíam no núcleo central dos círculos anarquistas. Em busca de seu acervo, em geral muito variado, seguia um público muito mais amplo que o militante operário ou o simpatizante do movimento que assim passava a ter contato, de modo indireto, com a doutrina anarquista. Atrás de uma atividade cultural, da sala de leitura ou de uma informação qualquer, o leitor passava a freqüentar as reuniões do círculo libertário, ou não, uma vez que as bibliotecas anarquistas não censuravam ideologicamente seus usuários. Conversando com Hector Woollands, que participou ativamente dos círculos libertários em Mar del Plata desde os fins dos anos vinte deste século e que foi um dos diretores da biblioteca anarquista da cidade, podemos compreender melhor que tipo de serviços e que função social desempenhavam estes equipamentos.

"Não somente serve à criança que vai em busca de Mickey Mouse ou de um conto de Perrault, à adolescente que deseja se deliciar com Amado Nervo ou algum romance de Dely, ao bacharel que deve escrever uma monografia ou resolver um árduo problema de matemática, ao professor que necessita de um texto novo que lhe falta em sua biblioteca particular, à dona de casa que busca uma novela que está escutando no rádio e a cujo final deseja antecipar-se, ao estudioso de altos vôos que não encontra um paralelo entre metafísica e filosofia, ao transeunte que passa e lhe ocorre de ler um periódico; senão ao horticultor que resolveu aperfeiçoar o cultivo de um determinado vegetal...
...Desde a criança que começa a caminhar na aurora de sua vida até o ancião que deseja dulcificar simplesmente com a leitura seus penosos ou serenos dias crepusculares, todos encontrarão algo útil na biblioteca popular, posto que a mais pobre delas, mesmo carecendo de textos especiais, terá no pior dos casos uma enciclopédia que os oriente, ou ao menos o bibliotecário, que saberá lhes dar as indicações no caso."[78]

Nestas lembranças de Hector Woollands[79] sobre o funcionamento da biblioteca popular de Mar del Plata, **a Biblioteca Juventud Moderna**, aberta até hoje, podemos ter uma idéia da penetração que adquiriram, tanto na Argentina como no Uruguai, as bibliotecas populares. Sua história é indissociável da história das lutas sociais, na medida que torna-se a expressão da carga cultural e ideológica contida no movimento operário.

---

[78] Hector WOOLLANDS, Notas para la Historia de la Biblioteca Popular Juventud Moderna. Mar del Plata. Ediciones Biblioteca Popular Juventud Moderna, 1989, p. 15.
[79] Entrevista com Hector Woollands, realizada em Mar del Plata, em 11/02/1997.

"Acontece que as rebeliões proletárias começam por manifestar-se contra os abusos e atropelos dos patrões, porém logo vão encontrando outras causas mais meditadas e de uma reação circunstancial contra uma atitude despótica, se passa à posição de rebeldia contra a injustiça, contra a desigualdade no reparto das riquezas que produz o esforço do trabalho. Aí surge a questão social. O escravo raciocina: Por que eu, depois de trabalhar até me esgotar hei de ter por pagamento a fome e o patrão que não teve esforços, que não trabalha, há de desfrutar alimentos até fartar-se? Esta mesma capacidade de raciocínio o leva a pensar que a luta contra a injustiça não pode levá-la sozinho. Que necessita transmitir esta rebeldia, estas conclusões aos demais explorados que sofrem as mesmas penúrias. E o livro, o folheto, o periódico, a letra impressa, é o melhor meio para difundir e propagar esse pensamento rebelde."[80]

Se a difusão da propaganda dava-se basicamente pela letra impressa, os periódicos também se entrelaçavam nesta rede cultural exposta. É fácil observar que praticamente todo jornal libertário de certo fôlego mantinha uma casa editora e uma biblioteca anexa à sua sede. Em Buenos Aires existiam, entre outras, a **Biblioteca La Questione Sociale**, **Biblioteca La Protesta Humana**, **Biblioteca La Acción Obrera**, **Biblioteca dell'Avvenire**; em Montevidéu, a **Biblioteca de La Rebelión**; em São Paulo a **Biblioteca de La Battaglia**, **Biblioteca La Propaganda**, **Biblioteca da Lanterna**, **Biblioteca Germinal**.

Ora, com uma extensa ramificação de grupos, grêmios operários, centros de cultura, escolas libertárias e bibliotecas modernas, operando ativamente desde o fim da década de 80 do século passado, dominando a propagação cultural e científica nos bairros proletários de Buenos Aires e Montevidéu, seria de esperar que a historiografia tivesse se dado conta deste interessante material de trabalho de modo mais aprofundado. E com que me deparei? Com um vazio, um buraco negro, uma lacuna na historiografia sobre as bibliotecas populares. Existem, é verdade, alguns trabalhos abordando as bibliotecas dos grêmios socialistas[81], que, somente adquiriram notoriedade e penetração maior junto ao operariado no início da segunda década deste século. Na historiografia brasileira uma rara exceção é o trabalho de Fabio Maza que aborda, a partir de 1910, a visão de ciência e tecnologia nos anarco-sindicalistas em São Paulo e no Rio de Janeiro[82].

---

[80] Hector WOOLANDS, *op. cit.*, p. 7.

[81] Ver Dora BARRANCOS, La escena iluminada. Ciencias para trabajadores 1890-1930. Buenos Aires. Editorial Plus ultra, 1996. Também Leandro GUTIÉRREZ e Luis Alberto ROMERO, Sectores populares, cultura y política. Buenos Aires. Editorial Sudamericana, 1988.

[82] Fábio MAZA, Anarco-sindicalistas - a visão dos libertários de ciência e tecnologia. Mestrado em História. PUC/SP, 1993.

A primeira sede da biblioteca Juventud Moderna de Mar del Plata (1907).

Vista interna da segunda sede da biblioteca nos anos 20.

Talvez uma das explicações para tal descaso seja uma pretensa não cientificidade no discurso anarquista. José Ingenieros denunciava "os fanáticos do ateísmo"[83], os livre pensadores ateístas que incorriam em outra religiosidade, de cunho racionalista. Se assim era, tampouco preocuparam-se em demonstrar a falta de ciência deste racionalismo primitivo dos grupos ácratas. Maza identifica uma aproximação entre anarquistas e positivistas, uma fé dos primeiros no progresso racional da ciência com larga dose de evolucionismo e darwinismo social "o mundo caminhava necessariamente para a anarquia"[84]. Havia uma grande euforia com o desenvolvimento científico na virada do século e isto contribuiu na formação de uma atitude anti-clerical em diversos grupos. Os anarquistas falam de um tipo de ciência baseada nos parâmetros da biologia e das ciências naturais, construindo uma noção de ciência em que o processo histórico se dá de uma forma linear e teleológica.

"O verdadeiro método científico, isto é, o método indutivo-dedutivo empreenderá a formidável obra do estudo de todos os grupos, de fatos que a natureza nos oferece a exame, quer pertençam ao mundo das estrelas, quer ao dos animais, quer ao das crenças, das instituições humanas, absolutamente do mesmo modo que um naturalista estudaria as questões da ciência física".[85]

O naturalismo científico assim pensado estudaria o social dentro de uma visão físico-biológica, uma aproximação com a ciência positivista, racionalista, talvez com uma maior determinação social. Isto explicaria, no âmbito literário, a preferência pelos romances naturalistas de Zola e de Anatole France.

Um olhar sobre alguns títulos da biblioteca de Mar del Plata, nos mostra que o leque de obras disponíveis ia além deste universo positivo e naturalista em que se procurou restringir a noção de ciência dos libertários.

"A Sociedad Juventud Moderna propiciou, então, conferências educativas, veladas literárias, atos artísticos que atraíam numerosas famílias operárias. O entusiasmo reinante preparou a apresentação do primeiro "Quadro filodramático" de aficionados que montou obras da envergadura de: "Juan José" de Dicenta, "Tierra baja" de Guimerá, "La Fragua" de Discépolo, "La Montaña de las Brujas" de Sánchez Gardel, "La Huelga" de Foppa,

---

[83] Jose INGENIEROS, Al margen de la ciencia. Valencia. Sempere y Cia, s/d, pp. 190-201; *in* Dora BARRANCOS *op. cit.* p. 17.
[84] Fábio MAZA *op. cit.*
[85] Pedro KROPOTKINE, A questão social - humanismo libertário e ciência moderna. Rio de Janeiro. Mundo Livre, s/d. *in* Fábio MAZA, *op. cit.*

"Alma Gaucha" de Ghiraldo, "El Sargento Palma" de Coronado, "Los Muertos" de Sánchez, "Silvio Torcelli" de Mertens, sob a direção de Francisco Cárpena.
Enquanto isso ingressavam ao acervo da biblioteca obras de Sarmiento, Alberdi, Moreno, Ingenieros, Hernández, Gorki, Marx, Dostoyevski, France, Renan, Bakunin, Sorel, Faure, Zola, Balzac, Malatesta, Castelar, Kropoktin e outros autores que consultavam as inclinações dos leitores."[86]

Neste momento de exílio na tranqüila Montevidéu Ristori escreve seu primeiro opúsculo chamado DEISMO Y MATERIALISMO, que seria publicado em agosto, em Buenos Aires.

"Escrito pelo companheiro **Oreste Ristori**, aparecerá em breve um interessante folheto, que leva por título o que nos serve de epígrafe.
É um estudo analítico e comparativo de todas as crenças religiosas que se originaram através dos tempos, e uma demonstração irrefutável da inexistência de Deus. Aos companheiros e estudiosos em geral, recomendamos a leitura deste folheto, o qual será colocado à venda."[87]

Os originais foram enviados para o amigo editor Renato Ghia junto com a seguinte dedicatória.

"Deus é igual a nada; nem aqui nem lá você o encontra, e quanto mais queres pegá-lo, mais te foge - Angel Silesio.
...ao estimado companheiro Renato Ghia em prova de sincera amizade esta minha pobreza intelectual."[88]

Dentro de uma concepção racionalista da ciência, Ristori busca antepor o materialismo, o método que comprova a verdade dos fatos, à fé religiosa, frustando a expectativa daqueles que esperavam um tema mais político e contundente e aliviando, em contrapartida, a polícia italiana.

"Em língua espanhola, em forma bastante correta e eficazmente popular, ele repete velhas coisas sobre a não demonstrada existência de um Deus criador e senhor do Universo. Não é portanto o opúsculo violentíssimo de propaganda anarquista que ele mesmo dizia ter preparado e que poderia se dar naquele anunciado agora com o título 'O absurdo do Socialismo".[89]

---

[86] Hector WOOLLANDS, *op. cit.* p.20.
[87] La Rebelión, de 14/06/1903.
[88] Dedicatória na contra capa de Deismo y materialismo. Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis, IISG, Amsterdã.
[89] Dossiê Oreste Ristori. Carta reservada endereçada de Buenos Aires ao Ministério do Interior P.S. Roma, 03/01/1904. ACS, CPC.

Oreste, conforme o pensamento de Malatesta, também compreende a anarquia como um organismo, uma sociedade constituída de células, onde o princípio de coesão entre elas seria a solidariedade. Porém esta idéia social orgânica não é dada em uma ordem natural, mas conquistada através da luta retirando o caráter determinista da história e trazendo-a de encontro ao homem como agente de seu devir. Seu futuro companheiro de propaganda, Angelo Bandoni, defende a ação como meio de transformação da ordem natural vigente.

"...o anarquista não pode ser - logicamente - evolucionista: para ser tal, deveria reconhecer aos usurpadores o direito de reação feroz, o direito de buscar qualquer via de salvação aos rebeldes e de culminar trincheiras de encaminhamento com os seus cadáveres.
Mesmo sendo persuadido - que até o fim não será aceito o princípio de solidariedade entre os deserdados - não haverá a Revolução redentora, o anarquista, pela Idéia, deve manter-se constantemente de fora das leis. Um anarquista legalitário, um anarquista fatalista é um paradoxo."[90]

Estudando a gênese do movimento anarquista no Brasil, Jacy Seixas também não identificou uma única ocorrente, um tipo uniforme de pensamento que o pudesse reduzir somente a uma continuidade das idéias positivistas. Se entre os anarquistas cariocas ela constatou uma identidade maior das idéias dos livres pensadores com esta moral positivista, em São Paulo onde o anarco-comunismo era mais presente, isto não ocorria. Aqui esta corrente "se revelou muito mais ligada à fonte histórica e revolucionária do anarquismo que fiel ao cientificismo"[91]. E é no próprio Ristori que Jacy vai encontrar elementos para esta opinião quando ele, com sua habitual ironia, critica esse determinismo anarquista.

"Então a revolução se fará por si mesma, sem um brado nem uma picada de alfinete! Em conseqüência, nem mais um motim pelo pão cotidiano, nem mais agitações nem desordem catastrófica; tudo se acomodará bem e pouco a pouco... segundo a lei da evolução![92]

O certo é que são justamente a imprensa anarquista, os círculos sociais e os grêmios operários, a base de sustentação da propaganda ideológica do

---

[90] La Battaglia, de São Paulo, de 26/06/1904, no artigo *Distinguiamo* de Angelo Bandoni. Grifos nossos.
[91] Jacy Alves de SEIXAS, Mémoire et oubli. Paris. Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme Paris, 1992, p. 95. Ver o capítulo 3: Le rôle du positivisme et du darwinisme social dans la pensée socialiste et anarchiste au Brésil.
[92] Oreste RISTORI, Le corbellerie del collettivismo. São Paulo. "La Propaganda" Typ. Germinal, s/d. p.33,. *in* Jacy SEIXAS, *op. cit.*

movimento. Este tripé estava bem constituído, principalmente em Montevidéu e já dava indícios de uma forte reorganização na Argentina. Oreste sabia muito bem que um movimento revolucionário na região do Prata tinha de partir de Buenos Aires, onde o proletariado estava mais organizado e detinha um peso político suficiente para desestabilizar toda a região. Ele entendia como momentânea, devido às conjunturas, sua passagem por Montevidéu e, com a normalização da vida política na Argentina, retornou a este país na primeira oportunidade surgida.

19.

Entre 6 e 13 de junho de 1903, realizou-se o III Congresso da FOA em Buenos Aires. Oreste ainda participava do movimento na Argentina, apesar do exílio forçado, na condição de principal colaborador do periódico L'Avvenire, e aproveitou a ocasião para se reaproximar da redação do jornal ao mesmo tempo que poderia também aprofundar suas controvérsias com o grupo anarquista de La Protesta Humana. Este periódico de tendência organizacionista, aproximava-se, ainda de forma embrionária, daquilo que posteriormente desembocaria no anarco-sindicalismo forista, e se converteria em seu principal canal de expressão.

A principal moção proposta pelo Congresso, a luta intransigente contra a Ley de Residencia, viu-se posta em segundo plano com a polêmica instaurada sobre a participação ou não de trabalhadores não operários (escritores, artistas e estudantes) nas seções administrativas da FOA. Esta controvérsia era apenas o prenuncio de uma crescente separação que iria ocorrer na Argentina entre intelectualidade e operariado no movimento social. O debate saiu do fórum sindical e passou para as páginas da imprensa. Camilo de Cousandier expôs sua opinião, logo retrucada pelo Dr. Creaghe e por último mediada por Altair.

"Trabalhadores manuais e intelectuais, uns e outros podem lutar por idênticos ideais de emancipação."[93]

"...é necessário que a classe operária se emancipe completamente dos intelectuais que não trabalhem com suas mãos."[94]

---

[93] El Sol, de Buenos Aires, de 15/06/1903.
[94] La Protesta Humana, 20/06/1903.

"...os homens se diferenciam mais por seus ideais que por suas profissões. As classes nascem no cérebro... A anarquia estende seu manto sobre a família humana, não faz distinções porque está encarnada na justiça."[95]

A opinião de Ristori sobre o assunto, já conhecemos. Refratário à limitação das atividades de propaganda e luta somente aos sindicatos, Ristori é a própria expressão do intelectual anarquista, produto e produtor do meio em que circulou. A sua história de vida reflete justamente estas relações entre indivíduo e contexto estudadas por Ferrarroti[96], onde se elaboram suas ações sociais. O indivíduo bebe no ambiente, no meio social em que transita, digere esta experiência vivida e a reproduz sob o olhar filtrado de sua interpretação. Não é possível compreender o protagonista desta história envolvido em uma relação estática, sedentária, lenta e contínua com o cotidiano que o cerca. Por isto Ristori não foi um operário típico, mesmo que viva e vista-se como tal. Faltar-lhe-á sempre a relação quotidiana da fábrica, que é algo que não lhe cabe. O cotidiano mal temperado leva à rotina e daí ao tédio. O mal de uma sociedade cujo trabalho foi mecanizado numa repetição serial de uma atividade padrão, constituída em torno de uma compartimentação muito bem definida dos tempos do trabalho e do lazer. Oreste não se constituiu nunca num operário fabril. Desconhecemos qualquer emprego registrado, ou referência indireta a empregos em fábrica. Quando mais tarde deixou de viver como jornalista pago pela militância, passou a trabalhar por conta própria, como químico para a imprensa, como se recorda Tito Batini.

"Ou **Oreste Ristori**, também anarquista, em seu laboratório químico da rua Aurora, orador incansável e que ganha seu pão produzindo clichês destinados aos jornais?"[97]

Foi também ampliador em um laboratório de fotografia, enfim, constituiu-se profissionalmente quase como um artesão, mas como operário jamais. E é justamente este estado de opressão em que o operário se encontra, que ele busca e tenta superar. Daí o individualismo como presença marcante da reafirmação de seu ego, o instinto rebelde que não se deixa dominar.

Oreste não teve tempo de continuar esta polêmica pessoalmente com Creaghe, uma vez que foi detido pela polícia argentina, provavelmente logo após a conclusão do Congresso da FOA. As autoridades locais o processaram por incitamento ao ódio de classe e por agressões verbais aos

---

[95] La Protesta Humana, *in* Hernan DIÁZ, *op. cit.* e Iaácov OVED, *op. cit*.
[96] Franco FERRARROTI, Storia e storie di vita. Roma. Laterza, 1981.
[97] Tito BATINI, Memórias de um socialista congênito. Campinas. Editora da UNICAMP, 1991, p. 119.

policiais e ao presidente da República. Logo descartaram a idéia de detê-lo em solo argentino e resolveram embarcá-lo no navio "Governor" da Società Anonima Genovese di Navegazione, em 28 de junho. Os advogados de Oreste aproveitando-se do processo instaurado solicitaram habeas-corpus enquanto ele aguardava o julgamento. O pedido obviamente foi indeferido mas evitou sua deportação naquela data, remetendo-a para o dia 9 de julho, desta vez no navio Città di Torino, da Navigazione Generale Italiana[98]. A rede de informantes anarquistas agiu rápido e, quando da passagem do navio por Montevidéu, organizou-se um grupo de militantes para resgatá-lo.

"Às 3:30 da manhã aportou aqui. Nós, que apesar do segredo com que o embarcaram, sabíamos de sua chegada, com um barco a vela, nos aproximamos a cem metros do 'Città di Torino'.
Ristori vinha vigiado por um investigador que, antes de partir o vapor, baixou aqui levando a convicção que **Ristori** não desembarcou e seguia viagem. Nos passeios sobre escolta, este esbirro não largava de **Ristori** nem no sol nem na sombra. Já sabem que o mantiveram incomunicável 22 dias, pelo qual vinha quebrado, sujo, com a barba larga e uma cara de fome!
Quando viu nosso barco, ás 9 da manhã, avisou aos policiais argentino-uruguaios (que antes não o deixaram desembarcar como passageiro), que agora se jogaria na água. E rápido, subiu na varanda, plantando-se como um Hércules no meio de uma escada levantada, mas que dava ao vazio e á água.
- Venham, agora me prender - lhes disse - se se animam!... Ao primeiro que se aproxime (não era possível) me jogo na água. E espetou um discurso contra a lei de residência, tirando-se, entretanto, as botinas, que jogou contra as narinas estupefatas dos esbirros, e o saco. O assombro dos passageiros era inaudito; as mulheres se desmaiavam ante esse gladiador que iria combater com as ondas para chegar ao barco salvador. Por fim, daquela altura colossal se lançou na água.
Foi um momento terrível. Em seguida apareceu sobre a superfície, e nadou. Água gelada, banho bom, para os piolhos... O recolhemos, se desnudou ante o assombro dos passageiros que nos viam de soslaio. Enquanto isto, todos lançamos pestes contra a lei essa e contra a Argentina e contra todos! E nem um sopro de ar para as velas! Pusemos remos, não para o porto oficial, senão ao Cerro, onde está proibido desembarcar.
O 'Città di Torino' apitou, apitou... Logo pediu auxílio com bandeiras, depois usou refletores ou espelhos, jogou botes ao mar!... Nós lhe metemos o remo, remamos creio que melhor que os marinheiros, com toda a alma, até o Cerro. Por fim, veio em nossa perseguição um vaporzinho da Capitania.
- Entreguem-se! - nos gritavam.
- Não! - lhes respondíamos.
Nos largaram quatro balaços de mausers. Até que nos alcançaram, poucos metros antes de poder desembarcar em terra. Logo nos transbordamos ao vaporzinho. Ali já, lhes dissemos que um público enorme nos contemplava, desde o Cerro e desde o porto; que

[98] Dossiê Oreste Ristori. Cfr. cartas reservadas de 03 e 12/07/1903, de Buenos Aires, enviadas ao Ministério do Interior em Roma. ACS, CPC.

nossos advogados se moviam; que todos os diários estavam em carros, sabiam o que nós íamos fazer, o que fazíamos.
Se assustaram, desembarcamos, ficamos na Capitania, e, logo, todos livres, **Ristori** inclusive! Pobre **Ristori**! Na verdade, é um valente. Orsini se portou como um herói, Ovidi outro, De Diego idem. Enfim, um resultado que não esperávamos."[99]

Outro informante, o comissário italiano de segurança pública junto ao consulado de Buenos Aires, também acompanhou o mesmo evento e, para sua decepção, relatou de forma muito parecida esta fuga.

"na manhã do dia 10, o navio parava ainda ao largo do Porto de Montevidéu, onde permaneceu algumas horas para carga e descarga de mercadorias e passageiros. O **Ristori** estava sob custódia de dois agentes os quais tinham ordem de não perdê-lo de vista até que o navio tivesse partido de Montevidéu; e portanto para impedi-lo como já havia feito outra vez dele descer e parar nessa cidade.
De alguma forma ele teve como advertir do seu embarque no Città di Torino e seus amigos em Montevidéu, Basterra Félix e Bertani Orsini os quais junto de outros anarquistas, alugaram um barco, o esperaram e se mantiveram em vista a uma centena de metros do navio por mais de 6 horas até que o **Ristori**, aguardando o momento oportuno, iludindo a vigilância dos agentes, se despiu rapidamente e apesar da temperatura baixíssima alcançou a nado o barco no qual o esperavam os companheiros..."[100]

Solidariedade, esta a prática básica entre os anarquistas e a qualidade em que apostavam como sendo a única que poderia garantir a vitória de uma Revolução Social. As práticas dos grupos libertários eram baseadas em relações de solidariedade. Por exemplo, colocar em risco a própria pele para salvar a do outro, ou ceder espaço em suas casas para aqueles que não tinham onde ir, ou socializando o dinheiro arrecado em festas, enfim, abrindo novos espaços que servissem não somente como resistência ante um avanço do capitalismo e da ideologia burguesa, mas também como espaços em que se praticariam aquelas relações quotidianas que seriam as novas formas de convívio da futura sociedade que se constituiria após a revolução. A revolução não é um evento datado, de tomada exclusiva de poder. A revolução já estava sendo feita, exercitada no dia a dia dos grupos anarquistas. Esta é uma concepção de revolução muito diferente daquela compreendida pelo marxismo leninista. Pode até ser chamada de rebeldia primitiva, nas palavras de alguns teóricos materialistas, mas com certeza, nunca de revolução autoritária.

---

[99] "A Heróica evasão de Ristori". Carta do companheiro Basterra, Montevidéu 11/07/1903, *in* La Protesta Humana, de 18/07/1903.
[100] Dossiê Oreste Ristori. Cfr. carta reservada de 12/07/1903, de Buenos Aires, enviada ao Ministério do Interior em Roma. ACS, CPC.

20.

A fama de Ristori crescia na mesma proporção em que se envolvia em aventuras. Este lado épico de sua vida o ajudava em sua propaganda escrita e falada. Suas conferências eram as que levavam maior público aos salões e círculos anarquistas, nem tanto pelos discursos, mas creio, muito em função de uma certa mitificação que se ia criando em torno de sua imagem. Não que ele promovesse publicamente seus feitos, mas Oreste era portador de uma personalidade muito forte com um ego bastante exaltado, além de uma infatigável disposição para a condução do movimento. Seu desejo, todos o sabiam, era dirigir um grande periódico diário anarquista. Meta difícil, poucos recursos para tanto e um espaço, de certa maneira já ocupado em Montevidéu, o faziam não perder de vista a movimentação que ocorria na vizinha Buenos Aires. No n °. 22 de L'Avvenire, Ristori no artigo *L'azione antianarchica nelle organizazioni operaie*, reafirmava a sua crença na fragilidade do movimento anarquista na Argentina, ou melhor na falta de qualidade dele. A polêmica em torno dos caminhos do movimento anarquista na Argentina, que havia se iniciado durante o III Congresso da FOA, continuou tendo como fórum a imprensa operária. Um companheiro anônimo, autodenominado de inconsciente, ofendido com tal artigo, toma as dores dos colegas com o apoio da redação da Protesta Humana.

"Me surpreendeu muito ler no artigo citado um parágrafo que diz:
'*Togli Guaglianone, togli Ghiraldo, togli Altair, togli Basterra, togli altri quattro o cinque che sanno, e sanno esprimere cosa vogliono, cosa pensano, dove vanno, ecc. Dimmi a chi si riduce la conscienza (e per conscienza intendo convizione formata dal conoscimento, dalla nozione del bene e del male, dell'utile e del disutile) di tutti gli altri che sono anarchici non si sa perche?*'
Jamais pensei, se não o tivesse lido, que poderia haver anarquista que se manifestasse desse modo.
Assim, pois companheiro Ristori, segundo o Sr. os anarquistas se reduzem a quatro, cujos nomes enuncia e outros quatro ou cinco mais que o Sr. se cala. (E o fez mal, por que entre estes deveria figurar o Sr., sem dúvida).
Porque não disse que existem oito ou nove anarquistas conscientes, e que os demais são um rebanho de carneiros que seguem os citados? Teria sido *troppo forte*, não?
Eu me permito dizer que os anarquistas não se encerram nesse limitado número, sendo que são muitíssimos mais do que o Sr. supõe - e apesar do Sr.
Tive oportunidade, - porque me propunha sabe-lo - de investigar quais eram os anarquistas 'que sabiam como o eram'. E lhe asseguro que estes formam legião capaz de desenvolver maior força e pensamento que um artigo devido à sua pena brava. É certo que muitos são anarquistas imperfeitos, porém eu lhe digo: aquele que seja perfeito que atire a primeira pedra...

Artigo este, que foi novamente, e em definitivo, rebatido pelo interlocutor anônimo, colega do Dr. Creaghe, se não o próprio.

"...Não digo que o dever é uma obrigação que tem o homem de agir de uma certa e determinada maneira, não; mas sim digo que é a característica da consciência moral, e por característica desta, entendo que é o hábito, o instinto, a espontaneidade que faz executar ao homem certos atos solidários.
Pois bem companheiro, como já disse nos temos baseado sobre princípios falsos: O Sr. quer consciências elevadas, eu quero homens bons; dos primeiros existem poucos, tens razão; dos segundos existem muitos, tenho razão; para obter o triunfo com os primeiros, está longe; para obtê-lo com os segundos está próximo a nós. Está ao Sr. eleger."[102]

Oreste elegeu uma teoria de cunho idealista e racional, negando princípios de um anarquismo humanista crente num essência benigna do homem. De boas intenções o mundo está cheio; o verdadeiro revolucionário se constrói dia a dia no decorrer da vida, tomando consciência das sujeições impostas pela difusa rede de poderes existente, e não com base em uma moralidade já dada. Daí sua opção intelectual em propagandear idéias libertárias no meio operário como forma de "elevar a consciência" em busca de uma racionalidade ideal . Podemos criticar esta postura um tanto quanto "elitista" na condução do movimento, mas era a única via que Oreste concebia para superar uma certa centralização autoritária que já denotava existir dentro dos nascentes grêmios operários. Do outro lado do Prata, "o movimento anarquista da Argentina escolheu o caminho do 'Inconsciente' e se reconstruiu com base na atividade de uma multidão de pessoas com 'consciência moral'"[103]. O debate nunca se concluiu e persistiu durante muitos anos dentro das esquerdas, divididas entre trabalhadores manuais e intelectuais, mas encerrou-se este episódio com uma divisão entre operários nos sindicatos e os não operários, os chamados "intelectuais", em torno de La Protesta Humana[104].

Se o retorno a Buenos Aires antes já era difícil, por causa da Ley de Residencia, agora, polemizando publicamente com a redação do principal periódico anarquista argentino, se tornara impossível. Oreste se opunha frontalmente à participação dos anarquistas dentro dos sindicatos, ação que praticariam posteriormente os anarcosindicalistas. Para ele, a organização sindical defendendo os interesses corporativos de cada categoria desviava a

[102] La Protesta Humana, 31/10/1903.
[103] Iaácov OVED, *op. cit.* p.291.
[104] Hernán DIÁZ, *op. cit.* p.45.

luta revolucionária do proletariado limitando-a a uma simples disputa por melhorias econômicas de caráter imediatista.

O recurso da greve geral revolucionária estava longe de ser lançado no Uruguai de 1903, em parte devido à debilidade das organizações sindicais locais. Assim sucederam-se algumas greves parciais de categorias mais fortes que tinham como objetivo não somente a reivindicação econômica mas também provocar greves de solidariedade em outros grêmios como forma de fortalecer o movimento operário[105]. Em novembro, irrompe em Montevidéu um movimento grevista dos trabalhadores sapateiros que tenta, sem sucesso, criar um clima de comoção junto à massa de trabalhadores locais. Oreste, mesmo guardando certa desconfiança quanto à sua eficácia, participou de um debate promovido pelo comitê de solidariedade à greve.

"Concedemos a palavra ao *senhor* representante da Liga Democrática e depois de uma dissertação que fez rir, se deixou irritar insultando os Anarquistas, que segundo ele são todos uns assassinos, ladrões, e enfim outras coisas mais que não são próprias de inserir neste escrito... Depois o companheiro **Ristori** fazendo uso da liberdade que concedemos ao senhor *cristão*, rebateu a este de tal modo, que não lhe ficou mais vontade de voltar, a nossas reuniões. Nosso companheiro passou de manifesto, o que fez a religião com os inesquecíveis inovadores, Giordano Bruno Savonarola, e o que fizeram os católicos com os huguenotes a noite fatídica de S. Bartolomeu na França, e quanto fizeram com a terrível inquisição, que tantas vítimas causou nas pessoas que sinalizavam como amigos da liberdade. Ao concluir o companheiro Ristori, foi saudado com um estrondoso aplauso."[106]

Desanimado com a apatia do movimento, Ristori reforça sua tendência em agir individualmente levando-o a praticar pequenos atos de expropriação e incitamento à desordem. Talvez assim sentisse uma reafirmação de seu ego e pensasse com isto sacudir a inércia das "massas" sem consciência. Tais atitudes não eram bem vistas entre seus próprios companheiros ainda não acostumados ao caráter intempestivo do toscano. A rebeldia de sua personalidade era o componente mais temido pela P.S. italiana que seguia seus passos de perto.

"...o perigoso anárquico **Oreste Ristori** encontra-se ainda em Montevidéu, sempre incansável na propaganda da seita, mas um pouco caído agora, na estima dos companheiros, que amante como ele é do ócio e da vagabundagem, procurou desfrutar de todos os modos.

---

[105] Carlos ZUBILLAGA *op. cit.* p. 45.
[106] Germinal, de Montevidéu, de 20/12/1903.

Ultimamente ele conseguiu juntar uma discreta soma em dinheiro que lhe permitiu passar bem por algum tempo, fingindo-se com muito sucesso encarregado de uma sociedade de Beneficência notória em Montevidéu, para recolher fundos, junto às famílias abastadas da cidade...
...Desiludidos - ao menos por enquanto - ele e os outros lideres refugiados em Montevidéu, na sua esperança de viver, às custas da propaganda e aos incitamentos quase cotidianos por meio da imprensa para surgir no meio da seita algum fanático que atentasse contra a vida do Presidente ou pelo menos contra aquela do Chefe de Polícia, ele que entre os lideres é o mais impulsivo..."[107]

Depois deste fato somem suas pegadas no Uruguai e reaparecem somente no Brasil, em 20 de fevereiro de 1904, quando o periódico Germinal noticia a primeira conferência que pronunciou em São Paulo[108]. Em pouco mais de um ano de passagem por Montevidéu, Ristori deixou sua marca na cidade com sua infatigável propaganda, deixou amigos como Maria Colazzo e principalmente, levou consigo Mercedes, aquela que se tornou a companheira de sua jornada.

21.

Até então Oreste nunca havia publicado qualquer artigo que fosse em periódicos brasileiros, mas é bem provável que se correspondesse com dois velhos conhecidos seus desde os tempos de prisão na Itália e que participaram juntos, da revolta de março de 1896 nas ilhas Tremiti. Um deles, Gigi Damiani, residia em Curitiba. Pintor de profissão, estava trabalhando com pinturas cenográficas e editava o periódico O Despertar, em língua portuguesa[109]. Mas será para São Paulo, onde estava radicado Tobia Boni, que Oreste decidiu se transferir disposto a publicar um grande jornal anarquista. De fato a Legação italiana em Petrópolis, recebia a seguinte carta:

"O cônsul geral da Itália em Buenos Aires assinala por telegrama a partida de Montevidéu para São Paulo do anarquista **Ristori Oreste**, o qual provavelmente se hospeda junto ao correligionário Boni Tobia."[110]

---

[107] Dossiê Oreste Ristori. Cfr. carta reservada de 03/01/1904, de Buenos Aires, enviada ao Ministério do Interior em Roma. ACS, CPC.
[108] Ver Anexo Mapas, p. iii: 5. Os centros anárquicos da América do Sul.
[109] Luigi BIONDI, La Stampa anarchica italiana in Brasile: 1904-1915. Tese de laurea em História Contemporânea na Università degli Studi di Roma "La Sapienza", 1993/94. p.71.
[110] Dossiê Oreste Ristori. Telegrama de Buenos Aires, 01/04/1904. ACS, CPC..

Outro toscano, este da província de Siena, Tobia Boni residia na capital paulista desde 1898 e trabalhava como ourives em uma oficina própria de bijuterias, jóias e relógios, na Rua São João, 18. A relojoaria também servia de espaço de difusão de idéias anárquicas, sendo, por causa disto, acusado pela Legação da Itália de receptação e venda de objetos roubados. A principal suspeita para esta acusação eram as grandes somas em dinheiro que Tobia Boni regularmente transferia para os periódicos anarquistas italianos. Um dos primeiros organizadores do movimento anárquico paulista, Boni estava à frente do grupo **La Propaganda**, fundado em 1901 com o nome de **Nuova Civiltà,** que agia publicando e difundindo opúsculos libertários vendidos em sua loja[111]. Os grupos anarquistas mais puristas não se constituíam em organizações sólidas e permanentes, até pela aversão que os seus integrantes tinham pela organização formal. Em 1905 **La Propaganda** anunciava-se desta forma:

"Quinta-feira 23 corrente, às 7 e meia da tarde, na Rua S. João, n °18, terá lugar a reunião do Grupo *La Propaganda*. Escopo desta reunião é de tomar em exame as melhores obras, de pequeno porte, para a difusão do anarquismo entre o elemento italiano no Brasil, e publicar aquela que pelos participantes será reconhecida como a mais adaptada a conseguir o escopo.
Não acreditamos ser inoportuno recordar aos companheiros que não é suficiente satisfazer a contribuição que cada um voluntariamente se empenhou, mas que é também mister - salvo caso de força maior - intervir nas assembléias onde cada um pode estar à vontade para expor visões próprias que possam, inclusive, agilizar o compito comum.
O grupo *La Propaganda* não é um grupo permanente, nem fixo; isto é sua atividade depende de circunstâncias de índole diversa, por exemplo a publicação de um opúsculo; a ajuda material e moral aos revolucionários...agilizar com cada meio a educação racional da infância, etc. Alcançado o escopo o grupo se dissolve: heis porque não é permanente. O grupo não é fixo, porque não tem, nem crê necessário ter um local próprio... Esta tática nos foi ditada, ou melhor imposta, pelo perigo de fossilização que gravita sobre todos os grupos permanentes e fixos... e sobretudo pelo amor que cada anarquista deve sempre ter pela sua integral independência individual."[112]

O movimento anarquista na capital paulista, apesar de ter uma penetração ainda bastante incipiente em 1904, dava sinais de franca ascensão ancorado em dois motivos emergentes: um constante incremento anual do operariado urbano devido à acelerada industrialização e uma proporção bastante significativa de imigrantes vindos de países onde a base anarquista entre os

[111] Cfr. Isabelle FELICI, Les Italiens dans le mouvement anarchiste au Brésil. Tese de doutorado, Université de la Sorbonne Nouvelle-Paris III, 1994. pp. 146-147.
[112] La Battaglia, n °. 35, de 19/03/1905. (grifo do autor)

trabalhadores tinha considerável penetração. Pouco depois da virada do século, aproximadamente 30% dos residentes na cidade de São Paulo eram italianos ou de origem italiana, sendo que 70% do operariado paulistano era composto de italianos[113]. Esta *piccola* Itália era o argumento sedutor utilizado pelos agentes da imigração para vender este paraíso tropical aos possíveis imigrantes, como o fazia Frescura.

"A população da vila de São Paulo conta com 260.000 habitantes, sendo que 112.000 são italianos; assim o ambiente para aqueles que chegam da Itália é quase nada estrangeiro; e se acrescenta que nossa língua é facilmente compreendida, fazendo que cada um se sinta mais livre, mais contente, mais alegre tanto consigo quanto com a pátria, conquistada pelo trabalho e a atividade tenaz de nossos compatriotas."[114]

Porém, chegando aqui, o imigrante dava-se conta que estes trópicos não eram tão paradisíacos assim. Tanto que no fim da primeira década deste século o fluxo de emigrados passou a suplantar o de imigrantes[115]. Como veremos, a luta contra a imigração se tornaria o principal cavalo de batalha de Ristori. Neste contexto social existia um terreno fértil para a propaganda anarquista, e foi Tobia Boni quem intercedeu em favor da vinda de Oreste e o auxiliou em sua chegada e instalação em São Paulo.

Mas qual Oreste Ristori desembarcava em Santos no início de 1904 acompanhado de sua companheira Mercedes? Que semelhanças e diferenças guardaria Oreste, então com 29 anos, com o jovem "de pouca educação e discreta inteligência" de oito anos atrás? Pouco antes de sua partida de Montevidéu, o serviço de informações da P. S. italiana, dizia o seguinte:

---

[113] O nascimento de um proletariado urbano e a significativa presença de estrangeiros, especialmente italianos, em sua formação, como uma das causas de um potencial desenvolvimento do movimento anarquista na capital paulista, foram estudadas recentemente por Jacy SEIXAS, *op. cit.*, Isabelle FELICI, *op. cit.* e Luigi BIONDI, *op. cit.* Anteriormente já havíamos tido os estudo de Sheldon L. MARAN sobre o mesmo tema, Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979; Boris FAUSTO, Trabalho Urbano e Conflito social. São Paulo. DIFEL, 1986; Leôncio Martins RODRIGUES, Trabalhadores, sindicatos e industrialização. São Paulo, 1974; Paulo Sérgio PINHEIRO e Michael HALL, A classe operária no Brasil. Vol. I e II. São Paulo. Brasiliense, 1977. Sobre o fenômeno da imigração para o Brasil ver a tese de doutorado de Michael HALL, The origins of mass immigration in Brazil: 1871-1914. Columbia University, EUA, 1969; Angelo TRENTO, Do outro lado do Atlântico – Um século de Imigração italiana no Brasil. São Paulo, Instituto Italiano de Cultura/Nobel, 1989. Dados demográficos mais precisos podem ser vistos em J.F. CAMARGO, Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos. São Paulo. IPE, 1981.

[114] B. FRESCURA, Itinerari attraverso lo Stato di San Paolo (Brasile). Genova. Montofano, 1904, p. 24, *in* Jacy SEIXAS *op. cit.*, p.11.

[115] Ver a tese de mestrado de L.R. MERTZIG, As dificuldades de adaptação do imigrante no Estado de São Paulo. Repatriação e reemigração (1889-1920). São Paulo, USP, 1978.

"Me parece oportuno anexar, que o **Ristori** o qual em todos os seus escritos em italiano, em espanhol e em francês, também naqueles mais pouco concludentes e grosseiros, mostra engenho não comum, vivo, e, em especial modo, assimilador, não é mais, debaixo desta guarda, o **Ristori** do qual fala a ficha biográfica, na data 12 de março de 1896, na qual se diz dele: Tem discreta inteligência; a sua cultura é muito limitada; sabe apenas ler e escrever..."[116]

No que se refere à sua instrução e cultura, as diferenças tornaram-se gritantes, porém Ristori conservou a sua aversão à organização e a refinou intelectualmente, fundando-a em um discurso comunista libertário de base malatestiana que anteriormente desconhecia. Neste seu desenvolvimento intelectual deve ter sido significativa a influência exercida sobre ele por Luigi Fabbri[117], principal discípulo de Malatesta, quando do encontro de ambos, presos em Ponza. Já o seu lado impulsivo, irreverente, e afeito a práticas individualistas se conservou, mesmo tendo Oreste se tornado uma liderança do movimento. O caráter de nosso personagem e suas ações não sofreram mudanças significativas. O que se nota visivelmente é o enriquecimento intelectual que adquire, expresso no conteúdo de seus textos falados e escritos em três diferentes línguas: o italiano, o espanhol e o francês (o idioma português não era de seu domínio pelo menos até 1906)[118].

Ristori, apesar de sua origem camponesa, deixou de ser um mero executor de danos contra a propriedade privada, ou atentados contra a autoridade do Estado e instigador de desordens, como fazia em sua juventude na Itália, para se transformar também, oito anos depois, em um dos principias difusores das idéias anarquistas junto ao proletariado urbano e junto aos colonos italianos das fazendas brasileiras. Para isto lança mão através da propaganda anárquica, de dois recursos básicos que dominava muito bem: a retórica envolvente e articulada e num segundo momento, a passagem desta retórica falada para o texto escrito. Porém deve ficar claro que não perderá jamais seu perfil impulsivo, quase selvagem, que, caricaturas à parte, ajudou a construir e representar sua imagem pública em terras brasileiras, como neste incidente cômico descrito por Tito Batini vinte e cinco anos depois.

"No ápice das festas da vitória de 1930, em que os tenentes de 22 e de 24 que acompanharam Getúlio supõem ter influência nos novos rumos da Nação, vem a São Paulo o então capitão João Alberto acompanhado de Oswaldo Aranha e comparecem ao

---

[116] Dossiê Oreste Ristori. Cfr. carta reservada de 03/01/1904, *op. cit.* ACS, CPC.

[117] Sobre Luigi Fabbri ver a biografia realizada pela sua filha Luce FABBRI. Luigi Fabbri. Storia d'un uomo libero. Pisa. BFS, 1996.

[118] É o próprio Ristori quem afirmava que "Conferenze in portoghese impossibili, anche se scritte, causa pronuncia.", em resposta a Gigi Damiani, La Battaglia, n°. 77, 29/04/1906.

Teatro Colombo do Largo da Concórdia, no bairro operário do Brás, vindo falar ao povo sobre os objetivos da Revolução. Encontra-se na platéia o anarquista **Oreste Ristori**, ouvindo atentamente os oradores da noite. O último programado acaba de falar. **Ristori** levanta-se e se dirige ao palco observado pelos que o ocupam. Apoiado em sua inseparável bengala... Com uma das mãos se apoia na bengala, enquanto na outra prende entre os dedos seu indefectível chapéu coco. Ora, este sendo inteiramente negro e possuindo formato arredondado, os ocupantes do palco imaginam que pretende lançar ali uma bomba de dinamite... E apavorados, fogem para os fundos, quando levantando os braços, **Ristori** pede... 'posso falar?' Refeita a calma, sobe ele ao palco e entre gargalhadas da platéia inicia seu discurso."[119]

Retornando à indagação sobre como se processou esta transformação intelectual no personagem, deparamo-nos ao longo desses oito anos com uma significativa modificação naqueles aspectos constitutivos do indivíduo que compreendem seu universo mental, uma mudança definida a partir das relações entre o indivíduo e o contexto e de como elas se refletiram em sua história pessoal[120] numa espécie de relação "antropofágica" com o meio em que circulou. Na esfera relativa à cultura, a transformação ocorrida com Ristori é como a alquimia da transformação da água no vinho que ele tanto apreciava. Mas continuemos indagando, que tipo de trocas e quais relações teve Ristori, que lugares freqüentou ao longo desses oito anos que lhe provocaram esta profunda mudança em seu perfil intelectual?

Luigi Biondi nos diz que "será justamente o *domicilio coatto*, ao invés, que transformará o anônimo rebelde em um 'ativo propagandista de notável influência junto aos companheiros de seita', como escreverá o diretor da colônia penal de Ustica durante a permanência de Ristori por lá no último ano de sua condenação (abril 1900- março 1901)"[121]. Seguindo a idéia já desenvolvida por Masini[122] - para quem as prisões em *domicilio coatto*, longe de enfraquecerem a militância anarquista, fizeram-na permanecer em congresso permanente servindo até como uma verdadeira escola libertária - Biondi confirma que "será neste ambiente que Ristori terá modo de adquirir uma discreta bagagem teórica e de se aproximar à escrita, graças ao conhecimento daqueles companheiros que haviam já tido precedentes experiências no campo da propaganda escrita redigindo ou colaborando com as lideranças anarquistas."

---

[119] Tito BATINI, *op. cit.* p.164.
[120] Relações entre indivíduo e contexto estudadas por Franco FERRARROTI, *op. cit.*
[121] Luigi BIONDI, *op. cit.* pp. 59-60.
[122] Pier Carlo MASINI, Storia degli anarchici italiani nell'epoca degli attentati. Milão. BUR, 1981.

Mas terá sido somente a prisão junto aos companheiros anarquistas a grande escola de Oreste Ristori? Parece-me pouco limitar seu desenvolvimento intelectual unicamente às relações mantidas com outros anarquistas em um regime de isolamento, ao qual Masini chama de "Congresso permanente". Talvez o *domicilio coatto* tenha, através desta rede de comunicação estabelecida junto a um universo bastante amplo de ativistas, (desde os mais jovens e pouco cultos como Ristori, passando pelo jovem intelectualizado como Fabbri, e outros mais experientes como Galileo Palla e Luigi Molinari, fundador da Universidade Popular de Mantova) ampliado seu horizonte em direção a um conhecimento mais preciso dos fundamentos teóricos das diversas tendências anarquistas, em particular do comunismo libertário. É bastante coerente também que a desfavorável situação em que viviam estes homens (homens porque desconhecemos a presença de mulheres presas nestas ilhas) deva ter contribuído para um estreitamento, ainda maior, dos laços de solidariedade entre eles, como por exemplo na criação de escolas internas e até na alfabetização de alguns. Porém isto ainda não parece ser o suficiente para explicar a transformação ocorrida.

Após o relaxamento de sua prisão, quando Oreste ainda circulava entre a Itália e a França, não conseguimos distinguir, pelo menos com base na documentação pesquisada, salvo artigos esparsos que já começavam a serem enviados a alguns periódicos como L'Avvenire, uma real e marcante presença dele junto ao movimento anarquista. Foi somente após sua vinda à região do Rio da Prata, quando Oreste Ristori teve uma participação ativa junto ao movimento, que passou a ser individuado pela historiografia com que nos deparamos. Aquele Ristori de fim de *domicilio coatto* na Itália reprimida do início do século, ainda permanece muito distante, teoricamente, daquele que chega a São Paulo para literalmente se tornar na maior liderança anarquista da primeira década deste século.

A atividade de propaganda de Oreste Ristori passa, essencialmente, pelos círculos sociais e pelos grêmios operários de tendência anarquista. Foi justamente através destes espaços, como o **Círculo Internacional** de Montevidéu, e nas trocas estabelecidas, tanto nas conferências de propaganda, como nos cafés, nos salões e teatros, com uma vasta gama de pessoas que ultrapassava os limites do próprio movimento, que encontramos a reafirmação libertária de sua subjetividade. Vamos continuar observando como, já em São Paulo, o caminho percorrido por Ristori está essencialmente identificado com este espaço de difusão e convívio daquilo

que podemos chamar genericamente de cultura libertária, ultrapassando as fronteiras de uma segmentação restrita ao universo fabril.

22.

A chegada de Ristori sacudiu o meio anarquista paulista reforçando-o com um conferencista ímpar. Em São Paulo reproduziram-se as mesmas polêmicas observadas na região do Prata, travadas entre sindicalistas, organizacionistas e não organizacionistas, dentro do movimento anarquista e, entre o anarquismo e o socialismo no movimento operário como um todo.

"No domingo p.p., 20 do corrente, o camarada **Oreste Ristori** realizou ante numerosíssimo auditório, composto de pessoas de várias opiniões, a sua anunciada conferência. A contradizer o orador em alguns pontos, subiu depois o socialista democrata Sr. Pampione, diretor do *Avanti!* A hora adiantada e o cansaço do público obrigaram o nosso camarada a adiar a réplica para outra conferência.
Os nossos camaradas ficaram ainda bastante tempo na rua, distribuindo gratuitamente grande número de folhetos e periódicos aos transeuntes e aos passageiros dos bondes. Foi um dos melhores dias de propaganda que temos tido no Brasil.
A conferência serve mais para despertar a curiosidade e incitar o estudo, dando ensejo a outra espécie de propaganda mais sólida, a impressa, do que para convencer. Mas sendo contraditória, tem, a nosso ver, outra vantagem: a aprendizagem da tolerância."[123]

O Amigo do Povo não tardou a marcar a anunciada réplica para dois domingos depois, quando, no Casino Paulista (antigo Eldorado), falou sobre o socialismo legalitário,[124] tema já desenvolvido em sua passagem por Montevidéu. Quem estava à frente do jornal socialista Avanti!, era um grupo de jornalistas a quem os anarquistas acusavam de mercantilistas e totalmente desvinculados da causa operária. Desde 1900 o jornal vinha sendo dirigido por Alcestes de Ambris, respeitado nome do socialismo italiano que mantinha posições teóricas bastante próximas dos grupos sindicalistas, por isto o Avanti! ainda ocupava um espaço privilegiado junto ao proletariado paulista. A mudança de direção do jornal, agora sob a batuta do moderado Antonio Piccarolo, desagradou bastante a todos os grupos de esquerda, desde os anarquistas de O Amigo do Povo e de Germinal, até mesmo os próprios simpatizantes socialistas, como se queixa este leitor desconhecido.

[123] O Amigo do Povo, de São Paulo, 26/03/1904.
[124] O Amigo do Povo, 03/04/1904

"Caro **Ristori**,
Te parecerá estranho que eu, socialista, com um jornal que diz ser o órgão das idéias que professo, me dirija ao invés ao teu, para pedir um pouco de hospitalidade.
As razões de tudo isto são fáceis de compreender, quando te direi que o artigo *Si volta casacca*, inscrito no número passado do jornal por ti dirigido, espelha - se não todas - a maior parte das minhas idéias sobre a conduta do *Avanti!* E do seu diretor, sobre a questão da emigração.
E já que nenhum socialista - é vergonhoso constatá-lo - apareceu para defender *pelo menos o honroso passado* de nosso cotidiano, assim me encontro obrigado - por dever de consciência e de retidão política e jornalística - a subscrever a plenas mãos quanto por ti publicado, porque você somente foste capaz de revelar publicamente a atual virada de casaca do nosso jornal socialista..."[125]

É certo que não se deve somente a Ristori a euforia que tomou conta do movimento anarquista em São Paulo. Vimos que havia um contexto social de época bastante favorável à expansão de idéias libertárias, porém torna-se nítido que sua capacidade de articulação política unida a uma vibrante retórica, conquista e seduz, cada vez mais, uma significativa parcela de pessoas, quase todos italianos, a participar do movimento; "as conferências de Ristori, além dos seus comícios nos raros dias de mobilização, tornaram-se um momento de confronto proficuo, mesmo porque os temas tratados eram em grande parte genéricos, mais temas de propaganda teórica que intervenções para explicar a realidade quotidiana local ou a endereçar a ação sindical ou política, e isto se prestava bem para reunir anarco-sindicalistas, libertários, e mesmo os socialistas, em um mesmo lugar e em momentos em que cada distinção política no que diz respeito à luta de classe podia facilmente ser colocada de lado"[126]. Chegou o Primeiro de Maio e parece que um certo alento, já começava a tomar conta dos anarquistas fazendo-os respirar novos ares.

"Na noite de 30 de abril no Eldorado, o grupo Filodramático Juvenil representou discretamente, mesmo bastante melhor que de costume os nossos amadores, as duas pequenas peças de P. Gori - "Primo Maggio" e Ideasse".
Nos intervalos falaram os camaradas Bandoni e **Ristori**; o primeiro, sobre o 1°. de Maio, procurando o seu verdadeiro significado, mostrando como ele foi mistificado e inutilizado e como a ação deve ser quotidiana e não com datas prefixas; e o segundo, ocupando-se particularmente da mulher, do casamento, da educação infantil.
A assistência era numerosíssima, e composta em partes aproximadamente iguais pelos dois sexos.

---

[125] La Battaglia n°. 51, de 03/09/1905.
[126] Luigi BIONDI, *op. cit.* p.76.

Na mesma noite, no teatrinho do Cambucy, esse distante arrabalde onde contamos tantas simpatias, foi também representado o "Primo Maggio" por alguns moços de boa vontade, que foram bem sucedidos.
Falou depois o amigo G. Sorelli, explicando a origem e o significado do Primeiro de Maio.
Foi outra enchente, predominando o elemento feminino.
No dia 1°. de maio, às 8 horas da tarde, começou o companheiro **Ristori** a sua anunciada conferência, perante um auditório composto sem dúvida de mais de 400 pessoas. Como a conferência fora bem anunciada assistiram grande número de pessoas estranhas ás nossas idéias.
Ristori ocupou-se do governo, exemplificando como as oligarquias republicanas da Argentina, América do Norte e do Brasil cujas façanhas são já célebres. Ninguém aceitou o contraditório.
No mesmo dia, Bandoni foi a Piracicaba realizar uma conferência, conseguindo ser ouvido com interesse por uma boa concorrência.
Acrescentemos que em todos esses atos se distribuíram profusamente jornais e opúsculos em português e italiano, e teremos o balanço do dia. Boa propaganda, que deve ser continuada todos os dias."[127]

Ainda em abril, Ristori havia impresso na oficina tipográfica do jornal Germinal, dirigido por Angelo Bandoni, seu segundo opúsculo, LE CORBELLERIE DEL COLLETTIVISMO, onde critica os pressupostos do coletivismo comunista. Dois meses após sua chegada, era grande a movimentação que se fazia entre os anarquistas da colônia italiana da capital paulista. O objetivo imediato de Ristori, em torno ao grupo **La Propaganda**, era o de criar as condições básicas para a publicação de um grande periódico em língua italiana que tivesse longa vida. Apesar de serem a colônia trabalhadora mais numerosa em São Paulo, os anarquistas italianos não haviam, até o momento, logrado êxito na publicação de um jornal duradouro. As tentativas anteriores foram esparsas e curtas. Desde o fim do século passado encontramos alguns números únicos publicados, mas periódicos regulares somente haviam surgido Gli Schiavi Bianchi (1892-1893), L'Asino Umano (1893-1894), L'Avvenire (1894-1895), L'Operaio (1896), La Birichina (1896-1898), e mais recentemente, Il Risveglio, fundado em janeiro de 1898. Sob a direção de Gigi Damiani, Il Risveglio foi publicado com periodicidade semanal e atingiu a tiragem de 2.000 cópias[128], resistindo, com algumas interrupções, até maio do ano seguinte. O mais importante de todos foi sem dúvida Germinal. Fundado por Ângelo Bandoni em fevereiro de 1901 saiu ininterruptamente até o ano de 1903, quando

[127] O Amigo do Povo, de 06/05/1904.
[128] Luigi BIONDI, *op. cit.* p.53.

começa a não ter periodicidade fixa, e finalmente desaparece em março de 1904.[129]

Havia ainda o Caradura de Giuseppe di Daniele, periódico satírico que se auto intitulava "o jornal mais estúpido do mundo". Neste periódico que circulou durante cinco anos, Ristori debutou na imprensa brasileira com um artigo dirigido à comunidade italiana intitulado *"Che magnifico Congresso!"*[130]. O Congresso a que Ristori referia-se era o da Bota, e o artigo ainda era fruto de suas ligações com companheiros residentes na Itália. Apesar de não ser sido assinado, a polícia italiana descobriu sua autoria pois reteve o manuscrito do texto enviado por Oreste aos seus colegas italianos. A correspondência do toscano continuava sendo violada como informa o delegado Genovesi.

"Se nota, há pouco tempo, uma estreita relação entre ele e vários anarquistas, assinaladamente com Sassi Vincenzo, também residente em São Paulo, objeto de recente relação com um tal Bertolini Ezio redator de um jornaleco anarquista em Sanpierdarena, com o Borzacchini Remo... e finalmente com o Travaglini Enrico redator do "Grido Della Folla" de Milano.
Poucos dias atrás o **Ristori** recebeu uma longa carta do Travaglini, com a qual se informava do movimento anarquista na França e se exprimia a esperança de uma próxima retomada..."
Não faltarei de fazer vigiar a conduta do **Ristori**, deixando no entanto o sábio juízo desse Ministério examinar se... seja, como eu creio, oportuno fazer entender aos ditos anarquistas residentes no Reino, em especial ao Travaglini, que a sua correspondência ao exterior não passam assim inobservadas, como talvez eles creiam."[131]

O milanês Enrico Travaglini, ou Travaglio, como grafa Masini[132] já havia vivido nos Estados Unidos, mais precisamente em São Francisco, onde publicara uma revista chamada La Protesta Umana. Em sua volta à Itália juntara-se novamente aos seus companheiros de Milão, à frente do jornal Il Grido della Folla, menos propagandista e mais empenhado em informações teóricas e culturais. O Grido della Folla constituiu-se desde 1902, na mais sólida expressão do anarquismo individualista italiano. O periódico era dirigido por Giovanni Gavilli, o cego de infatigável espirito de luta que Ristori havia conhecido nas ilhas Tremiti. Pelo Grido passara também o individualista Pio Spadea que agora achava-se radicado em São Paulo e

[129] Para obter informações mais detalhadas sobre a participação dos anarquistas italianos na imprensa operária brasileira, sugerimos ver o trabalho de Isabel FELICI, *op. cit.*
[130] Caradura, de São Paulo, maio de 1904, n°. 121.
[131] Dossiê Oreste Ristori. Correspondência de 01/06/1904, de Petrópolis, enviada pela Legazione D'Italia à Direzione Generale della PS em Roma. Protocolo 12618. ACS, CPC.
[132] Ver Pier Carlo MASINI, *op. cit.*, p. 206.

nesta retomada do movimento no estado, aproximara-se do grupo de Oreste. Como vemos, não é possível a confinamento sectário das diversas correntes ideológicas do anarquismo. Os diversos grupos, apesar das divergências teóricas e de procedimentos, mantinham ligações constantes, ora aproximavam-se mais em função de uma ação comum, ora afastavam-se devido a pequenos atritos entre si.

Os contatos com o Grido della Folla denotam o estreitamento de uma rede mais complexa de relações envolvendo anarquistas de diferentes correntes teóricas, que apesar de distintas em seus métodos de ação conseguiam estabelecer um nível de diálogo sem intransigência.

Se estes anarquistas na Itália com quem Oreste se correspondia, sabiam ou não que estavam sendo vigiados, não sabemos, mas as trocas epistolares entre ele e seus companheiros praticamente desaparecem do controle policial, talvez em parte devido a uma reordenação pela qual passou o movimento anarquista no Brasil, tanto em sua base teórica como na forma mais incisiva com que passou a se realizar a propaganda ocupando um espaço próprio de atuação.

Apesar destes avanços os periódicos não conseguiam permanecer vivos durante muito tempo e os libertários paulistanos não se contentavam com esta situação. Até os jornais em língua portuguesa demoravam a firmar-se. Encontravam-se com certa regularidade, os anticlericais A Lanterna, de Benjamin Mota e O Livre Pensador, de Everardo Dias, além do Amigo do Povo, de Neno Vasco, o principal periódico anarquista de São Paulo, simpático à atuação anarquista junto aos sindicatos[133]. E foi justamente neste periódico, enquanto não se abria o espaço para outra publicação, que Ristori anuncia sua disponibilidade para a realização de conferências sendo elogiado por Attilio Artidi, de Piracicaba.

"Depois da última impressão feita pelas duas conferências do camarada Bandoni, chegava a esta localidade, em 22 do mês passado um outro conferente, o camarada **Oreste Ristori**, chamado pelo Círculo anarquista de estudos sociais.

---

[133] Sobre O Amigo do Povo, existe um trabalho aprofundado realizado por Edilene TOLEDO. O Amigo do povo: Grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. Mestrado em História. IFCH-UNICAMP, 1994. Sobre o pensamento anarquista de Neno VASCO, ver Concepção anarquista do sindicalismo. Porto. Edições Afrontamento, 1984. O texto introdutório do historiador do anarquismo em Portugal, João Freire, dá um apanhado geral da trajetória de Neno Vasco e da evolução de seu pensamento anárquico.

Nesse mesmo dia, às 8 da noite, realizou a sua primeira conferência no 'Recreio Popular', com escassa concorrência em razão de várias festas. A palavra franca e convincente do nosso camarada conquistou em breve a simpatia de muitos operários, que em número crescente acudiram às três outras conferências, efetuadas nos dias 26, 28 e 29, numa casa gentilmente cedida pelo amigo Eugenio Corazza,
Nos vários e importantes temas desenvolvidos, não podia o conferente ser mais claro para dissipar as dúvidas que infelizmente ainda reinam na maioria da população. Foi uma salutar propaganda e confirma-o o nosso Grupo Germinal com um contínuo aumento de trabalhadores que aderindo ao grande ideal anarquista, preocupação de tantos filósofos e tantos mártires, aprovando o nosso método de luta, vem trazer-nos a vitalidade que tanto nos negam os que nos combatem sem nos conhecerem e sem saberem a que aspiramos.
Inútil será acrescentar que foram profusamente distribuídos opúsculos de propaganda libertária. **Ristori** anunciou que brevemente teremos aqui outro propagandista, notícia que o público colheu com prazer."[134]

Em torno ao grupo **La Propaganda**, que se reunia periodicamente na casa de Tobia Boni, onde Ristori e sua companheira estavam hospedados, juntaram-se os interessados na impressão de um periódico semanal. Este jornal deveria ser escrito em língua italiana e pretendia-se que pudesse se tornar o fórum de debates do movimento operário, aberto a todas as tendências do anarquismo, com o objetivo de aglutiná-lo e denunciar as precárias condições de vida e trabalho a que estavam submetidos o operário urbano e o colono das fazendas. Oreste Ristori seria seu diretor e a alma do jornal. Coube principalmente a ele todo o trabalho de bastidores para obter os recursos iniciais à sua publicação. A Ristori e Boni, juntou-se Ângelo Bandoni, que cessada a publicação de Germinal em abril, estava desocupado e veio formar o corpo de redação do novo jornal reunido em uma pequena sala da Rua Dr. Falcão, no número18, bem no centro antigo de São Paulo.

Além deste grupo original, todos anárquicos anti-organizadores, o periódico recebeu também a contribuição de Giulio Sorelli, um simpatizante da atuação dos anarquistas junto aos sindicatos. Encontrávamo-nos em um período de refluxo da imprensa operária; O Amigo do Povo, brevemente fecharia as portas, e então Sorelli, que além de simpatizante da mesma tendência de Neno Vasco era seu amigo pessoal, optou por contribuir para o fortalecimento de um grande periódico operário. Outro que freqüentemente assinaria seu nome nas colunas do futuro periódico seria o individualista Pio Spadea.

[134] O Amigo do Povo, de 11/06/1904.

La Battaglia, o nome escolhido para a publicação, demonstrou a disposição combativa de seus redatores. Em 19 de junho saia o primeiro número, tendo Oreste Ristori à frente como diretor. Confiantes no êxito e permanência do periódico já haviam sido vendidas assinaturas no valor de 10$000 que fariam o jornal ser recebido semanalmente em casa durante o período de um ano. Nestes curtos cinco meses de permanência no país Oreste colocou-se rapidamente a par da real situação existente para aqueles que viviam da venda de sua força de trabalho, e no editorial "A inquisição no Brasil", traçou o perfil da nação, alertando aos estrangeiros que desejassem imigrar para cá.

"A Inquisição reina, atrozmente infame.
Das *fazendas*, dos feudos, dos vastos domínios dos grandes proprietários de terra, irrompe um grito de angústia e de desespero. - São os pobres colonos - os servos infelizes da gleba, os párias do novo mundo - dissecados pelos patrões e açoitados a sangue pelos seus *capangas*.
São os pobres colonos - vindos aqui a fecundar, com os seus braços, a terra de proprietários ignotos - que trabalham meses e anos sem serem pagos, e que sofrem as mais terríveis atrocidades, quando perguntam pelo sua paga..
Aqui, quem reina não é a República, mas oligarquia, plutocracia, lupocracia, burocracia, e pior.
O Governo é composto de bandidos; as autoridades inferiores, o quanto pior se pudesse encontrar nos ergástulos: toda uma purulenta cloaca de alcoolizados, de maus elementos, criminosos, toda a fina flor da malandragem e bandidagem mafiosa.
A estes tristes elementos de degeneração e desordem esta subordinada a vida do país.
Garantias, direitos para o operário, tanto interno como estrangeiro, são palavras vazias de sentido. O patrão, favorito das autoridades, à sombra das leis, espolia, martiriza, mata.
A imprensa do país, com exceção de algum jornal, cala-se e torna-se cúmplice, pelo contrário, em quase todas as malandragens.
É um esquema maravilhosamente organizado, no qual estão inseridos policiais, patrões, agentes de emigração, cônsules, jornalistas, juizes e governantes: esquema assassino e devastador, onde há quem rouba, quem põe no saco, quem prepara a emboscada e quem ataca." [135]

Quanta diferença em relação à Itália e à Argentina. A compreensão do desgoverno que tomava conta do país foi um profundo golpe em Ristori. Certo que ele esperava uma nação ainda bastante arcaica no tocante às modernas concepções de um estado de direito, mas o que ele encontrou aqui era completamente diferente de todos os locais por onde havia passado. Causa espanto a atualidade do editorial quase cem anos após, se nos dispusermos a retirar a máscara que falseia a pseudodemocracia brasileira e observarmos como o cidadão comum é refém do banditismo governamental.

[135] La Battaglia, n°. 2, de 26/06/1904.

Para Ristori, que viera disposto a disseminar a propaganda anarquista em solo brasileiro, colocava-se outra questão. Como realizar então o discurso anarquista de negação do Estado em um território onde o Estado é ausente, e o desgoverno comanda a baderna gananciosa de quem é mais esperto e violento? Num primeiro momento, sem respostas, optou pelo caminho mais simples: tentar impedir trabalhadores de outros países imigrarem para cá. Continuemos lendo o editorial.

"Sob tais auspícios, as fontes da vida nacional estão dissecadas; o Estado afunda nas tetas de sua enorme máquina burocrática; os minotauros do feudalismo e da indústria vos chupam até não mais poder; os outros, os especuladores ambulantes da espoliação, os lambe botas dos cônsules, das autoridades supremas e dos mastodontes porcos do capitalismo, correm a pegar o que resta.

Assim, a vida das populações agrícolas e rurais se poderiam comparar a uma perpétua agonia. O operário sente na pele um mal estar que não sabe definir; de todas as partes sente arrancados pedaços de carne; todos lhe se montam encima: do coletor de impostos ao presidente da República, dos proprietários aos *capangas*, cada um quer a sua parte.

Nos centros urbanos é o mesmo que no campo: os proprietários fazem trabalhar e não pagam. Mas tem esta diferença: se no campo onde tudo passa em silêncio, onde o açoite da moral não chega, onde os patrões e autoridades estão em contínuo acordo, se paga ao som de pauladas o operário que ousa reclamar o seu. Muitas vezes, recorre a um meio mais rápido e persuasivo: o matam para que não tenha coragem de reclamar as suas jornadas de trabalho.

E as autoridades, que fazem?

Se recusam a prender os assassinos, ou, se os prendem, não é que para tributar juntos um brinde à lei com um esplendido banquete.

E o Governo? Ora, o Governo!

O Governo quando não diz aos seus bandidos minúsculos: força rapazes, agora é hora!.. ri tranqüilamente da honestidade e da tolice de toda uma carneirada de povo, que é digno, arcedigníssimo representante.

Mas vocês, vocês que vivem além de toda esta sujeira política e moral, vocês, que no continente europeu, para as nações latinas, ouvem ressoar nas orelhas a eterna mentira de que aqui se está bem, que aqui a vida é beata, que aqui se faz a América, e dos rufiões da emigração riscando os vilarejos em busca de novas vítimas, de novas bestas de carga e açoite, sentem falar deste país como de um delicioso e encantador Eldorado; gritem forte, por Deus! Que a América já a comeram os seus proprietários, que aqui se morre de fome, que aqui não há liberdade nem vida para a gente que o ergástulo e a forca!

Façam vosso o nosso apelo; façam que a voz da verdade repercuta nas cidades e no campo, no seio da massa trabalhadora e diga que o Brasil não é um paraíso terrestre, como foi pintado pelos interessados, mas um doloroso inferno de viventes.

A todos que queiram abandonar o país nativo para ir em outro lugar a procura de pão e trabalho, DIGAM QUE VÃO AO DIABO, DIGAM QUE SE SUICIDEM ANTES DE VIREM PARA CÁ.

E será esta uma obra das mais nobres e grandes."

O texto contundente, golpeando o Estado, os patrões e ironizando a inércia da população, é a marca registrada do discurso de Ristori. Se nos recordarmos de seu editorial no número único de L'Avvenire, veremos o mesmo tom agressivo contra as instituições e a paralisia das massas. Há algo, porém, de diferente neste texto. Ele não é endereçado diretamente aos que vivem aqui, a não ser como uma provocação para ferir sua autoestima. O texto é escrito para os italianos que pretendem vir para cá, desmistificando a paradisíaca nação brasileira.

A luta contra a imigração ao Brasil será o principal mote do grupo de **La Battaglia** nos próximos anos. O jornal se constituiu claramente, com a intenção de ser o porta voz da colônia de trabalhadores italianos residente em São Paulo e defender seus interesses, seja aqui como no exterior. Tanto o é que, salvo uma curta seção em português, todo o jornal em suas quatro páginas era escrito em italiano. Não vemos nenhum esforço para a expansão da propaganda libertária em terreno diferente deste e mesmo em seus giros de propaganda, "Ristori não se moveu nunca, porém, sobre a linha que levava ao vale do Paraíba e para o Rio de Janeiro, ou mesmo, sobre o ramal até a fronteira de Minas Gerais de onde partia a *Central*, sinal este que a bacia do jornal era intencionalmente, e também forçosamente, aquela em que se recolhia a extrema maioria dos imigrantes italianos."[136]

O primeiro momento do jornal foi o de garantir sua sobrevivência e com este objetivo duas frentes foram atacadas para conseguir o maior número possível de assinaturas: os giros de propaganda pelo interior, e as festas libertárias na capital com a arrecadação retornando para o periódico.

23.

"No vasto salão CARLO GOMEZ - Rua Boa Vista, piso superior do FRONTÃO - na noite do dia 2, próximo mês, terá lugar uma festa libertária, com conferências, declamações de poesias revolucionárias, experiências de hipnotismo, sinfonia musicais, rifas e bailes que entrarão pela noite.
A festa irá em total benefício da "Battaglia", em cuja redação se poderão pedir os bilhetes de entrada.
Preço da entrada, 1$000."[137]

---

[136] Luigi BIONDI, *op. cit.* p.78.
[137] La Battaglia, n°. 11, de 09/09/1904

Assim anunciava-se uma das tantas festas realizadas pelo grupo de La Battaglia em prol do periódico. Em setembro de 1904 a redação do jornal já havia mudado para a Av. Tiradentes, 100, no bairro da Ponte Pequena, onde continuaria até março do próximo ano, quando se deslocaria novamente, para o número 164 da mesma rua. Para facilitar o pagamento das assinaturas do jornal, fundamentais para sua sobrevivência, La Battaglia criou uma rede de responsáveis pela sua administração. No bairro do Bom Retiro, Pappalardo era o encarregado da cobrança e de conseguir novos adeptos para o jornal; no Brás, tínhamos Antônio Rova; no centro Tobia Boni em sua loja de jóias; e no Cambucy, Teobaldo Soderi. A estes reuniam-se outros simpatizantes para a organização de eventos específicos.

"Como já anunciaram os jornais burgueses, na metade do mês de junho terá lugar uma grande festa popular em benefício de nosso periódico, *La Battaglia* e da escola Germinal, dirigida pelo companheiro Angelo Bandoni.
Um aposto comitê está trabalhando pela organização da festa, que terá as melhores atrações e será divertidíssima com base no plano original na qual foi idealizada.
Os bilhetes 1$000 reis, para esta festa, serão vendidos nos seguintes endereços:
Cambucy - Rua do Lavapés, Teobaldo Soderi
Brás - Largo Concórdia 14, Silvio Brunille
Bom Retiro - Caffè della Sofia
Centro - Tobia Boni, R. São João 18 e Caffè dell Arno, R. São João 8
Ponte Pequena - redação da Battaglia, Tiradentes 164."[138]

A organização da festa sofreu contratempos e La Battaglia teve de adiar a data de sua realização. A recusa da cessão de um grande espaço público onde pretendia-se montar o evento, obrigou o grupo a ir em busca de um recinto fechado de aluguel mais em conta e anunciar a mudança de planos.

"Assim, invés do lugar público, onde teriam sido dados espetáculos de qualquer sentido: 'Conferências, exercícios de ginástica, provas de destreza, hinos corais, *pic-nic* e loteria gastronômica, artística e humorística' precisará se contentar com alguma coisa de menos.
A 'Festa' terá lugar somente no dia 8 do próximo julho, no Salão Ibach rua São João 61, e começará às 8 e ½ em ponto.
O salão, em que nossa festa terá lugar é um dos mais grandes e elegantes de São Paulo."[139]

Como não podia deixar de ser, Oreste estava programado para ser o terceiro conferencista da noite, onde falaria sobre "o ciclo histórico das guerras civis". Para este grupo de anarquistas, o lazer do operariado e a propaganda

[138] Cfr. nota publicada em La Battaglia, n°. 42, de 07/05/1905.
[139] La Battaglia, n°. 46, de 23/06/1905.

política corriam paralelamente. O tempo livre de lazer ocupado fora das fábricas, serviria para fortalecer a consciência de classe na direção de uma cultura operária. O programa do evento realizado pelos anarquistas é dividido entre atividades culturais ou políticas, como as conferências e os dramas libertários, e as atividades de jogos e brincadeiras. Porém mesmo estas últimas detinham uma moral diferente daquela que imperava entre as festas da burguesia. A competição era diminuta e os vencedores dos jogos nunca eram recompensados em dinheiro. O consumo de álcool não ultrapassava os limites da lucidez e as aproximações amorosas ocorriam num clima de respeito mútuo. Apesar desta aparente moral rígida, a festa, que na última hora mudara de local para o Salão Stenway, varreu a madrugada adentro orgulhando seus organizadores.

"Como previsto, a nossa festa ocorreu sábado passado 8, às 9 horas da noite e se alongou até às 4 e ½ da manhã seguinte.
O esplêndido salão Stenway apresentava um efeito verdadeiramente fascinante.
Com uma numerosa concorrência de companheiros e amigos, de ambos os sexos, surgiu o garoto Giuseppe Magnacavallo, da *Escola Germinal!* com sua conferência *A Questão Social*, recebendo merecidos aplausos.
Em seguida foi representado *Sem Pátria*, pelos filodramáticos do Bom Retiro.
A menina G. Rausse declamou uma bonita poesia contra a tirania russa.
E depois se portaram, cada vez mais animados, até o amanhecer.
Em suma um verdadeiro sucesso do lado moral e de diversão: daquele pecuniário não muito remunerador.
A remuneração desta festa deveria ser dividida em duas partes: ou seja, metade em benefício da Escola Germinal! e a outra para o periódico La Battaglia.
Porém - depois de dois anos de luta para defender seu espaço - a Escola acabou por cair no mesmo dia em que se dava a festa em seu auxílio, deixando a totalidade do arrecadado para o periódico."[140]

A nota triste da noite foi dada pelo fechamento da escola que Angelo Bandoni dirigia. Uma das poucas escolas nem burguesas nem religiosas da cidade, freqüentada pelos filhos dos anarquistas e seus simpatizantes, a Escola Germinal funcionava a partir de um programa de ensino laico e racionalista com o objetivo de transmitir ao jovem, desde cedo, uma visão de mundo antagônica à propagada pelas escolas das classes dominantes. Neste início de século as poucas escolas racionalistas existentes sobreviviam com grande dificuldade. Foi somente a partir de 1908, quando inclusive Ristori, mudando sua opinião à respeito, se engajou na campanha pela proliferação de escolas libertárias (ele, que como já vimos era um tanto quanto avesso ao investimento de dinheiro e energia na constituição destas escolas) que as

[140] La Battaglia, n°. 47, de 18/07/1905.

escolas chamadas modernas passaram a tornar-se um espaço corriqueiro em quase todas as cidades onde existisse um círculo libertário.

A opção pelas festas de propaganda como forma de se obter recursos financeiros para o jornal mostrava-se cada vez menos eficiente. A arrecadação com a venda de ingressos mal cobria as despesas com a organização das festas, fora o cansaço e o desgaste físico que sobrevinham à sua realização. Em vista disto, muitos colocaram-se contrários a esta estratégia de propaganda do periódico que, se era muito boa para o necessário divertimento dos simpatizantes do movimento, demonstrava-se um verdadeiro fiasco em seu objetivo principal de arrecadar verba.

O periódico era impresso na Tipografia Roma, à Rua Conselheiro Crispiniano, 48, e passou a ser administrado, desde dezembro de 1905, por um núcleo de pessoas (Francesco Pappalardo, Antonio Bava, Francesco De Paola, Ferdinando Garcea e Teobaldo Soderi) responsáveis pela coleta de assinaturas, venda e distribuição que anunciaram no jornal os novos procedimentos.

"Começando pela venda semanal os companheiros do Grupo Administrativo - cada um no seu respectivo bairro - visitarão os nossos assinantes para o recolhimento.
Os nossos companheiros que cumprem este trabalho são operários, pelo que recomendamos a todos os que crêem útil e necessária a publicação de 'La Battaglia', facilitar o seu trabalho, tanto mais - sempre é bom recordar - que eles não tem, nem aceitariam, compensação alguma.
'La Battaglia' deve viver com os próprios recursos, ou seja com as contribuições dos seus leitores, portanto os nossos amigos e companheiros pensem se quiserem vê-la sair regularmente cada semana.
Não por isto se houvesse algum operário impossibilitado de dar qualquer contribuição, e desejasse ter o jornal, nos traga informações que nós o mandaremos da mesma forma.
O trabalho de recolhimento foi distribuído do seguinte modo.
Francesco Pappalardo, Bom Retiro e Barra Funda;
Ferdinando Garcea, Consolação, Vila Buarque e adjacências;
Antonio Rava, Braz, Immigração e adjacências;
Francesco De Paola, Ponte Pequena, Luz e Bexiga;
Dante Carli, Cambucy."[141]

Observando-se os pontos de venda de ingressos para as festas e de recolhimento de assinaturas, considerando-se que esta distribuição geográfica correspondia à penetração do jornal junto ao seu público leitor, notamos que ele se insere em todos os quadrantes da cidade de ocupação

[141] La Battaglia, n°. 58, de 03/12/1905.

operária. Do Bom Retiro, onde começavam os bairros fabris em direção ao oeste, até a Barra Funda e a Lapa; ao sul, a partir do Cambucy em direção ao Ipiranga; em direção à zona leste, saindo do Brás, a caminho da Moóca, Belém e Quarta Parada, a maior região fabril de São Paulo; e também em toda a zona central da cidade. A população proletária da capital paulista já estava praticamente coberta, assim Ristori pode centrar esforços no segundo foco de expansão pretendido, em direção ao interior do estado.

"No dia 2 do mês que entra o companheiro **Ristori** empreenderá um novo giro de propaganda sobre a Mogiana. Os companheiros e os assinantes residentes nas localidades situadas nessa zona podem organizar conferências sobre temas da escolha deles, desde que se remetam às questões sociais ou religiosas.
Se prega, além disso, de não fazer esperar o dinheiro da assinatura porque... c'est l'argent qui fait la guerre.
Os companheiros e os amigos de Amparo, Lindoya, Itupeva, Villa Americana, Limeira, Pirassununga, Araras, Espirito Santo do Pinhal, S. Simão, Sta. Cruz das Palmeiras, S. José do Rio Pardo, Mococa, Bragança, Cascavel, Cravinhos, Rib. Preto, Sertãozinho, Eng. Brodowsky, Jardinópolis, Batatais, Franca, Uberaba - podem desde já preparar o terreno para a conferência. Serão advertidos, quatro ou cinco dias antes, da chegada de **Ristori**."[142]

As conferências realizadas por Ristori, nestas paragens distantes, eram celebradas como verdadeiros acontecimentos pelas comunidades locais. Carentes de informação, notícia e divertimento, a reunião libertária conseguia reunir em um só local, festa, cultura e propaganda revolucionária. Muitas vezes eram realizadas em localidades onde não existia sequer um grêmio ou círculo operário.

"Nestes dias tivemos em Bauru uma visita inesperada do companheiro **Ristori**, que realizou duas conferências libertárias: uma na casa do amigo e companheiro Alberto Capellani, e a outra na praça da Matriz, em frente à igreja, de fronte a um público bastante numeroso, e composto de operários e comerciantes".[143]

Como efeito das palestras os trabalhadores empolgados sindicalizavam-se, formavam centros de cultura social, distribuíam folhetos e cantavam:

"Su fratelli, su compagni,	Vamos irmãos, vamos companheiros,
Su, venite in fita schiera,	Vamos, venham em espessa fileira,
Sulla libera bandiera	Sobre a livre bandeira

[142] La Battaglia, n°. 50, de 27/08/1905. Para acompanhar o trajeto realizado por Oreste Ristori em suas viagens de propaganda, consultar o Anexo Mapas, p. iii: 6. Estado de São Paulo – linha Mogiana e adjacências.
[143] La Battaglia, n°. 60, de 17/12/1905.

Splende il sol dell'avenir! Brilha os sol do amanhã!"[144]

As incursões de Oreste geralmente conseguiam novos assinantes para o periódico e mostravam-se bastante lucrativas para a propaganda.

"Em São Joaquim, *La Battaglia* obteve um sucesso enorme: quarenta novos assinantes em tão microscópica cidadezinha, muitos dos quais pagaram antecipadamente a sua assinatura... Em Salles Oliveira, localidade mais microscópica ainda... faremos uma quinzena de bons assinantes."[145]

E os colaboradores do periódico, de cada cidade por onde Ristori passava, mandavam informes para a capital sobre como havia sido a propaganda. Vittorio Tacchi escreveu para o La Battaglia, na seção *Piccola Posta*

"Apesar das minhas ocupações me obrigassem a não sair de casa, cedi ao convite que o companheiro **Ristori** me fez de ir junto a *São Joaquim* para uma conferência que teve lugar frente a numeroso público na noite de 27 com um sucesso extraordinário... Situada no meio de um grupo de *fazendas* vive do pequeno comércio, com pouca circulação de moeda muita troca livre de produtos. Politicamente é dirigida, quase poderíamos dizer, a regime anarquista, já que lá não existem nem governos, nem polícias, nem leis, nem prisões, e - seja dito em gloria daqueles bons e pacíficos cidadãos - não existem nem ao menos delitos...
Então, no meio desta população pacífica e antiautoritária, que fomos cair, eu e o amigo **Ristori**, entre o entusiasmo de muitos bons amigos e companheiros que quiseram organizar a galope uma conferência à qual concorreu largamente o público, apesar da colônia espanhola, que com muito direito se lamentou, não ter sido, por esquecimento, convidada. Depois a conferência, que deixou a melhor impressão, se passou o resto da noite alegremente, bebendo, conversando, cantando todo o repertório das canções e dos hinos revolucionários, que acendiam toda uma chama de entusiasmo naqueles jovens ardentes de liberdade."[146]

Depois de um bom copo de vinho, Oreste com seu violão e voz puxava o canto de seus companheiros em homenagem aos mártires anarquistas:

Tremaranno gli onnipotenti al atto fiero	Tremeram os onipotentes ante o ato valente
E nuove insidie tesero al pensiero	E novas insídias tramaram a mente
Ma, al disopra, sai, ó bel ghigliotinato,	Mas, de cima, sabes, ó belo guilhotinado,
Che il nome tuo sará glorificato	Que o teu nome será glorificado

[144] Cfr. Edgard RODRIGUES, Os Anarquistas. Trabalhadores italianos no Brasil. São Paulo. Global Editora, 1984. p.77.
[145] Relato de um correspondente para La Battaglia, n°. 54, de 13/10/1905.
[146] La Battaglia, n°. 54, de 15/10/1905. Vitorio Tacchi escreveu sob o pseudônimo de Acchitto Riovit.

Quando sacri saran le vite umane,
Il diritto di scienza e pane!
Dorme, ò Caserio, nel fondo della terra,
Dove ruggir udrai la final guerra

La Grã Battaglia contro i opressor
La pugna tra i sfruttati e i sfruttatori!
Il popolo al cui tu l'anima donasti
Non ti compresse e pur tu non ti piegasti.[147]

Quando sagrada for a vida do homem,
O direito à ciência e o fim da fome!
Dorme, ó Caserio, no fundo da terra,
Onde rugir ouvirás afinal a guerra

A grande batalha contra os opressores
A luta entre os explorados e exploradores!
O povo ao qual tua alma doaste
Não te comprimiu e nem tu te dobraste."

Os giros pelo interior eram muito longos e assaz demorados, algumas localidades era de dificílimo acesso, deixando a redação do La Battaglia muito tempo sem notícias e praticamente descoberta. Alessandro Cerchiai vem para o grupo em setembro de 1904 com a função de se constituir no responsável pela redação do jornal na capital, assumindo sua direção na ausência de Ristori. Cerchiai fazia sucessivos apelos para que Ristori mandasse mais informações, até como forma de dar contas das viagens àqueles que, mesmo sendo anarquistas, não simpatizavam com seus métodos e o criticavam através do próprio jornal.

"Os socialistas do 'Avanti!' e o anarquista 'art nouveau' são uns irresponsáveis, não sabem o que dizem nem o que fazem.
O segundo escreve coisas sujas com a graça mais ingênua do mundo e quando lhe respondem através de rimas, chorando como um menino vai por aqui e ali mendigando a piedade das almas cândidas e temerosas, fazendo ver o 'dodói' que lhe fizeram os meninos maus.
Os anarquistas que não são **ristorianos**."[148]

Guido Soderi também não fazia por menos e defendia publicamente seu amigo contra aqueles que movidos pela inveja, segundo ele, difamavam o trabalho realizado pelo diretor do La Battaglia.

"Quando em uma vila ou uma cidade chega um companheiro que mais ou menos se distingue dos outros, porque capaz de dar uma conferência ou oxalá saiba fazer somente quatro charlas ou saiba lançar-se com qualquer meio no desenvolvimento de idéias libertárias, logo se vê circundado de uma quantidade de bajuladores que o idolatram como fosse o seu deus, e todos de acordo com o seu meio de proceder.
Depois de alguns meses porém, *patratac* se vê surgir de supetão e maliciosamente o grupo de extrema esquerda, e, de bajuladores se passa a caluniadores. Aquele que começa primeiro faz uma observação que vem muito gordo, que come como um boi às custas da propaganda, outro diz que precisa boicotar a BATTAGLIA porque tem em cima o nome

[147] Edgard RODRIGUES, *op. cit.* p.106.
[148] La Battaglia n. °. 35, de 19/03/1905.

de seu diretor, outros que deve ir trabalhar; porque não é certo que não se deixe explorar pelos burgueses, que ande de bicicleta, que durma de dia, e agora, sabe o que se diz; que não podendo explorar mais em S. Paulo foi explorar os companheiros do interior."[149]

O modo irônico e tempestuoso de Ristori, enquanto lhe abria uma série de portas permitindo-lhe consolidar La Battaglia como o grande jornal operário da época em São Paulo, provocava a ira de um sem número de pessoas que se sentiam diretamente ofendidas com seus ataques. Se isto ocorria dentro do próprio núcleo de interesses mais próximos, imaginemos como deveria ocorrer com aqueles cujos interesses eram antagônicos. Em carta ao amigo, Oreste falava das dificuldades que passava.

"Caro Guido.
Heis as delícias de nossas viagens de propaganda ao interior.
Os meus inimigos pelas costas, que sabem fazer assim bem a sua propaganda entre um poncho e outro, tem razão de me jogar os panos encima.
Sou uma besta, tem razão.
Fiquem sabendo então que boa coisa me ocorreu...
...No dia seguinte me comuniquei telefonicamente com algumas pessoas de Bico das Pedras - localidade insignificante perdida no mato - para ir ter uma conferência. Nos pusemos de acordo. O dia depois devia então partir para esta pequena localidade. Mas, de tarde, na estrada que conduz a Bariri e que ladeia aquela de Bico das Pedras, foi cometido um horrível delito: três viajantes agredidos dentro da floresta ficando um morto e dois feridos.
Este fato deixou uma impressão dolorosa em Jahú, onde chegou imediatamente a notícia deste assassinato. Impressão tão dolorosa que nenhum dos meus amigos que havia prometido me acompanhar em Bico das Pedras, quis ir. A estrada é terrível, ladeada de florestas impenetráveis freqüentemente batidas pelos assassinos, muito favorável às emboscadas, e não se marcha senão de charrete. Os companheiros tinham temores justificados.
Mas que fazer? Eu havia prometido ir e parti, armado de fuzil para Bico das Pedras. Depois de três horas de *via crucis* cheguei, fui recebido por poucos mas bons amigos e de tarde dei a conferência diante de um número discreto de ouvintes. Então fui dormir. De manhã tinha de retornar a Jahú e prosseguir depois para São João da Bocaina, onde também devia dar uma conferência; mas enquanto me preparava para partir, recebi uma carta do companheiro Marchesano de Jahú, na qual me dizia:
'Há uma pessoa em Jahú que foi de casa em casa dizendo: que o assalto da outra tarde foi devido à extensão da propaganda anárquica, e procura indignar a opinião pública contra você. Olha que pode te ocorrer algum mal sério, esteja em guarda no caminho e, possivelmente não te arrisque a faze-lo.'
Imediatamente li este comunicado aos meus amigos de Bico das Pedras, os quais decidiram que era prudente seguir aquele conselho e não se arriscar pela via de Jahú ou de Bocaina. E permanecer em Bico das Pedras, onde já havia chegado aos ouvidos o

[149] La Battaglia, n°. 47, de 18/07/1905, *cit. in* Isabelle FELICI, *op. cit.* p.177.

quanto se vociferava e arquitetava pelas minhas costas em Jahú, era menos prudente ainda permanecer neste lugar. Que fazer, então, que fazer? Ir a Pederneiras.
Mas o caminho que conduz nesta última localidade não é mais seguro que os outros e pode ser que também neste seja preparada alguma emboscada. Então, aqueles bons amigos resolveram me acompanhar a Pederneiras. Fizemos crer às pessoas que partiríamos para Jahú e ao invés - apenas fora da cidade - nos pusemos no caminho de Pederneiras. Éramos seis: três em charrete e três a cavalo, armados até os dentes de facas de dois gumes, de punhais e revolveres: uma verdadeira quadrilha em pleno estado de guerra.
Em conclusão, chegamos, depois de três horas de caminho pela floresta, em Pederneiras, onde comemos um bocado, depois do que os meus amigos retornaram a Bico das Pedras, não sem terem querido antes me abraçar pelo contentamento de me verem a salvo.
Agora, espero o trem que me leve a Torrinha, onde prosseguirei para Araraquara e outros lugares melhores.
Saudações
Teu **Oreste**."[150]

As viagens de propaganda foram realizadas durante toda a década, bem como as festas libertárias, porém, estas últimas cada vez mais perderiam seu caráter estratégico de propaganda. Já os giros pelo interior continuariam sendo a principal forma de se conseguir novos adeptos, novas assinaturas e manter a publicação. Oreste movia-se basicamente ao longo das linhas ferroviárias da Mogyana, da Paulista e da Sorocabana, indo também com bastante freqüência ao porto de Santos. No ano de 1909 alcançaria o sul de Minas Gerais e o estado do Rio de Janeiro, em Petrópolis, onde foi convidado para uma palestra organizada pelo jornal A Terra Livre[151], juntamente com Carlos Dias representante deste periódico. Na capital federal o jornal passou, desde 1907, a ser vendido em banca no Largo do Rocio. Deste modo, às custas do esforço de alguns poucos indivíduos e do estabelecimento de uma rede cooperativa distribuída pela capital paulista e pelo interior do estado, La Battaglia consolidou-se como o principal jornal operário brasileiro da primeira década deste século. Tanto sua tiragem, que chegou a um pico de 8.000 exemplares, como sua área de penetração, fizeram do periódico - e muito se deve ao carisma de Ristori - o espaço privilegiado de defesa dos interesses proletários e de denúncia contra as atrocidades praticadas pelos patrões e pela polícia.

Oreste, que passava quase metade do ano viajando pelo país, retorna a São Paulo, ao final de 1905, de mais uma excursão de propaganda, pronto para participar da festa de fim de ano anunciada em La Battaglia.

---

[150] La Battaglia, de 18/07/1905.
[151] A Terra Livre, Rio de Janeiro, 05/10/1907.

"Domingo, na noite do dia 31 de dezembro, às 8 da noite no SALÃO ALHAMBRA (Galeria de Cristal) o 'Grupo Filodramático Libertário' representará;
A Via de saída, drama social em dois atos, de Vera Starkoff;
Rebelião, drama em um ato, de G. Baldi.
Triste Carnaval, drama social em um ato.
Depois do espetáculo Baile Familiar."[152]

Para os anarquistas, o ano de 1905 foi de muita propaganda e consolidação de idéias. A virada do ano foi profundamente comemorada, alimentando as esperanças de um 1906 ainda mais proveitoso. A luta agora voltava-se para o acirramento das denúncias contra o maltrato de colonos nas fazendas de café.

[152] La Battaglia, n°. 61, de 24/12/1905.

1906-1916

24.

Oreste Ristori começa o ano de 1906 com outra incursão pelo interior do Estado. Em 25 de fevereiro pôs-se a caminho de uma viagem de mais ou menos um mês de duração. O percurso passava por Monte Alegre, Socorro e seguindo na direção da linha férrea da Mogiana alcançava Uberaba, já no Estado de Minas Gerais. Em março, a viagem de regresso, passando por Ribeirão Preto até chegar novamente à capital[1]. Em sua passagem por Rincão, reencontrou seu amigo Antonio Bossi e, após o almoço de confraternização, este lhe fez uma comparação entre a saga dos colonos e aquela dos antigos escravos contando-lhe, indignado, um caso recém ocorrido com um colono conhecido seu.

"Onde estamos? Em República? Não, lorota! Aqui estamos no meio das feras, dos canibais, em meio aos bandidos. O estado democrático é uma lorota a abolição da escravatura um atroz sarcasmo.
No tempo dos escravos, os colonos não eram maltratados como hoje; não, as ganâncias que se cometem nas fazendas em ódio à mais liberaloide constituição do mundo, eram desconhecidas sob o regime oligárquico, e a liberdade e a vida de tanta pobre gente danada aos trabalhos forçados das fazendas tinham um maior respeito e garantias mais sérias.
Dias atrás, na fazenda do Sr. Schmidt Trusti (antiga propriedade de Dona Mafalda) situada nas proximidades de Rincão, eu encontrei um colono nosso compatriota, que quis me narrar as infâmias de arrancar os cabelos que teve de se submeter, junto com tantos outros colonos do Sr. Lacerda Abreu - ânimo de pérfido inquisidor - onde faz tempo foi inaugurado o terror.
O coitado trabalhava há quatro anos na dita fazenda, sem ter recebido um único tostão. Quando perguntava pelo dinheiro, o patrão lhe respondia com insultos de toda sorte e ameaçando-o com o 'chicote'. Não conseguindo em nenhum modo fazer-se pagar, decidiu enfim fugir, deixando a mulher e uma filha de 17 anos na fazenda, crente que, reclamando depois às autoridades competentes, teria podido faze-las sair daquele ergástulo.
Mas o fazendeiro se opôs furiosamente a esta proposta, e começou a martirizar as pobres mulheres, não deixando-as com um minuto de sossego. As desgraçadas, sozinhas e sem defesa, não sabendo mais a que santo recorrer para fugir às ferozes represálias do patrão, fugiram de noite pelo 'sertão' e permaneceram desmaiadas sem pão e socorro, por alguns dias no 'mato', até que conseguiram, quem sabe como, reencontrar o bom caminho e alcançar o marido."[2]

Lacerda Abreu era o mais temido e execrado fazendeiro da região de Araraquara. A sua fama de violento e vingativo corria por todo o nordeste

[1] Cfr. anunciava La Battaglia, de São Paulo, n. °. 69, em 25/12/1905.
[2] Em La Battaglia, n. °. 63, de 07/01/1906.

paulista. Outra denúncia contra ele, endereçada a Ristori, havia chegado à redação do La Battaglia. O colono para proteger-se de represálias contra ele e seus parentes assinava como Lunga Vista e em sua carta narrava com muita indignação aquilo que chamava de infâmias praticadas pelos administradores das fazendas.

"Nas proximidades de Araraquara, existe uma daquelas tantas prisões perpétuas, chamada Fazenda São Luiz, da qual é digno proprietário aquela pérola de bandido que responde pelo nome de José de Lacerda Abreu.
Nesta prisão perpétua ocorrem freqüentemente cenas assustadoras. Os pobres reclusos (é assim que precisamos chamar os colonos porque não podem sair da fazenda, sob pena de serem pegos a pauladas ou assassinados) trabalham anos e anos, sem serem pagos. Quando perguntam pelo seu ganho se responde a eles com insultos e com chicotadas. Um pobre sapateiro, tempos atrás foi derrubado pelos *capangas*, e horrivelmente espancado por ordem do administrador.
Deste lugar de horror, nove famílias colonas conseguiram fugir, enfrentando perigos de toda a espécie. As outras que permanecem gostariam de seguir o exemplo das primeiras, mas, sendo a Fazenda circundada por *capangas*, não se arriscam. Uma outra família conseguiu fugir, apesar de tudo, nestes últimos dias da prisão perpétua, mas tiveram de deixar dois filhos, que em vão os reclamavam. O patrão e o administrador - ambos infames além de qualquer dizer - respondem que não os deixarão sair...
Mas não é tudo...
As filhas bonitas dos colonos vem à força violentadas. Se contam muitas infâmias e atrocidades.
Tudo o que acontecer o informarei regularmente."[3]

Os casos de abusos sexuais ocorriam com freqüência. Em uma sociedade recém saída da relação de trabalho escravo, o patrão, em muitos casos, ainda se comportava como se o trabalhador agrícola fosse sua propriedade. Portanto o uso do corpo deste e de seus dependentes, inclusive na satisfação dos desejos sexuais, tanto por parte dos patrões como de seus empregados de confiança (leia-se os jagunços responsáveis pela "ordem" nas fazendas), era fato corriqueiro, com o agravante ainda das vistas grossas que fazia a justiça nesses casos, geralmente não implicando em maiores conseqüências para seus executores. Mas para os colonos vindos de uma sociedade onde estas relações servis de posse já se encontravam em desuso, o ultraje da violação da filha era insuportável. Vejam o alerta que segue.

"No dia 5 de janeiro eu conduzi no município de Bauru, uma menina menor, filha de um colono, deflorada a força por um empregado do senhor Júlio Figueiredo.

---

[3] *A Infâmia das fazendas*, em La Battaglia n. º. 51, de 03/09/1905.

Os patrões e todos os mandões da 'fazenda' fizeram o melhor possível para fazer escapar o delinqüente: e conseguiram. Agora imaginem o desespero dos pobres genitores da menina.
Façam alguma coisa por estes desgraçados que ao amanhecer, quando tocam os sinos, devem deixar seus filhos à mercê destes bandidos. Pensem!"[4]

A família Longaretti que trabalhava na fazenda Nova América, em Analândia, foi uma destas tantas vítimas da violência sexual contra as jovens colonas que acabou tendo um trágico desfecho. Um dos filhos do proprietário da fazenda vinha assediando as belas filhas do colono na ausência dos varões da família. Um dia foi pego e posto a correr pelo chefe da família colona. Na defesa da honra masculina do coronelato paulista, acudiu o dono da fazenda, seu Diogo, que interpelou o carcamano pai das meninas. Seguiu-se violenta discussão e a habitual agressão física contra os trabalhadores, mas o fazendeiro não contava com a má sorte. Angelo, filho do colono, também veio em defesa de seu pai e acabou por matá-lo. Detalhe infeliz, para o azar de Angelo, o latifundiário era nada menos que o irmão do então presidente Campos Salles. O crime, que teve grande repercussão na época, ocorreu em outubro de 1900 e Angelo foi condenado a 12 anos de reclusão, tendo depois sua pena diminuída para 10 anos.[5] Em 1905, em uma de suas viagens pelo interior do Estado, Oreste foi até Rio Claro, cidade onde se encontrava preso Longaretti, entrevistá-lo para La Battaglia e assim narrou seu encontro.

"O amigo Volpe, diretor do *Cittadino,* intuindo este meu desejo, me acompanhou, ou melhor nos acompanhou à *Cadeia,* já que com nós quis ir também um viajante de não recordo qual lugar, desejoso também ele de conhecer este jovem infeliz que fez tanto falar sobre si. Sendo quinta-feira (dia em que é permitido comunicar com os prisioneiros) pudemos sem dificuldade alguma aproximarmo-nos das barras da prisão, e alcançar através de um escuro e sinuoso corredor a cela do Longaretti.. Este, não apenas nos viu, reconhecendo o bom amigo Volpe, correu rapidamente ao portão, e com efusão de afeto, que muito dificilmente se encontra nos presos nos apertou a mão...
... - Faz muito tempo que estás aqui? - perguntei.
- Quatro longos anos!
- E a família, a vê freqüentemente?
- Primeiro, todas as semanas; mas agora... teve de afastar-se daqui, e é muito tempo que não a vejo. Foi feito sinal de um ódio tremendo!
- Como você é tratado? Como é a bóia que te passam?
- Na verdade, não sei... Eu não como nada do cárcere. Até a água a faço trazer de fora, de um amigo que me quer bem, porque, caros amigos, estamos no Brasil... e eu tenho tudo a temer aqui dentro.

---

[4] *Outro delito*, em La Battaglia, n. °. 64, de 14/01/1906.
[5] Cfr. Angelo TRENTO. Là dov'è la raccolta del caffè. Padova, 1984, pp. 172-173.

- Quanto tempo ainda tem de ficar?
- Precisamente o ignoro. Segundo a sentença da Corte de Apelo, que me reduziu a pena a *dez anos*, deveria fazer outros seis; mas, tendo um recurso no Tribunal Supremo já fazem dois anos, sem saber ainda qual êxito tenha tido, não sei qual será a sorte verdadeira que me espera. Durante muito tempo fiquei abandonado; os advogados, meus defensores, se puseram a coisa nas costas, e eu vivo em uma desoladora incerteza. Apesar de tudo, não faltam os bons amigos que se interessaram por mim, e isto me reconforta e me faz esperar...
- Em uma graça?- Não. Sei que boa parte da colônia italiana está trabalhando para obter uma *graça*: mas não gostaria de me ver chover encima uma similar humilhação. Tudo o que desejo eu, é justiça; que se coloque ao critério de outros juizes o meu caso, que se confirme a sentença, se o meu delito é digno de ser punido, ou me absolvam, em caso contrário. Se eu matei, não foi senão para defender meu pai, em vias de ser morto por ter tentado salvar a honra das minhas irmãs.[6]

A defesa da honra. Mas que honra, perguntou o advogado que pediu a condenação de Longaretti? E ele mesmo respondeu, "a honra dos colonos é uma comédia"[7]. Trabalhador não tem honra, não tem propriedade, não tem direitos, não tem vida. A comparação que freqüentemente os anarquistas estabeleceram entre o trabalho dos colonos imigrantes nas fazendas com o dos antigos escravos não era tão descabida. Os fazendeiros não sabiam lidar com o trabalho assalariado e ainda consideravam a mão de obra uma propriedade tão sua quanto a terra. Desta forma a noção que tinham sobre o que seria justo numa relação patrão/empregado no que concerne ao trabalho e ao uso da terra era muito diferente daquela compreendida pelo agricultor imigrante. Estes chegaram com a vã esperança de juntar um pouco de dinheiro, plantar sua roça num pequeno trecho de terra do patrão e, com a ajuda de Deus, pois apesar da propaganda anti-religiosa ácrata em sua imensa maioria os colonos eram católicos, comprar uma terrinha e vir a ter sua própria plantação, enfim, o sonho ilusório de fazer a América. Um sonho básico e impossível de ser alcançando pela imensa maioria dos imigrantes. Por sua feita, os capatazes das fazendas, criados à imagem dos feitores de escravos e cuja função seria a de administrar o negócio de seus patrões, entendiam esta tarefa como a exploração máxima do trabalho do colono, dando-lhe o mínimo possível para sua subsistência e obrigando-o assim a permanecer cada vez mais dependente daquele contrato inicial. Muito alvoroço causou outro crime cometido em Pirajú, narrado pelos anarquistas locais, que recordava os tempos cruéis da escravidão e acabou por tornar-se notícia de capa do La Battaglia.

---

[6] *Intervista com Longaretti*, em La Battaglia, n. °. 35, 19/03/1905.
[7] Folheto Contra a Imigração, São Paulo. Edição de La Battaglia, 1906. Dossiê Oreste Ristori, busta 4342, Archivio Centrale dello Stato, ACS, Casellario Politico Centrale, CPC, Roma, p.20.

"O negro João José da Costa, depois de ter trabalhado quatro anos na 'fazenda' Colônia Grande do coronel Joaquim Leonel de Barros, situada a poucos Km. de Pirajú, se licenciou para ir trabalhar em uma vizinha 'fazenda' chamada Boa Vista. Depois de alguns dias, não sabemos bem se por descuido ou represália de algum colono, ocorreu um incêndio na fazenda Colônia Grande, e a suspeita do patrão recaiu no pobre negro que tinha saído uma semana antes. O fazendeiro ficou furioso; sem saber no que se fundava sua suspeita, sem nenhuma prova, sem nenhuma testemunha, acusou o negro Da Costa, e ordenou a seu filho e aos seus capangas que vivo ou morto o trouxessem.
O infeliz foi encontrado na fazenda Boa Vista, preso e conduzido na frente do Torquemada que havia constituído junto aos seus, uma espécie de tribunal de guerra, e depois de tê-lo torturado, brutalizado de mil formas, decidiram conduzi-lo a Cerqueira Cezar e deixá-lo, ao invés de matá-lo, nas mãos da autoridade. Este encargo o tomou o próprio filho do patrão - mais infame decerto que o pai - que acompanhado de um capanga, se pôs a caminho de Cerqueira Cezar...
Alcançada metade do caminho, num lugar tanto quanto deserto e favorável à consumação de um delito, o patrãozinho dominado de uma idéia sanguinária exclama: - *Não! Se vamos a Cerqueira, este desgraçado encontra modo de fugir das mãos do juiz; é melhor que eu faça justiça com minhas mãos...* E assim dizendo, mandou uma paulada tremenda na cabeça do negro, que caiu desmaiado ao solo. Então, com o maior sangue frio possível, sacou do forro um *facão*, se agachou sobre a vítima, e cortou na base ambas as orelhas, as colocou no bolso e junto com o *capanga* voltou à fazenda, contando ao pai como é possível ser herói na velhacaria."[8]

Vez por outra alguns colonos conseguiam fugir e quando o faziam geralmente eram ameaçados, ainda mais no caso de deixarem algum parente na fazenda. A esses trabalhadores a lei, a justiça, nunca se pôs ao lado. Os coronéis donos da região compravam a polícia, os delegados, os juizes e inclusive os cônsules italianos. Não eram melhores as notícias vindas da fazenda de onde fora retirado o lavrador João da Costa, na vã busca de alcançar uma ilusória prosperidade em sua vida miserável através da simples troca de patrão: o Barros pelo Cunha Bueno.

"Na fazenda Boa Vista situada nos arredores de Ilha Grande, e da qual é proprietário o egrégio bandido Sr. Henrique da Cunha Bueno, reina há muito tempo o terror.
Multas, ameaças de morte, perseguições, ataques canibalescos da parte do mencionado patrão e de seus cães de guarda, são a paga dos colonos. Todos as reclamações todas as humilhações, todas as rezas destes pobres infelizes foram impotentes em suscitar um sentimento de misericórdia nos seus ouvidos. Não podendo mais suportar uma vida de inferno, muitos destes penitentes resolveram evadir do ergástulo, e quatro deles deixaram as suas mulheres, não podendo arrastá-las atrás na fuga.
O fazendeiro quis vingar-se nas quatro mulheres, impedindo-as de alcançar os maridos e obrigando-as a rudes trabalhos, sem dar-lhes o que comer. Os maridos protestaram aos

[8] Em La Battaglia, n. °. 94, de 16/09/1906.

pés do Cônsul Geral contra o arbitrário seqüestro, mas este , ao que parece, lavou como sempre as mãos e as quatro mulheres não serão resgatadas das mãos assassinas do fazendeiro, sem o pagamento de 400$000, imposto a título de multa aos maridos que fugiram.
E assim as sacanagens dos escravistas cometidas em dano dos pobres colonos, encontram cumplicidade na velhacaria de nossos egrégios representantes de Sua Majestade Vittorio Emanuele III!".[9]

Os que fugiam das fazendas, perseguidos pelos jagunços dos fazendeiros, quando conseguiam escapar e encontrar refugio em uma pequena cidade, passavam toda sorte de agruras enquanto aguardavam alguma alternativa de trabalho ou alguma possibilidade de retorno ao país de origem. Outra carta anônima chegava à redação do Battaglia com mais uma triste imagem de um grupo de fugitivos abandonados à própria sorte.

"Nestes dias a estação ferroviária de Villa Bonfim e Rib. Preto, apresentava um espetáculo estranho, emocionante: quinhentos gregos, fugidos das fazendas, esfomeados, assustados, sem pão e sem teto, com muitas mulheres e crianças doentes, imploravam socorro.
Nas praças adjacentes, onde dormiram por várias noites ao relento, viam-se muitas malas e baús com o enxoval exposto ao público: os coitados vendiam, a qualquer preço, a sua indumentária, para juntar algum dinheiro e voltar à pátria."[10]

Estes colonos enganados pelos agentes de imigração, trazidos para o Eldorado da América, logo se deram conta que ao vir substituir o antigo trabalho escravo, na prática se escravizaram da mesma forma junto ao seu empregador. "Maldito dia que saímos de nossa terra" blasfemavam muitos deles, literalmente trazidos ao mato sem cachorro e com pistoleiros sádicos em seu cangote. Se antes, as informações desencontradas sobre estes fatos pouco chegavam aos grandes centros, agora o jornal de Ristori tornara-se o canal de vazão de toda a sorte de barbaridades transformando-se no estímulo necessário para os colonos tomarem uma ação contrária à situação em que estavam relegados. Denúncias chegavam das paragens mais distantes e como fez Alieto Tienghi de Varginha, os colonos punham-se à disposição para vender assinaturas e ajudar a difundir as matérias publicadas pelo La Battaglia.

"Lendo o artigo contra a emigração, que se encontra no n. ° 72 da libertária *Battaglia*, no qual se faz um apelo à solidariedade dos amigos e dos companheiros, eu e o companheiro Silvio Felicetti, decidimos fazer o pouco que podemos para ir em vossa ajuda e pedimos

---

[9] Publicado na coluna *Dalle Caienne Brasiliane*, em La Battaglia, n. °. 77, de 29/04/1906.
[10] *Infamia e vergogna*, em La Battaglia n. °. 54, de 15/10/1905.

uma lista de assinaturas. Procuraremos fazer todo o possível para que venha coberta, se bem que nestes lugares não exista um elemento próprio, explicaremos aos colonos o engano que os agentes de emigração, estes mau caráter, mercadores de carne humana, vão propagando pela Europa, para tomar pelo laço os pobres trabalhadores, para faze-los provar as delícias que nós gozamos.
Quantas vezes maldizemos o dia em que viemos! Mas agora cá estamos e infelizmente precisamos resignar-nos às leis da *Ordem e Progresso*, desta república. Mas como vocês dizem é bom, é sacrossanto desmascarar aqueles velhacos que na sombra trabalham para reativar o mercado dos escravos brancos, tanto para fazer crescer o número dos perdidos."[11]

Poderíamos incluir aqui centenas de relatos que foram publicados pelo La Battaglia, que chegou inclusive a abrir uma seção chamada *Dalle Caienne Brasiliane*, em clara referência à Ilha do Diabo francesa, somente para mostrar semanalmente o triste retrato da vida e do trabalho nas fazendas dos Barros, Campos Sales, Lacerda de Abreu, Cunha Bueno, e tantos outros digníssimos representantes das nossas nobres famílias oligárquicas que nos comandaram. O tom de revolta dos artigos não era maior que o sintoma de estupidez, da infeliz escolha que boa parte dos colonos que aqui chegaram se deram conta de terem feito. Ah!, se pudessem voltar atrás. Deixar para trás a pobreza das terras pedregosas do Veneto para vir cair num fim de mundo calorento, empoeirado e além de tudo serem igualados aos negros escravos. Ah!, isto era demais para estes imigrantes. A campanha que Ristori movia rapidamente surtiu efeito mexendo no orgulho ferido dos pobres italianos. A comparação do colono ao negro, revelando o preconceito racista entre os italianos, era por demais dolorosa para eles. Somente assim perceberam que valiam tanto quanto um tostão furado. Chega de resignação.

- *Maledetto giorno che siamo venuti! Adiamocene da qui!*

E se foram. O êxodo dos colonos já vinha ocorrendo desde o início da década mas intensificou-se ainda mais a partir de 1902 com o decreto Prinetti baixado na Itália, proibindo a imigração subsidiada ao Brasil de grupos familiares. Nesse ano, havia viajado oficialmente ao Brasil Adolfo Rossi, encarregado pelo Ministro Prinetti, dos Negócios Exteriores, de investigar as condições de vida dos colonos italianos no Estado de São Paulo. Em carta encaminhada de Petrópolis no dia 5 de abril de 1902, Rossi foi duro com o que aqui observou.

[11] La Battaglia., n. º 73, 25/03/1906.

"É uma verdadeira combinação afortunada se uma família de camponeses acaba em uma boa *fazenda*, com mais freqüência ocorre, especialmente agora, depois da crise, que os colonos venham requisitados por *fazendeiros* arruinados ou brigões e prepotentes, que os segregam fazendo-os trabalhar como escravos das 5 da manhã às 7 da noite, mesmo durante a chuva, que os constringem a compensar os gêneros alimentícios nas suas *vendas* a preços caríssimos, que os sobrecarregam de multas sob os mais fúteis pretextos e que, depois de quatro ou cinco anos de fadiga, os defraudam de seus ganhos pois na maior parte das vezes a *fazenda* vem leiloada, após um processo dos credores; e como o passivo supera geralmente o ativo, e, em geral, o *fazendeiro* não denuncia os créditos dos colonos, estes acabam quase sempre por perder a remuneração de seu trabalho."[12]

A saída de imigrantes atingiu seu maior déficit no ano seguinte à publicação do decreto, um reflexo imediato da situação de grave crise por que passava a cafeicultura, e manteve-se sempre em altos números de saídas no decorrer dos anos seguintes[13] . Muitos voltavam para a Itália, outros seduzidos mais uma vez por agentes de imigração iam tentar a sorte na Argentina. Pelo menos lá não havia negros com quem compará-los, imaginavam eles - melhor ser pobre como outro branco qualquer, do que pobre como um negro. O grupo de La Battaglia, em um folheto contra a imigração por ele editado, deu um exemplo do sentido contrário que havia tomado a imigração no país através de um quadro de entradas e partidas de trabalhadores no porto de Santos. O movimento migratório durante o ano de 1905, considerando-se os três principais grupos de estrangeiros residentes no Estado de São Paulo, mostrava um claro refluxo. Entraram 12.251 italianos e saíram 26.389; entraram 3.613 portugueses e saíram 4.072; entraram 1.643 espanhóis e saíram 3.089[14].

Os que por aqui ficaram sentiram o recrudescimento da repressão no campo. Os patrões amedrontados com a falta de mão de obra e com a não reposição da que era perdida, passaram cada vez mais a criar mecanismos que dificultavam a fuga dos colonos, "impingindo um número sempre maior de multas com o fim tanto de endividar o colono como o de abaixar artificialmente o seu salário"[15]. Daí os relatos que invariavelmente

---

[12] *Condizioni dei coloni italiani, in* L'Italia Coloniale. Ano III n.º 6, junho de 1902, Roma. Arquivo Edgard Leuenroth, AEL – UNICAMP.

[13] Para um estado mais aprofundado sobre as causas e conseqüências desse êxodo, ver o trabalho pioneiro de Angelo TRENTO, *op. cit.* Sobre o regime de trabalho dos colonos e seus rendimentos, ver T. H. HOLLOWAY, Imigrantes para o café. Rio de Janeiro, 1984. Um estudo de caso detalhado foi efetuado por Warren DEAN, Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura. Rio de Janeiro, 1977.

[14] Cfr. o quadro Movimento migratório no porto de Santos, ano de 1905. Folheto Contra a Immigração *op. cit.* p.23.

[15] Luigi BIONDI, La stampa anarchica italiana in Brasile: 1904-1915. Università degli Studi di Roma "La Sapienza". Tesi di laurea, 1994, p. 218.

igualavam as fazendas a ergástulos e colônias penais e, ao mesmo tempo, através deste esquema, os patrões "diante de uma provável fuga da família colona justificavam, a partir de sua posição de credores, exercitar até a violência para obrigar a volta do colono à plantação".[16]

Por seu lado os fazendeiros acuados procuravam mostrar que as coisas não eram bem assim. Segundo eles, muito se falava da boca para fora e as condições de trabalho dos colonos nas fazendas eram muito melhores do que se poderia supor. O preço do café no mercado internacional vinha se recuperando, havia expectativas de grandes safras nos próximos anos e a mão de obra estrangeira fazia falta nas fazendas paulistas. Nessa reação engatilhada pelo governo brasileiro para recuperar sua imagem desgastada junto aos governos europeus, lançou-se mão dos mais ilustres fazendeiros paulistas, como um dos donos de Campinas, o barão Geraldo Rezende, para acompanhar os representantes do governo italiano em sua visita à região da Mogiana. O desconfiado anarquista José Pergher não viu com bons olhos este encontro.

"Dias atrás por ocasião da feira trimestral chegou aqui o vice cônsul de Campinas acompanhado pelo engenheiro Colleti comissário de imigração. Estes dois tutores da pança deles foram em sua chegada saudados por uma fedorenta banda ao som de marcha - mais do que marcha cancerígena - real. E o que vinham fazer aqui estes dois apontadores do castigo pátrio? O mesmo passeio molhado de copiosas libações, e em seguida a visita à melhor fazenda - onde se pagam os colonos com a frusta e é perigoso ir - onde os capangas na ocasião se transformam em serviçais complacentes e o *fazendeiro* em um cabrito gentil. Que maravilha então se esta gente boa encontra nas fazendas locais de delícia. Até no inferno os diabos tem o seu paraíso."[17]

O jornal de Oreste percebendo este movimento sorrateiro no sentido de retomar a imigração ao Brasil lançou em março um apelo à solidariedade dos amigos e dos companheiros tentando juntar esforços para arrefecer a luta contra a imigração. Denunciava:

"Se tenta reativar a imigração ao Brasil. - Em guarda!
O ministro da Itália, a Legação brasileira em Roma, a imprensa puxa-saco e os rufiões deste país, as agencias de imigração disseminadas na Europa e sobretudo na Itália, na Espanha e em Portugal, trabalham na sombra para obter a abolição do decreto Prinetti interditando a compra dos escravos, ou para rendê-lo ineficaz e letra morta."[18]

---

[16] *Id. ib.* p. 218.
[17] *Barão Geraldo Rezende*, em La Battaglia n.°. 89, de 12/08/1906.
[18] *Contro L'Immigrazione*, em La Battaglia n.°. 72, de 18/03/1906.

Os poucos colonos pegos de surpresa que ainda chegavam nesta tímida tentativa dos fazendeiros e dos representantes da burguesia italiana no Brasil junto com o governo brasileiro de reativar a corrente migratória, percebiam já durante a viagem de Gênova a Santos a armadilha em que haviam caído. Mas os anarquistas estavam de olho nesta movimentação e sabiam das partidas dos navios carregados de Gênova em direção ao Brasil prontos para denunciá-los. Luigi Bezzi encontrava-se no porto de Santos para acompanhar a chegada de outro navio carregado de imigrantes e logo entrou em contato com a Battaglia para relatar o que viu.

"O navio alemão *Bulgaria*, alugado por seis meses pela companhia *Ligure-Brasiliana* - uma gigantesca lixeira de 160 metros de cumprimento - através daquele Gravotti deputado que dizem humano, trouxe outros imigrantes.
Este navio construído de propósito para o transporte de carga e para o gado, pelo guloso especulador foi adaptado ao transporte de passageiros, e na última viagem entre Gênova e Santos estava carregado de cerca 4.000 passageiros, empregando na travessia 21 dias sem parar em nenhum porto.
É de se imaginar como ficou toda aquela gente pisada naquela gigantesca cloaca que caminhava no oceano. O fedor, a podridão, escorriam sobre a ponte e os convés, os doentes não se contavam, e os **mortos** não se sabe bem ainda quantos tenham sido, quem afirma ter visto 20 e outros opinam que mais de **50 passageiros** invés de alcançarem o Brasil, atualmente foram digeridos pelos peixes.
Durante a travessia um passageiro não podendo mais resistir em tal inferno, se jogou ao mar; o navio foi parado mas inutilmente, as ondas o tinham submerso!
Toda esta carcaça humana dolorosa, estava amontoada nas estivas, nos corredores, sem poder dar um passo.
Em sua chegada a Santos a gente olhava perplexa, como tanta carniça proletária pode se resignar, assim velhacamente, a viver espremida num mar de vomito e fezes! Eles faziam mais horror do que piedade!
A tripulação mesmo durante a travessia, não podendo por sinal viver em uma similar sujeira, se embriagava. Os oficiais, o comissário levavam as passageiras mais jeitosas para a cabina...
De uma parte o horror terminava em amor, de outra em sofrimento e morte."[19]

25.

Nos milhares de quilômetros que percorria anualmente em suas viagens pelo interior do país, Ristori pode observar atentamente as precárias condições de vida dos trabalhadores agrícolas nas fazendas de colonização. Pode ouvir também, quase que em todas as localidades por onde passou, relatos de companheiros informando-o sobre as arbitrariedades que eram praticadas

[19] *Carne Dolorante*, em La Battaglia, n. °. 108, de 20/01/1907.

nas relações de trabalho, o tratamento violento recebido pelos colonos e o abandono em que eles permaneceram relegados tanto pelos governantes locais como pelos representantes consulares. Entrevistou diretamente algumas das vítimas desse grande negócio de exploração em que havia se tornado a imigração no Brasil e conseguiu montar um perfil completo desse comércio humano. Percebendo a paulatina retomada em que vinha se dando o processo migratório, principalmente a partir de 1906, o objetivo imediato de Ristori foi o de tentar bloquear em caráter definitivo esse movimento. Pretendia conseguir isto através da publicação de um folheto desmascarando a falsa imagem do Brasil, aquela do Eldorado tropical, que era vendida na Europa pelos agentes da imigração junto às populações rurais e, mostrar outra versão, aquela do inferno na selva. O folheto CONTRA A IMIGRAÇÃO seria o veículo ideal de propaganda a ser distribuído na imprensa livre européia conclamando-a a participar desta batalha, como sugere a página de apresentação do opúsculo:

"Dentro do objetivo de diminuir um dos maiores crimes sociais da civilização moderna: ***a imigração dos trabalhadores europeus às*** *FAZENDAS* ***do Brasil,*** nós somos obrigados a confiar à imprensa independente e libertária de todos os países - principalmente àquela da Itália, da Espanha e de Portugal, que são as nações que fornecem o maior contingente de escravos às *fazendas* - a atenção de completar nosso trabalho, inserindo em suas folhas, as linhas desta brochura que lhe parecerão mais eficazes a atender o fim proposto.
No sul da Europa os emissários dos *fazendeiros* e do governo brasileiro, com as mentiras mais atrevidas, procuram descrever seu país como um lugar de delícias e de felicidade; quando... a salvo da bandeira estrelada da confederação republicana, os trabalhadores dos *cafezais* são furtados de seus salários e assaz freqüentemente assassinados pelos seus senhores, se eles ousam lastimar-se.
Todos aqueles que conhecem o Brasil são testemunhas da verdade dos fatos que nós expomos; heis aqui porque nós temos a convicção que nosso apelo será entendido pela imprensa livre e libertária de todos os países, que impedirá os desgraçados de tombar na mais vil das escravidões: *A ESCRAVIDÃO DAS* ***fazendas.***[20]

Como teria surgido e como teria sido posta em prática esta idéia do opúsculo difundido no exterior? Quem nos dá uma boa pista desta informação é o próprio Ristori em seu depoimento ao delegado de polícia João Baptista de Souza quando, em dezembro de 1906, foi intimado a prestar esclarecimentos em São Paulo sobre que história era essa de um folheto contra a imigração derramado pelo interior do estado? Vamos ver, conforme o processo, o que tinha a dizer o declarante:

[20] Página de abertura do folheto Contra a Immigração, *op. cit.*

"...que a propósito desse folheto pode relatar o seguinte: que há cerca de 4 meses em virtude de uma circular sem assinaturas, tendo apenas em baixo da mesma a palavra 'A Comissão' se reuniram mais de 300 pessoas em um salão da Rua do Gasômetro; ...que propunha uma iniciativa em favor dos colonos; ...que foram distribuídos 3.000 exemplares; que foi impresso através do dinheiro arrecadado com assinaturas em listas de colonos; ...que foi ele quem o redigiu; ...que há trinta dias mais ou menos achando-se em Mococa, onde tinha ido realizar uma conferência anarquista viu em mãos de muitas pessoas o folheto a que já se referiu; que nessa cidade foi interrogado pela autoridade que supunha ter sido o declarante quem havia distribuído esse folheto."

Não fora a primeira visita de Oreste a uma delegacia de polícia; em 1904, ano de sua chegada ao Brasil, fora preso e identificado no mês de novembro como anarquista, prisão ironicamente noticiada no Amigo do Povo, sob o título de "Ordem e Progresso".

"À última hora soubemos que o camarada **Oreste Ristori**, foi preso, submetido às medidas antropométricas e solto logo em seguida. Equiparam-no aos pequenos ladrões e assassinos. Verdade é que está assim melhor, do que ao lado dos grandes criminosos, que sem ir para a cadeia ou à fotografia policial, exploram o trabalho dos outros, garantem à força esse roubo e praticam violências até contra o crime de pensar. Viva a liberdade..."[21]

A mesma liberdade por que Oreste tanto lutava e que tantas vezes lhe havia sido subtraída já o deixara bastante calejado em matéria de inquéritos sabendo sair-se muito bem com respostas evasivas na condução do depoimento. Naquele prestado ao delegado Baptista Souza, a comissão que assinava a circular citada por Ristori foi, muito provavelmente, encabeçada por ele mesmo ainda antes de sua saída para a primeira viagem que fez ao interior do Estado no ano de 1906, com o objetivo de reunir um grupo de interessados em organizar a impressão de um folheto. A assembléia contou com anarquistas, simpatizantes do socialismo e italianos em geral, tristes com o fim que levavam seus compatriotas pelas fazendas. Para viabilizar a impressão foram distribuídas listas de apoio para a contribuição voluntária em todo o país. A mola mestra desta estratégia foi o jornal La Battaglia, encarregado da distribuição das listas aproveitando-se da vasta penetração que tinha no interior.

"Por S. Paulo e pelo Interior circulam centenas de listas de contribuição acompanhadas do seguinte apelo:
'Trabalhadores, em guarda! - A canalha dourada está tramando algo de tenebroso contra o proletariado da Europa. - Cônsules, embaixadores, ministros, jornalistas, companhias de navegação, agentes de emigração, etc. - toda esta triste horda de bandidos e de ladrões,

[21] O Amigo do Povo, de São Paulo, n.°. 63, de 26/11/1904.

de escravistas e de embrulhões, tenta reativar a imigração ao Brasil, fazendo crer aos trabalhadores da Europa que aqui são bem pagos e ainda melhor tratados...
... Em poucos dias publicaremos, em três línguas, *trezentas mil cópias* de um opúsculo contra a imigração, com o qual serão denunciadas ao mundo as condições vergonhosas de escravidão econômica e política em que estão danados os trabalhadores neste país.
Nos ajudem, portanto, nesta obra justa que responde a um fim altamente humanitário, cobrindo de doações a seguinte lista de assinaturas.'
Aos amigos, aos companheiros, aos assinantes a quem enviamos as listas, se faz viva reza de faze-las circular o máximo possível e de preenchê-las de doações, expedindo-as de volta o mais breve possível junto com o importe."[22]

Já fazia um mês, desde meados de março, que La Battaglia anunciava o início dessa grande campanha contra a imigração, clamando pelo "apelo à solidariedade dos amigos e dos companheiros"[23]. Impresso, o opúsculo seria difundido em Portugal, na Espanha e na Itália, cem mil cópias em cada país. Um tanto quanto mirabolante, essa quantidade exagerada tinha por objetivo entusiasmar os militantes na obtenção do maior número possível de recursos, enquanto passava ao inimigo uma força maior do que aquela que os anarquistas efetivamente tinham. E para tanto necessitavam de dinheiro. Um dinheiro que tardou a vir apesar dos apelos constantes da redação do jornal para que as listas fossem enviadas de volta com a maior urgência.

"Todos aqueles que se encontram em posse de dinheiro recolhido para o opúsculo 'Contro l'Immigrazione al Brasile' se reza que o remetam imediatamente junto com as respectivas listas, a fim de que possamos acelerar a publicação.
Aqueles que ainda não se ocuparam de fazer circular as listas que recebemos, se apressem em faze-lo. Recolha cada um aquilo que possa e a faça vir o mais rápido, para facilitar o cumprimento de nossa obra e evitar a repetição de inúteis recomendações."[24]

Circulando desde março, muitas das listas ainda não haviam retornado até setembro, quando se deu a impressão do folheto. Com tanta correria, Oreste não resistiu e adoeceu no início do mês, justamente na véspera de mais uma viagem pelo interior, quando, numa última tentativa de obter recursos para pagar a impressão do opúsculo, foram distribuídos alguns exemplares do mesmo já impressos. Em seu lugar foi Guido Albertini[25] fazer a distribuição do folheto na região da Mogiana. Já recuperado, em outubro Oreste cumpriu o fim do roteiro de propaganda e passou por Mococa onde veio a ser interrogado pela autoridade local como vimos em seu depoimento.

---

[22] *Contro l'immigrazione.* Em La Battaglia, n.°. 75, de 15/04/1906.
[23] La Battaglia, n.°. 72, 18/03/1906.
[24] Publicado em La Battaglia n °. 77, de 29/04/1906.
[25] Cfr. La Battaglia, n.°. 94, de 16/09/1906.

A impressão do folheto em português foi feita em duas levas: uma primeira parte de três mil exemplares que ficou pronta no início de setembro e outra, de sete mil, somente concluída no final do ano. Quem nos informa isto, é Bernardino Visconti[26], sócio da oficina tipográfica de Ricardo del Frate localizada na rua Florencio de Abreu, 105. Visconti foi arrolado como testemunha no processo de expulsão movido pela Secretaria de Segurança Pública do Estado contra Ristori no ano seguinte, e conta que dividiu a impressão em duas partes pois estava muito ocupado com os trabalhos para o final do ano. Ristori foi retirar a primeira tiragem do folheto em uma carroça junto com Alessandro Cerchiai e acertaram com o proprietário o pagamento de 380 mil réis adiantados pelos dez mil exemplares.

No fim de 1906 Cerchiai e Ristori moravam na mesma casa junto com Mercedes, na rua Tenente Penna, 22, para onde havia também sido transferida a redação do La Battaglia, depois de ser desalojada do sobrado alugado à rua Marechal Deodoro. O lar anarquista confundia-se com o espaço da militância. A casa de Ristori vivia permanentemente cheia de pessoas amigas. Era a parada obrigatória dos companheiros em viagem ou dos que ainda não tinham moradia na cidade. E foi nessa casa, no calor das discussões noturnas, que foi pensado e executado este trabalho.

CONTRA A IMMIGRAÇÃO[27] não foi nunca publicado em espanhol e mesmo a edição em língua portuguesa circulou muito pouco fora do Brasil. Já, a edição do opúsculo em língua italiana ficou a cargo de Luigi Molinari, que o imprimiu em Mantova nas oficinas de impressão da Universidade Popular. O texto integral do original italiano intitulado Contro l'Immigrazione al Brasile, foi enviado para Molinari somente em agosto[28]. Antes disto, desde fevereiro, Ristori vinha trocando correspondência com o anarquista Gino Allari, que recebia o periódico La Battaglia, em Firenze[29]. Este sabendo da futura publicação em italiano do opúsculo, indicou a gráfica de Giuseppe Nerbini, um editor socialista, para realizar a tarefa. Porém, as negociações com Nerbini foram infrutíferas e Ristori passou a manter contato com a revista da Universidade Popular que já vinha reproduzindo os artigos publicados em La Battaglia contra a imigração[30].

---

[26] Cfr. depoimento prestado no processo de expulsão movido contra Ristori e Cerchiai. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, AN, IJJ 7 179 (SPE-101).
[27] Uma analise detalhada sobre o conteúdo do impresso as implicações de sua publicação, foi realizada por Luigi BIONDI, *op. cit.*, no capítulo 2, item *La campagna contro l'immigrazione e l'opera di denuncia,,*
[28] Cfr. La Battaglia n. °. 91, de 26/08/1906.
[29] Cfr. o dossiê Oreste Ristori, no ACS, CPC. Também o dossiê Giuseppe Nerbini, busta 3520, ACS, CPC.
[30] Em La Battaglia n °. 94, de 16/09/1906.

O lombardo Luigi Molinari[31] envolveu-se a partir do início deste século no movimento que exigia uma enérgica ação anarquista por uma educação laica, racional e libertária em oposição à educação do estado e às escolas clericais. Molinari foi um dos principais animadores deste movimento na Itália, a partir da fundação da revista L'Università Popolare, de orientação libertária e antiacadêmica. O vínculo que se estreita entre Ristori e Molinari põe à tona uma nova face do pensamento do primeiro com relação à educação libertária. Lembremo-nos que desde a polêmica com Creaghe em 1903, ainda no Prata, Ristori demonstrava-se pouco propenso ao trabalho junto às escolas.

Em dezembro saiu a edição em língua italiana da brochura contra a imigração ao Brasil. Não sabemos quantos exemplares foram publicados ao todo, porém tiveram boa difusão pela Itália, aproveitando-se da influência de Molinari e da penetração de sua revista. O impacto de sua publicação logo se fez sentir através do acirramento da repressão. As detenções para esclarecimentos pelas quais passou Ristori em fins de 1906, foram somente o início de uma forte reação dos fazendeiros, da grande imprensa e do governo contra os anarquistas estrangeiros residentes no Brasil. A reação prova indubitavelmente que a campanha criada por Ristori surtiu o efeito desejado e além de incrementar o já maciço êxodo de colonos existentes, pôs definitivamente por terra as esperanças dos fazendeiros em que o governo italiano pudesse suspender o decreto Prinetti. Vangloriando-se do feito, La Battaglia reproduzia a notícia publicada em O Estado de S. Paulo, sob o título "A Itália no Brasil".

"Talvez os fazendeiros de S. Paulo já tenham conhecimento do que se diz na Itália a seu respeito, neste momento: mas na dúvida de que não o saibam, não será ociosa a nossa informação.
O publicista italiano **Oreste Ricordi** (o sobrenome como se vê está errado) que parece ter vivido no Estado de S. Paulo, publicou na Universidade Popular de Mantova uma carta que impressionou e que é um violento **libelo** contra os fazendeiros de S. Paulo.
Segundo o epistológrafo, os colonos italianos no Brasil substituíram os escravos, e são tratados pior do que estes. Famintos e oprimidos, não tem nem ao menos a proteção das leis. Os próprios cônsules de seus países não se interessam por eles, porque preferem as boas graças dos grandes proprietários de terra.

[31] Sobre Luigi Molinari, ver Pier Carlo MASINI, Storia degli anarchici italiani nell'epoca degli attentati. Milão. Rizzoli Editori, 1981, p.189. Também o Fundo De Gubernatis, na Biblioteca Nazionale di Firenze, BNF.

Esta publicação não foi feita em vão, pois o governo italiano, tomando em consideração tais acusações, trata de adotar novos procedimentos para melhor fiscalizar a emigração e as condições dos emigrantes no Brasil."[32]

A bem da verdade, os procedimentos para controlar a imigração ao Brasil vinham sendo tomados desde 1902, quando fora proibida a imigração subsidiada ao nosso país. E continuaram durante muito tempo, mesmo após a publicação do "libelo" de Ristori. Não eram somente os anarquistas os denunciantes das péssimas condições de trabalho, até a Igreja, na pessoa dos missionários católicos que prestavam assistência no interior do Estado reafirmava o dito na campanha contra a imigração.

"Os colonos em algumas fazendas são até agora obrigados a levantar-se ao som do sino, não podem sair das *fazendas*, nem acolher conhecidos sem a permissão do *fazendeiro*; e à noite devem regressar em hora fixa, depois da qual é proibido falar e manter aceso o lume. A pena pelas violações destas e outras imposições consiste em multas que o *fazendeiro* põe a seu arbítrio, e retêm em sua exclusiva vantagem... O *fazendeiro* era além disso circundado de uma espécie de mercenário *(capangas)*, que com freqüência tinham o encargo de aplicar uma dose de pauladas em algum colono, já não bastasse a pena das multas; e na vigilância do trabalho não vinha poupado por parte do patrão o uso do chicote, para manter ativas as energias e impedir qualquer perda de tempo."[33]

No dia 11 de junho de 1913, portanto seis anos após a denúncia pública de Ristori, o então Ministro das Colônias, Luigi Rossi, o mesmo que veio em viagem oficial ao Brasil em 1902 e fora responsável pela execução do decreto Prinetti, reafirmava o propósito de "deixar livremente ir os emigrantes ao Brasil mas não fazer nada para que vão"[34], apesar da propaganda solicitada na imprensa e pelos embaixadores para a revogação do tal decreto. Como se vê, as denúncias contra o regime de trabalho semi-escravo praticado nas fazendas de café do interior do estado não eram uma exclusividade dos grupos anarquistas. Porém foram contra os militantes estrangeiros de esquerda que avançaram as garras dos donos do poder. Nas vésperas da publicação do folheto combatendo a imigração, o periódico anárquico já temia pela sua sorte.

"*LA BATTAGLIA* hoje podemos dizer está em tensão com todos os seus adversários, que gostariam de vê-la perecer, mas este desejo dos alcoviteiros da forca, não se cumprirá

---

[32] Publicado em *Niente immigrazione al Brasile*, La Battaglia, n.°. 115, de 17/03/1907.
[33] *L'Emigrazione italiana al Brasile*, *in* Italica Gens ano II outubro/1911 n.°. 10, p. 377. Revista da Federação para a assistência aos emigrados transoceânicos, fundada e dirigida pela Associação Nacional dos Missionários Católicos Italianos. AEL-UNICAMP.
[34] Artigo Il pericolo del Brasile per la nostra emigrazione, de Giovanni PREZIOSI. *In* La vita italiana, ano VIII, fascículo 87. Roma, 15/03/1920, p.218. AEL-UNICAMP.

nunca se os amigos se recordarem que *LA BATTAGLIA* não tem nenhum aporte inconfessável, e que necessita de vossa ajuda."[35]

Os adversários não tardaram a mostrar suas garras buscando alcançar justamente os pilares do Battaglia, Ristori e "Poldo" Cerchiai. Se eles já haviam sido intimados a depor, agora o pior se aproximava com a promulgação de duas leis que visavam atingir diretamente a campanha antimigratória e seus responsáveis. No decorrer do ano de 1906 uma série de greves assolou os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Foi realizado o primeiro congresso operário brasileiro e o fim do ano culminou com o definitivo estrangulamento do fluxo migratório para o Brasil. Sem dúvida os anarquistas incomodaram muito durante o ano todo e o periódico libertário defendeu-se atacando.

"O governo brasileiro, em vista do rápido quanto inesperado despovoamento das *fazendas* e com a intenção de estancar, com meios artificiais e inócuos, este êxodo dos pobres escravos fugidos para outros sítios em busca de pão e de liberdade, impôs aos espertalhões do Parlamento e às proverbiais marmotas do Senado a promulgação de uma lei-cabresto para a expulsão dos subversivos (entenda-se anarquistas) que revelaram ao mundo a iniquidade das classes dominantes, e de uma lei-cilada que, debaixo do nobre pretexto de garantir o salário dos colonos, sugere a estes pobres diabos de permanecer a degustar mais ainda as delícias do regime republicano debaixo do império do legendário *chicote*".[36]

O alvo maior da primeira lei, a do "cabresto" eram as lideranças políticas estrangeiras radicadas aqui e por extensão todos os estrangeiros indesejáveis no país: anarquistas, socialistas, subversivos em geral, prostitutas, cáftens, bandidos de pequeno porte, e outros indivíduos considerados como desqualificados pela sociedade bem posicionada. O governo federal inspirou-se na lei de expulsão de estrangeiros da vizinha Argentina e buscou legitimar sua promulgação através de sua base parlamentar no Congresso. Em 7 de janeiro de 1907, é sancionado o decreto 1641, a chamada lei Adolfo Gordo, do homônimo deputado, que "regularizava a expulsão, de parte ou de todo o território nacional, dos estrangeiros que comprometessem a segurança nacional ou a tranqüilidade pública"[37].

A polícia paulistana vinha perseguindo os redatores da Battaglia com vigilância constante, detenções para esclarecimentos, depoimentos e

---

[35] La Battaglia, n.°. 89, de 12/08/1906.
[36] Sobre a Lei Adolfo Gordo, La Battaglia n.°. 111, de 10/02/1907.
[37] Cfr. a Coleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil de 1907, v.I, *in* John Foster DULLES, Anarquistas e comunistas no Brasil. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1977, p. 29.

arrolando outras testemunhas para o processo que estava sendo movido contra Oreste Ristori, Alessandro Cerchiai e Giulio Sorelli, por crime contra a segurança nacional. O dossiê foi se avolumando até que em 7 de maio de 1907, valendo-se do decreto 1641, o secretário da Justiça e Segurança Pública do governo paulista, Washington Luiz, ingressa com um pedido de expulsão contra os três, solicitando o parecer favorável do Tribunal de Justiça Federal. O cerco fechava-se contra o grupo de Ristori, que porém mantinha-se seguro quanto à impossibilidade de sua expulsão. A lei Adolfo Gordo não contemplava a expulsão de estrangeiros residentes há mais de dois anos no Brasil. Cerchiai estava no país desde 1901 e Ristori acabava de completar 3 anos de residência em São Paulo. Em 14 de maio um telegrama do Ministro da Justiça negando o pedido de expulsão dos agitadores anarquistas, jogava água fria na política repressiva de Washington Luiz. Mais uma vez Oreste safava-se de uma expulsão. Ao saber da alegre notícia os dois colegas de redação puderam comemorar junto com os outros companheiros a permanência no Brasil, bebendo vinho noite adentro ao som do violão de Ristori e cantando novamente o adeus à pátria em que tão cedo não voltariam.

"Io partivo cantando: a l'infinita
battaglia muovo col destino mio:
senza rimorsi è questa dipartita;
o ricordanze, o vecchia Italia, addio!

"Eu partia cantando: à infinita
batalha movo com o destino meu:
sem remorsos é essa despedida;
Ou lembranças, ó velha Itália, adeus!"[38]

Enquanto isso, a manobra realizada pelos militantes anarquistas era seguida de perto pelo Sr. Serra, embaixador da Itália em Petrópolis.

"A polícia de S. Paulo crê que tal propaganda tenha contribuído para a partida daquele Estado para a Argentina de um grande número de colonos especialmente italianos, partida que nestes últimos dias assumiu efetivamente o caráter de um êxodo e que é, sobretudo, de atribuição a causas de várias índoles, não excluindo a especulação dos agentes de migração e de emissários argentinos."[39]

No meio do ano os redatores do semanário anarquista, livres da deportação, clamavam para si o êxito do objetivo alcançado. Contrariando a versão defendida oficialmente, que minimizava os efeitos do movimento contra a imigração, desviando as causas do êxodo de colonos das fazendas para uma suposta infiltração de agentes estrangeiros com intuito de desviar o fluxo da

[38] *Partendo*, do volume Canti d'Esilio de Pietro GORI, *in* La Battaglia, n.°. 105, de 30/12/1906.
[39] Cfr. carta reservada de Petrópolis, 05/06/1906, enviada à Direzione Generale della P.S. Dossiê Oreste Ristori, CPC, ACS.

mão de obra agrícola para a região do pampa argentino, os anarquistas desfilavam triunfantes no editorial intitulado *Se Foge!*

"O êxodo dos colonos recomeçou. Os trens que chegam do interior do Estado estão cada dia mais carregados de pessoas que definitivamente abandonaram as fazendas para ir em outro lugar em busca de trabalho e de pão. A lenda dos agentes pagos pela Argentina para induzir os colonos das fazendas para partir para aquele país é agora completamente esvaziada, pois a maior parte desses pobres diabos volta, desiludida e cabisbaixa, aos respectivos países de origem, e bem poucos são aqueles que se dirigem para as bandas do Prata. A causa deste fenômeno vai ser encontrada de qualquer modo, não nas fantásticas histórias de supostos agentes estrangeiros interessados em povoar, com o elemento agrícola arrancado de nossas fazendas, o pampa argentino, mas na dificuldade econômica no qual a crise cafeeira, de um lado, e a voracidade inverossímil das castas dominantes, do outro, afundaram até o pescoço o Brasil."[40]

26.

Voltando os olhos para trás, e vendo os resultados que haviam obtido até o momento, a turma de Ristori, em três anos de propaganda anarquista, estava rindo à toa. Conseguiram consolidar uma publicação semanal forte, com uma tiragem que chegou a uma média de 5.000 exemplares em 1908.[41] Conseguiram que essa publicação fosse assinada em todo o Brasil e até fora dele. La Battaglia era distribuído em S. José do Rio Preto por Alberto Nardini, em Juiz de Fora através de Andrea Taschi e Sante Taucci, em Uberaba por Orlando Persotti, em Ponta Grossa por Pietro Colli, em Porto Alegre por Matteo Carretta, em Belém, Manaus, Buenos Aires e Montevidéu, além de penetrar em todo o interior paulista e ser, inclusive, comercializado no Teatro D. Pedro Alcantara, no centro do Rio de Janeiro, por Silvio Pezzaglia[42]. Os resultados não podiam ser melhores frente as condições adversas para a realização da propaganda ácrata no país. E eles foram particularmente favoráveis nas regiões agrícolas, onde o trabalhador mostrou-se muito receptivo às investidas de Ristori, como provou o êxito da campanha contra a imigração. Porém, nos centros urbanos, junto ao operariado, o retorno não foi assim tão animador. Quais teriam sido as razões deste desequilíbrio?

---

[40] Editorial de La Battaglia, n.°. 128, de 07/07/1907.

[41] "Se em abril de 1907 *La Battaglia* tem uma tiragem média de 3.500 exemplares, em agosto de 1908 alcançará as 5.000 cópias." Cfr. Luigi BIONDI, *op. cit.* p. 98.

[42] Cfr. notícia publicada pelo La Battaglia, em 31/01/1909, n °. 201.

Mesmo no interior do estado, efetivamente, eram poucos os grupos anarquistas bem organizados, e muito menos ainda os propagandistas que por lá se aventuravam. Talvez somente Carlos Dias, da Terra Livre, com quem Ristori chegou a viajar junto, se movesse assiduamente em campanha. Então os louros do sucesso acabavam ficando com a Battaglia, devido, em grande parte, a incansável circulação de seus redatores que souberam montar uma rede muito bem articulada de colaboradores nas cidades do interior. Em cidades e vilas carentes de vida cultural para os trabalhadores, a chegada de um conferencista gerava uma movimentação local em que facilmente se conseguia fixar a imagem que se desejava propagar. O que não significava que existisse um grande contingente anarquista no interior. A maior parte dos colonos defendidos pelo jornal não eram anarquistas, pelo contrário, passavam muito longe disto. Também não o eram a maioria daqueles que bateram em retirada do *front* de batalha nas fazendas de colonização. E mesmo aquele núcleo de simpatizantes que colaborava eventualmente com uma ou outra denúncia e participava das reuniões organizadas quando da vinda de um orador da capital, não encarnava o espírito anarquista necessário a uma revolução social. Não! Definitivamente, apesar da expansão da propaganda, estávamos muito longe daquela mínima consciência proletária necessária a uma revolução social. Era Gigi Damiani quem, pessimista, fazia esta avaliação criticando seus próprios companheiros de ideário.

"Aqui em baixo os anarquistas tornam-se castanhas cozidas. Fazem já muito quando, como este autor, rabiscam algum artigo. Este não é o país das meias liberdades mas o país das meias consciências. É o reino da apatia no movimento revolucionário até porque uma revolução aqui em baixo seria difícil antes de tudo saber contra quem se deveria faze-la. A inconstância do clima se espelha na inconstância dos indivíduos."[43]

Quem concordava com cada vírgula desse desabafo era o serviço secreto italiano instalado no Brasil. O enviado Cesare Alliata-Bronner, não se mostrava muito preocupado com as atividades subversivas aqui desenvolvidas.

"Em toda parte será assim, mas é aqui, mais do que em outra parte, que os anarquistas mais temíveis tornam-se discretos burgueses, ao menos por aquele tanto de tempo em que ou recebem um bom salário ou prosperam diversamente nos seus negócios.. Existem naturalmente muitos indivíduos de convicção profunda, do tipo de Damiani, Cerchiai,

---

[43] Artigo *Valvole di scappamento*, em La Battaglia, n.°. 273, 18/09/1910. *Apud* Isabelle FELICI, Les italiens dans le mouvement anarchiste au Brésil. Tese de doutorado, Universitè de la Sorbonne Nouvelle-Paris III, 1994.

D'Avino, Vella, Boni, Gudini, etc...O grupo da "Battaglia" dirigido pelo conhecido anarquista **Oreste Ristori** diretor proprietário do jornal homônimo e pelo seu companheiro Cerchiai. São expoentes numerosos tipógrafos e metalúrgicos e algumas suas mulheres. Formam o núcleo mais intelectual... Os filiados dispõe de discretos meios sendo quase todos operários que ganham entre 7 e 10.000 reis por dia! Portanto pouco perigosos."[44]

Se na cidade os anarquistas não representavam perigo, Ristori era otimista em relação ao trabalhador do campo. Talvez porque ele o conhecesse muito bem e soubesse exatamente o que seria possível esperar e de que forma, daquele gente. Em suas andanças notara em algumas áreas de colonização, fugindo das opressões oligárquicas, um embrião anárquico nas comunidades agrícolas, inconsciente é verdade, mas era justamente esta espontaneidade que lhe alimentava a esperança de haver no Brasil campo fértil para a anarquia.

"Mas um fato, primeiro imprevisto, que vem no mundo mais eloqüente a demonstrar a exatidão dos princípios teóricos, é o regime anárquico próprio que vige, inconscientemente, em pleno regime burguês no Brasil, em vastas zonas de terra onde o governo, a autoridade, a lei, não exercem funções de monta, a exceção daquela que a sanguinária burocracia cumpre um par de vezes por ano com a coleta dos impostos. Nestes vastos territórios onde o olho se perde entre a verde copa das florestas e a imensa extensão dos *cafezais* (plantações de café) se vive uma vida essencialmente agrícola... Viaja-se semanas, talvez meses... Mas não se vê a cara de um policial, não se encontra um governante... nem um cidadão que conheça a lei. A lei comum que cada um conhece, que cada um respeita, sem que ninguém a imponha, é o trabalho. O governo - o único de que se tenha noção - é o pai que dirige a família segundo os costumes do lugar e as necessidades da vida em comum. A autoridade, sob qualquer forma, é uma gangrena que não pode penetrar e que talvez não penetrará nunca por estes imensos sertões."[45]

Pelas suas palavras cheias de sonho e ideal notamos o romantismo de Ristori. Essa característica romântica talvez ilumine o porque de uma vida tão aventurosa que levou até esse momento, como sendo um componente inseparável de seu caráter, e também explique o fôlego incansável na propaganda anárquica, na propagação de seu próprio sonho de um mundo melhor. Para contrapor a volúpia ristoriana, seu amigo Gigi punha os pés no chão e refletia com a razão observando que, longe de alcançarmos a anarquia no Brasil, uma mobilização revolucionária estava completamente fora de

---

[44] Relatório do Comissário de Segurança Pública, Cesare Alliata-Bronner, funcionário do serviço especial de vigilância junto ao Consulado italiano em São Paulo, ao Sr. Luigi Bruno, ministro da Itália, em Petrópolis, Rio de Janeiro, 30/06/1909, *cit.* em Michael HALL e Paulo Sérgio PINHEIRO, A classe operária no Brasil. Vol. 1. São Paulo. Brasiliense, 1977, p. 112.

[45] *L'anarchia in Brasile,* em La Battaglia, n.°. 265, de 10/07/1910. *Apud* Luigi BIONDI *op. cit.*

propósito. O que seria possível fazer, eram algumas campanhas localizadas como esta da imigração, enquanto se realizaria o árduo trabalho de propaganda e conscientização dos trabalhadores, não obstante todas as dificuldades. E este trabalho, ainda segundo Damiani, seria possivelmente mais proveitoso no campo do que na cidade.

"Um trabalho colossal e que mereceria a pena ser tentado era aquele de organização dos colonos nas plantações de café... Mas ninguém pensa nisso com seriedade de propósitos. Entendo que a empresa é arriscada e que podemos perder a pele. Diga-se o que quiser, a *fazenda* era e permanece um feudo... E permanece feudo principalmente pelo elemento colono que vem de países e províncias onde a resignação está no sangue e professada como pia vontade cristã.
Porém é na *fazenda* que precisaria voltar-se e com um programa um pouco mais substancial do que aquele que poderia elaborar o sindicalismo."[46]

Heis a diferença entre o campo e a cidade: a organização do trabalhador. Se no campo a livre associação segundo princípios comunistas libertários, constituía algum êxito, na cidade junto ao proletariado de fábrica, não se mostrava tão eficiente. No meio operário, La Battaglia começou a perder espaço para os grupos anarquistas que defendiam a organização sindical e a atuação dos militantes dentro dos sindicatos. A vertente sindicalista do anarquismo, com Carlos Dias, Sorelli e Leuenroth à frente, avançava fábrica adentro em seu trabalho organizador. O programa do sindicalismo a que se referiu Damiani, que no campo não se mostrou eficiente, nas cidades conseguiu que o trabalhador fabril, a partir de algumas greves vitoriosas, obtivesse ganhos parciais em seu salário e uma redução em sua jornada de trabalho na luta pelas oito horas diárias. Entre 1905 e 1907 foram obtidas algumas vantagens nesse sentido que fizeram com que os trabalhadores engrossassem sua participação nos sindicatos. Sobre o programa sindicalista, Ristori, dilacerante como sempre, não via nele, ao contrário de companheiros seus como Damiani, uma origem remota ou um caminho autônomo trilhado pelos seus ideólogos, mas sim uma mera aproximação proveitosa e de horizonte limitado de práticas híbridas entre o socialismo parlamentar e o anarquismo.

"Desde a Internacional, em minha opinião, não se bifurcou nada além de duas correntes de idéias: aquela do socialismo de chinelos e aquela do socialismo anárquico. O sindicalismo surgiu, muito mais tarde, como um fungo que se nutre às custas de um e do outro. Do socialismo tomou emprestados algumas premissas do programa mínimo (aumento de salários, diminuição da jornada, cooperativismo, etc.); ao anarquismo

[46] *Per un'intesa che nasce male*, em Guerra Sociale, n.º. 10, 11/12/1915. *Apud* Isabelle FELICI, *op. cit.*

usurpou o caráter específico do apoliticismo em geral e do anti-parlamentarismo em particular, além de alguma concessão negativa da propriedade e do Estado incorporada ao resto do programa mais por razões estéticas do que por homogeneidade ou finalidade de doutrina. O dia em que restitua aquilo que não é seu, do sindicalismo não restará nem sequer a sombra."[47]

Os sindicalistas que provinham de uma formação libertária, denominavam-se anarcossindicalistas e colocavam-se como defensores da ação dentro dos sindicatos. Os anarcosindicalistas compreendiam a organização proletária nos sindicatos como a base de luta para se alcançar a Revolução Social. E essa organização deveria não somente girar em torno aos sindicatos, como partir deles e dos grêmios operários. Já os havíamos encontrado antes, na Argentina, em torno do grupo de La Protesta e depois ocupando hegemonicamente a FORA. O forismo tornou-se a expressão mais vitoriosa do anarco-sindicalismo na América Latina fazendo escola sindical. Os ecos das lutas sindicais promovidas pela FORA chegaram ao Brasil, especialmente na segunda metade da década de 10 e influenciaram boa parte dos anarquistas brasileiros, levando-os para as fileiras anarcosindicalistas. Em São Paulo, originalmente articulados em torno do Amigo do Povo, após 1906, teriam em Terra Livre, seu principal canal de expressão. Ainda nesse ano Giulio Sorelli, deixando as páginas da Battaglia, fundaria Il Libertario, para preencher o vazio existente na imprensa sindicalista de língua italiana.

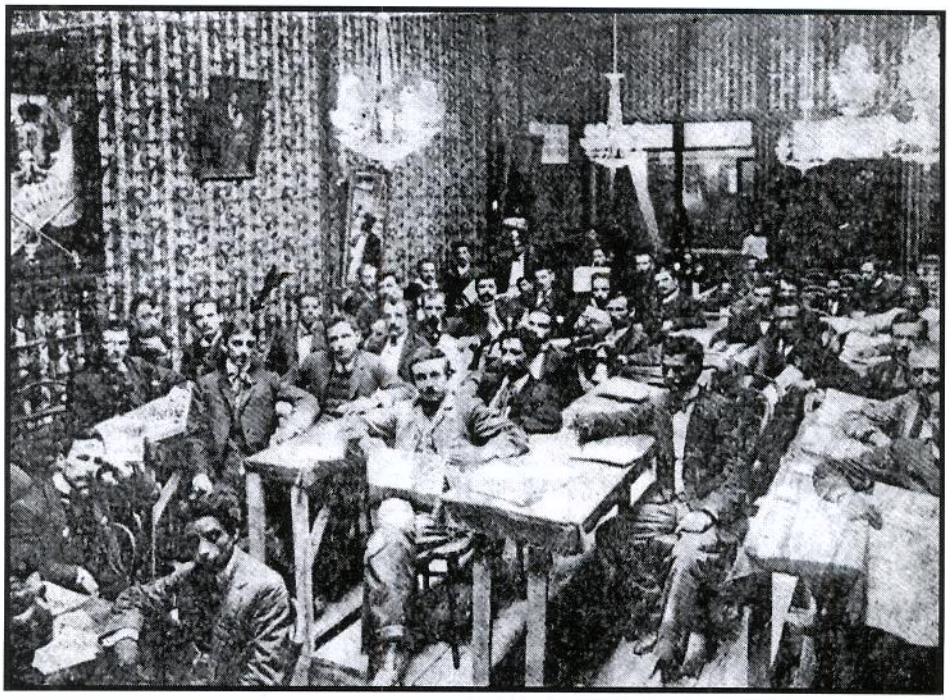
Os trabalhadores paulistanos organizam-se a partir de novembro de 1905 em torno da FOSP, a **Federação Operária de São Paulo**, representando inúmeros grêmios e ligas de resistência, que vinham se constituindo desde 1903, no que Jacy Seixas denominou de epidemia das ligas[48]. Foram elas as principais protagonistas dos movimentos grevistas que assolaram o estado em 1906. Nesse mesmo ano realizou-se em abril, no Rio de Janeiro, o Primeiro Congresso Operário Brasileiro com a participação de uma delegação paulista de 10 operários representando a FOSP, entre eles Edgard Leuenroth, da Lanterna e Sorelli. O jornal de Ristori não perdeu a oportunidade para criticar a estratégia dos organizadores, ironizando o Congresso e ridicularizando os participantes paulistas naquilo que chamou de "Congresso Internacional de Batráquios".

---

[47] La Battaglia n.°. 217, de 20/05/1909, no artigo *Attorno al sindicalismo*, discordando de Gigi Damiani que mantinha uma posição mais condescendente em relação ao mesmo.

[48] Jacy SEIXAS, Memoire et oubli. Paris. Editions de la Maison des Sciences de L'Homme, 1992, pp. 108-109.

Reprodução da capa do folheto Contra a Imigração no Brasil, São Paulo, 1906.



Reunião do 1º Congresso Operário Brasileiro realizado no Rio de Janeiro, entre 15 e 20 de abril de 1906. Edgard Leuenroth no destaque.

"Nestes dias celebrou-se no Rio o primeiro Congresso Operário, honra e glória da Federação Operária de S. Paulo...
Os personagens mais importantes, os sociólogos mais profundos, os agitadores mais temidos, de Moscoso a Sorelli, de Pinto Machado a Leuenroth, de Magrassi a Veissimon, a Bernabucci, a Alfredo Vasques, a José Sarmento - arcas de ciência os unem, titãs da Revolução os outros - eram lá. Perdidos no meio dos gritos entusiásticos e das aclamações da multidão. Gênios incompreendidos de luz, condutores intrépidos do exército liliputiano cujo quartel general é o Largo da Sé, sobrestam pela sua talha e destacavam-se pelos seus cocares no meio da multidão. O espetáculo era imponente. Esperava-se de um momento ao outro uma palavra, uma ordem, um gesto majestoso que lançasse as armadas revolucionárias ao assalto da Bastilha burguesa, às 'Tuilleries', ao Catete. O governo, pelo lado seu, havia consignado todas as tropas. Somente os guardas do mijo vagueavam inquietos ao redor do Fórum de onde deveria sair a primeira centelha da insurreição.
O momento era decisivo: um tanto vagas, as eminentes cabeças pensavam no que fazer, e teve lugar um primeiro conselho de guerra. Foram apresentados os planos estratégicos dos generais no comando, foram levadas em consideração as boas advertências do ministro da guerra, e foi decidido que, antes de lançar o assalto, existiam alguns problemas que se resolveriam com o debate, e o debate começa. Os guardas do mijo se retiram espirrando, e os trabalhos parlamentares vêm realizados do profundo legislador Giulio Sorelli que assim inicia:
'*Colegas,...*'"[49]

Distante da demagogia de que acusavam os outros quais seriam então as táticas utilizadas pelos antiorganizadores? Os comunistas libertários não se opunham à organização, mas sim a organização que implicasse na constituição de uma autoridade. Os círculos libertários e os grêmios anarquistas, não se constituíam com base em estatutos, representantes eleitos, ou presidentes, unicamente se auto organizavam. O que não ocorria na constituição de um sindicato, ou uma federação operária, onde se elegiam os representantes dos trabalhadores e formalizava-se uma instituição. Recordemo-nos do grupo **La Propaganda**, que propunha se organizar unicamente para uma ação específica. Enfim, não colocavam-se contrários a organização, mas contra a organização institucionalizada. O anarquismo socialista através da livre associação dos indivíduos foi reafirmado por Ristori no opúsculo POLEMICHE SULLA ANARCHIA, lançado em 1907.

Vivíamos a véspera do Congresso Anarquista de Amsterdã quando estabeleceu-se definitivamente a clivagem entre os comunistas libertários e os sindicalistas. No célebre debate envolvendo o sindicalista Pierre Monatte e Malatesta, este explicitou claramente sua posição alertando para os riscos autoritários do sindicalismo.

---

[49] La Battaglia, n.°. 76, de 22/04/1906.

"...sou a favor de uma participação mais ativa no movimento operário, sobretudo como forma de propaganda cujo alcance poderia se tornar muito mais amplo. Mas de forma alguma essa participação deveria implicar na renúncia dos ideais longamente acalentados. Mesmo dentro dos sindicatos, é preciso que permaneçamos anarquistas, com toda a força e amplitude implícitas nessa definição. Na minha opinião, o movimento operário não é mais do que um meio - embora não há dúvidas de que é o melhor meio de que dispomos. Mas eu me recuso a aceitar esse meio como um fim e, da mesma forma, não gostaria que perdêssemos de vista o conjunto de concepções anarquistas ou, colocando o problema de forma mais simples, que não desprezássemos os meios de propaganda e agitação ao nosso alcance.
Os sindicalistas, por outro lado, têm uma certa propensão para transformar os meios em fins e para considerar as partes como sendo o todo. E desse modo, para alguns dos nossos, o sindicalismo começa a se transformar numa nova doutrina que ameaça a própria existência do anarquismo."[50]

O eco do discurso de Malatesta logo chegou em São Paulo, onde encontravam-se muitos de seus seguidores, entre eles Ristori, bem como as táticas e estratégias de luta por ele preconizadas. A ação de Ristori e seu grupo desenvolvia-se de uma forma que efetivamente poderíamos chamar de direta. Reuniam-se na saída das fábricas, onde discursavam ao operariado e vendiam os jornais com o objetivo de propagar as idéias libertárias para os espaços de ressonância em seu interior. O primeiro instrumento de combate a uma determinada reação realizada pelo patronato e considerada injusta, era o boicote. Com esse intuito Ristori foi para a porta do moinho Matarazzo debater com os operários, levantar suas queixas e propor, como meio de luta, o boicote dos produtos do guloso comendador.

"Não comprem os produtos da casa Matarazzo, que são uma porcaria inominável.
Todos os seus produtos são um atentado permanente à saúde pública.
Não os comprem!
Boicotem, preguem de santa razão aqueles comerciantes que os vendem!
Já, quase todos os clientes do interior devolveram a mercadoria.
O seu moinho que funcionava sem trégua dia e noite, não trabalha agora mais que dois ou três dias por semana.
Ninguém mais quer a sua farinha.
É esta a melhor lição que a gente honesta e de coração está dando ao maior biltre da colônia italiana.

---

[50] Errico MALATESTA, Sindicalismo: a crítica de um anarquista. Congresso anarquista realizado em Amsterdã, agosto de 1907. *In* George WOODCOCK, Os grandes escritos anarquistas. L&PM. Porto Alegre, 1981, pp. 203-204. Sobre o sindicalismo, ver Pierre MONATTE, La lotta sindacale. Milão. Jaca Book, 1978 (Cap. IV: Il sindicalismo è di per se sufficiente. – Discorso al congresso anarchico di Amsterdam (1907), pp. 57-64.

Guerra, portanto, à casa Matarazzo."[51]

O boicote era uma arma de terror na luta travada pelos anarquistas contra os capitalistas. Com o boicote buscava-se amedrontar o patronato e faze-lo recuar em sua intransigência. A eficácia desse método residia no convencimento da opinião pública quanto à justeza da reivindicação. Um boicote prolongado, enquanto demonstrava o apoio da população à luta desenvolvida, enfraquecia economicamente o patrão. Portanto um boicote bem sucedido estabelecia um pacto deliberado entre os trabalhadores e os consumidores para estes não virem a ser lesados com um eventual aumento dos preços dos produtos. O boicote contra a casa Matarazzo veio justamente no bojo de uma greve vitoriosa mas não contemplada, reforçando o discurso ristoriano da ineficácia das greves parciais.

"Aos amigos, aos companheiros, a todas as pessoas honestas em que está no coração a sorte de tantos pobres dissecados da gula capitalista, de centenas de mulheres e de crianças que gemem, como reclusos, nos ergástulos industriais do Comendador Francesco Matarazzo, é feita viva reza de generalizar o boicote tanto em São Paulo quanto nas localidades do interior, a todos os produtos deste capitalista, que, no recente movimento grevista para a conquista das OITO HORAS, obteve o desfecho mais repugnante.
É bom que se saiba que, enquanto muitos outros industriais reconheceram como justa as reclamações dos grevistas, aceitando a proposta das OITO HORAS, ele, o Comendador Matarazzo, o grande filantropo, o grande patrão, pôs no lastro muitos pais de família, locados em seu moinho, por terem realizado idêntico pedido.
É bom que se saiba ainda que as pequenas concessões feitas aos seus tecelões e tecelãs durante a greve - ou seja: 11 horas de trabalho, aumento de 15% nos salários, abolição do trabalho noturno - está suprimindo-as agora que estes operários, crentes nas promessas do guloso escravista, voltaram ao trabalho."[52]

Além do boicote, as denúncias contra as condições de trabalho também tinham o mesmo objetivo de jogar a opinião pública contra o capitalista explorador. La Battaglia lançou, a exemplo do efetuado com o trabalho no campo, uma campanha para o envio de denúncias referentes à exploração do operariado de fábrica que obteve rápido retorno.

"O apelo por nós lançado aos trabalhadores, por uma indagação sobre as condições de trabalho no Estado de São Paulo, foi entendido, já muitos operários nos forneceram comparações informações minuciosas, sobre fábricas de tecidos da Capital e de outros centros, e pouco a pouco os publicaremos imparcialmente."[53]

---

[51] *'Guerra a Matarazzo'* em La Battaglia, n.°. 129, de 14/07/1907.
[52] La Battaglia, n.°. 125, de 09/06/1907.
[53] *"Indagação sobre as condições de trabalho no Estado de São Paulo"*. La Battaglia, n.°. 129, de 14/07/1907.

Os informantes camuflados tanto eram funcionários das fábricas, como emissários do jornal que iam *in loco* verificar uma denúncia anônima. E foram publicadas informações de várias matizes entre elas as que denunciavam uma prática bastante comum: o trabalho de crianças em precárias condições de salubridade nas fábricas, chocando a opinião pública. Assim denunciou, escondendo-se de represálias, "Um que sabe".

"Na Villa Prudente existe um fabricante de sabão, certo Annibale Pepe, que não emprega ninguém além de meninos, e os explora indignamente.
Nesta fábrica os moleques trabalhadores são expostos à morte. O local é úmido, insalubre: a jornada de trabalho é de doze ou treze horas.
A morte que espera estes pobres meninos é uma morte lenta, um lento desfazer do seu organismo: a umidade, a fadiga exagerada e contínua durante um horário superior àquele a que são submetidos geralmente os homens, esgota as crianças, lhes atrasa o desenvolvimento físico, o seu sangue perde cada força de resistência, e cedo ou tarde depois a 'queda' e as 'recaídas' se tornam homens imperfeitos, doentes, que caem como tantas folhas secas ao primeiro soprar do vento.
Mas - dirão vocês - e os pais desses meninos não se preocupam com nada? Eles são pobres diabos carregados de família, cheios de miséria, e a miséria quebra as fibras mais fortes, rende os homens velhacos."[54]

A tragédia com os nossos inocentes meninos remonta, como se vê, a longa data. Aproveitando o clima emocional favorável La Battaglia, através de seu editorial, busca ferir a honra pátria da população.

"Um povo que não ama as crianças é um povo que corre em direção à morte. E os trabalhadores do Brasil não amam suas crianças.
As grandes fábricas e as *fazendas* exploram inexoravelmente as pequenas crianças, meninos e meninas, condenados a cumprir um trabalho desumano, superior às suas forças, que dura de 12 a 14 horas durante o dia e onze horas durante a noite."[55]

Táticas como o boicote, a denúncia e o apelo à honra somente se renderam eficientes na medida em que os grupos anarquistas articulavam-se rapidamente através de uma rede de informações e as faziam circular e chegar à opinião pública, o termômetro da ação efetuada. Sem a existência desse mecanismo de informação, tal estratégia não causaria repercussão, não estabelecendo uma rede de solidariedade e, portanto, não atingindo os objetivos de dano econômico ao proprietário. Precursores do moderno *marketing* político, estes anarquistas sabiam tirar proveito a seu favor do

[54] *"O trabalho das crianças"*. La Battaglia, n.º. 72, de 18/03/1906.
[55] *"La strage degli innocenti"*. La Battaglia, n.º. 111, de 10/02/1907.

lema capitalista: a propaganda é a alma do negócio. E o veículo de propaganda da época, por excelência, era o jornal. Daí compreendemos a posição de Ristori em defesa da publicação de um diário anárquico.

Estas ações microscópicas de caráter localizado, não significavam um desprezo, por parte dos libertários antiorganizadores, da tática da greve. Somente que compreendiam a greve como um instrumento de luta revolucionário para ser utilizado já em um processo de enfrentamento, movido pela classe trabalhadora, contra a burguesia. Eles posicionavam-se absolutamente contra a greve localizada em uma fábrica, somente pela melhora econômica de caráter corporativo. Para Cerchiai a greve deve ser geral ou pelo menos geral dentro de sua categoria, somente tendo sentido quando sua finalidade é revolucionária, ou quando pode atingir tal *status*

"Os nossos companheiros depois não se devem cansar de propagar onde for a necessidade da expropriação da burguesia, e a tomada da posse por parte do proletariado de todos os meios de produção, pois não seremos livres se invés de gastar cada nosso esforço em abolir o governo e a propriedade privada, nos dedicamos simplesmente a mendigar reformas, e a procurar - em vão porém - de fazer tornar bons os nossos patrões. Os escravos se mexeram, procuremos mantê-los despertos."[56]

O jornal de Ristori não se opunha sistematicamente às greves parciais enquanto forma de luta de uma ou mais categorias. Em muitos casos, além de abrir espaço a cada edição, para o acompanhamento dos movimentos grevistas em andamento, envolvia-se diretamente em sua articulação e difusão. O próprio Oreste viajou várias vezes ao interior, particularmente a Santos, entre maio e junho de 1907, participando ativamente da organização da greve geral pela jornada de oito horas. Lá reunia-se com os colaboradores de seu periódico que mostravam-se entusiasmados.

"Terminou com uma completa vitória dos operários a greve dos pedreiros, carpinteiros e pintores.
Na minha última correspondência, disse que três únicos biltres do capitalismo - ou seja: Rvuck, Pinto e Fernando - se obstinavam a não conceder as oito horas e o pagamento quinzenal. Devo agregar agora que até estes piolhos refeitos tiveram que ceder ante a firmeza plantada dos grevistas e aceitar completamente suas condições."[57]

No ano anterior, durante a greve geral dos ferroviários da linha Mogiana ocorrida na mesma época do ano, Oreste esteve presente, quase que diariamente, nas praças de maior agitação grevista: Campinas e Jundiaí. La

[56] *"Il risveglio degli schiavi"*, com o pseudônimo de Anna De Gigli, La Battaglia, n.°. 81, 10/06/1906.
[57] *'Vittoria in Santos'*. La Battaglia, n.°. 125, de 09/06/1906.

Battaglia abriu espaço ao longo de todo o movimento animando os grevistas e insuflando a população contra a companhia ferroviária. A campanha valeu a detenção de Ristori durante dois dias e o fechamento e empastelamento da redação do jornal durante três semanas, obrigando-os a desculparem-se pelo sobressalto junto aos seus leitores do interior.

"No assalto que a polícia deu, durante os dias de greve geral, na nossa redação, foram extraviadas várias correspondências e não poucas cópias do n.° 80 da 'Battaglia', pelo qual por força maior não pudemos enviar o jornal em várias localidades."[58]

Mesmo se observarmos as divergências entre as tendências anarquistas, elas configuravam-se mais no plano tático, na estratégia de luta a ser adotada, e não impediam a união dos grupos em prol de uma ação comum, tanto na condução de uma greve geral como, por exemplo, numa campanha de boicote. Era comum encontrarmos nas linhas da Battaglia, chamadas de outros periódicos solicitando auxílio. As divisões, enfim, não eram tão dramáticas a ponto de impedirem a solidariedade libertária. Pelo contrário, foram inúmeras as oportunidades em que Ristori, Sorelli e Leuenroth, trabalharam juntos, como neste apelo lançado pelo periódico.

"Fazei saber por meio do nosso jornal que a '*Terra Livre*' se encontra em sérios embaraços por falta de recursos. Apesar dos nossos pedidos, só temos recebido cartas cheias... de promessas. Se os nossos agentes, assinantes e subscritores não se decidem a mandar IMEDIATAMENTE todo o dinheiro reunido, pouco ou muito, a *Terra Livre* não poderá aparecer na próxima semana. E se esta situação persistir, tornar-se-á intolerável."[59]

Sendo o maior jornal operário paulistano, La Battaglia funcionava como um polo de comunicação, irradiador de todos os movimentos proletários e suas páginas eram o fórum de debate das diversas tendências anárquicas. Como sugere Biondi, "o grande esforço da redação em tornar o jornal um meio de propaganda imerso na realidade do proletariado paulista e paulistano, será uma das razões do notável aumento de difusão do periódico"[60].

Contudo, o periódico de Ristori, apesar da larga penetração alcançada, ainda não obteve seu principal objetivo: o de difundir efetivamente a anarquia junto ao grosso do proletariado para criar as bases para uma revolução social. A fácil e cômoda postura dos trabalhadores de fábrica, em organizar-se de forma hierarquizada para alcançar objetivos imediatistas de melhoras

[58] La Battaglia, n.°. 81, de 10/06/1906.
[59] La Battaglia, n.°. 65, de 21/01/1906.
[60] Luigi BIONDI, *op. cit.*, p. 92.

salariais, era um parâmetro nítido de que não existia ainda a pretensa consciência libertária do proletariado. Somente a propaganda anarquista não estava sendo suficiente para esta "conscientização". Com este pensamento, Ristori passa, paulatinamente, a estabelecer uma mudança em sua forma de agir. Se antes havíamos visto sua preferente opção em constituir um periódico diário, em detrimento da educação libertária, a partir de 1908, veremos seu engajamento decisivo na constituição de escolas, núcleos de educação anarquista, na capital e em todo o interior do estado.

27.

Durante as conferências que realizou, Ristori conheceu os mais diversos tipos, desde os ferrenhos adeptos da causa anarquista até alguns simpatizantes não ortodoxos, mas que se aproximavam dele mais em função do caráter racionalista e anticlerical das propostas libertárias. Nesse movimento pela racionalização das idéias, Ristori freqüentemente deparou-se com educadores, não necessariamente libertários, mas muito propensos a usar os mesmos fundamentos pedagógicos utilizados pelos professores ácratas. Em sua passagem por Jaú, em agosto de 1907, Oreste impressiona muito um educador local chamado João Penteado, que passa, a partir de então, a criar vínculos mais profundos com o movimento libertário. Após esse encontro, Penteado envia uma colaboração ao La Battaglia, iniciando uma amizade que se seguiria nos próximos anos.

"A presente correspondência, que é a primeira por mim dirigida a essa folha, tem o fim exclusivo de nestas poucas linhas, dar notícias da estada do companheiro **Oreste Ristori** nesta cidade, onde, galhardamente recebido por parte de seus admiradores e companheiros, foi instigado a realizar uma conferência pública, de propaganda sociológica, logrando com isso trazer muito proveito para a causa da reforma social.
O tema versou sobre o *Cristianismo perante a história e a sociologia*, tendo o companheiro Ristori no decorrer de seu caloroso discurso, merecido sinceros aplausos, principalmente quando se referia aos dogmas absurdos das religiões e as sutilezas do clero e de seus representantes."[61]

E foi justamente a busca por uma educação laica para os trabalhadores que motivou a vinda de João Penteado para São Paulo, em 1911. É no fim desse ano que o mestre jauense assumirá a direção da escola libertária de maior repercussão pública e também a de maior período de funcionamento ininterrupto em São Paulo, ao longo de 8 anos, até o seu fechamento em

[61] La Battaglia, n°. 135, de 01/09/1907.

1919. Mais à frente veremos como isto ocorreu, mas até chegarmos lá vale lembrar que a educação libertária para os trabalhadores vinha difundindo-se desde o início do século.

A primeira escola de caráter libertário surge em São Paulo no bairro do Bom Retiro, um bairro de ocupação operária predominantemente italiana, em 1902. Foi Angelo Bandoni, companheiro de Ristori na Battaglia, que se empenhou decisivamente em sua implantação. Toda a imprensa anarquista mostrou-se honrada com o sucesso desse primeiro empreendimento que foi um marco significativo em termos de educação libertária em São Paulo. Os colegas do Amigo do Povo passavam alguns detalhes do funcionamento da escola.

"Há 15 meses que funciona com êxito verdadeiramente surpreendente no Bairro do Bom Retiro (Rua Solon, 138) uma escola elementar racionalista, para ambos os sexos. A praticabilidade e a rapidez dos métodos aplicados nesta escola souberam despertar tantos interesses e tantas simpatias que, hoje, um bom núcleo sempre crescente de homens de boa vontade assegura-lhe o material escolar para distribuir, gratuitamente, todo o ano, aos alunos e - com uma cota mensal de 500 réis a título de incitamento - permite reduzir o pagamento mensal de cada criança a 2$5oo réis. Quem duvide da superioridade do ensino libertário sobre qualquer outros métodos, é convidado a visitar a nossa escola, das 9 horas ao meio-dia e da 1 às 3 da tarde. Trabalhadores: Pensai no futuro de vossos filhos."[62]

A **Escola Libertária Germinal** funcionou até junho de 1905, quando não conseguiu mais se sustentar financeiramente. O mesmo Bandoni retorna, dois anos depois, anunciando a disposição em continuar adiante seu objetivo inicial. Em setembro de 1907 propôs-se a reorganizar o funcionamento da escola nos mesmos moldes da anterior. Os companheiros logo propagandearam o intento.

"Estamos, de verdade, honrados de poder anunciar, que por plausível iniciativa de um grupo de voluntários - virá reaberta no rincão do Bom Retiro, A ESCOLA LIBERTÁRIA 'GERMINAL'.
Os iniciadores estão organizando uma quermesse libertária para fazer frente às despesas de implantação."[63]

No mês seguinte, no dia 15, ocorria a festa de reinauguração da escola, com a participação de toda a comunidade de trabalhadores italianos do Bom Retiro. Já não se tratava mais de uma iniciativa isolada. A partir desse ano, começaram a proliferar escolas denominadas "livres" em várias cidades do

[62] O Amigo do Povo, n°. 63, de 26/1/1904.
[63] La Battaglia, n°. 137, de 15/09/1907.

interior do Estado, quase sempre fruto da iniciativa de grêmios operários ou círculos libertários locais. Jaime Cubero, anarquista histórico, companheiro de Edgard Leuenroth, nos fala um pouco sobre a dimensão que tomou nessa época a rede articulada entre grêmios operários e escolas libertárias.

"Eles se propunham, quase todas as organizações, a fundar escolas, fundar centros de estudo. Cada entidade por ramo de atividade tinha seu centro de cultura, seu ateneu de estudos, suas bibliotecas... Aqui no Brasil se desenvolveram centenas de escolas porque quase todas as associações de trabalhadores se esforçaram em criar escolas para os operários, para os filhos dos operários que não tinham condição de ir às escolas do governo."[64]

A inauguração destas escolas era geralmente motivo de festa, uma confraternização entre os operários envolvidos e um meio rápido de angariar fundos para o seu funcionamento. Tradição libertária, a festa amplia o espaço do lazer e confunde-se com o espaço da propaganda. Assim foi anunciada em fevereiro de 1909, mais uma festa libertária.

"Em benefício de uma 'Escola Laica' que será brevemente aberta na Água Branca, o GRUPO GIOVENTÙ LIBERTARIA da Água Branca, dará no dia 14 deste mês às 8 e ½ da noite uma interessante noitada dramática.[65]

A escola racionalista da Água Branca era mantida pelos operários vidreiros da fábrica Santa Marina e um dos principais professores responsáveis pela sua coordenação era o socialista Edmondo Rossoni, amigo de Ristori apesar das divergências ideológicas. A escola teve curta duração e sucumbiu ao cerco das autoridades, juntamente com Rossoni, deportado de volta para a Itália pela lei dos estrangeiros, em 1909, devido à sua ação como militante em favor dos trabalhadores[66].

Uma das escolas citadas por Cubero, e que conseguiu manter-se ativa durante um longo período sediava-se em Campinas, outro grande centro operário do interior do estado. A partir da iniciativa da liga operária local, a escola livre existente para os filhos dos operários, ainda funcionando de

---

[64] Depoimento do jornalista Jaime Cubero, secretário do Centro de Cultura Social de São Paulo, CCS/SP, dado ao autor em junho/1995. O original encontra-se no Museu da Imagem e do Som, MIS/SP. O trecho reproduzido faz parte do vídeo documentário Escolas Modernas. Educação libertária na São Paulo do início do século. Coletivo Cinestesia. Direção: Carlo ROMANI, Humberto PIMENTEL e Oldimar CARDOSO. São Paulo, 1995.

[65] La Battaglia, n°. 202, 07/02/1909.

[66] Rossoni terminaria passando para o fascismo e seria Ministro de Obras Públicas de Mussolini, em 1936. Sobre Rossoni ver a biografia de John INGHINO, Edmondo Rossoni: from revolutionary syndicalism to fascism. Nova Iorque. P. Lang, 1991.

forma precária, ganhava um espaço definitivo com a aquisição de um prédio próprio para o seu funcionamento. Quem surgiu à frente dessa iniciativa foi Adelino de Pinho, educador português, que anos mais tarde caminharia lado a lado com João Penteado na condução das escolas modernas na capital paulista. Em seu trabalho sobre a educação popular no início do século, Paulo Ghirardelli insinua que a função da **Escola Social de Campinas** seria a de "valorizar mais o processo de ensino e menos os resultados"[67]. A comissão responsável pela direção da escola, lançou uma nota na imprensa libertária onde explicitava este tipo de orientação pedagógica por ela tomada.

"A escola não deve ser um lugar de tortura física ou moral para as crianças, mas um lugar de prazer e de recreio, onde elas se sintam bem, onde o ensino lhes seja oferecido como uma diversão, procurando aproveitar a sua natureza irrequieta e alegre, as suas faculdades e sentimentos, falando mais ao olhar do que ao ouvido, dedicando-se mais à inteligência do que à memória, esforçando-se por desenvolver harmônica e integralmente os seus órgãos.
A experiência, a observação direta, a recreação instrutiva serão muito mais favorecidas pelo professor que compreende a sua missão, do que ao longas e fatigantes preleções e as recitações fastidiosas e sem sentido.
O que é verificável pelo próprio aluno, o que é demonstrável, o que é acessível, claro, lógico para a criança, o que ela pode por si mesmo descobrir ou desenvolver - isso será preferido a todas as divagações metafísicas ou filosóficas, e todas as afirmações impostas pelas autoridade do pedante, que não pode senão habituar à preguiça intelectual."[68]

No mesmo bairro do Bom Retiro, onde já funcionava a **Escola Libertária Germinal**, outro grupo libertário, agrupado em torno da biblioteca do **Circolo de Studi Sociali**, resolveu investir na criação de mais uma escola. A escola Laica, o nome dado a ela, mantinha um curso elementar em língua italiana, revelando o caráter de escola de colônia que tinha o empreendimento. Em carta de 5 de dezembro de 1908, Davini, o educador responsável pela direção, veio a público mostrar a orientação dada ao espaço.

"Adverte-se o público que em primeiro de janeiro de 1909 será aberta uma Escola Laica, na rua dos Immigrantes 195 (Bom Retiro),
Nesta escola aos meninos será ensinada uma instrução racional, fora de qualquer dogma filosófico ou religioso.

---

[67] Cfr. Paulo GHIRARDELLI Jr. Educação e Movimento Operário. São Paulo. Cortez, 1987, pp. 126-127. Ghirardelli publica trechos dos discursos pronunciados por Adelino de Pinho na Liga Operária de Campinas em 1909.
[68] *Uma escola livre*, La Battaglia, n°. 184, de 13/09/1908.

Não se considerará o menino como um recipiente para recolher matérias de qualquer programa mais ou menos obscurantista, mas o mestre estudará o caráter, a tendência e as antipatias, para favorecer o desenvolvimento mental, segundo as suas melhores paixões que além da instrução geral, assinala a aspiração e capacidade individual.
Com este sistema - fora de qualquer influência sectária - cada criança poderá livremente, facilitado pela sua natural inclinação, desenvolver o seu pensamento harmoniosamente na complexidade de todas as suas capacidades individuais.
Seguro que os pais que tem no coração as instruções de seus pequenos, me honrarão de sua confiança, mandando-os nesta *Escola Laica*, pondo a todos eles os meus calorosos, afetuosos agradecimentos."[69]

Gentilezas à parte, o objetivo das escolas racionalistas era ocupar um espaço onde o poder público ainda não se empenhara em atuar. A educação pública resumia-se a algumas escolas existentes nas áreas burguesas da cidade que dificilmente conseguiam ser freqüentadas pelos filhos de alguns poucos operários. De outra parte, com seu ensino clerical pago, a Igreja completava para a parcela restante da burguesia o espaço ocioso na área educativa não atendido pelo Estado. Ao operário restava tentar uma remotíssima vaga na escola oficial ou pagar caro pelo ensino religioso. A imensa maioria dos filhos do proletariado não ia à escola. Era justamente este terreno movediço da educação popular, quase inexistente, que uma parcela do proletariado, em sua maioria de tendência libertária, buscava ocupar, garantindo um mínimo essencial de educação aos seus filhos para fazer frente às transformações que se operavam no mundo. Que educação fornecer? A educação racional colocava-se como a alternativa possível. Um ensino de caráter científico, empírico, calcado na razão e que se propunha a desenvolver as aptidões próprias dos alunos, portanto naturalista, em um regime de igualdade social e de gênero. As escolas racionais inovaram e adiantaram-se aos modelos futuros de ensino, ao mesclarem crianças de sexos diferentes na mesma sala de aula.[70]

Porém não eram todas as iniciativas educacionais que recebiam o aval dos libertários. Muitas vezes os grupos ácratas foram vítimas de aproveitadores que seduziram alguns simpatizantes do anarquismo abusando de sua boa fé somente para, em proveito próprio, roubar o dinheiro arrecadado no investimento em alguma escola livre. Em outros casos, estes estelionatários faziam o jogo de interesse dos grupos de repressão ligados ao poder.

---

[69] La Battaglia, n°. 194, de 06/12/1908.
[70] Para compreender melhor o tema da educação popular no início do século, ver Flávio LUIZETTO, Utopias anarquistas. São Paulo. Brasiliense, 1987; Sílvio GALLO, Educação anarquista. Um paradigma para hoje. São Paulo. UNIMEP, 1995; Paulo GHIRARDELLI, *op. cit.;* Marta CARVALHO, A educação na 1ª. Republica. São Paulo. Tudo é História. Brasiliense.

Emblemático foi o caso de Elysio de Carvalho, fundador da **Universidade Popular** do Rio de Janeiro em março de 1904. Encampando a idéia da Universidade, estiveram os intelectuais libertários Fábio Luz e Neno Vasco, que abriu as páginas do seu Amigo do Povo para publicar notícias e transcrever as conferências de Carvalho. As aulas, noturnas e aos sábados, eram de fato conferências ministradas a uma platéia de trabalhadores que pagavam uma taxa para assisti-las. Em outubro do mesmo ano a Universidade fechava as portas e seu diretor desaparecia do convívio com os libertários. Anos mais tarde, os mesmos anarquistas que se empolgaram com suas idéias, desmascaravam a fraude. Elysio de Carvalho seria um policial enrustido cuja função, após ganhar a confiança dos anarquistas, teria sido a de identificar os grupos libertários existentes e vigiar suas lideranças. Em uma reportagem bilingüe, francês/português, o jornal de Ristori trazia ao público a foto do vice-diretor do gabinete antropométrico da polícia do Rio de Janeiro, ninguém mais que o pretenso anarquista.

"O senhor Elysio de Carvalho, o intrigante pretenso anárquico que fundou no Rio de Janeiro (Brasil) uma revista libertária: KULTUR, que se extinguiu no quinto número, entrou há cerca de seis meses, no serviço da polícia.
No nosso movimento, este malandro, havia, com sua conversa mole, conquistado a estima de muitos companheiros, os quais fizeram do seu melhor para ajudá-lo nas suas iniciativas de propaganda.
Com a sua ajuda conseguiu fundar uma *Universidade Popular* que não viveu mais do que alguns dias devido ao seu despótico agir. Mas o nosso homem não perdeu nada, se refez fraudando as economias de um companheiro estivador do Rio...
...Em um jornal do Rio - *O Diário* - denunciou os redatores de *A Terra Livre* como malfeitores expulsos dos países civilizados, e todos os anarquistas como rufiões, convidando o governo a expeli-los do Brasil...
...O novo espião já preparou algumas vítimas - ele não quer perder a viagem. Eles são os companheiros Motta Assumpção redator de *A Terra Livre*, **Ristori** e Cerchiai redatores da *Battaglia* os quais foram inscritos na futura... perseguição de anarquistas que deve ter lugar no Brasil."[71]

Este falso educador não enganou somente os libertários. Durante muitos anos as pesquisas realizadas por historiadores e pedagogos sobre a educação para o operariado, que não puderam ter acesso à fonte do jornal La Battaglia, incorreram no erro de considerar Elysio de Carvalho um militante anarquista preocupado com a educação popular. Foi tentando corrigir, não somente este erro, mas a própria concepção de educação para os trabalhadores, que os libertários cada vez mais passaram a se preocupar com a constituição de escolas que tivessem um programa mínimo de ensino próximo daquilo que

[71] *Storia di una spia,* La Battaglia n°. 171, de 07/06/1908.

seria um ideal libertário para a educação. As tentativas anteriores, bastante intuitivas mas nem por isso inválidas, continuaram existindo apesar de carecerem de uma premissa pedagógica apropriada. Foi a partir da obra do catalão Francisco Ferrer, com sua educação racionalista, que o movimento anarquista em São Paulo empenhou-se definitivamente na luta pela constituição de escolas modernas nos moldes das existentes em Barcelona. É a partir deste momento que se nota o engajamento decisivo de Ristori neste assunto.

É bom recordar que, desde seu contato com Luigi Fabbri na prisão em Ponza, Ristori já havia tomado contato com a experiência de constituição de uma escola anarquista[72]. Breve, é verdade, mas foi a partir desse encontro ocasional com um dos principais teóricos do anarquismo, que Ristori se conscientizou da importância da educação para uma transformação radical da sociedade com base em princípios libertários. Em sua passagem pela Argentina em 1902, depara-se com o trabalho de educadores ácratas promovidos pelos círculos libertários **Amigos de la Enseñanza Libre**, no bairro da Boca, e a **Escola Libertaria de Corrales.**[73]

Todas estas iniciativas, porém, inclusive as mais recentes ocorridas em São Paulo, careciam de um entrelaçamento entre o método de ensino, o corpo docente e um material didático apropriado. A **Escola Germinal**, por exemplo, teve a eficácia de seu método de ensino posto em dúvida pelos próprios anarquistas, através de polêmicas que atingiram seu auge em 1912.[74] Ficava claro que a educação libertária não podia permanecer somente nas mãos de anarquistas bem intencionados e precisaria ser profissionalizada com a participação de estudiosos do assunto.

Na Espanha, Francisc Ferrer y Guardia[75], desde 1901 com a **Escola Moderna** de Barcelona vinha desenvolvendo um método racionalista de ensino bastante elogiado por educadores e intelectuais progressistas da época. Durante sua passagem pela França, no fim do século passado, como exilado político do governo espanhol, Ferrer entrou em contato com grupos

---

[72] As escolas racionalistas e toda a obra de Ferrer, foi muito difundida por Luigi Fabbri na revista Studi Sociali, por ele editada, em Montevidéu.

[73] A constituição de escolas ácratas em Buenos Aires foi pesquisada por Dora BARRANCOS, que identificou várias iniciativas educativas promovidas pelos círculos libertários locais. Ver Anarquismo, educación y costumbres en la Argentina de principios de siglo. Buenos Aires. Contrapunto, 1990.

[74] As polemicas em torno do método mnemológico-resolutivo adotado por Angelo Bandoni, estão em La Battaglia n°. 357, 365, 368, 377 durante o ano de 1912.

[75] Sobre a obra de Ferrer, consultar o texto de Maurício TRAGTENBERG: Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. A obra principal de Francisc FERRER é La Escuela Moderna. Barcelona. Tusquets, 1987.

de educação racional desenvolvendo trabalhos a partir de premissas postas em prática pelos educadores Paul Robin e Elisée Reclus[76]. Em seu regresso à Espanha, o republicano Ferrer funda uma escola racionalista chamada moderna, junto com uma oficina gráfica de títulos educativos, **La Editorial.** Com estas bases lançadas, ele pôde exercitar seu projeto educativo com forte conteúdo naturalista e humanista que, pelo seu idealismo, foi particularmente bem aceito pelos grupos libertários. No sexto ano de aniversário da **Escola Moderna** de Barcelona, Ferrer y Guardia difunde pela imprensa libertária uma chamada em defesa de seu "racionalismo humanitário".

"...a missão da Escola Moderna não se limita ao desejo de fazer desaparecer dos cérebros o preconceito religioso, porque se bem que este seja um dos que mais se opõem à emancipação intelectual dos indivíduos, não conseguiríamos só com isso a reparação da humanidade livre e feliz, posto que se concebe um povo sem religião e também sem liberdade.
Se a classe trabalhadora se libertasse do preconceito religioso e conservasse o da propriedade, tal qual existe; se os operários julgassem como certa a parábola de que sempre terá de haver pobres e ricos; se o ensino racionalista se contentasse com difundir conhecimentos sobre a higiene, sobre as ciências naturais e preparasse somente bons empregados e bons trabalhadores de todos os ofícios, poderíamos muito bem viver entre ateus mais ou menos sãos e robustos segundo o escasso alimento que pode permitir os minguados salários, mas não deixaríamos de nos encontrar sempre entre escravos do capital.
A Escola Moderna pretende combater quantos preconceitos dificultem a emancipação total do indivíduo e para isso adota o racionalismo humanitário que consiste em inculcar à infância o afã de conhecer a origem de todas as injustiças sociais para que, com o seu conhecimento possa logo combatê-las e opor-se a elas."[77]

---

[76] Em 1882 foi redigido o *Programa Educacional do Comitê para o ensino anarquista.* Este programa de ensino previa a superação de três práticas de ensino habituais, nocivas para a formação do indivíduo: a disciplina, os programas e as classificações e propunha, em contrapartida, um ensino integral, racional, misto e libertário. Integral para favorecer o desenvolvimento harmonioso de todo o indivíduo e fornecer um conjunto completo, coerente, sintético e paralelamente progressivo em todos os domínios do conhecimento intelectual, físico, manual e profissional, sendo as crianças exercitadas nesse sentido desde os primeiros anos. Racional pois fundamentado na razão e conforme os princípios da ciência atual, e não na fé; no desenvolvimento da dignidade e da independência pessoal, e não na piedade e na obediência; na abolição da ficção divina, causa eterna e absoluta da servidão. Misto para favorecer a co-educação sexual numa comunhão constante, fraternal entre meninos e meninas. E libertário, consagrar em proveito da liberdade o sacrifício progressivo da autoridade, uma vez que o objetivo final da educação é formar homens livres que respeitem e amem a liberdade alheia. Trechos do documento transcritos da obra de Flávio LUIZETTO *op. cit.*

[77] Publicado na língua portuguesa pelo Boletim da Escola Moderna, n°. 1, São Paulo, 13/10/1918. Fac-símile impresso pelo Arquivo do Estado de São Paulo, AESP, em edição conjunta com o CCS/SP, em 1990.

Mesmo seu autor não sendo um declarado anarquista, o conceito idealizado para a formação do indivíduo, embutido no método de ensino de Ferrer, atendeu em cheio às expectativas por uma educação libertadora. A libertária Maria Lacerda de Moura pesquisou a obra do educador catalão e fez várias conferências a respeito do ensino moderno, onde salientou que a "primeira providência de Ferrer foi preservar o cérebro infantil e o adolescente da sugestão e da rotina, determinadas pela afluência ancestral, impressa no atavismo e na ignorância ou na malícia com que são feitos os livros escolares"[78]. Precursor das futuras teorias construtivistas de ensino, o racionalismo humanitário foi encampado aqui no Brasil também por Adelino de Pinho, como sendo o único capaz de atender à perspectiva revolucionária do anarquismo.

"Com a sua Escola propunha-se educar as gerações infantis em princípios inteiramente novos, em bases completamente racionalísticas, em conhecimentos concretos. Uma educação despida de preconceitos, alheia à moral corrente do venha a nós, baseada nos fatos e fenômenos naturais, na observação e na crítica racional.
Nada de fórmulas feitas, mas o aluno mesmo ser levado a descobrir o fenômeno, a causa ou a lei natural a que obedece. Não a apologia deste estado social, mas a crítica das instituições e a demonstração de que são um obstáculo à felicidade do povo e daí a necessidade de as aniquilar."[79]

À medida que toma corpo a experiência prática de sua escola, o pensamento de Ferrer rapidamente se difunde, chegando à capital paulista a urgência da necessidade de implantação de uma escola à semelhança da catalã. Em São Paulo já encontrava-se organizada uma comissão de apoio á fundação de uma escola moderna, integrada por um grupo heterogêneo de pessoas, de industriais como Dante Ramenzoni, a operários. Dela faziam parte os anarquistas Tobia Boni, Gigi Damiani, Oreste Ristori, Edgard Leuenroth e Neno Vasco, que puseram de lado suas divergências programáticas e empenharam-se no sucesso do empreendimento assumindo em suas mãos a condução do movimento[80].

Um evento trágico catalisou a ação dos grupos libertários nesse sentido. Ferrer não escapou à perseguição conjunta do clero e do governo espanhol e, após uma breve reclusão e um julgamento sumário, foi fuzilado em Barcelona em 13 de outubro de 1909. Mais um mártir para a causa libertária.

---

[78] Maria Lacerda de MOURA. Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica. São Paulo, 1934. p. 24. Esta sendo realizada por Liane PETERS, no departamento de História da UNICAMP, uma pesquisa de mestrado que estudo as ligações possíveis entre Maria Lacerda de Moura e Emma Goldman.
[79] *A Escola*, em Boletim da Escola Moderna, *op. cit.*
[80] A Terra Livre, de São Paulo, n°. 66, de 16/01/1910.

O movimento anarquista, numa impressionante capacidade de regeneração, aglutinou-se rapidamente após sofrer esse forte revés. A execução do educador racionalista provocou, sem exageros, uma comoção popular em todos os locais do planeta onde existiam agrupamentos anarquistas.

"Em cada grande centro, em todas as cidades, até nos mais pequenos vilarejos tiveram lugar comícios de protesto contra o fuzilamento de Francisco Ferrer, e de todas estas localidades chegaram-nos correspondências atestando as condolências populares pela grande vítima, e o protesto contra os jesuítas assassinos"[81]

Reação imediata à perda humana sofrida, a comissão pro-fundação da **Escola Moderna,** em assembléia realizada no dia 17 de novembro constitui um comitê instalado na rua Gomes Cardim, 5, que se pôs em campanha para angariar fundos para a implantação da escola em São Paulo. O mesmo comitê lança os fins a serem alcançados pela campanha que prevêem a instalação de uma editora de livros escolares, o aluguel de uma casa e a constituição de um corpo de professores. Os principais oradores anarquistas se mobilizam totalmente no movimento, utilizando sua capacidade retórica para o convencimento da população interessada. No início de 1910, o jornal Terra Livre anunciava o conteúdo das conferências de propaganda que seriam realizadas, algumas delas absolutamente satíricas.

"Brevemente **Oreste Ristori** principiará na Mogyana a sua *tournée* de conferências a pagamento com projeções luminosas, em benefício da Escola Moderna. Os temas que ele tratará são os seguintes:
A criação miraculosa do mundo, com cerca de 80 projeções de vistas originais sobre as meditações do Padre Eterno, sobre a criação fantasiosa do mundo, do Sol e das estrelas... etc. etc.
Descendência do homem de formas inferiores de vida, com 60 projeções de vistas de valor histórico importantíssimo: vistas de paisagens pré-históricas, de restos de fósseis de animais pertencentes a espécies desaparecidas do secundário, terciário e quaternário da geologia orgânica; de vestígios de plantas e animais primitivos sobre pedra, de organismos moleculares que representam as formas primordiais da vida, de embriões e esqueletos de animais que apresentam a maior analogia com os do homem; do aparecimento do homem no segundo período da época terciária...
O flagelo do alcoolismo, com umas 40 projeções impressionantes, relativas aos efeitos desastrosos produzidos pela lenta intoxicação alcoólica no organismo do indivíduo, nas condições da família e nas relações sociais.
Francisco Ferrer e as suas doutrinas morais, com projeções de vistas da Escola Moderna, do seu ilustre fundador e dos algozes deste.
Além disto Ristori fará, sobre outros assuntos, várias conferências sem projeções."[82]

---

[81] Nota publicada em La Battaglia, n.°. 234, de 24/10/1909.
[82] A Terra Livre, n °. 66, de 16/01/1910.

Esta conferência em favor da escola moderna também foi realizada em vários recintos da capital. No primeiro aniversário da morte de Ferrer, o companheiro Edgard Leuenroth anunciava mais uma vez na Lanterna, a presença do colega.

"Convidado pela comissão pró Escola Moderna, o Sr. **Oreste Ristori** realizará no teatro Sant'Anna, hoje e amanhã, às oito e meia horas da noite, duas interessantes conferências."[83]

O nome de Ristori significava presença certa de público. Em seu sexto ano no país, conseguiu criar um público cativo e uma legião de seguidores interessados em suas palestras. Oreste era muito respeitado e lotava as casas por onde passava. Assim até compreendemos a afirmação de Eduardo Maffei de que "seus patrícios o admiravam, e a quantidade de gente velha, de descendência italiana, hoje ostentando o nome Oreste, dado em sua homenagem é muito grande"[84]. Não é de estranhar que ele estava à frente de todas as manifestações populares sendo sempre requisitado para orar. Os temas desenvolvidos por Oreste no ciclo visaram claramente contrapor o ensino religioso ao ensino científico e o artifício das projeções garantia os momentos de riso, através da reprodução de charges ironizando a Igreja. Os desenhos e caricaturas cômicas satirizando o oponente eram um recurso freqüente dos periódicos libertários. Quanto ao alcoolismo, não esqueçamos que a bebida em sua ilusão, era uma das poucas possibilidades de uma breve fuga às opressões em que se encontrava o proletário. Ristori já havia publicado no ano anterior o opúsculo **Operai non bevete!**[85], lançando outra campanha em que os anarquistas se empenharam quase como missionários.

"Quase extinta a 1 ª edição, satisfaremos os pedidos vindos sem nenhuma pretensão, contentando-nos do prazer moral, mesmo porque é nossa intenção continuar a difundir opúsculos de propaganda contra o alcoolismo que especialmente no Brasil é um dos fatores principais da delinqüência, da loucura e da corrupção social e privada."[86]

Finalmente, depois de intensa movimentação, os resultados. A primeira escola moderna paulistana, a n º 1, ocupou uma casa simples na Rua Saldanha Marinho, 66, no Belenzinho[87]. João Penteado era o educador

---

[83] A Lanterna, de São Paulo, n º. 14, ano IV, de 15/10/1910.
[84] Eduardo MAFFEI, Gigi Damiani e Outros, *in* Temas, Revista de Ciências Humanas n º. 5, p. 115.
[85] Operários não bebam!, pela casa editora de La Propaganda, em 1908.
[86] La Battaglia, n º. 201, de 31/01/1909.
[87] Sobre o episódio das escolas modernas existem alguns trabalhos específicos: a tese de mestrado em Pedagogia de Marinice da Silva FORTUNATO. Uma experiência educacional de autogestão. A escola

paulista que mais havia estudado a obra pedagógica de Ferrer e foi convidado a dirigi-la, assumindo esta função em 13 de maio de 1912. A escola começou lentamente suas atividades com um único curso diurno. Com o tempo abriu dois cursos regulares, um diurno seriado, e outro noturno, único. Além desses, ministrava também aulas especiais somente para cursos específicos de datilografia, português e aritmética. Através do Boletim que a escola publicava, eram prestadas contas ao público, não somente o balanço (as entradas de recursos realizadas através de listas de apoio e as despesas efetuadas), mas também se publicavam os nomes dos alunos que freqüentavam regularmente as aulas e o movimento mensal de freqüência da escola[88]. O número de inscritos nunca chegou a ultrapassar cem, somando-se todos os cursos ministrados. Entre eles estavam os filhos de alguns anarquistas notórios, como Nilo e Germinal Leuenroth.

Pouco depois foi inaugurada a segunda escola moderna, sob orientação de Adelino de Pinho, na rua Muller, no Brás, transferindo-se logo em seguida para a rua Oriente, no bairro do Pari. Na mesma época, também se fundou a escola moderna de São Caetano. Seguindo rigorosamente os mesmos dispositivos da primeira, a Escola Moderna n ° 2, sofreu algumas interrupções em 1917, e reabriu no ano seguinte na rua Maria Joaquina n ° 13, também no Brás. A maior delas, a n ° 1, também se mudou de endereço, para a rua Celso Garcia, 262. Pela localização geográfica das escolas no bairro da Água Branca em torno das fábricas Matarazzo, e nos bairros populares da zona leste: Brás, Belenzinho e Pari, observamos seu caráter eminentemente operário. Os círculos sociais, os grêmios operários, algumas associações de mútuo socorro e as escolas modernas formavam uma eficiente rede de apoio e assistência social, organizada e gerida espontaneamente pelos trabalhadores. A auto-organização dos trabalhadores criando espaços de solidariedade não institucionais, preenchia de forma adequada os vazios deixados por um Estado ainda ausente, que somente aos poucos foi instalando seus mecanismos de controle social.

---

moderna n ° 1 na sua gênese. PUC/SP, 1992. Também Flávio LUIZETTO, *op. cit.* O vídeo Escolas Modernas. *op cit.*

[88] Neste documento do Boletim da Escola Moderna, *op. cit.*, em outubro de 1918 a escola funcionava com 6 classes distintas. No diurno, a 1ª. série A, com 21 alunos matriculados, e a B com 9 alunos, o 2°. ano, que era único com 4 inscritos, e as 3 ª. séries A, com 6 matrículas e B, com 5 matrículas; um curso primário noturno com 24 alunos, todos do sexo masculino; e aulas especiais com 17 alunos de ambos os sexos. O programa de matérias ensinava português, aritmética, geografia, história, desenho, caligrafia e préstimos entre outras não especificadas. Os professores eram três: além de João Penteado, lecionavam Isabel Ramal e Sebastiana Penteado. A seguir encontrava-se o movimento de freqüência do mês de setembro de 1918.

"O projeto revolucionário deve tomar atitudes com base em um princípio anarquista fundamental: cada ser humano tem a competência para gerenciar os problemas da sociedade e, mais especificamente, da comunidade da qual é membro"[89]. Murray Bookchin, retomando o princípio básico da anarquia, ou seja, da supremacia do indivíduo, nega a validade de uma pretensa ordem democrática do Estado moderno baseada na representação, que leva unicamente a uma centralização autoritária suprimindo para a manutenção dessa mesma ordem, a liberdade individual. Na anarquia, a liberdade e a igualdade caminham juntas e a realização da atividade econômica e social se dá de modo cooperativo e autogestionário. A constituição de escolas livres por uma parcela da comunidade paulista no início do século é um exemplo desta alternativa viável.

Na gênese do Estado moderno, as idéias de modernidade e razão iluminada se confundem. De fato, em seu prenúncio, o esclarecimento traria ao homem a possibilidade dele próprio, iluminar seu caminho. Nada mais auto-determinante. Seguindo esse princípio, Salvo Vaccaro observa que as ligações entre anarquismo e modernidade são estreitas, tanto em paralelismo histórico como na genealogia do modelo teórico[90]. Porém, a máquina moderna da Razão, instrumentalizou-se em direção a uma manipulação dos dados, distorcendo-os a seu bel prazer, e funcionando, enfim, de forma autoritária[91]. Mesmo tendo sido quem realizou a crítica mais radical a uma Razão disciplinadora da moral humana, o anarquismo clássico não conseguiu fugir de sua condição histórica e sucumbiu ante um projeto de modernidade controladora e totalizante, que buscou, na contramão de sua própria origem, limitar os meios para a emancipação do indivíduo.

De todas as propostas políticas do século passado, porém, é o anarquismo aquela que mais se aproxima das teorias pós-estruturalistas pois, "é a única teoria que pensa em uma formação do indivíduo não constituída de práticas de poder, ou seja autoritárias e hierarquizadas"[92]. Causa estranheza então, a tentativa de certas áreas autoritárias e monolíticas do conhecimento negarem o discurso anarquista chamando-o de anacrônico. Se a anacronia reside na aceitação submissa da necessidade de uma ordem hierárquica controladora dos destinos da espécie humana compreende-se a crítica, porém se

---

[89] Murray BOOKCHIN, Per una società ecologica. Milão. Eleuthera, 1989, p. 189.
[90] Salvo VACCARO, Anarchismo e modernità. Le Ragioni dell'Anarchia. Volontà, Milão, ano L, n °.3/4, 12/1996, pp. 167-205.
[91] Em suma, a tese de Max HORKHEIMER e Teodor ADORNO, Dialetica del Iluminismo. Buenos Aires. Sur, 1970.
[92] Salvo VACCARO, *op. cit.* p. 181.

acreditarmos, como Todd May, que fazemos parte de um tempo em que se busca "uma sociedade - ou melhor, uma série entrecruzada de sociedades - em que não seja dito às pessoas o que elas são, o que querem e como viverão, já que elas têm condições de decidi-lo sozinhas"[93], então as práticas de luta anarquistas tornam-se absolutamente atuais.

Uma destas lutas praticadas ao longo da história foi a que se esforçou pela implantação de uma educação libertadora do indivíduo. Assim, longe das interferências do Estado e fugindo à repressão da Igreja, os setores populares de São Paulo liderados por grupos de tendência libertária, puderam, nas primeiras duas décadas deste século, engendrar algumas soluções simples e viáveis para ocupar um espaço praticamente abandonado pelos dois principais centros de poder da época. Porém as escolas modernas sucumbiram ante a repressão que se instalou no país após as grandes manifestações sociais de 1917 e 18. No ano seguinte, triste paródia do ocorrido com suas congêneres de Barcelona[94], após uma explosão em uma casa da rua João Boemer, no Brás, habitada por uma família anarquista, a quem a polícia paulistana acusou de manipular material explosivo com objetivos subversivos, o Diretor Geral da Instrução Pública de São Paulo intimava João Penteado:

"Tendo sido verificado, pela Secretaria da Justiça e da Segurança Pública, que as Escolas Modernas de que sois Diretor, 'visando a propagação de idéias anárquicas e a implantação do regime comunista, ferem de modo iniludível a organização política e social do país'... Hei por bem não somente cassar a autorização de funcionamento concedida à Vossa escola,... bem como intimar-vos a fechar,... em caráter definitivo, a Escola Moderna Número 2."[95]

Concluía-se assim o episódio das escolas libertárias em São Paulo, não porém sem deixar sua herança pedagógica e suas práticas educativas, triste ironia, aos programas de educação laica que finalmente o Estado brasileiro resolveu assumir a partir de fins da década de vinte, com a chegada dos mentores da escola nova. Os princípios básicos do ensino libertário: educação mista, aluno construindo seu conhecimento, fim da disciplina rígida, entre outros, são conquistas educacionais que fazem parte no presente, de boa parte dos estabelecimentos de ensino.

---

[93] Todd MAY, Pós-estruturalismo e anarquismo. Revista Margem N°. 5, PUC/SP, dezembro/96, p. 185.
[94] "Em 31 de maio de 1905,em Madri, é lançada uma bomba contra o carro do Rei. O autor do atentado, Mateo Morale, é o ex-bibliotecário da Escola Racionalista. Esta escola é fechada, enquanto Ferrer, tido como instigador do ato, é preso..." em Maurício TRAGTENBERG, *op. cit.*, pp. 25-26.
[95] Ofício do diretor de instrução pública, cópia do acervo pessoal da família de João Penteado, sob guarda de Flávio Luizetto.

Fachada da Escola Moderna de São Paulo, com o Prof. João Penteado à esquerda, em 1913.

Foto de Oreste Ristori tirada em São Paulo durante o episódio Idalina (1911).

28.

Onde estará Idalina? Esta era a indagação que dominava a cena paulistana em meados de 1909.

"De muitos lugares, pessoas que se interessam nos perguntam por explicações em mérito à desventurada Idalina Stamato misteriosamente desaparecida do Orfanato Cristóvão Colombo, onde se encontrava recolhida.
Verdadeiramente, as explicações que nos pedem não somos, nós absolutamente estranhos ao fato, que devemos dá-las, mas o diretor do Orfanato a quem a menina foi confiada.
Ora, esta boa lã de diretor, se põe um silencio de tumba, e o mistério do desaparecimento da infeliz Idalina reina soberano.
Quem poderia, quem ao contrário deveria intervir neste caso, e tentar resolver a confusa meada, é o Juizado de menores, mas ele fez como Pilatos: lavou as mãos, talvez porque a influência do clero é muito grande para poder desbaratar-se e agir segundo a lei.
Das outras autoridades não há nem o que falar. A cumplicidade moral neste fato de índole religiosa, se estende como uma cadeia de ferro a toda a hierarquia do poder judiciário e policial...."[96]

Idalina encontrava-se desaparecida do orfanato da Vila Prudente desde março e o caso tornou-se publico sem que tivesse sido dada uma explicação convincente pelos responsáveis da instituição. Começou então a correr pela cidade um boato dando conta de abusos sexuais praticados por alguns dos padres do Orfanato Cristóvão Colombo contra suas internas. De Bebedouro, por exemplo, Ristori recebe uma carta de Michele Stamato pedindo sua ajuda para a solução do caso.

"Procure, Sr. **Ristori**, os números da Tribuna Italiana, e terá todos os elementos para pôr em estado de acusação todos os responsáveis pelo feroz delito.
Será uma obra da qual lhe será grato não somente quem é interessado direto na descoberta da verdade, mas lhe serão gratos todos os honestos."[97]

Oreste e seus companheiros, atendendo aos inúmeros pedidos, não perdem tempo e levam imediatamente a cabo uma investigação procurando desvendar o ocorrido. No número seguinte La Battaglia, cuja redação mudara-se para a rua Bonita,70, na Vila Mariana, reconstituiu a história e narrou com detalhes a sua versão dos fatos.

---

[96] *Dov'è la Idalina?* Em La Battaglia, n.°. 219, de 20/06/1909.
[97] *Sulla scomparsa della Idalina.* Carta de 22/06/1909, publicada em La Battaglia n.°. 220, de 27/06/1909.

"Idalina Stamato, uma flor de menina de sete anos, na primavera mais tenra de sua vida ficou órfã dos genitores. A sua pobre mãe, Francisca de Oliveira, em um acesso de exasperação e de loucura, provocado talvez pelo abandono em que o próprio marido a tinha deixado, pôs miseravelmente fim aos seus dias com o suicídio. O pai não quis reconhecê-la como filha, e a inocente criatura, junto a um irmãozinho maior, permaneceu abandonada, ao arbítrio do mundo e dos eventos. Uma pessoa honesta e de coração, certo Domenico Stamato, residente agora na Bahia, tocado no fundo da alma por esta grave desventura, recolheu ambos os órfãos e os adotou como filhos. Mas as suas ocupações que o absorviam quase completamente, não lhe permitiam manter perto de si os pobres pequenos, e por esta razão, fazendo não fáceis sacrifícios, conseguiu, através do padre Greco Nunzio de Jaboticabal, interná-los no Orfanato Cristóvão Colombo, de S. Paulo, que gozava até então fama de instituto insuspeitável e sério, apesar de velar longamente sobre seus caros protegidos.
O Stamato nutria por estes meninos uma afeição mais que paterna. Filhos da desventura, ele queria que a piedade humana os circundasse de amor e de cuidados. Tinha pego no coração, por assim dizer, a sua sorte, a sua educação. Por isto, os havia confiado à atenção das freiras e dos padres prepostos à direção do Orfanato Cristóvão Colombo, onde cresceriam educados, virtuosos e bons. De quando em quando ia visitá-los, levar a eles alguns presentes e assegurar a seus pequenos coraçõenzinhos que também do lado de fora do recinto, que teriam um dia atravessado, uma pessoa amiga e de bem, um segundo pai, se interessava vivamente deles.
Mas um feio dia, indo como de costume ao Orfanato para visitar seus caros protegidos, Domenico Stamato não encontrou mais a menina. Uma mulher misteriosa - tal é a história fantástica narrada ao bom homem nesta ocasião - fingindo-se mãe dela, tinha ida retirá-la. As freiras, duvidando da sua autenticidade de mãe, se teriam colocado contra esta retirada, mas o padre Capelli, substituto reitor do Orfanato, teria enviado às freiras a ordem terminante de deixá-la levar embora.
A narração desta cena de romance não persuadiu porém, o Stamato. Lá embaixo havia algo de inconcebível, de infernal, provavelmente um delito que se procurava esconder com a simulação de uma espécie de rapto inverossímil e absurdo."[98]

Como numa novela açucarada, Ristori narra a triste desventura da menina desaparecida, apelando para a compaixão e generosidade das pessoas humildes. A leitura destas linhas nos remete à característica irônica, típica de seu texto, com que tratava a "massa ingênua" que seguia resignadamente as disciplinas e regras impostas, como um rebanho ao seu pastor. O trabalhador honrado e bom crente na justiça e na assistência social religiosa se vê obrigado a confrontar com a dura realidade, a crueldade praticada pelos que se fazem passar como confiáveis homens de respeito. Abusando da ironia, o texto usa um evento específico - o desaparecimento de Idalina - para catalisar a tensão social existente e, através dele, desmistificar as instituições religiosas e o poder por elas exercido sobre a ingênua e passiva população. O bom trabalhador Domenico se dá conta de repente de ter-se encontrado

[98] *As infames proezas dos padres*, La Battaglia n.º. 221, de 04/07/1909.

com um verdadeiro lobo em pele de cordeiro e desvela finalmente a imagem pura de que goza o clero. Continuando a narrativa, o que de fato teria acontecido com Idalina?

"A menina não tinha mãe, pois ela havia se suicidado, e a direção do Orfanato, apesar de todo o pessoal de serviço estar informado, já que o Stamato, internando-a, havia feito formalmente constar esta circunstância. Como então as freiras haviam consignado a menina a uma mulher que se dizia sua mãe, sabendo apesar de tudo que a sua mãe legitima se havia suicidado? Como o padre Capelli, mais do que todos ciente do fato, dava uma ordem imperativa às freiras de deixar partir a orfãnzinha com uma mulher que ele sabia não poder ser de modo algum sua mãe? Não tudo isto era inverossímil, absurdo, a tal ponto de levantar as mais graves suspeitas.
E depois, quem era esta mulher? Ninguém sabe, ninguém nunca ouviu falar, ninguém a viu, ninguém a seguiu. Todas as investigações realizadas se mostraram infrutíferas. As freiras, interrogadas a propósito, não souberam fornecer nada além de dados contraditórios, muito vagos e incertos. O embaraço se manifestava em seus olhos. Se olhavam estupefatas, falavam com circunspeção, pareciam sentir todo o horror de um mistério sepulto em seus corações e o medo de uma possível revelação. Todo este complexo de contradições, de titubeios, de história inverossímeis e de mentiras, vinha a agravar ainda mais a grave suspeita de que a pretensa mãe da menina, não fosse outra coisa que uma 'mulher fantástica' colocada em cena como um personagem indispensável para dissimular, com uma hábil farsa, a realidade de uma terrível tragédia na qual a pobre Idalina teria infelizmente representado a parte da vítima, que alguma coisa de abominável e horripilante, enfim, deveria ter acontecido lá dentro, naquele recinto de monjas e padres, onde tudo foi sepultado no silêncio, onde tudo é mistério...
...O que aconteceu com aquela inocente criatura, desaparecida no alvorecer da vida no modo mais inconcebível e misterioso?"

Aqui as perguntas de Domenico, são as mesmas de Ristori. Já não há mais ingenuidade no pai adotivo da vítima, então o discurso anarquista ganha fôlego e ensaia algumas posições de modo mais agressivo.

"Nós temos um triste presságio que traz o horror em toda nossa alma, um pensamento negro, horripilante, que persiste em nosso cérebro como uma turbulenta obsessão, e que esta infeliz criatura, esta cara menina com somente sete anos, tenha sido vítima de um monstruoso delito - violentada e assassinada.
Por isto nós acusamos a Direção do Orfanato Cristóvão Colombo de cumplicidade direta ou indireta no delito de *desaparecimento* (ou supressão) da órfã Idalina Stamato.
Acusamos o *Juiz de menores* de S. Paulo de ter ficado, intencionalmente ou não, cúmplice necessário da ocultação deste delito, pelo fato de não ter aberto em tempo oportuno uma investigação oficial sobre *'desaparecimento misterioso'* de uma menina órfã e menor do instituto citado.
E acusamos, por último, a polícia de não ter feito nada, absolutamente nada, para descobrir se o 'desaparecimento' de Idalina não implicasse em um delito."

E já que o Orfanato se exime de responsabilidades, a polícia ignora o fato e o Juizado de menores se mostrou conivente com o ocorrido, sem ter como apelar para nenhuma outra instituição oficial para o prosseguimento das investigações, os anarquistas da Battaglia resolvem partir para o ataque e continuar a busca por conta própria tentando desmantelar a trama armada.

"Aquele que souber dizer onde foi sepultada a infeliz órfã Idalina Stamato, estuprada e assassinada pelos padres do Orfanato Cristóvão Colombo, dando-nos naturalmente indicações precisas, receberá de nós um prêmio de **um conto de réis.**"[99]

Evidente que o caso de Idalina não se restringia a si mesmo. Ele somente toma corpo na imprensa anticlerical, na medida que pode ser alavancado como um estandarte de batalha contra o clero. O que Oreste e companheiros procuram com este precedente aberto é ocupar um espaço de combate que sensibilize a opinião pública, reticente que esta é aos ataques contra a Igreja. Não podemos esquecer que estamos na época da campanha pelas escolas laicas que vinham sendo constantemente atacadas pelo clero. A morte de Idalina deu fôlego novo ao processo de desmoralização da Igreja que já vinha em curso. A morte de Ferrer na Espanha, pouco depois, repercutiu muito no Brasil e fez acirrar, ainda mais, a luta entre os anticlericais e a Igreja. Ristori, desde a juventude em sua cidade natal gostava de uma polêmica com os padres. Parece que a religião, a Igreja católica em particular, sempre foi um alimento pesado e de difícil digestão para este libertário. Desde que havia chegado ao Brasil sua veia anticlerical ainda não havia saltado totalmente para fora, o que somente começou a ocorrer no caso de Idalina, fazendo com que disparasse violentamente suas farpas contra os sacerdotes.

"...È ainda viva a recordação da pobre órfã Idalina Stamato estuprada e assassinada pelos padres no Orfanato Cristóvão Colombo em S. Paulo; é de recente data a defloração de várias garotas em Vargem Grande há dois anos passados, por parte do pároco daquela localidade, atualmente transferido para Leme: os estupros de vários meninos cometidos na mesma localidade e em outras pelo padre Jonas de Cascavel; os amores na penumbra da sacristia do padre de Jaboticabal com a presidenta do Sagrado Coração; os adúlteros, os escândalos enormes e as badaladas do corvo de Itatinga; as orgias de prostíbulos e das tripas no convento dos Padres Agostinianos de Ribeirão Preto; as porcarias daquele famoso padre de Batatais que constringiu até o suicídio uma pobre *mulatinha* depois de tê-la desonrada; a fuga de Botucatú para Faxina de Don Gaetano Giovine com a bonita esposa de um barbeiro; os cornos com os quais o padre de Bico das Pedras cinge divinamente a testa de um concidadão seu; a coabitação do padre francês de Ribeirão Bonito com uma celestial tanto quanto apetitosa criatura; o escândalo enorme de todos

[99] La Battaglia, n.°. 227, de 20/08/1909.

aqueles meninos deturpados no convento dos Franciscanos de Florianópolis, e por último a santa encarnação em uma moça daquele porco padre no Paraná." [100]

Enumerar as notórias aventuras amorosas e outras nem tanto venturosas realizadas pelo clero do país fazia parte de um ritual de denúncia com o objetivo de solapar a pretensa rígida moral sexual da Igreja e principalmente, de quem a seguia. Por isso o ataque seguinte não mais se dirigiu aos padres, mas sim à população que se submetia a tais rituais. Ristori não compreendia como, em plena época moderna, quando a ciência, descoberta após descoberta, punha abaixo todos os dogmas cristãos, quando a razão deveria levar a um rompimento com a pacata submissão a que estava sujeito o rebanho pastoral, a população teimava em continuar a reunir-se nas paróquias em torno do padre.

"Como então os maridos carneirinhos continuam ainda a mandar as sua mulheres à igreja, e os pais, ainda mais infames, as suas filhas ao confessionário?
Não falta dia que as crônicas dos jornais não registrem imoralidades, adultérios, estupros, deboches, cometidos pelos padres; não falta dia que não se tenha notícia de alguma população indignada, que acompanha o seu ministro de Deus à estação, e de soldados que acorrem para impedir o linchamento.
Depois de todas estas considerações, se compreende facilmente porque, invés de a tomarmos com os sacerdotes corruptores, que são em parte dignos de desculpas, precisamos toma-la com estas putas e vadias mamães que mandam suas filhas à igreja, e com estes cornudos, bicões e carneiros de maridos que permitem às porcas de suas mulheres de serem amantes dos padres. Nem se diga que exageramos. Não senhores. Cada marido que manda a sua mulher à igreja, pode considerar-se antecipadamente idiota, e cada moça que está muito encostada à saia negra, irremediavelmente perdida. Cedo ou tarde os tentáculos do padre aferrarão a presa."[101]

As farpas trocadas entre anticlericais e eclesiásticos através da imprensa, repercutiram junto ao público que gostaria de presenciar um confronto, um debate entre anarquistas e religiosos. Foi Vittorio Tacchi, de Jardinópolis, em fevereiro de 1910 quem costurou um primeiro encontro entre Oreste Ristori e o padre Ravaioli para o dia 6. O contraditório proposto pelos racionalistas versaria sobre o tema "A influência nefasta das religiões e do clero sobre a civilidade das populações", onde procurariam mostrar ao público o atraso que os dogmas religiosos impuseram ao avanço da ciência e do progresso, enquanto caberia ao padre a defesa da Igreja. Mingozzi reportou o encontro.

---

[100] *Le maialate dei sacerdoti.* La Battaglia, n.°. 242, de 26/12/1909.
[101] *Id. ib.*

"Na hora estabelecida, o campo da igreja estava tomada pelo público, de todas as vilas vizinhas, de todas as fazendas a gente acorreu para assistir o debate.
O Dr. Pedro Cleto tomou primeiro a palavra para apresentar os adversários recomendando ao público para escutar atentamente os oradores, e de julgar serenamente sem prejudiciais intolerâncias, depois deu a palavra a Ristori...
'O cristianismo desde seu início sempre exercitou uma obra deletéria, nefasta, e o clero que o representa se mostrou por princípios irredutivelmente intolerante ate a ferocidade...
A história documenta a obra nefasta da Igreja. Ela não conhece que os seus domínios nefastos desmentindo a procura da verdade. Foi Galileu que teve sob a ameaça da tortura que renegar a verdade copernicana, por ele também demonstrada e ilustrada, e dizer que o sol gira em torno da terra e não a terra em torno ao sol. Nada e ninguém foi poupado pela Igreja através dos tempos, para sufocar a aspiração de justiça da humanidade trabalhadora, para ofuscar a luz da verdade que ameaça a ordem das divinas mentiras alimentadas de dor e sangue humano...
Sublevemo-nos para tirar o poder a essa raça improdutiva de padres e freiras, eles também que retornem como quer a natureza, homens e mulheres úteis.. A ciência nos colocou à disposição meios maravilhosos para o progresso e a felicidade do gênero humano. Aceitemos estes meios, tomemos posse em nome de toda a humanidade do patrimônio comum, enobreçamos, com o trabalho útil a nossa grande família. Não mais infelizes que trabalham e sofrem. Não mais homens mendigando a caridade do trabalho, pois que o trabalho é uma necessidade social.
Abaixo os privilégios. Não mais ricos ociosos e trabalhadores esfomeados. Liberdade e trabalho para todos, e que a ninguém falta a ciência e o pão."[102]

Um discurso calcado na razão e na ciência foi a arma utilizada para derrotar, ao mesmo tempo, a fé cega e a exploração do homem pelo homem. O anarquismo utiliza-se de um texto racionalista, às vezes positivista, e uma determinística busca da verdade, que por si só traria a redenção da raça humana. De certo modo opunha um outro tipo de fé, a racional, à espiritual da Igreja. Essa crença no progresso científico como meio de superação das contradições sociais, não era privilégio anárquico[103]. Por isso encontramos, principalmente na crítica ao dogmatismo religioso, uma confluência de interesses de livre pensadores só aparentemente contraditória. Republicanos, maçons, positivistas, uniram-se a anarquistas e socialistas na campanha pelo ensino laico. Se a Revolução social proletária era um objetivo restrito aos últimos, a tentativa resoluta de lançar definitivamente o país no caminho da razão, era compartilhada por todos os intelectuais da primeira República. Assim explica-se o agigantamento que a questão anticlerical tomou no início dos anos dez, ultrapassando os limites operários da fábrica. Ao padre

[102] *As lutas civis.* La Battaglia, n.º. 248, de 15/02/1910.
[103] No campo da história das idéias, o anarquismo bebe na mesma fonte de uma herança iluminista. Daí Salvo VACCARO, *op. cit.*, estabelecer a ligação do anarquismo com toda a gênese do pensamento moderno.

Ravaioli, em sua resposta a Oreste, restou apelar para a fé em Cristo e a salvação eterna.

"Os padres vivem para inocular a fé em Cristo, e por esta fé meus senhores, eu me faria matar. Quem são se não os padres que assistem onde quer que seja os coléricos e os desventurados? São somente os padres entre os quais também eu padre Ravaioli. Termino, meus senhores, augurando-me de reencontrar-me com vocês no paraíso"[104].

Mas a crença na ciência, da qual Ristori era contumaz defensor, não era cega a ponto de não o fazer observar também os males que, por contradição, o progresso científico e tecnológico vinha trazendo ao proletariado. Sim, queremos uma sociedade racional e livre - diziam os anarquistas - com todas as melhoras que a ciência pode trazer para a população, mas não queremos os males que o progresso científico a serviço da ordem burguesa nos traz. Comparando o passado com o presente, Oreste percebia que todas as técnicas colocadas a serviço do ser humano mostravam-se infrutíferas para solucionar o sofrimento material em que vivia a maior parte da humanidade.

"Os progressos que se realizaram no longo curso dos tempos, as descobertas sensacionais da ciência em todos os ramos do conhecimento humano, as amplas vias abertas para a indústria e o pensamento do homem pela mecânica moderna, o vapor, a eletricidade, a escola, bem pouco proveito, para não dizer nada, trouxeram à totalidade do gênero humano.
Talvez porque aqueles progressos não foram suscetíveis de uma utilidade do ponto de vista material e moral? Talvez porque aquelas maravilhosas descobertas da ciência, especialmente no campo da física, da química e da medicina, não poderiam determinar grandes melhoramentos, se aplicadas com um entendimento de utilidade geral, às classes trabalhadoras, que mais tem necessidade? Nada de tudo isto.
A razão pela qual, malgrado todos os progressos, a quase totalidade do gênero humano vive ainda em um estado primitivo de escravidão e de miséria, vai ser encontrada unicamente no fato que todas estas maravilhosas conquistas do pensamento moderno foram monopolizadas e desfrutadas por uma só classe de homens - aquela que detêm o capital - enquanto todas as outras não se ressentem, e não podem perceber benefício de monta.
Seria absurdo negar, por exemplo, que a invenção da máquina e as suas aplicações em quase todos os ramos da indústria e em parte da agricultura não tenham trazido utilidades de monta... especialmente aos industriais e as proprietários de terra que em benefício próprio e exclusivo se servem...
Mas para os deserdados, para os pobres, para os trabalhadores, para estes milhões de escravos que não possuem nada e não podem por conseqüência, monopolizar e explorar por conta própria nem campos, nem máquinas, nem sistemas técnicos de produção intensiva, a que podem servir as grandes conquistas da ciência?"[105]

---

[104] *Id. ib.*
[105] *Ieri e Oggi*, publicado sob o pseudônimo de Io, em La Battaglia, n.º. 241 de 19/12/1909.

A modernização industrial retirou do operariado, pelo menos de uma parcela dele - os artesãos mais qualificados - o domínio sobre a técnica produtiva[106]. Thompson foi quem melhor compreendeu esta irreversível perda de poder da chamada elite intelectual da classe ao notar que "a cultura artesã era antes de tudo uma cultura de auto-aprendizado... suspeitavam profundamente de uma cultura preestabelecida que os excluía do poder e do conhecimento."[107] Como as visões que os xamãs do século passado tiveram de "cavalos de aço" atravessando os territórios indígenas americanos, esses trabalhadores anteviram seu próprio fim. Talvez estivessem certos os luditas, artesãos do início do século XIX, que quando da chegada das primeiras máquinas a vapor às indústrias têxteis do nordeste da Inglaterra, em 1811, que substituíam de uma vez até cem trabalhadores manuais inviabilizando seus atelieres de ofício, se puseram a destruir, a quebrar os monstros mecânicos - "durante a noite, trezentos e cinqüenta homens, mulheres e crianças arremeteram contra uma fábrica de tecidos de Nottinghamshire destruindo os grandes teares a golpes de machado e pondo fogo às instalações" [108]. De certa forma foram os precursores de uma consciência de classe trabalhadora que talvez nunca tenha chegado a formar-se por inteiro, pelo menos no sentido libertário que Ristori pretendia dela.

"É o capitalismo, portanto, sob todas as suas éticas políticas e as suas formas econômicas - propriedade, Lei, Governo - que precisamos destruir definitivamente para sempre.
Mas para destruir, necessita criar.
Criar uma consciência de classe, que não existe ainda no exército imenso dos explorados: uma consciência socialista e libertária que os faça compreender toda a justiça e a necessidade desta grande transformação social.
É esta a nossa lição, a ação mais importante que devemos desenvolver neste momento de gestação de idéias no meio da multidão, pois a primeira revolução a se fazer, a mais indispensável é aquela dos cérebros, obscurecidos infelizmente pela farsa da política e pelas patranhas da religião."[109]

Nesta luta pela revolução das idéias, o momento era de ataque contra as idéias clericais. A morte de Ferrer e o desaparecimento de Idalina acaloraram as discussões sobre até que ponto a Igreja deveria interferir na

---

[106] Um ensaio bastante aprofundado sobre a origem da técnica e a transformação de seu sentido na era moderna, foi realizado por Cornelius CATORIADIS em As Encruzilhadas do Labirinto I. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987. Ver a 3ª. Parte, KOINÔNIA, cap. 2 – Técnica e Organização Social, pp. 250-259.
[107] E.P. THOMPSON. A formação da classe operária inglesa. Vol. II, A maldição de Adão. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988, ver o capítulo 3: Artesãos e outros, p. 71; *apud* Sandra CAPONI, Do trabalhador indisciplinado ao homem prescindível. Tese de doutorado em Filosofia. UNICAMP/SP, 1992, p. 123.
[108] Ver o apêndice *In Memoriam*, de Christian FERER. Mal de ojo. Buenos Aires. Colihue, 1996. p. 145.
[109] artigo *Ieri e Oggi, op. cit.*

vida da população. Vivíamos uma verdadeira campanha contra a Igreja, em São Paulo, como nunca se assistira antes. Mas ainda faltava uma resposta a ser dada à população: desvendar o mistério da jovem desaparecida. Durante todo o ano de 1910, dezenas de cartas de ex-recolhidos ao Orfanato Cristóvão Colombo chegaram à redação da Battaglia, todas contendo denúncias de atos libidinosos dos padres da instituição. Pouco a pouco Oreste conseguiu reconstituir algumas práticas comuns que ocorriam dentro do reclusório e fechou o cerco contra seus dirigentes. Não havia número do periódico em que não se publicasse uma denúncia ou se desvelasse ainda mais a trama, até que, quinze meses após o desaparecimento, Ristori recebe uma informação da menina América Ferrarresi que praticamente elucida o caso.

"Fomos entrevistá-la, e em presença de nós, do Sr. Aiello Paciullo, Angelina Paciullo, Amélia Moreira, e os *repórteres* do *Estado*, e do *Commercio*, declarou o que segue:
'... Lá dentro havia uma empregada, que agora deve ser freira, certa Carolina Ferrarresi, com a qual eu dormia no mesmo *quarto*. Existia entre nós muita intimidade, esta mulher me confidenciou, um dia, não ser verdade que a Idalina fora seqüestrada, pois ela sabia ter sido estuprada pelo padre Stefani e assassinada pelo padre Faustino, quando tentava fugir...
Querendo recolher ainda outro testemunho, fizemos comparecer na casa do Sr. Paciullo também o menino Domenico Egidio, filho de Rafaele, comerciante na rua Carneiro Leão, n.°45...
'Mas se dizia que a menina chorava sempre; que um dia conseguiu sair do recinto e tentou fugir; que padre Faustino, vendo-a de uma janela, a seguiu, a pegou, a reconduziu para dentro e lá, em presença de padre Capelli, a matou com uma paulada e uma pá na cabeça."[110]

Com base nestas informações e em outros depoimentos colhidos, o jornal de Ristori reconstituiu o crime e atendeu seu público que reclamava por uma resposta sobre o caso, dando a sua versão, nada imparcial, sobre como ocorreu a morte da menina Idalina.

"Um dia a pobre órfã, internada no Orfanato Cristóvão Colombo do Ipiranga, foi até a 'banheira' tomar um banho.
Padre Stefani entrou dentro, se trancou, e com a força a estuprou.
Consumido o bestial delito, a pobre menina, deturpada, machucada em suas partes genitais, acusava dores insuportáveis e chorava desesperadamente.
A voz do ocorrido se espalhou no meio dos padres e as freiras suscitando uma grande apreensão, tanto mais que a menina não cessava de chorar e revelar a todos que se aproximavam o ato obsceno de que fora vítima.
No dia seguinte, Idalina, iludindo a vigilância da mãe superior, conseguiu fugir.

[110] *Gli orrori dell'Orfanotrofio Cristoforo Colombo*, La Battaglia, n. °. 278, de 30/10/1910.

De uma janela do Orfanato, vista pelo padre Faustino fugindo pela rua, ele a seguiu a reconduziu para dentro e a matou com um golpe de pá na fronte."[111]

29.

Desfeita a trama, e admitindo esta hipótese como verdadeira, vários grupos de livre pensadores paulistanos reuniram-se para organizar uma manifestação de protesto. Os oradores Benjamim Mota, Passos Cunha, Ramon Dias e Oreste Ristori chamam a população para um grande comício no salão Celso Garcia, à rua do Carmo, em fevereiro de 1911.

"Todo o povo de S. Paulo sabe da enérgica campanha sustentada pela Imprensa de S. Paulo, e principalmente pelos semanários 'La Battaglia' e 'A Lanterna' contra os escândalos e crimes praticados pelos padres do Orfanato Cristóvão Colombo: todos sabem que a polícia procedeu a um simulacro de inquérito, favorecendo por todas os meios a impunidade dos padres criminosos e, pelo que se vê, pretende deixar para as calendas gregas a terminação desse inquérito.
Afim de se protestar contra essa revoltante proteção aos criminosos e para melhor esclarecimento de todas as monstruosidades praticadas no Orfanato sinistro, convida-se o povo de São Paulo a comparecer ao comício."[112]

Este foi o primeiro de uma série de eventos realizados com o objetivo de forçar a polícia, através da pressão pública, a agir contra os criminosos. Na tentativa de desarticular o clima de guerra que se havia instaurado contra eles, os diretores do orfanato fizeram, em meados de fevereiro, ressuscitar a jovem desaparecida, para espanto geral da população e para alívio da polícia e do clero. Somente um detalhe não ocorreu aos clérigos: os anarquistas não engoliriam facilmente esta história. Dito e feito, com algumas investigações, em pouco tempo estava desvendado outro mistério: a Idalina que reapareceu era falsa. Na verdade era outra garota, Maria Magdalena Silvestre, que fora apresentada para acalmar os ânimos, porém com algumas buscas nos cartórios, os redatores da Battaglia chegaram aos verdadeiros pais da menina. A emenda saiu pior que o soneto para os padres. Aproveitando o clima de comoção que havia na capital, Edgard Leuenroth da Lanterna e Oreste Ristori, que estavam à testa da campanha anticlerical, conseguiram a adesão de diversos grupos para a organização de um grande comício contra os crimes do Orfanato, desta vez saindo em passeata pelas principais ruas da cidade. Os jornais La Vita, Il Pungolo, Fanfulla, A Pátria Portuguesa,

[111] *Il mistero della Idalina svelato*, La Battaglia, n.°. 277, de 21/10/1910.
[112] Anúncio: "Grande Comício de Protesta", publicado em A Lanterna e La Battaglia, n.° 292, de 12/02/1911.

Protesto Humano aderiram à organização do *meeting*. Também os principais centros socialistas, republicanos e libertários; lojas maçônicas; ligas de resistência; círculos sociais e recreativos contribuíram para a organização do evento. Até Ristori deixou de lado o idioma para conclamar em português – "Ao Povo Brasileiro" - a adesão ao comício.

"O povo todo - sem distinção de partidos, de nacionalidades e de sexos - e particularmente os sodalícios cidadãos, estão convidados a acorrer em massa a manifestar no modo mais significativo e solene a própria indignação contra aquela seita negra, abominável, infame, que corrompe os costumes, que macula a reputação de nossas mulheres, que deturpa e mata os nossos meninos, que pesa como uma tremenda desgraça secular nos destinos da humanidade...
A hora de acabar com todas as mistificações e as comédias, soou.
O povo deve perguntar, deve exigir, o imediato fechamento daquele antro de deboche e delitos, que é o Orfanato Cristóvão Colombo, e a adequada punição dos réus...
...Todos ao comício, portanto: homens, mulheres, velhos, crianças, brasileiros, estrangeiros.
Dos diversos bairros da cidade, aflua o povo em colunas, ao Largo S. Francisco, onde se porá em marcha o cortejo."[113]

Oreste faz exatamente o contra discurso da igreja e da burguesia. Todas as palavras com que o discurso conservador oficial, normalmente se refere aos anarquistas, foram por ele rearranjadas contra seus opositores. Assim os padres tornaram-se os assassinos comedores de criancinhas e destruidores dos bons modos e costumes da família. A confusão estabeleceu-se nos cérebros dos homens comuns, da população em geral. Com quem estaria a razão? Atacar a igreja com o mesmo falatório que ela nos atacava. Oreste conseguiu aproximar-se como nunca do cidadão comum.

Chegou o dia do anunciado comício. A ocupação policial do centro de São Paulo foi digna de uma verdadeira operação militar. Reconstituindo os fatos, a partir da cobertura da imprensa paulistana no dia seguinte ao ocorrido, fica mais clara a tentativa a qualquer custo de impedir a manifestação. O ultra conservador Correio Paulistano detalha o lado da barricada visto pela polícia.

"O largo de S. Francisco foi às 6 horas da tarde ocupado militarmente...
Nas esquinas da rua José Bonifácio, largo do Ouvidor, ruas Benjamim Constant, Senador Feijó, Riachuelo e ladeira do Ouvidor foram postadas patrulhas da cavalaria.

[113] Em La Battaglia, n.º. 296, de 12/03/1911.

Disposto desse modo o policiamento, o comício não se realizou no Largo de S. Francisco. Grupos começavam então a formar-se na praça Antonio Prado, onde apareceram caras suspeitíssimas de indivíduos perigosos.
O agitador **Oreste Ristori**, um dos promotores do comício, aproveitando-se da aglomeração do povo, pronunciou um discurso a despeito da proibição da autoridade.
Algumas operárias, pertencentes à Sociedade Feminina de Educação Moderna, pretenderam também falar às massas, mas a polícia interveio e pô-las em debandada."[114]

Outro periódico conservador paulistano, O Estado de S. Paulo, também realizou a cobertura do evento e acompanhou o desenrolar dos acontecimentos através da participação popular, que desafiava a proibição policial.

"Às 7 horas da noite já era incalculável a multidão que circulava pela cidade. Com as medidas adotadas, tanto quanto possível, não era permitido as paradas nas ruas, sendo todos avisados dessa providência.
Não obstante, os grupos se desfaziam num lugar para logo depois reunir-se adiante...
De um momento para outro, na praça Antonio Prado... desembocou da rua Quinze de Novembro, um grupo numeroso, tendo à frente o Sr. Oreste Ristori, que davas vivas à liberdade e gritos de hostilidade ao Orfanato Cristóvão Colombo...
Ainda dessa vez a ordem legal da autoridade não era obedecida, razão pela qual foi dada uma carga de cavalaria para dissolver o grupo...
A carga de cavalaria continuou e **Oreste Ristori**, antes de chegar ao largo da Misericórdia, para se por ao abrigo das patas de cavalo, entrou num automóvel, acompanhado do Dr. Passos Cunha, Edgard Leuenroth, José Romero e Alexandre Cerchiai.
Ao chegar ao largo da Misericórdia, o Dr. Passos Cunha dirigia algumas palavras ao povo, mas ali, onde os ânimos estavam exaltados, um popular seguidamente disparou seis tiros de revólver..."[115]

Assim começou toda a confusão e os manifestantes enfrentaram os soldados que tentavam dispersá-los. Foram disparados alguns tiros e algumas pessoas ficaram feridas. O reforço policial pôs fim ao comício e quase cem manifestantes foram presos, segundo a própria polícia. A maior parte dos detidos foi fichada, e após rápido depoimento liberados. Poucos permaneceram presos na delegacia, entre estes Alexandre Cerchiai, Oreste Ristori, Edgard Leuenroth, José Romero e Passos Cunha. O Commercio de São Paulo foi o único jornal ligado à burguesia paulistana que defendeu os manifestantes e a realização do comício.

---

[114] Correio Paulistano, de São Paulo, de 13/03/1911, arquivo pessoal de Guido Fonseca. Academia de Polícia de São Paulo, APSP.
[115] O Estado de S. Paulo, de São Paulo, de 13/03/1911, arquivo Guido Fonseca, APSP.

"Os nossos colegas do 'Correio Paulistano', para justificar a conduta da polícia e do Tribunal de Justiça, infringindo preceitos indiscutíveis da Constituição, a propósito do direito de reunião, tiveram de basear a sua defesa em fatos ocorridos posteriormente à decisão do 'habeas corpus'. Quando este foi impetrado, falava-se apenas numa reunião de pessoas que iam resolver sobre a forma de pedir ao governo o fechamento de um orfanato...
Era um comício perfeitamente legal, um direito tão claro que não admitia dúvidas.
Apesar disso, a polícia o proibiu, exorbitando de suas atribuições e praticando uma nova violência."[116]

Como era de se esperar, toda a imprensa burguesa à exceção do Commercio, colocou-se a favor da Igreja e da polícia. O Estado de S. Paulo, por exemplo, declara ser injustificada a campanha contra o Orfanato.

"Em primeiro lugar, o caso Idalina, em si mesmo, não tem a importância que por aí apregoa-se. Quando muito, o que se apurou é que o diretor do asilo Cristóvão Colombo não procedeu com bastante zelo, quando entregou a menor a pessoas que não provaram serem seus pais ou seus tutores. Fato lamentável, mas explicável, - que tanto se podia dar num asilo dirigido por um padre, como num asilo dirigido por um leigo.
Em segundo lugar, ainda que a culpa do diretor do asilo seja muito maior do que nos parece a questão está entregue ao poder judiciário. Deixem pois, que o poder judiciário se pronuncie. Enquanto os juizes não decidem, todo o clamor é injusto e todos os protestos são suspeitos."[117]

A justiça, ora a justiça. "A justiça sempre é a vontade do mais forte", já dizia Sócrates, dois milênios atrás. Os anarquistas não permaneceriam sentados, esperando a justiça burguesa se pronunciar, é evidente. Para O Estado, o porta voz oficial do conservadorismo e da manutenção da ordem, não havia motivo para tamanha baderna. Tudo não passava de uma estratégia para se criar desordem, insuflar a população contra a igreja e a segurança pública. Para os padres tornou-se uma questão de sobrevivência e de defesa da reputação maculada. O discurso dos livre pensadores vinha crescendo há algum tempo, junto a camadas cada vez mais significativas da população, e agora então, "eles vêm com essas Escolas Modernas inventar moda", resmungavam o padres. Para a polícia era o pretexto necessário para prender e expulsar os agitadores anarquistas. Porém não podiam ser expulsos nem Cerchiai nem Ristori. Já haviam tentado antes, mas o governo cometeu o desatino de na própria lei de estrangeiros ser impedida a expulsão dos que residiam há mais de dois anos no país. O que restaria fazer?

---

[116] O Commercio de São Paulo, de São Paulo, de 13/03/1911, arquivo Guido Fonseca, APSP.
[117] O Estado de S. Paulo, de 13/03/1911, trecho publicado em La Battaglia, de 14/03/19011.

Durante os choques entre policiais e manifestantes um homem permaneceu ferido com um tiro de revólver. Logo a polícia prontificou-se a incriminar Ristori como autor do disparo e processá-lo por lesões corporais. Paulo Buonaspada na redação do periódico anárquico suspeitou logo da intriga montada e foi o primeiro a defender o companheiro.

"Se diz entre outras coisas que nosso companheiro foi encontrado de posse de um revólver ao qual faltava uma bala. Foi-lhe seqüestrado quando na porta da central tentava dispensá-lo, como se antes lhe tivesse faltado tempo ou não tivesse podido abandoná-lo no mesmo automóvel com grande facilidade. Quem o tirou dele não terá ao invés tentado colocá-lo à sua revelia no bolso do *paletó*?...
De qualquer modo isto é certo, **Ristori** não fez fogo em nenhum ponto nem ele poderia faze-lo constantemente circundado por agentes secretos, e por razões de lugar e tempo não poderia estar contemporaneamente em mais de um lugar.
Aquilo que asseguramos o provaremos com testemunhas na frente do juiz."[118]

Mas se havia um crime, deveria haver uma vítima. Foi essa pergunta que o advogado dos presos fez ao juiz. Quem é a vítima? Se ela existe que se apresente para depor.

"O advogado Benjamim Mota pediu e obteve do juiz Dr. Mesquita que o Armando tal de tal, ferido primeiro levemente e mais tarde gravemente, segundo as informações existentes na polícia, venha submetido ao exame sanitário.
Serão peritos os Doutores Camargo e Mauro.
Mas resulte ferido muito ou pouco curado cedo ou tarde, é um fato que o agente secreto que feriu o Armando não será nunca processado.
No lugar daquele querem processar o **Ristori**, presenteando-o com um revólver vindo da França, por conta do Governo do Estado."[119]

O cocheiro Armando de Andrade se apresentou baleado na coxa e desmentiu a versão oficial, pois não conseguia lembra-se de onde fora disparado o tiro, muito menos identificar o seu algoz. Confrontado em acareação com Ristori, negou que este tivesse sido o autor do disparo. Sem poder sustentar a acusação, pouco depois Oreste foi posto em liberdade vigiada o que lhe limitou e muito a atuação em La Battaglia. O principal objetivo da Secretaria de Segurança Pública fora atingido: desarticular o movimento contra o Orfanato que rapidamente poderia transformar-se em uma agitação política bem mais significativa. O padre Faustino Consoni mudou-se de São Paulo para destino ignorado e o orfanato trocou de direção, perdendo a ajuda financeira estatal que antes detinha. O crime não foi facilmente esquecido

[118] *Mutretas à vista.* La Battaglia, n.°. 297 de 14/03/1911.
[119] Nota em La Battaglia, n.°. 298, de 02/03/1911.

pela população que consagrou em versos populares a memória do padre cantando,

"Onde está Idalina?
No buraco da latrina!
Quem foi o assassino?
Foi o padre Faustino![120]

Mesmo assim, o processo seguiu adiante apesar da fragilidade das acusações. Durante o transcorrer do processo o diretor da Battaglia teve sua liberdade de circulação restringida o que o obrigou a abandonar as incursões ao interior do estado. Também não pode participar de forma ativa dos movimentos grevistas, como o dos pedreiros que retornaram com grande força à capital e ao interior do Estado, a partir de setembro de 1911. Parece que o confronto contra a Igreja sacudiu também o movimento operário retirando-o do marasmo por que passou nos últimos dois anos e trazendo de volta para o centro do debate, as questões sociais. O processo contra Ristori seguiu morosamente até 21 de setembro de 1912 quando A Lanterna anunciou o julgamento final e resumiu todo o acontecido.

"Na sessão do Júri de hoje deverão se julgados o *Dr. Passos Cunha e* ***Oreste Ristori*** acusados como autores de ferimentos leves recebidos por um achegado da polícia no comício do dia 12 de março de 1911.
A polícia, pisando como sempre as leis do país, proibiu essa reunião, mas o povo, que ansiava por fazer ouvir a sua voz de protesto, veio à rua e levou-a a cabo.
As conseqüências desse ato de independência do povo sofreram os propagandistas mais em evidência. A polícia vingou-se prendendo José Romero e Edgard Leuenroth, da Lanterna, Alessandro Cerchiai e **Oreste Ristori**, de *La Battaglia*, e o Dr. Passos Cunha, contra os quais forjou um infamíssimo inquérito, responsabilizando-os pela morte de um soldado e pelos ferimentos de um recruta extraordinário, verificado após a sua prisão.
Foram tantas, tantas as bandalheiras policiais descobertas durante o processo, que seria difícil resumi-las aqui.
Terminou ele com a despronúncia de todos os cinco. A polícia não concordou e conseguiu que o promotor recorresse para o tribunal de justiça.
Este, obedecendo a mesma inspiração, reformou a sentença, pronunciando o Dr. Passos Cunha e **Oreste Ristori** como autores de ferimentos leves!
E hoje vão eles ser julgados pelo tribunal do Júri."[121]

E ante a ausência total de provas incriminatórias, finalmente foram todos absolvidos.

---

[120] Edgard RODRIGUES, Os anarquistas. Trabalhadores italianos no Brasil. São Paulo. Global, 1984. p. 104.
[121] '*Ecos do processo da polícia*', em A Lanterna, de 21/09/1912.

30.

O longo processo a que foi submetido desgastou suas energias. Mais do que isso, uma série de incidentes e desencontros com seus companheiros o levaram a refletir sobre se sua vida estaria de acordo com suas expectativas. Antes mesmo da conclusão do processo, ainda no ano de 1911, Oreste já mostrava sinais de contrariedade e cansaço. A virada do ano não fora nada tranqüila para os libertários paulistanos.

Em um dos últimos dias de 1911, Oreste voltou de noite para a sua nova residência na rua Mazzini, 187 no Cambuci[122], beijou como de costume Mercedes, e após tomar a sopa servida pela sua companheira junto a um bom copo de vinho, levantou-se, pensou duas vezes e rodeou a casa inquieto, como que criando coragem, a mesma coragem já demonstrada em outros momentos e que parece agora lhe fugia. Enfim, sentou-se novamente à mesa, enrolou um cigarro de fumo um pouco úmido, pegou a pena, deu uma longa tragada e começou a escrever.

"Os motivos que me levaram a esta espontânea retirada do campo da luta, e de particular modo do jornalismo, são simples e breves: eu não tenho mais confiança nenhuma na emancipação do proletariado e na solução dos grandes problemas sociais que constituem um especial objeto de estudo para poucos pensadores apaixonados e sinceros. As ilusões de um tempo acerca dos bons resultados da propaganda e da educação no meio das classes trabalhadoras desapareceram completamente do meu ânimo. Não lhe resta agora nada além que a amargura de um atroz desengano, que a impressão fria e desoladora de uma tremenda realidade de coisas."[123]

A notícia chegou como um balde de água fria em um tempo de refluxo do movimento libertário. Nesse momento encontrava-se também ausente Alessandro Cerchiai, que havia ido para a Argentina e somente retornou ao Brasil em março. A continuidade do periódico então, ficou a cargo de Gigi Damiani, seu novo diretor, que se pronunciou com poucas palavras.

"Poucas palavras e somente de pesar.
Pesar sentido e sincero pela saída da redação da 'Battaglia' daqueles que por sete anos, ativos e altivos, renitentes às horas de miséria e às rajadas da reação, zelaram pelas sortes e deram a ela toda a sua boa vontade, a sua energia, o seu saber.

---

[122] É o endereço dado por Ristori, como sendo sua residência, no Auto de Qualificação do qual é réu, por ocasião de sua prisão no comício contra o orfanato. Arquivo Guido Fonseca, APSP.
[123] La Battaglia, n. °. 335, de 31/12/1911, *cit.* em Isabelle FELICI, *op. cit.* p. 235.

Não quero falar a respeito, nem é de minha competência, os motivos que os moveu a uma decisão que, pela sua irreversibilidade, nos deixou a todos dolorosamente surpresos, mas reconheço a minha insuficiência a dignamente substituí-los.
Eu não sou um desiludido, um desconfortado, um cansado - eu creio firmemente, ontem como hoje, ao triunfo final do anarquismo e acredito porque em todos os ramos da vida social e na consciência dos indivíduos, eu ambiciono conquistar o seu lugar e destruir constantes prejuízos e proibitivos sistemas...
Repito que a obra minha não poderá rivalizar com aquela daqueles que deixaram o jornal, mas aos companheiros de boa vontade espero preencher as possíveis lacunas.
E concluindo exponho um desejo, que não é somente meu, este: A esperança que **Ristori** e Cerchiai, finda a amargura, acabado o desconforto, recolocado o espírito, voltarão ao jornal que deixam em tão frágeis mãos; ao jornal deles porque resultado deles após exclusivo e honesto trabalho."[124]

Vã esperança teve Gigi. Seu companheiro nunca mais voltou à redação do jornal. A bem da verdade, Ristori cumpriu com o que disse, sua retirada do jornalismo só não foi completa devido à publicação do opúsculo GESÚ NON È MAI ESISTITO, ainda no ano de 1912, através da casa editora Mercedes Gomes Ristori, nome dado em homenagem à sua companheira. Muito mais que um distanciamento da propaganda escrita, o que se constata é uma retirada quase que completa de toda atividade política. Com muito custo descobriremos a participação de Ristori em alguns comícios e algumas conferências que proferiu praticamente obrigado pela platéia que o aclamava, como as quatro conferências realizadas em abril desse ano. Isto sim o lisonjeava profundamente. Longe de ser um tipo tímido, Ristori tornava-se ainda mais exuberante quando era reconhecido, requisitado, cada vez que era reclamada como imprescindível sua presença. Excetuando-se breves conferências, podemos considerar sua saída da Battaglia como o início de um rompimento lento mas constante com o movimento anarquista. É ele próprio - mesmo que no fundo procurasse apenas confundir e despistar os policiais que o perseguiam - quem, muitos anos após, em um depoimento ao DEOPS, sugere esta hipótese.

"...que de fato o declarante teve a ideologia anarquista até o ano de 1912, que dessa época em diante o declarante optou por uma ideologia revolucionária porém eclética porque não se pode defini-la como pertencente à doutrina marxista ou anarquista."[125]

Durante muitos anos ainda, após a saída da Battaglia, Ristori manteria uma relação muito estreita com os anarquistas porém, ao contrário de Damiani

---

[124] *Poche parole:* carta aberta de 07/01/1912, em La Battaglia.
[125] Declaração que prestou Oreste Ristori em 17.12.1935. Prontuário 364, Oreste Ristori – anarquista – Fundo DOPS, Arquivo do Estado de São Paulo, AESP.

que morreria um convicto anárquico, ele passa a desacreditar do ideal anarquista de emancipação do proletariado como obra de suas próprias forças. As diferenças entre os dois ativistas podem ser explicadas pelas suas diferentes origens sociais. Enquanto Damiani provinha de uma família pequeno burguesa romana tendo crescido dentro de um ambiente urbano e culturalmente mais sofisticado[126], Ristori provem justamente do extrato social mais baixo, das famílias sem terra da Itália agrária que vendiam sua força de trabalho diariamente onde houvesse alguém disposto a comprá-la. Neste meio social miserável é que se forjou seu caráter, e se Ristori alcançou o *status* cultural que permitiu-lhe realizar sua grandiosa obra de propaganda, o conseguiu graças aos círculos libertários que freqüentou.

Ora, se ele próprio é uma mostra bem acabada da capacidade da anarquia de emancipar os de origem proletária, então ele deveria ser o primeiro a defendê-la? Mas Ristori não é de modo algum um indivíduo representativo do seu meio social de origem. Como ele, centenas de outros operários e camponeses freqüentaram os grêmios libertários, seguiram a propaganda anarquista, simpatizaram com o movimento, e não se transformaram em revolucionários. A explicação para a grande penetração do jornal La Battaglia no interior paulista, reside justamente na capacidade de Ristori em compreender muito bem o sofrimento por que passavam as famílias dos trabalhadores agrícolas e falar a mesma linguagem que estas populações. Ristori era visto e compreendido como um igual pelos seus companheiros artesãos, colonos e operários, coisa que Damiani nunca conseguiu. E é justamente esta aproximação, este contato direto desde seu nascimento com a mentalidade proletária que faz Ristori, aos 37 anos de idade, no meio do caminho de sua vida, perceber que se encontrava em uma selva escura. Uma selva cuja via antes tão certa agora se perdia, fruto da descrença que esses anos todos lhe trouxeram na possibilidade da conquista de uma vontade revolucionária por parte do proletariado. E desabafou a perda da esperança.

"Creio que a besta de soma, o operário, será sempre o eterno escravo da cadeia, amante da própria miséria, ciumento custodie das próprias aberrações, e que nenhuma voz humana de liberdade e de justiça conseguirá movê-lo daquele estado de velhacaria e de torpor no qual se sente feliz e satisfeito.
Um dia, talvez, depois de um exame mais maduro e sereno da psicologia operária, retornando nestas minhas conclusões, poderá ser que me pareçam exageradas e enormes, e me reveja."[127]

---

[126] Ver a biografia de Damiani feita por Ugo FEDELI. Gigi Damiani. Note biografiche. Il suo posto nell'anarchismo. Cesena (FO). L'Antistato, 1954.
[127] La Battaglia, n°. 335, de 31/12/1911.

Oreste Ristori é certamente um personagem atípico ao seu meio de origem. Não que não representasse um anarquista, muito pelo contrário, Ristori encarnou como poucos o ideal anarquista de libertação. Neste sentido podemos considerá-lo representativo de um protótipo do revolucionário anárquico. Porém Ristori não é um sujeito único. Sua individualidade é composta de múltiplos sujeitos. Ora o individualista incendiário, ora o propagandista erudito, ora o teórico, ora o aventureiro *bon vivant*, todos estes construindo sua subjetividade ao longo de sua vida.

Esta multiplicidade de sujeitos é fruto de um contínuo trabalho de aprendizado e auto-didatismo que empreendeu no decorrer de sua existência. Uma existência construída com base em uma estética, que pelo lugar social que ocupou, pode ser chamada de estética da resistência. Uma estética que, segundo Sandra Caponi, "no mundo dos trabalhadores do século XIX, estará atravessada pelo diagrama de poder sobre o qual emerge. Levará a marca de uma modernidade iluminista e humanista onde o homem que ocupa o lugar do rei é transitado pela mecânica do vivente, pelo poder da linguagem, pela força de trabalho e pelo limite que impõe a morte."[128] Oreste não foge à sua condição histórica e o seu pensamento é prova disto, carregado que é desta dose de humanismo e iluminismo que, de certo modo freou o avanço da anarquia, mas fez uma escolha pessoal no sentido de viver uma vida bela. Tenta desta forma, realizar a questão formulada por Foucault, se não poderia a vida de cada um ser transformada numa obra de arte?[129] E as tecnologias do eu necessárias a esta transformação foram procuradas e encontradas dentro da estética libertária.

Voltando ao tempo da saída do jornal, nos deparamos com um homem que passa por um momento de profunda desilusão em sua vida. Uma desilusão causada pela constatação da imensa distância existente entre o operário típico que forma a classe, e o indivíduo Oreste. Este se identifica muito mais com o antigo grupo de artesãos, que dominavam um ofício, realizavam seu trabalho e dedicavam seu tempo de lazer a um aprimoramento cultural, tentando "fugir de toda redução a uma identidade coletiva com a massa dos assalariados."[130] É o ponto de não retorno, de que fala Caponi, que o trabalhador ingressa após experimentar os "frutos da árvore do

[128] Sandra CAPONI, *op. cit.*, p. 230.
[129] Podemos compreender melhor o tema da estética da existência em Michel FOUCAULT, em suas obras sobre a História da Sexualidade V. I, II e III, Rio de Janeiro. Graal, 1987,1993 e 1996 e também em Tecnologias do eu. Rio de Janeiro. Graal.
[130] Sandra CAPONI, *op. cit.*, pp. 239-240.

conhecimento". Mas são muito poucos os que passam por esse ponto de inflexão; em geral, o regime de exploração do capitalismo a que está submetido o operário de fábrica em um processo de produção seriada, o embrutece de tal maneira que torna seu lazer grosseiro, embriagador, uma mera fuga à realidade quotidiana.

Dono de um caráter intempestivo, ao sentir inútil todo o seu esforço de anos, a propaganda, a educação, a luta enfim, Ristori resolve bater em retirada. A campanha contra o orfanato desnudou a fragilidade do movimento operário paulista. A difícil organização, a pouca expressividade do movimento e principalmente, a apatia que reinava entre o operariado após 8 anos de propaganda contínua, demonstraram que apesar do sucesso do periódico o objetivo de constituir uma base revolucionária era completamente despropósito. Estabelecendo uma comparação com Buenos Aires, onde se constituía um movimento operário bastante significativo e mesmo assim, a possibilidade de uma revolução ainda era somente uma utopia almejada pelos trabalhadores, na provinciana capital paulista essa utopia nem fazia parte dos sonhos operários. Alessandro, seu amigo mais íntimo, com quem conviveu quase diariamente nos últimos 8 anos, o compreendia muito bem e apesar de não concordar com a decisão do companheiro foi quem lhe fez os mais rasgados elogios.

"É com profunda, imensa dor que eu li o documento, para mim tristíssimo, com o qual o companheiro **Ristori** anuncia o fim de todas as suas esperanças. Não o aprovo, mas o compreendo. Algumas amarguras machucam, algumas tristezas nos tiram o ânimo.
Porém ele, mais do que os outros, é injusto consigo mesmo. Vinte anos de luta. Uma longa vida percorrida entre obstáculos não sempre fáceis: as perseguições ferozes, a fome padecida, os perigos desafiados, as derrotas, as vitórias, os exílios, poucos instantes de calmaria mas sempre com a graça no coração de um dever cumprido, sobretudo isso não se chora em um momento de desengano.
É chegada a hora dos malandros, dos especuladores de sangue... e deixe passar... a tormenta e verás que o teu trabalho foi fecundo, e que podes ir orgulhoso e soberbo de ter sido na terra brasileira de São Paulo o mais forte, o mais eficiente, o mais amado trabalhador da filosofia anarquista, da sociedade futura."[131]

Duas certezas emergem destas palavras: Ristori foi sem dúvida um dos homens que mais intensamente sofreram com a perseguição política em seu tempo e também foi um dos principais responsáveis pela organização, ainda que muito incipiente, do proletariado paulistano nas primeiras décadas deste século. O homem forte também é um sentimental e seu coração generoso

[131] *Id. ib.*

irrompeu de emoção ao ler a carta de Cerchiai. Uma carta de despedida de quem compreende ser essa uma ida sem volta, uma carta com sabor de adeus. Alessandro tinha razão, esses anos passados juntos, o trabalho de formiga, dia a dia, propagandeando a mensagem da anarquia, não retornariam mais. Para afastar ainda mais Ristori do movimento, surge uma carta publicada em Tierra y Libertad acusando-o de ter embolsado entre 12 e 14.000 Liras recolhidas em São Paulo para a Revolução Mexicana e pondo em dúvida a tendência anarquista do jornal La Battaglia. São justamente Cerchiai e Damiani quem socorrem o companheiro e o periódico, publicando a defesa pública internacional em Il Risveglio de Genebra.

"No número 109 de *Tierra y Libertad* de Barcelona[132] um certo Juan Gallo Crespo de Sevilha fez inserir, pela complacente redação, uma jesuítica missiva de um tal J. Fernandez Monteiro (rubricado), que ao que parece vive no Brasil, e que se esqueceu - como sempre - enquanto lançava a mais fantástica e suja acusação contra *La Battaglia* e o companheiro **Ristori**, de fazer conhecer, segundo a tática dos rufiões e dos espiões governativos, o seu precioso endereço.
A resposta será breve..."[133]

Na breve resposta que segue, reafirmam tudo o que já sabemos. A dificuldade da propaganda no Brasil, o gigantesco trabalho realizado pelo jornal e desmentem enfaticamente as acusações contra Ristori, que nunca mais foram mencionadas pelo ignoto espanhol. Apesar da resposta demolidora e da enfurecida bronca dada aos redatores do periódico catalão, a mancha suja permanecerá e levará um bom tempo para ser apagada. Desgastado, Ristori aprofunda ainda mais seu recolhimento nos anos seguintes, quando não se ouve mais falar dele, mergulhado que resta em sua privacidade. É nesse momento difícil de sua vida que recebe o importante apoio da companheira Mercedes.

31.

Oreste e Mercedes conheceram-se em uma das festas libertárias promovidas pelo **Centro Internacional**, em Montevidéu, quando de sua passagem por lá em 1903. Mercedes Gomes, de pequena estatura - Oreste a chamava carinhosamente de *chiquita* - não era uma mulher fisicamente bela, pelo

[132] Tierra y Libertad, de Barcelona, n°. 109, época 4ª., 15/05/1912.
[133] Defesa internacional de Oreste Ristori, em Il Risveglio, de Genebra, n°. 339, de 17/08/1912.

menos aos olhos de quem a conheceu pessoalmente.[134] Porém, apesar de sua fragilidade física, constituiu-se numa mulher de caráter muito forte que acompanhou Ristori ao longo de toda sua vida até a expulsão do companheiro do Brasil, em 1936. O amor entre eles acendeu-se rapidamente e poucos meses após conhecerem-se já moravam juntos. Quando no início de 1904, Ristori optou por deixar o Uruguai e instalar-se definitivamente no Brasil, Mercedes não titubeou e acompanhou seu companheiro para o novo destino.

Uma decisão difícil, para quem tinha pouco mais de 20 anos; seguir o que seu coração mandava sem nenhum respaldo legal ou financeiro, em um tempo onde a liberdade de amar era apenas uma quimera. Mas foi isto que ela fez. Abandonou sua terra natal, a família, as amizades da juventude, para aventurar-se em um país estranho, com uma língua diferente, ela quase analfabeta que mal falava direito o espanhol. E fez isto num impulso para seguir o seu desejo. Uma decisão que raramente seria tomada pelas mulheres da época, rompendo com a rígida moral burguesa existente, e que de certa forma somente se realizou por Mercedes estar envolvida no meio libertário de Montevidéu. Porque para os libertários, o amor nada mais é que a possibilidade de realizar um desejo individual e se o sentimento é recíproco, então a união entre os que se amam não precisa ser regulamentada através de um contrato legal, ela simplesmente ocorre livremente. Oreste nos fala sobre a liberdade de amar.

"O amor livre... quer dizer: *a liberdade sem fim para a mulher, como para o homem, de amar quem quer, a liberdade de concentrar em um e não em outro toda a plenitude de seus afetos.* Quer dizer em outros termos: subtrair-se à terrível tirania dos genitores, dos parentes, ou de quem, queira impor-lhe um marido de seu gosto, para amar livremente o objeto de seus sonhos... A imoralidade e a prostituição não consistem então na *liberdade de amar*, mas na *obrigação de amar* ou fingir de amar. E como a maior parte dos que casam fingem, por interesse, amar, o matrimonio que sanciona esta ficção, aparece como a expressão última da mais alta imoralidade."[135]

O amor entre duas pessoas, visto desta forma, passa a ser um ato de libertação, não uma obrigação contratual ou uma necessidade financeira, mas um pleno exercício da soberania do ser. Ristori novamente inverte os rígidos valores morais hipocritamente estabelecidos pela sociedade burguesa do século XIX e, aos que viam como uma imoralidade as relações de

---

[134] Sara Mello a descreve como baixa, clara, com os cabelos curtos, muito ativa e falante, em entrevista ao autor, realizada em julho/1996.

[135] *Amor libero e libera unione.* La Battaglia, n°. 116, de 24/03/1907.

concubinato, respondia como sendo imoral o matrimonio, um contrato financeiro entre as partes envolvidas. A livre união libertara a mulher da condição de inferioridade que a ordem machista impunha. No fundo, dizia Ristori, o que o homem bem posicionado socialmente reclama para si é o direito, ao longo de toda a vida, de uso sobre o corpo da mulher, direito que vem a ser legitimado pelo casamento.

"Se casa, enfim, a posição social. O município e a igreja se apressam em sancionar esta espécie de transação comercial que confere ao macho todos os direitos de propriedade individual sobre a fêmea, este pacto legal que consiste em um juramento de recíproca fidelidade e em virtude do qual a descendente de Aspasia e de Frine, de Licisca e de Safo, convertida em *mulher*, deve viver inseparavelmente ao lado do marido, segui-lo onde for, obedecer a todas as suas vontades, simular na presença dele um amor de muito tempo extinto e comprimir os motes, não ainda completamente sufocados, do próprio coração. Mas a natureza, que é também ela uma fêmea manhosa, reclama de quando em quando os seus direitos, se rebela aos convencionalismos sociais, às estúpidas pretensões do marido, e reacendendo no peito da escrava toda a chama das antigas paixões, a joga nos braços do *amante* - este eterno rival do *marido* - que sai sempre vitorioso nas ásperas batalhas amorosas."[136]

Esta era uma luta bastante árdua para ser travada na época, com a mentalidade dominante entre os homens. A honra do macho estava em jogo, ao questionar-se a posse sobre a fêmea. Um direito inalienável para o homem, a indissolubilidade da união legal era a única forma de perpetuar seu poder opressivo sobre a mulher. O amor, esta expressão romântica do amor tão almejada pelos casais enamorados, que remonta à idade dos trovadores provençais, esta possibilidade de fuga às convenções sociais da ordem burguesa, determinadas pelo dinheiro, ainda era uma utopia destinada a alguns poucos sonhadores. Oreste e Mercedes incluíam-se neste grupo dos que acreditavam haver espaço para o lúdico, em uma vida determinada pela questão econômica, pelas relações de produção e pela exploração do trabalho. Onde entraria o amor nesta história? Pois é através da liberdade amorosa que começa a subverter-se a ordem burguesa estabelecida. Quando o ser humano entrega-se aos desejos de seu coração, rompe com a cadeia produtiva que o mantêm oprimido. Nesse sentido, o amor também pode ser extremamente revolucionário e os libertários do fim do século passado influenciaram o surgimento da estética amorosa surrealista[137]. Uma das principais feministas libertárias, a emancipacionista, Emma Goldman, explica o sinônimo existente nas palavras amor e liberdade:

---

[136] *Il problema delle corna*. La Battaglia, n °. 35, de 19/03/1905.
[137] Ver Andre BRETON. L'amour fou. Vol. II. Obras Completas. La Pléiade. Galimard. Paris, 1992.

"Amor livre? Como se o amor pudesse não o ser! O homem comprou os cérebros, mas todo o dinheiro do mundo não conseguiu comprar o amor. O homem submeteu os corpos, mas todo o poder da terra foi incapaz de submeter o amor. O homem conquistou nações inteiras, mas todos os seus exércitos não podem conquistar o amor... Sim, o amor é liberdade; ele não pode viver em nenhuma outra atmosfera."[138]

As discussões envolvendo o tema do amor sempre foram muito mais difíceis de serem levadas adiante dos que as relativas à exploração econômica. Com certeza os libertários de São Paulo tinham acesso aos textos de Emma Goldman e tentavam desvincular junto à população, o matrimonio da união por amor. Tarefa dura, mesmo entre os colegas operários, o amor livre e a possível separação de um casal quando finda o amor eram uma aberração. Reunido num bar paulistano, Oreste conversou com um grupo contrário à liberdade amorosa.

- ... A mulher, sendo livre de ficar ou ir embora, se daria ao braço, ora de um, ora de outro, até se tornar de todos.
- Mas se esta mulher me ama se ela esta unida a mim por amor, se não podia viver separada de mim e sentia, como eu, o desejo irresistível da união, como é possível que me deixe?
- Mas este amor pode acabar.
- Em casos bem raros, não o nego, mas pode desaparecer mais facilmente nas mulheres casadas, a maior parte das quais se uniram por interesse. E então?...
- Nós valendo-nos do direito acordado aos maridos, cortamos as asas delas e as impedimos de irem.
- Pior ainda: lhes farão cornos.
- E nós as mataremos.
- Sim, as matarão... para exigir depois da morte aquele amor que não puderam obter na vida...
- Mas então: o que faria você partidário da livre união, se a tua mulher se quisesse ir com outro.
- O que faria? Lhe abriria todas as portas e todas as janelas para que partisse logo.
- Será?
- Mas é lógico! Que faria eu de uma mulher que não me ama mais? Não seria uma tremenda tragédia para mim e para ela, obrigando-a a permanecer?
- E se você a amasse ainda, não te parece que deva ser bastante dura uma separação assim?
- Certamente; mas o que fazer? Obriga-la a amar-me novamente é impossível; condena-la a permanecer acorrentada comigo, sabendo que não me ama mais... me parece um peso ainda mais tremendo que a separação.

---

[138] Emma GOLDMAN, texto *Amore e matrimonio.* Publicado em Amore Emancipazione. Ragusa. Edizione La Fiaccola, 1996, p. 43.

Eu sou pela separação. E vocês?"[139]

Voltando ao casal, parece que o amor entre eles nunca findou. Desde a chegada em São Paulo, quando se hospedaram na casa de Tobia Boni, passando depois vários anos vivendo juntos com Cerchiai, nos bairros da Vila Mariana e do Cambuci, o espaço da casa sempre foi confundido com o espaço da redação do jornal. Para estes libertários público e privado confundiam-se no calor da propaganda e das lutas. Mercedes, enquanto mulher libertária, acompanhava também ativamente a vida política e, resguardadas suas limitações intelectuais, participava das manifestações públicas junto com o grupo feminino libertário. Por ocasião do comício contra o Orfanato Cristóvão Colombo, a imprensa paulistana cobriu a prisão de Mercedes Gomes.

"Poucos momentos depois, na rua Quinze, em frente à farmácia Assis a polícia prendia um grupo de seis mulheres que subiam aquela rua dando gritos de hostilidade aos padres do Orfanato.
Essas mulheres, no meio das quais está a esposa de **Ristori**, foram presas e conduzidas à repartição da Polícia."[140]

O entrelaçamento entre as esfera pública e a privada na vida dos libertários, caminha justamente na contramão da experiência individualista burguesa[141].

Num ambiente de solidariedade e mútuo apoio desenvolveu-se o amor entre Oreste e Mercedes, uma relação simples e banal, longe do universo conturbado das grandes paixões, ou dos romances apimentados e proibidos do mundo burguês. Uma relação baseada na fidelidade que seguiu à risca a moral libertária, privilegiando o sentimento ao corpo, muito distante de uma possível liberação sexual que possa ser imaginada quando falamos hoje em amor livre. E acima de tudo um amor sincero e verdadeiro que suportou o passar do tempo e a distância que o fascismo os obrigou a enfrentar. Após a separação, ocorrida com sua expulsão do país em 1936, Oreste continuou escrevendo a Mercedes juras de amor, como um adolescente na esperança de um reencontro que nunca mais ocorreu. De Paris, onde se encontrava exilado, enviou esta carta a sua amada.

---

[139] Artigo *Amor libero e libera unione*, *op. cit.*
[140] *Comício proibido*. O Estado de S. Paulo, 13/03/1911. Arquivo Guido Fonseca, APSP.
[141] Sobre a experiência burguesa como sendo uma experiência essencialmente individual, ver Walter BENJAMIN, O narrador. A obra de Nicolai Leskov, *in* Obras Escolhidas. Magia, arte e técnica. São Paulo. Brasiliense, 1987.

"Não posso dizer-te com palavras quanto sofro pela tua ausência. Cada vez mais sinto que não posso viver longe de ti. Não há mais nada que me interesse no mundo, a não ser a luz de teus olhos, a harmonia de tua voz, o contato de tua alma e de todo teu ser querido. De dia, de noite, a toda hora, penso em ti. Penso, às vezes com medo que possa faltar-te o necessário, que tu passes misérias, que tuas forças não resistam na luta pela vida, que desanimes e caias enferma; porém por outro lado, penso também que o feito de saber quanto te quero sirva a reanimar tuas energias, dando-te suficiente coragem para enfrentar as tantas dificuldades do momento, e que tu vivas por mim. Não duvides um instante: logo nos reuniremos, logo enxugarei com meus lábios as lágrimas de teus belos olhos, e eu voltarei a sentir-me em teus braços o homem mais feliz da terra. Esqueceremos então quanto temos sofrido e seremos felizes. Como te quero, Mercedes! Meu coraçãozinho adorado! Orgulho de minha vida!"[142]

32.

Após o abandono da luta política, Oreste foi viver junto com Mercedes o pouco de privacidade que nunca haviam tido antes. Mesmo os momentos de lazer e descontração estiveram sempre ligados àquela busca de uma estética de vida. E quando foram ultrapassados os limites operários dos grupos em que transitou, Oreste envolveu-se com uma fina camada de jovens intelectuais que emergiu em São Paulo na segunda década deste século. Intelectuais seduzidos pela cultura libertária que reproduziram, talvez numa dimensão menor, o mesmo ambiente criado nos cafés de Montevidéu. Fato corriqueiro em todo o movimento mundial, a aproximação de uma camada erudita de origem burguesa transitando no meio anárquico trazia uma sofisticação à própria cultura libertária, permitindo a difusão de suas idéias junto a núcleos da população fora da área de abrangência dos bairros proletários.

Vendo este encontro por outro prisma, por exemplo, pela ótica de Oswald de Andrade, um dos ícones da geração modernista, veremos que as relações entre estudantes e intelectuais da burguesia paulistana com os boêmios e libertários, iniciaram-se já em 1905 quando ele, ainda jovem, cursava o ginásio São Bento.

"Na roda noturna de Indalécio e Ricardo Gonçalves travei relações com o anarquismo, vindo a conhecer o agitador **Oreste Ristori**, depois meu amigo."[143]

---

[142] Carta de Oreste Ristori a Mercedes Gomes, enviada de Paris, datada de 08/07/1938. Archivio Storico del Movimento Operaio Brasiliano, ASMOB, Centro de Documentação e Memória, CEDEM-UNESP.
[143] Oswald de ANDRADE. Um homem sem profissão. Sobas ordens de mamãe. São Paulo. Globo, 1990. p. 46.

Portanto, alguns anos após sua chegada ao Brasil, Oreste já transitava entre, digamos assim, os círculos literatos burgueses alternativos à cultura oficial. Anos depois, quando Oswald ingressa na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, passa a fazer parte do grupo de "dissidentes da boêmia estudantil que se espraiavam por outros pontos".[144] Estes "dissidentes", segundo Oswald, reuniam-se numa roda de boêmios por volta de 1909, em um:

"...bar amplo e popular do Largo da Sé. Deixamos de lado o Progredidor, vasto e elegante local que se abria na rua 15, para onde passara, ampliando-se, a freguesia distinta da antiga Confeitaria Castelões..."[145]

Coincidentemente, na mesma época, alguns libertários paulistanos reuniam-se numa saleta no n °. 5 da praça da Sé, para redigir folhetos com a presença de Afonso Schmidt[146] e, saindo de lá, entravam muito provavelmente noite adentro nesse mesmo botequim. Assim ter-se-iam estabelecido as primeiras relações entre alguns dos futuros modernistas e os militantes anarquistas. Antes disto, Oswald já havia conhecido um grupo de literatos que orbitava em torno do jornal O Minarete, de Monteiro Lobato. Nesse grupo encontrou o poeta Ricardo Gonçalves, libertário declarado, e também Artidoro Arco e Flexa e Raul de Freitas, todos eles "vagamente anarco-socialistas", segundo Vera Chalmers.[147] O vagamente explica-se por este relacionamento superficial, que nunca conseguiu ultrapassar as discussões políticas de mesa de bar.

De fato, desconhece-se qualquer participação ativa destes estudantes e literatos no nascente movimento operário paulistano. À exceção de Ricardo Gonçalves, que com sua coluna "Corvo" no Comércio de São Paulo, enfocando o cotidiano dos trabalhadores, mantinha ligações de longa data com o anarquismo (teria sido o responsável pela adesão de Edgard Leuenroth ao anarquismo, em 1904)[148], nenhum dos outros jamais participou de assembléias, comícios, passeatas ou ainda dos encontros artísticos e

---

[144] Cfr. Renato GIMENES. A construção poética da cidade: representações de São Paulo na literatura de Oswald de Andrade, 1900-1930. p. 91. Dissertação de mestrado, Dep. História, IFCH/UNICAMP, 1997.
[145] *Id. ib.*, p. 44.
[146] Eduardo MAFFEI, A Greve. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978. p. 141.
[147] Vera CHALMERS. 3 linhas e 4 verdades: o jornalismo de Oswald de Andrade. São Paulo, Duas cidades, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. p. 49, *cit.* em Renato GIMENES, *op. cit.* p. 111.
[148] Cfr. Renato GIMENES, *op. cit.* p. 111. Informações extraídas de Edilene TOLEDO, O Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. Tese de mestrado, IFCH/UNICAMP, 1994, p. 31; também de Antonio Arnoni PRADO, O cenário para um retrato: Ricardo Gonçalves. *in* Edilene TOLEDO, *op. cit.*

literários promovidos pelos grêmios libertários. Assim somente podemos compreender esse anarquismo juvenil como uma reação à modorrenta e carreirista vida dos acadêmicos do Largo São Francisco. Uma identificação óbvia para alguns jovens que, apesar de burgueses, conseguiram perceber nos futuros bacharéis a atrofia cerebral, a mesmice e o conservadorismo sórdido, "a oratória carregada de referências à manutenção dos valores imutáveis da moral, da dignificação da raça, do pundonor frente à família, da luta pelos valores absolutos da liberdade individual, dentro da ordem e progresso."[149]

Freqüentando outro segmento da jovem intelectualidade paulistana, Ristori conheceu Afonso Schimdt em uma festa na rua Joli, em São Paulo, apresentado por Gigi Damiani[150]. Num primeiro momento, recorda-se o escritor, sabendo que este tinha parentesco com um delegado de polícia, Ristori o destratou e sempre o engoliu um tanto quanto atravessado. Oreste, ao contrário de Gigi que participava das rodas culturais literárias (escrevia romances sociais publicados em capítulos no La Battaglia), manteve sempre um distanciamento em relação aos jovens intelectuais provindos da burguesia. Com o decorrer dos anos e com o aumento do número deles participando do movimento operário, passou a criar vínculos mais próximos com alguns, como Jorge Amado e Caio Prado Jr., nos anos 30. Todavia, daqueles jovens boêmios que se tornariam os futuros modernistas o único que perpetuou seu contato com Ristori foi Oswald de Andrade .

De fato, apesar de uma certa proximidade entre os literatos da roda de Oswald com o ideal anarquista, no âmbito literário, principalmente no tocante à forma, as divergências eram gritantes. Os anarquistas permaneceram "parnasianos", utilizando uma forma consagrada de produção poética para transmitir a propaganda política[151]. Apesar de alguns modernistas flertarem idealmente com o anarquismo, sentiam o rechaço por parte dos libertários de suas proposições estéticas. A entrevista concedida por Prudente de Morais Neto, divulgador do modernismo no Rio de Janeiro, é reveladora de ambas as posturas, ou seja: o envolvimento superficial dos modernistas com os anarquistas e seu movimento, e a recusa destes em aceitar a revolução estética modernista.

---

[149] Ricardo GIMENES, *op. cit.*, p. 95.

[150] Cfr. Eduardo MAFFEI recorda de suas conversas com Afonso Schmidt. Esta passagem está registrada no romance A Greve, *op. cit.* e também no artigo Gigi Damiani e outros, *op. cit.*

[151] Antonio Arnoni PRADO e Francisco Foot HARDMAN, Contos anarquistas: antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935). São Paulo. Brasiliense, 1985. pp. 15-16, *in* Renato GIMENES, *op. cit.* p. 117.

"Quando me convenci de que era possível e conveniente fazer uma revolução anarquista, resolvi dar meu esforço pessoal a esse movimento...
...Anarquista ideológico, não anarquista de sair jogando bombas e promovendo greves...
...Verifiquei depois, com surpresa e certa decepção, que o anarquismo - ou pelo menos os anarquistas - reagia violentamente ao modernismo. Não admitiam de maneira nenhuma as manifestações modernistas, porque eram anarquistas no plano social, mas rigorosamente acadêmicos no plano estético e literário."[152]

Para Renato Gimenes, "alguns intelectuais dos quadros modernistas apropriavam-se, à sua maneira, de pontos de vista anarquistas"[153]. Parece ter sido este também o caso de Oswald de Andrade. Em contrapartida, vemos que Ristori não abraçou como seus companheiros libertários esta relação dicotômica entre literatura e ação social, uma vez que parece ter aprofundado suas relações de amizade com Oswald justamente quando ele mais radicaliza a proposta modernista.

O estreitamento de relações entre Ristori e alguns escritores somente se deu anos mais tarde, no fim da década de 20, quando um grande número de literatos se aproximou do PCB. Entre estes Oswald de Andrade, que aderiu oficialmente ao partido nos anos 30, e se declarou amigo de Oreste em seu livro de memórias[154]. Em 1933 quando publicou Serafim Ponte Grande, presenteou-o com um exemplar[155]. De certo modo, o personagem anarquista Serafim corresponde a um hipotético *mix* entre Oswald e Oreste. É no amigo anarquista que o escritor vai encontrar elementos que incorporará aos de sua própria experiência para produzir o personagem. Não obstante o distanciamento social entre ambos e as diferentes práticas políticas adotadas em suas vidas, Oswald e Oreste partilharam no decorrer delas de uma aproximação estética da existência, da forma pela qual resolveram fazer de suas vidas uma obra de arte.

A anarco-forma, expressão usada por Haroldo de Campos em sua introdução ao romance-invenção Serafim, seria a forma que assume a estrutura narrativa de Oswald, transformando em positividade toda a amargura carregada pela

---

[152] "Resposta de uma das perguntas feitas a Prudente de Morais Neto, para a última entrevista que concedeu a *O Estado de São Paulo,* publicada em 25 de dezembro de 1977, sob o título 'Fim da Exceção, último apelo de Prudente'. Boletim da Associação Brasileira de Imprensa, Suplemento Especial, ano XXVII, Rio de Janeiro, março de 1978." Citação de Renato GIMENES, *op. cit.* p. 116.
[153] Renato GIMENES, *op. cit.* p. 117.
[154] Oswald de ANDRADE, *op. cit.* pp. 56-58.
[155] No auto de apreensão de materiais realizada na casa de Oreste Ristori, em dezembro de 1935, consta o livro de Oswald de Andrade. Prontuário de Oreste Ristori. DOPS, AESP.

constatação da paralisia cerebral que dominava a elite letrada. Enquanto Oreste lançou seu veneno contra os companheiros operários ao deixar a Battaglia em 1912, Oswald, utilizando-se de uma forma que esteticamente era oposta ao romance social libertário de tendência naturalista, fez o mesmo, em seu conteúdo, com seus pares pseudo-intelectuais. Diz ele na introdução à Serafim Ponte Grande:

"...O anarquismo da minha formação foi incorporado à estupidez letrada da semicolonia... A situação 'revolucionária' desta bosta mental sul-americana, apresentava-se assim: o contrário do burguês não era o proletário - era o boêmio! As massas, ignoradas no território e, como hoje, sob a completa devassidão econômica dos políticos e dos ricos. Os intelectuais brincando de roda...
Do meu fundamental anarquismo jorrava sempre uma fonte sadia, o sarcasmo...
Enquanto os padres, de parceria sacrílega, em S. Paulo com o professor Mário de Andrade e no Rio com o robusto Schmidt, cantam e entoam, nas últimas novenas repletas do Brasil... eu prefiro simplesmente me declarar enojado de tudo."[156]

Aqui, nesta "bosta mental", as massas são ignoradas, absolutamente excluídas. Foucault dissecou todo o processo disciplinador da sociedade de controle moderna européia. A modernidade requer uma população bem comportada, contida, autocontrolada, um verdadeiro pomar com as árvores podadas. Ao sul do Equador não se poda, corta-se pela raiz, não se controlam as massas, simplesmente excluímo-las, o milagre de fazer desaparecer dois terços da população de um país. A modernidade brasileira foi uma ficção, saltamos da condição de colônia diretamente para o pós-modernidade. Daí todo o escracho oswaldiano com os modernistas de gabinete. Daí seu provável encontro com Ristori no único ambiente possível de se romper com o conservadorismo seja ele burguês ou proletário: o bar. O sarcasmo, a ironia perpassa a vida de ambos, numa expressão de ceticismo e revolta de quem já compreendeu o labirinto em que se vive.

Em suas memórias Oswald recorda-se, entre 1909 e 1911, quando trabalhava como jornalista do Diário Popular, de ter auxiliado o amigo a fugir da polícia montado em uma bicicleta e vestido com seu macacão de operário, após este ensaiar um comício em frente ao jornal[157]. Ristori trabalhava fabricando produtos químicos como tintas tipográficas e por isso declarava-se químico de profissão, aprendida na prática como uma necessidade premente para manter vivo o jornal. Mesmo após sua saída da Battaglia,

---

[156] Rio, fevereiro de 1933, prefácio de Oswald de ANDRADE. Serafim Ponte Grande. São Paulo. Globo, 1990, pp. 37-39.
[157] Oswald de ANDRADE, Um homem sem... *op. cit.*

Oreste continuou trabalhando como químico, fabricando nitrato de prata o que deixava suas mãos enegrecidas.

É provável que após a saída do jornalismo, Ristori tenha-se mudado para o bairro do Brás, deixando a casa do Cambuci que dividia com o companheiro de redação. No retiro de sua casa junto com a companheira, o anfitrião divertia-se com os casais amigos tocando violão e cantando tangos argentinos e antigas modas italianas. Sempre acompanhado de seu cachimbo - era um fumante inveterado, apreciador do fumo grosso e úmido da marca Barboza[158] - animava assim as festas e os bailes que ocorriam em sua casa. Quando não tinha consigo o predileto Chianti (além de tudo Oreste durante um bom período de sua vida também importou e revendeu produtos alimentares provindos da Toscana, como queijos e vinho) oferecia o vinho por ele mesmo produzido com cascas de laranja e abacaxi. Deste detalhe recorda-se Maffei:

"Quando a bebida era elogiada, sarcástico como poucos, esclarecia que sem uvas nada de melhor poderia ser feito..."[159]

O sarcasmo, o humor irônico e principalmente a intensidade com que vivia a vida, contagiavam os que o circundavam. Não surpreende assim, a facilidade que tivesse em realizar comícios. Aliava toda esta disposição interior a uma clareza de idéias sobre a concepção anarquista da vida, desde as questões essenciais relativas à não organização institucional dos indivíduos, até as difíceis discussões sobre a natureza do amor.

A partir de 1914, praticamente somem suas pegadas em São Paulo, coincidentemente com o desaparecimento de Tobia Boni, que também, desse ano em diante não foi mais visto pela polícia italiana. Em julho de 1914 o nome de Ristori é mencionado num comunicado do jornal Avanti onde é negado um boato dando conta do reaparecimento da Battaglia. Desde então somem notícias suas. Suspeita-se que tenha mudado para o Rio de Janeiro, onde seguramente já estava no início de 1917, uma vez que é processado pela apropriação indébita da "quantia de 20:432$800 relativa a produtos de importação exclusiva da firma Johnson e Cia., do Rio de Janeiro".[160]

---

[158] É o pedido que faz a sua companheira Mercedes nas cartas que lhe envia de Paris, datadas de 13/04 e 08/07 de 1938. ASMOB, CEDEM-UNESP.
[159] Em Gigi Damiani e... *op. cit.*, p. 116.
[160] Relatório de polícia, Certificado sobre Oreste - Documento n°. 1. No prontuário de Oreste Ristori. DOPS, AESP.

Um dos motivos de sua provável ida ao Rio de Janeiro, pode ter sido a passagem de Juana Rouco, a anárquica argentina que permaneceu nessa cidade entre 1914 e 1917. Juana nos fala de seus passeios a São Paulo, onde conheceu Ristori e Mercedes, com quem, além do ideal que os unia, estabeleceu uma sólida amizade[161]. Estas viagens podem ter tido reciprocidade e Oreste aproveitou o retorno ao Rio para reencontrar velhos conhecidos como Carlos Dias e José Oiticica, mesmo não participando mais do movimento. A retirada da "política pública" é segura pois desaparece toda e qualquer nota em seu nome, ou sobre ele, na imprensa e na vigilância policial. A primeira referência que ressurge é justamente o pedido de prisão preventiva de 3 fevereiro de 1917 contra ele solicitado pelo 1 °. delegado auxiliar do Rio de Janeiro.

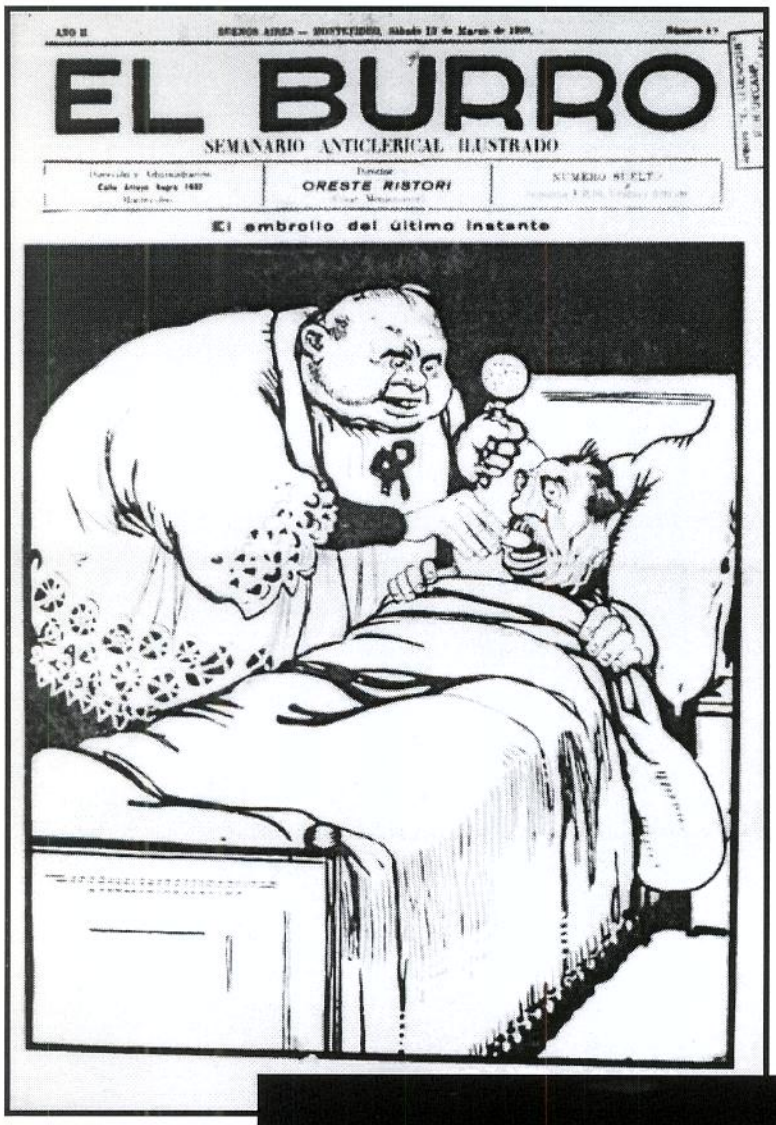
É bastante provável que no início deste ano, Ristori estivesse morando no Rio com o nome falso de Ario Agretti, que estava sendo investigado nessa cidade em janeiro. Muitos anos atrás, em 1904, a P. S. italiana suspeitava que Ristori tivesse adotado o falso nome de Ario ou Attilio Agretti para retomar contato com alguns anarquistas empoleses, fugindo assim à acusação de sodomia em que fora envolvido[162]. A coincidência da passagem deste desconhecido Agretti pelo Rio de Janeiro, na mesma época que Ristori vivia lá e preparava um golpe contra uma firma lá instalada leva a crer na hipótese de ser mais uma trama por ele premeditada. Fazendo-se passar por um negociante paulista da falsa firma Álvaro Rossi e Cia.[163], interessado na compra de papel para gráfica, propõe um negócio ao importador F.S. Johnson S/A, e acaba praticando o estelionato. A importadora fez a denuncia e no decorrer do inquérito o delegado chega ao verdadeiro autor do crime.

Denunciado pela polícia carioca, decide seguir viagem junto com sua companheira Mercedes para Montevidéu levando consigo a quantia "expropriada". Após uma passagem de dois meses pela capital uruguaia, segue por terra para a cidade portenha, onde chega em maio desse ano. Como antes já havia sido expulso anteriormente pelo governo argentino, reentra na República platina com o nome falso de Cesar Montemayor disposto a publicar um periódico de larga penetração popular.

---

[161] Memórias de Juana ROUCO BUELA. História de un ideal vivido por una mujer. Buenos Aires. Editorial Reconstruir, 1964, pp. 47-52.
[162] Cfr. o dossiê em nome de Ario Agretti, busta 32, fascículo 78547, CPC, ACS.
[163] Gabinete de Investigação, Fundo TSN, MJNI (1933-1939) caixa 292, processo de expulsão contra Oreste Ristori, ANRJ.

Esta outra fase de atuação na propaganda através da imprensa, deu-se na região do Rio da Prata entre 1917 e 1921, mas de forma bastante diferente do ponto de vista das concepções teóricas em relação à anarquia, do que a propaganda realizada no Brasil através de La Battaglia. Marca um rompimento de fato com a crença irrestrita no ideal anárquico. Mudanças de pensamento em direção ao marxismo que vão ocorrendo lentamente com Ristori, à medida que a revolução russa se consolida e a Internacional Comunista passa a se apresentar ante os olhos dos militantes como uma real possibilidade de revolução em nível mundial. Mas aí já não estaremos falando mais da aventura anarquista de Oreste Ristori e sim da vitória definitiva do projeto disciplinador da modernidade que enterrou nos anos seguintes, particularmente após a derrota na Espanha, uma via alternativa revolucionária libertária baseada nos moldes tradicionais do anarquismo. Esta mudança de orientação no biografado e as causas conjunturais que o levaram a isto serão tema para uma continuação deste trabalho.



AÑO II — BUENOS AIRES — MONTEVIDEO, Sábado 13 de Marzo de 1920.

EL BURRO

SEMANARIO ANTICLERICAL ILUSTRADO

Director ORESTE RISTORI

NUMERO SUELTO

El embrollo del último instante

Reprodução da capa de El Burro, Buenos Aires/Montevideo - ano II Nº49 13/03/1920.

Foto de Oreste Ristori tirada em sua segunda passagem pela Argentina (1919).

Enfim...

> "O século 21 não vai ser fácil. A partir destes últimos anos do milênio, nós que não perdemos a fé na solidariedade, lançamos esta mensagem de socialismo com liberdade, que vem de uma experiência muito amarga e muito longa, porém, que dá frutos de serenidade interior e de esperança, a esperança que se necessita para enfrentar os desafios que se aproximam."
>
> Luce Fabbri[1]

A biografia existe enquanto gênero histórico, justamente pela existência de indivíduos que, independentemente de relações de classe ou poder, ousaram reclamar para si a condução de suas histórias pessoais, rompendo dessa forma com as sujeições impostas por estas mesmas relações de poder. Não por acaso optei estudar o movimento anarquista e o pensamento libertário a partir da construção da singularidade de um indivíduo fruto desse meio. Foi possível, desse modo, recuperar nesta abordagem biográfica a margem de manobra na ação individual, a que se refere Giovanni Levi, existente no jogo das estruturas normativas que regem a sociedade[2].

---

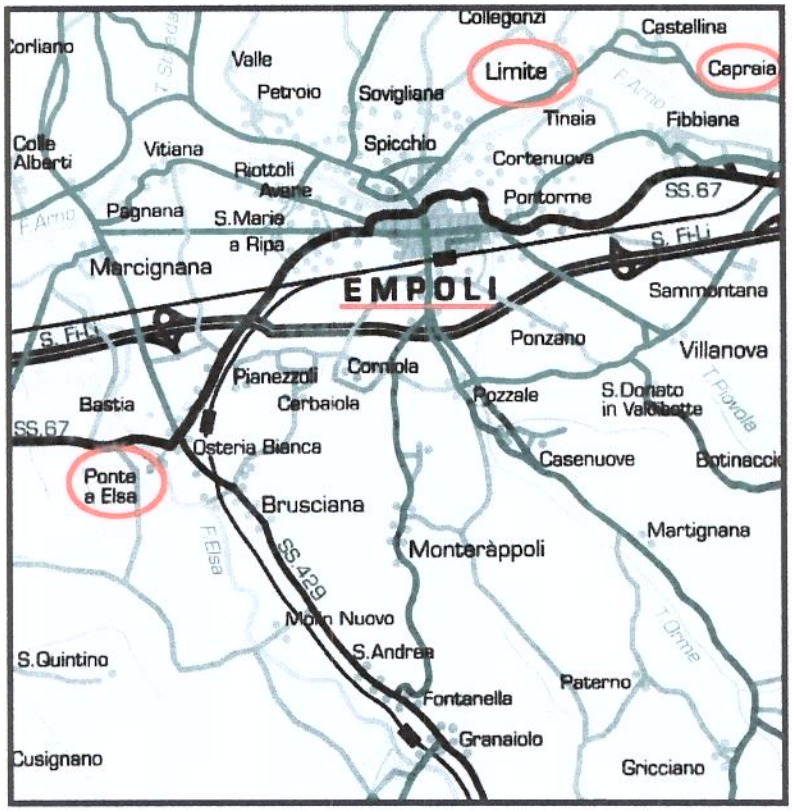
[1] FABBRI, Luce. Uma utopia para o século XXI. Caderno espaço feminino. v. 3, n º 1/2, jan./dez 1996. UF/Uberlândia. Luce Fabbri,88 é a filha de Luigi Fabbri, principal difusor das idéias de Malatesta. Vive desde 1929 no Uruguai, foi professora do Dep. de Letras da Universidad de la República e constituiu-se numa das principais expoentes do pensamento libertário na segunda metade deste século

[2] LEVI, Giovanni. Les usages de la biografie. *in* Annales ESC n º. 6, 1989, p. 1334.

Sendo a diretriz básica que orienta o pensamento anarquista a libertação do indivíduo das opressões a que está submetido dentro da ordem capitalista, no decorrer do trabalho dei-me conta de que a dimensão histórica de Oreste Ristori ultrapassava a dimensão do próprio movimento. Talvez porque através do encontro com o anarquismo, este personagem tenha estabelecido no decorrer de sua vida, um encontro consigo mesmo, tenha enfim buscado a construção daquilo que Foucault chamou de "estética da vida", de estilização da existência. Conceito este que se for aplicado, como o fez Sandra Caponi, à vida dos trabalhadores na passagem do século XIX para o XX, pode ser compreendido como uma "estética da resistência". Resistência às sujeições impostas ao sujeito histórico, tomado como categoria, pelas relações normativas que constituem a sociedade burguesa.

Esta estética da vida elaborada por Ristori como uma forma de resistência realizou-se através das múltiplas linhas de fuga por ele traçadas ao longo de sua trajetória. Uma busca que passa pela estetização da vida é em suma a busca a que se propõem as práticas libertárias, em direção a novas formas de sensibilidade e de sociabilidade. Portanto, é impensável o sujeito Oreste Ristori sem a anarquia. E foi na anarquia, na busca do sentido libertário de sua existência que Ristori tornou possível transformá-la em uma obra de arte.

ANEXOS


Collegonzi
Castellina
Corliano
Valle
Limite
Capraia
Petroio
Sovigliana
Tinaia
Fibbiana
Colle Alberti
Vitiana
Spicchio
Cortenuova
Riottoli
Avane
Pontorme
SS.67
Pagnana
S.Maria a Ripa
S. FH.I.
Marcignana
EMPOLI
Sammontana
Ponzano
Villanova
Pianezzoli
Comola
Bastia
Cerbaiola
Pozzale
S.Donato in Valdibette
SS.67
Osteria Bianca
Casenuove
Botinaccio
Ponte a Elsa
Brusciana
Martignana
Monteràppoli
SS.429
Molin Nuovo
S.Andrea
S.Quintino
Paterno
Fontanella
Granaiolo
Cusignano
Gricciano

1

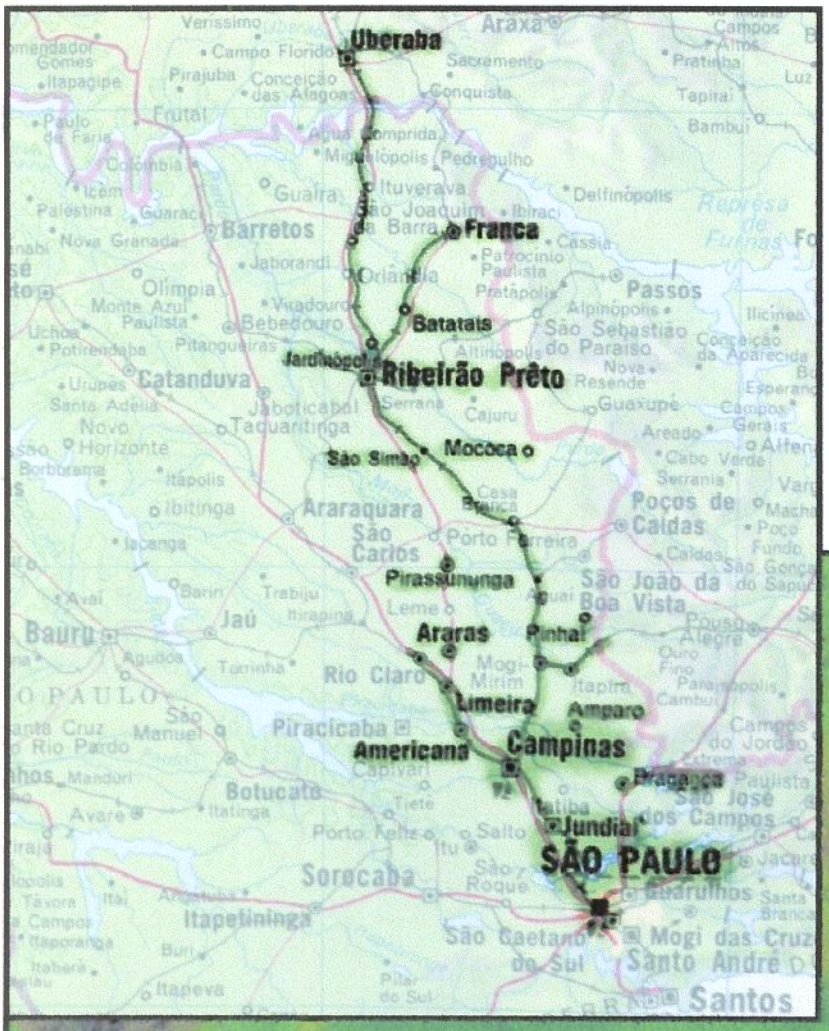
Lucca
Firenze
Vinci
Pisa
Fucecchio
Empoli
Montelupo
Ponte a Elsa
San Miniato
Cascina
Pontedera
Castelfiorentino
Livorno
Rosignano Marittimo
Volterra
Colle di Val d'Elsa
Siena

2

ITALIA
CÓRSEGA
SARDENHA
SICÍLIA
MAR TIRRENO
MAR ADRIÁTICO
Mar da Liguria
Canal da Sicília
Palermo
Nápoles
Roma
Milão
Florença
Livorno
Nice
Marselha
Barcelona

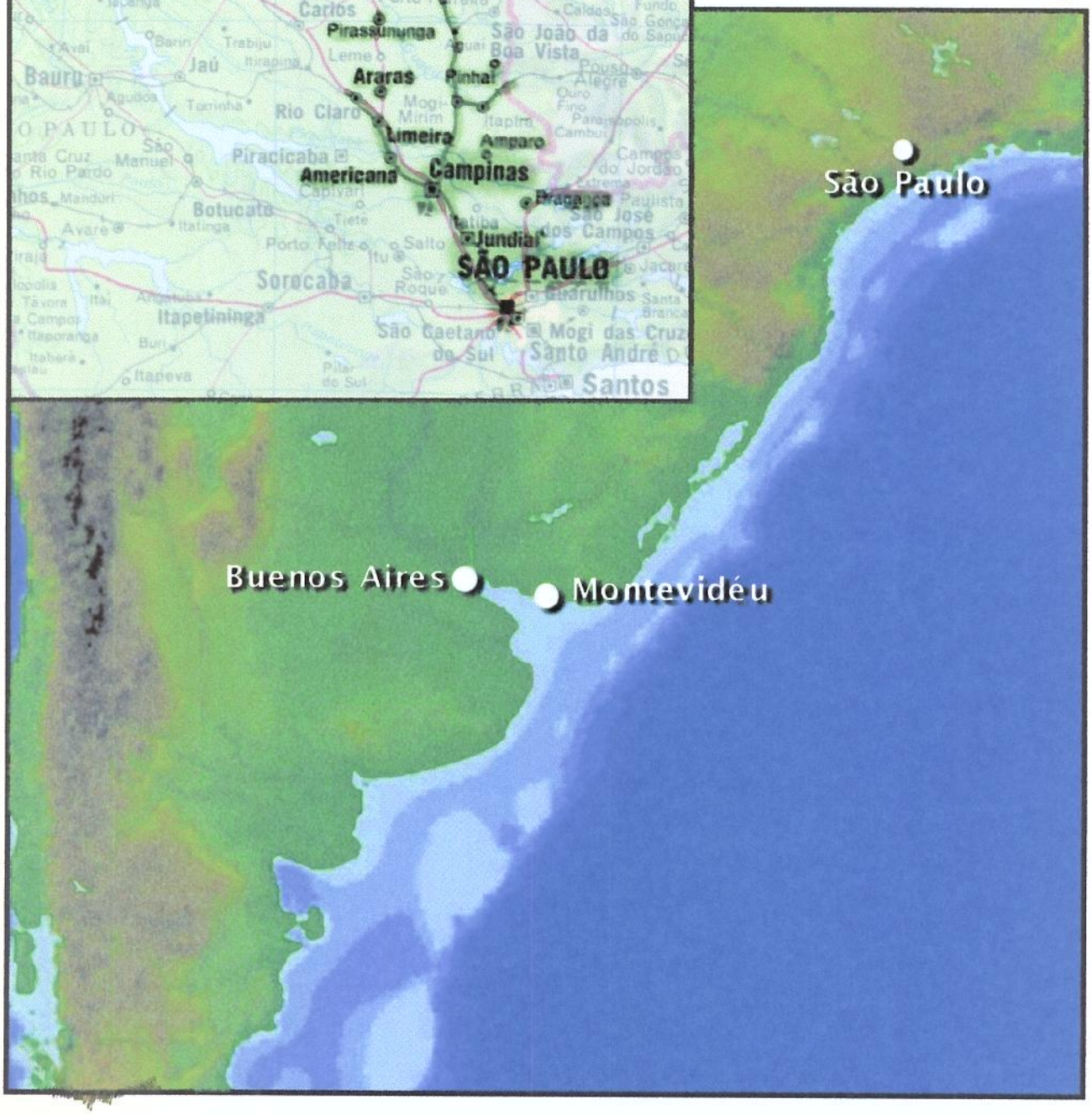
3

4


Uberaba
Franca
Batatais
Jardinópolis
Ribeirão Prêto
São Simão
Mocôca
Pirassununga
Araras
Pinhal
Limeira
Amparo
Americana
Campinas
Bragança
Jundiaí
SÃO PAULO
Barretos
Orlândia
Passos
Catanduva
Araraquara
São Carlos
Poços de Caldas
São João da Boa Vista
Bauru
Rio Claro
Piracicaba
Botucatu
Sorocaba
Itapetininga
São Caetano do Sul
Santo André
Santos
Mogi das Cruzes

5

6


São Paulo
Buenos Aires
Montevidéu

Créditos das imagens.

Insertos Fotográficos:

I. Carlo Romani.	pg.	12 A
II. Filippo di Campana Guazzesi. Archivio Fotografico – Foto Gallerini, San Miniato.		14 A
III. no alto: *id. ib.*; Embaixo: Libertario GUERRINI, Il movimento operaio nell'empolese. 1861-1946. Roma. Riuniti, 1970. Reprodução.		23 A
IV. no alto: Archivio Centrale dello Stato, ACS, Roma. Casellario Politico Centrale, CPC, busta 2196. Reprodução; embaixo: ACS, CPC, busta 4342. Reprodução.		47 A
V. no alto: *id. ib.*; embaixo: Obreros y anarquistas. Enciclopedia uruguaia 32. Montevidéu. Editorial Arca. Reprodução.		82 A
VI. *id. ib.*		90 A
VII. *id. ib.*		90 B
VIII. Biblioteca Juventud Moderna, Mar del Plata. Reprodução.		94 A
IX. no alto: ACS, CPC, busta 4342. Reprodução; embaixo: Centro de Cultura Social, São Paulo. Reprodução.		153 A
X. no alto: arquivo pessoal de Flávio Luizetto. Reprodução; embaixo: ACS, CPC, busta 4342. Reprodução.		173 A
XI. no alto: Arquivo Edgard Leuenroth, UNICAMP. Reprodução; embaixo: ACS, CPC, busta 4342. Reprodução.		206 A

Anexo Mapas:

i. no alto: Comune di Empoli. Folheto: Empoli. Una città e i suoi dintorni; embaixo: Britannica Atlas. Chicago. Encyclopaedia Britannica Inc., 1986.

ii. no alto: 3D Atlas CD-Room; embaixo: Atlas Geográfico Mundial Folha de S. Paulo. Folha da Manhã S.A., 1994.

iii. 3D Atlas CD-Room.

Fontes utilizadas.

Instituições pesquisadas:

Academia de Polícia de São Paulo, AP.
Archives Départamenteles des Bouches-du-Rhone, ADBR, Marselha.
Archivo General de la Nación, Montevidéu.
Archivio Centrale dello Stato, ACS, Roma.
Archivio Fotografico – Foto Gallerini, San Miniato.
Archivio della Parrocchia di Pino.
Archivio Storico del Comune di Empoli.
Archivio Storico del Comune di San Miniato.
Archivio Storico Diplomatico del Ministero degli Affari Esteri, Roma.
Arquivo Edgard Leuenroth, AEL. UNICAMP.
Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.
Arquivo do Estado de São Paulo, AESP.
Arquivo Nacional, AN, Rio de Janeiro.
Biblioteca del Comune di San Miniato.
Biblioteca del Congreso, Buenos Aires.
Biblioteca Franco Serantini, BFS, Pisa.
Biblioteca de História. USP.
Biblioteca do IFCH. UNICAMP.
Biblioteca Juventud Moderna, Mar del Plata.
Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo.
Biblioteca Nacional, Buenos Aires.
Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
Biblioteca Nazionale di Firenze, BNF.
Biblioteca R. Fucini, Empoli.
Biblioteca de la República, Montevidéu.
Centro de Cultura Social de São Paulo, CCS.
Centro de Documentação e Memória, CEDEM. UNESP.
Comune di Empoli. Ufficio di Stato Civile.
Comune di San Miniato. Ufficio Anagrafe.
Comune di San Miniato. Ufficio di Stato Civile.
Dirección General del Registro Civil, Montevidéu.
Federación Libertaria Argentina, FLA, Buenos Aires.
Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis, IISG, Amsterdã.
Istituto Storico della Resistenza, ISR – Toscana, Florença.
Junta Comercial do Rio de Janeiro, JUCERJ.
Museu da Imagem e do Som, MIS, São Paulo.
Museu da Imigração, São Paulo.
Tribunal de Justiça de São Paulo. Fórum João Mendes.

Fundos Consultados:

Archif Ugo Fedeli. - IISG.

Archivio Storico del Movimento Operaio Brasiliano, ASMOB. – CEDEM/UNESP.
. cartas de Oreste Ristori para Mercedes Gomes.

Archivo Virgilio Sampognaro. – Archivo G. Nación.

Arquivo Guido Fonseca. – AP.

Casellario Politico Centrale, CPC. – ACS.
. envelopes 32, 2196, 3520, 3901, 4342,

Fonde Cabinet du Prefet, CP. – ADBR.
. série 1M, 1367.

Fondo De Gubernatis – BNF.

Fondo Libertario Guerrini. - ISR.
. Carte Leo Negro, Carte G. Ragionieri.

Fondo Polizia Internazionale. - Archivio S. D. M. Affari Esteri.
. Carte su gli anarchici.

Fundo Delegacia de Ordem Política e Social, DOPS. – AESP.
. prontuários 364 e 3855.

Fundo Tribunal de Segurança Nacional – AN.
. MJNI (1933-1939), IJJ caixa 292.

Periódicos consultados:

L'Agitazione, de Ancona.
O Amigo do Povo, de São Paulo.
L'Asino, de Milão.
Avanti, de Roma.
L'Avvenire, de Buenos Aires.
La Batalla, de Montevidéu.
La Battaglia, de São Paulo.
Boletim da Escola Moderna, de São Paulo.
Caradura, de São Paulo.
Caras y Caretas, de Buenos Aires.
O Commercio de São Paulo, de São Paulo.
Correio Paulistano, de São Paulo.
Corriere della Sera, de Milão.
El Dia, de Montevidéu.
O Estado de S. Paulo, São Paulo.
Germinal, de Montevidéu.
Germinal, de São Paulo.
Guerra Sociale, de São Paulo.
Italica Gens.
L'Italia Coloniale, de Roma.
A Lanterna, de São Paulo.
O Livre Pensador, de São Paulo.
Lotta di Classe, de Milão.
La Martinella, de Colle del Val D'Elsa.
I Morti, de Ancona.
La Nación, de Buenos Aires.
Il Pensiero, de Roma.
La Prensa, de Buenos Aires.
Protesta Humana, de Buenos Aires.
La Protesta, de Buenos Aires.
La Protesta Humana, de Buenos Aires.
La Rebelión, de Buenos Aires.
La Rebelión, de Montevidéu.
Il Risveglio, de Genebra.
Sempre Avanti, de Livorno.
El Sol, de Buenos Aires.
Studi Sociali, de Montevidéu.
A Terra Livre, do Rio de Janeiro.
A Terra Livre, de São Paulo.
Tiempos Nuevos, de Montevidéu.
Tierra y Libertad, de Barcelona.
La Tribuna Popular, de Montevidéu.
Umanità Nova, de Roma.
La Vita Italiana, de Roma.

Textos originais, opúsculos:

BOVIO, Giovanni. Origini dei partiti presenti. *Dottrina dei partiti in Europa.* Nápoles. Ernesto Anfosi, 1886.

MOURA, Maria Lacerda de. Ferrer, o clero romano e a educação laica. São Paulo, 1934.

RISTORI, Oreste. Contra a Immigração. São Paulo. Edição de La Battaglia, 1906.

Le Corbellerie del Colletivismo. São Paulo. "La Propaganda" Typ. Germinal, s/d.

Deismo y materialismo. Buenos Aires, 1903.
En la Hora Sangrienta. Buenos Aires. LUAR, 1917.
Infamie Secolari del Cattolicismo. s/d.
Operai non bevete. São Paulo. La Propaganda, 1908.
Polemiche sulla Anarchia. São Paulo. La Propaganda, 1907.

SANTILLÁN, Diego Abad. El Movimiento anarquista en Argentina. Buenos Aires. Argonauta, 1930.

La FORA. Ideologia y trayectoria del movimiento obrero revolucionario en la Argentina. Buenos Aires. Ediciones Nervio, 1933.

Fontes orais, entrevistas:

Jacinto CIMAZO, em fevereiro/1997, em Buenos Aires. *(in memoria)*
Renato CORTI, em dezembro/1997, em Empoli.
Jaime CUBERO, em julho/1995, em São Paulo. *(in memoria)*
Luce FABBRI, em janeiro/1997, em Montevidéu.
Enrique PALAZZO, em fevereiro/1997, em Buenos Aires. *(in memoria)*
Germinal LEUENROTH, em junho/1995, em São Paulo.
Sara MELLO, em julho/1996, em São Paulo.
Goffredo VIGNOZZI, em dezembro/1997, em Empoli.
Hector WOOLANDS, em fevereiro/ 1997, em Mar del Plata. *(in memoria)*

Filmes, vídeos:

Escolas Modernas. Educação libertária na São Paulo do início do século. Produção: Coletivo Cinestesia. São Paulo, 1995.
O Leopardo. Direção: Lucchino Visconti. Itália, 1964.

Discos:

Addio Lugano Bella. Milão. Edizioni Bella Ciao.
Los Anarquistas. Letras y canciones anarquistas del Rio de la Plata. Buenos Aires.

Bibliografia citada:

ANDRADE, Oswald de. Um Homem sem profissão. Sob as ordens de mamãe. São Paulo. Globo, 1990.

Serafim Ponte Grande. São Paulo. Globo, 1990.

ANDREUCCI, Franco e DETTI, Tommaso. Il Movimento operaio italiano. Dizionario Biografico 1853-1943. Roma. Edizioni Riuniti, 1979.

AVRICH, Paul. Anarchists Portraits. Princeton University Press, 1988.

BACCETTI, Cesare. L'Agricoltura nel circondiario di San Miniato dal 1860 al 1900. Tese de laurea. Facoltà di Lettere e Filosofia della Università degli studi di Firenze, 1979/80.

BARCKHAUSEN-CANALE, Christiane. No Rastro de Tina Modotti. São Paulo. Alfa-Ômega, 1989.

BARRANCOS, Dora. La Escena iluminada. Ciencias para trabajadores 1890-1930. Buenos Aires. Editorial Plus ultra, 1996.

Anarquismo, educación y costumbres en la Argentina de principios de siglo. Buenos Aires. Contrapunto, 1990.

BATINI, Tito. Memórias de um socialista congênito. Campinas. Editora UNICAMP, 1991.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Sobre a obra de Leskov. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política.* São Paulo. Brasiliense, 1993.

BERTOLUCCI, Franco. Anarchismo e lotte sociali a Pisa 1871-1901. Pisa. BFS, 1988.

BIAGIOLI, Giuliana. Terra, popolazione, lavoro in provincia di Pisa. *Il Tempo e la Storia. Immagini della provincia pisana.* Florença. Alinari, 1993.

Il Podere e la piazza. Gli spazi del mercato agricolo nell'Italia centro-setentrionale. *AA.VV. Storia dell'agricoltura italiana in età contemporanea V. III.* Veneza, 1991.

BIONDI, Luigi. La Stampa anarchica italiana in Brasile: 1904-1915. Tese de laurea. História Contemporânea. Università degli Studi di Roma "La Sapienza", 1993/94.

BOOKCHIN, Murray. Per una Società ecologica. Milão. Eleuthera, 1989.

BORGES, Paulo. Jaime Cubero e o movimento anarquista em São Paulo 1945-1954. Dissertação de Mestrado. Ciências Sociais. PUC/SP, 1996.

BORGHI, Amedeo. Ricordi del domicilio coatto. Turim. Seme Anarchico, 1954.

BRETON, Andre. L'Amour fou. Vol. II. Obras completas. Paris. La Pléiade. Galimard, 1992.

CAMARGO, J.F. Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos. São Paulo. IPE, 1981.

CAMPO, Hugo del. Los Anarquistas. Centro Editor de América Latina. Buenos Aires, 1971.

CAPONI, Sandra. Do Trabalhador indisciplinado ao homem prescindível. Tese de doutorado. Filosofia. UNICAMP/SP, 1992.

CASTORIADIS, Cornelius. As Encruzilhadas do Labirinto II. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

CASTRO, Manuel de. Oficio de vivir. Montevidéu. Ediciones Banda Oriental, 1959.

CARVALHO, Marta. A Educação na 1ª. República. São Paulo. Coleção Tudo é História. Brasiliense.

CERRITO, Gino. Il Movimento anarchico dalle sue origine al 1914. *Rassegna Storica Toscana* XIV, n °. 1 (jan./jun. 1968).

CIMAZO, Jacinto (Jacobo MAGUID) La Revolución libertaria española. Buenos Aires. Editorial Reconstruir, 1994.

CORVISIERI, Silverio. All'isola di Ponza. Regno borbonico e Italia nela storia d'un isola (1734-1984). Il Mare Libreria Internazionale, 1985.

DADÀ, Adriana. L'Anarchismo in Italia: fra movimento e partito. Milão. Teti, 1984.

DEAN, Warren. Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura. Rio de Janeiro, 1977.

DELEUZE, Giles. Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro. Editora 34.

DIAS, Everardo. História das lutas sociais no Brasil. São Paulo. Edaglit, 1962.

DIAZ, Hernán. Alberto Ghiraldo: anarquismo y cultura. Buenos Aires. Centro Editor de América Latina, 1991.

DUARTE, Regina Horta. A Imagem rebelde. Campinas. Pontes, 1991.

DUBY, Georges. Guilherme o Marechal. Rio de Janeiro. Graal, 1988.

DULLES, John F. Anarquistas e comunistas no Brasil. São Paulo. Nova Fronteira, 1973.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. O Curto verão da anarquia. Companhia das Letras. São Paulo, 1987.

FABBRI, Luce. Luigi Fabbri. Storia d'un uomo libero. Pisa. BFS, 1996.
Uma Utopia para o século XXI. *Caderno Espaço Feminino.* UF/Uberlândia. V. 3, n °. 1/2, jan./dez. 1996.

FAUSTO, Boris. Trabalho urbano e conflito social. São Paulo. DIFEL, 1986.

FEDELI, Ugo. Momenti ed uomini del socialismo-anarchico in Italia: 1896-1924. Nápoles. G. Genovese. *Volontà*, n °. 10 e 11 (1960).
Gigi Damiani. Note biografiche. Il suo posto nell'anarchismo. Cesena (FO). L'Antistato, 1954.

FELICI, Isabelle. Les italiens dans le mouvement anarchiste au Brésil. Tese de doutorado. Université de la Sorbonne Nouvelle-Paris III, 1994.

FERRARROTI, Franco. Storia e storie di vita. Roma. Laterza, 1981.

FERRER, Christian. Mal de ojo. Buenos Aires. Colihue, 1996.

FERRER, Francisc. La Escuela moderna. Barcelona. Tusquets, 1987.

FOOT HARDMAN, Francisco. Nem Pátria, nem patrão. São Paulo. Brasiliense, 1983.

FORTUNATO, Marinice da Silva. Uma experiência educacional de autogestão. A escola moderna n °. 1 na sua gênese. Dissertação de mestrado. Pedagogia. PUC/SP, 1992.

FOUCAULT, Michel. La Arqueologia del saber. México D.F. Siglo XXI Editores, 1970.
História da Sexualidade V. I. Rio de Janeiro. Graal, 1987.
História da Sexualidade V. II. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro. Graal, 1994.
História da Sexualidade V. III. O cuidado de si. Rio de Janeiro. Graal, 1985.
Microfisica do poder. Rio de Janeiro. Graal, 1996.
Tecnologias do eu. Rio de Janeiro. Graal.
A Vontade de saber. Rio de Janeiro. Graal, 1977.

GALLO, Silvio. Educação anarquista. Um paradigma para hoje. São Paulo. UNIMEP, 1995.

GATTAI, Zélia. Anarquistas graças a Deus. Rio de Janeiro. Record, 1996.

GHIRARDELLI Jr., Paulo. Educação e movimento operário. São Paulo. Cortez, 1987.

GILIMÓN, Eduardo. Un Anarquista en Buenos Aires (1890-1910). Buenos Aires. Centro Editor de Latino América, 1971.

GIMENES, Renato. A Construção poética da cidade: representações de São Paulo na literatura de Oswald de Andrade, 1900-1930. Dissertação de mestrado. História. IFCH/UNICAMP, 1997.

GINZBURG, Carlo. O Queijo e os vermes. São Paulo. Companhia das Letras, 1987.

GOLDMAN, Emma. Amore emancipazione. Ragusa. Edizioni La Fiaccola, 1996.

GUERRINI, Libertario. Un poeta estemporaneo, Targioni, nella storia del movimento contadino dell'empolese. *Movimento Operaio*, Milão, 3-4, maio-agosto/1955, ano VII.
Il Movimento operaio nell'empolese. 1861-1946. Roma. Riuniti, 1970.

GUTIERREZ, Leandro e ROMERO, Luis Alberto. Sectores populares, cultura y política. Buenos Aires. Editorial Sudamericana, 1988.

HALL, Michael. The origins of mass immigration in Brazil: 1871-1914. Tese de doutorado. Columbia University, 1969.

HOBSBAWM, Eric. Revolucionários. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1973.

HOLLOWAY, T.H. Imigrantes para o café. Rio de Janeiro, 1984.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Teodor. Dialetica del Iluminismo. Buenos Aires. Sur, 1970.

INGHINO, John. Edmondo Rossoni: from revolutionary syndicalism to fascism. Nova Iorque. P. Lang, 1991.

KROPOTKINE, Pedro. Palabras de un rebelde. Barcelona. Olañeta Editores, 1977.

LaCAPRA, Dominick. Rethinking intellectual History and reading texts. *Modern european intellectual History*. Cornell University Press. Ithaca.

LEVI, Giovanni. Les Usages de la biografie. *Annales* ESC, n °. 6, 1989.

LEVY, Carl. Italian anarchism, 1870-1926. *History Workshops Series. For Anarchism.* David Goodway (org.). Londres. Routledge.

LÓPEZ, Antonio. La FORA en el movimiento obrero. Buenos Aires. Centro Editor de América Latina, 1987.

LOPEZ, Renée e TEMIME, Emile. Migrance. Histoire des Migrations a Marseille (1830-1918). Tomo 2. Aix-en-Provence. Edisud, 1990.

LUIZETTO, Flávio. Utopias anarquistas. São Paulo. Brasiliense, 1987.

MAFFEI, Eduardo. Gigi Damiani e outros. *Temas de Ciências Humanas* n °. 5, 1979.
A Greve. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1977.

MAITRON, Jean. Le Mouvement anarchiste en France. I – Des origenes à 1914. Paris. FM/ Fondations, 1983.

MALATESTA, Errico. Epistolario 1873-1932. Lettere edite ed inedite. Carrara. Centro Studi Sociali, 1984.
Textos Escolhidos. Porto Alegre. LP&M, 1982.

MANICHETTI, Giuseppe (org.) Immagini di una provincia V. I e II. Pisa. Edizioni del Cerro, 1993.

MARAN, Sheldon L. Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.

MARCONI, Pio. Libertà Selvaggia. Veneza. Marsilio Editori, 1979.

MAROTTA, Sebastián. El Movimiento sindical argentino, tomo I. Buenos Aires. Ediciones "Lacio", 1960.

MASINI, Pier Carlo. Storia degli anarchici italiani. Da Bakunin a Malatesta. Milão. BUR, 1974.
Storia degli anarchici italiani nell'epoca degli attentati. Milão. BUR, 1982.

MAY, Todd. Pós-estruturalismo e anarquismo. *Revista Margem*. EDUC. PUC/SP, n °. 5, 1996.

MAZA, Fábio. Anarco-sindicalistas – a visão dos libertários de ciência e tecnologia. Dissertação de mestrado. História. PUC/SP, 1993.

MERLIN, Tiziano. Gli Anarchici, la piazza e la campagna. Vicenza. Odeon Libri, 1980.

MERTZIG, L.R. As dificuldades de adptação do imigrante no Estado de São Paulo. Repatriação e reemigração (1889-1920). Dissertação de mestrado. História. USP, 1978.

MONATTE, Pierre. La Lotta sindacale. Milão. Jaca Book, 1978.

MONTELEONE, Renato. Socialisti o "ciucialister"? Il PSI e il destino delle osterie tra socialità e alcoolismo. *Movimento Operaio e Socialista*, 1985, n °. 1.

MORI, Giorgio. L'Economia della Valdelsa e la nascita del movimento operaio (1870-1880). *Movimento Operaio*, Milão, n °. 3, maio-junho/1954 (a. VI).

OVED, Iaácov. El Anarquismo y el movimiento obrero en Argentina. México D.F. Siglo Veiteuno América Nuestra, 1978.

PASSETTI, Edson. Foucault libertário. *Revista Margem*. EDUC. PUC/SP, n °. 5, 1996.

PERNICONE, Nunzio. Italian anarchism. 1864-1892. Princeton University Press, 1993.

PINHEIRO, Paulo Sérgio e HALL, Michael. A classe operária no Brasil. Vol. I e II. São Paulo. Brasiliense, 1977.

QUARTA, Antonietta. Osti e bettolieri. *Possidenti contadini artigiani la popolazione tra '700 e '800 nei documenti degli archivi storici comunali.* Florença. Sovrintendenza Archivistica per la Toscana, 1996.

RAGIONIERI, Ernesto. La Questione delle leghe e i primi scioperi dei mezzadri in Toscana. *Movimento Operaio*, Milão, n °. 3-4, maio-agosto/1955, a. VII.

RAGO, Margareth. A liberdade entre a utopia e a história: Luce Fabbri e o anarquismo na América do Sul. *Cadernos Pagu*, São Paulo, N °. 8/9, 1997.

RAMA, Carlos. História social del pueblo uruguayo. Montevidéu. Comunidad del Sur, 1971.

Obreros y anarquistas. *Enciclopédia uruguaya* 32. Montevidéu. Editores Reunidos y Editorial Arca, 1969.

Montevideo entre dos siglos (1890-1914). *Cuadernos de Marcha* n°.22, Montevidéu, 1969.

RODRIGUES, Edgard. Os Anarquistas. Trabalhadores italianos no Brasil. São Paulo. Global, 1984.

RODRIGUES, Leoncio Martins. Trabalhadores, sindicatos e industrialização. São Paulo, 1974.

ROMANO, Sergio. Considerazioni sulla biografia storica. *Storia della Storiografia* (3), 1983.

ROUCO BUELA, Juana. Historia de un ideal vivido por una mujer. Buenos Aires. Editorial Reconstruir, 1964.

SACCHETTI, Giorgio. Controllo sociale e domicilio coatto nell'Italia Crispina. *Rivista Storica dell'Anarchismo*, Pisa. BFS, ano 3, n °. 1, jan./jul./1996.

SANTILLÁN, Diego Abad. Organismo econômico da Revolução. São Paulo. Brasiliense.

SCHMIDT, Benito. Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória libertária de Antonio Guedes Coutinho na perspectiva da vida cotidiana 1868-1945. Dissertação de mestrado. História. UFRS. Porto Alegre, 1996.

SCHIMID, Wilhelm. Da Ética como estética da existência. *Revista Margem*. EDUC. PUC/SP, n °. 5, 1996.

SEIXAS, Jacy. Mémoire et oubli. Paris. Éditions Maison des Sciences de l'Homme, 1992.

STIRNER, Max. L'Unique et as proprieté et autres écrits. Lausanne. Bibliothéque L'Age D'Homme, 1972.

SURIANO, Juan. Trabajadores, anarquismo y Estado represor: de la Ley de Residencia a la Ley de Defenza Social (1902-1910). Buenos Aires. Centro Editor de América Latina, 1988.

THOMPSON, E.P. A Formação da classe operária inglesa. Vol. II. A maldição de Adão. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988.

TILLY, Louise e SCOTT, Joan. Women, work, and family. Nova Iorque. Routledge, 1989.

TOLEDO, Edilene. O Amigo do Povo: Grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. Dissertação de mestrado. História. IFCH/UNICAMP, 1994.

TRAGTENBERG, Maurício. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária.

TRENTO, Angelo. Do outro lado do Atlântico – Um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo. Instituto Italiano de Cultura/Nobel, 1989.
Là dov'è la raccolta del caffè. Padova, 1984.

TULLIANI, M. Osti, avventori e malandrini. Siena, 1994.

VACCARO, Salvo. Foucault e o anarquismo. *Revista Margem*. EDUC. PUC/SP, n °. 5, 1996.
Anarchismo e modernità. *Le Ragioni dell'Anarchia. Volontà*. Milão, ano L, n °. 3/4, 12/1996.

VALOTA, Bianca. Storia e Biografia. *Storia della Storiografia* (1), 1982.

VASCO, Neno. Concepção anarquista do sindicalismo. Porto. Afrontamento, 1984.

WHITE, Hayden. Tropics of Discourse. Baltimore, 1978.
Method and ideology in intellectual History. *Modern european intellectual History*. Cornell University Press. Ithaca.

WOODCOCK, George. Os grandes escritos anarquistas. Porto Alegre. L&PM, 1981.

WOOLANDS, Hector. Notas para la Historia de la Biblioteca Popular Juventud Moderna. Mar del Plata. Ediciones Biblioteca Popular Juventud Moderna, 1989.

ZAGAGLIA (L. DE FAZIO). I Coatti politici in Italia. Salerno. Galzerano Editore, 1987.

ZARAGOZA RIVERA, Gonzalo. Anarquismo argentino (1876-1902). Madri. Ediciones de La Torre, 1996.

ZUBILLAGA, Carlos. Pan y Trabajo. Montevidéu. Libreria de la Facultad de Humanidades, 1996.

Poucas palavras.

Desde o primeiro impulso para a realização deste trabalho, ainda em outubro de 1992, muito tempo se passou. Durante este período conheci inúmeras pessoas. Alguns bons amigos permaneceram e outros, velhos conhecidos, partiram e perdemos contato. Outros ainda, infelizmente, partiram para sempre. Dentre estes não posso deixar passar Jaime Cubero, figura inesquecível que nos deixou em julho deste ano, e cujo árduo trabalho que desenvolveu ao longo de toda a vida é fundamental para qualquer estudo sério que se realize sobre o anarquismo no Brasil.

Esta pesquisa aqui apresentada somente se materializou devido ao financiamento concedido pela FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Também foi fundamental para meu crescimento intelectual no decorrer do trabalho, a orientação concedida pela Margareth, grande amiga. Tenho que agradecer aos preciosos toques dados pelo Michael; a chegada do Luigi (sem a sua tese, eu teria tido muito, mas muito mais trabalho mesmo); aos funcionários da pós-graduação e do AEL; aos professores que me auxiliaram; e a todos meus colegas da UNICAMP.

Agradeço ainda a todos aqueles que, de alguma forma, participaram e me ajudaram neste trabalho, aqui no Brasil, no Uruguai, na Argentina e na Itália.

Espero também ter conseguido ser fiel ao principal protagonista desta história, Oreste Ristori, na eventual hipótese de uma biografia autorizada, da qual, como para tudo, nunca terei a CERTEZA da resposta.

E, por último, como disse Walt Whitman, "eu projeto a história do futuro".
Bem vinda a UTOPIA.